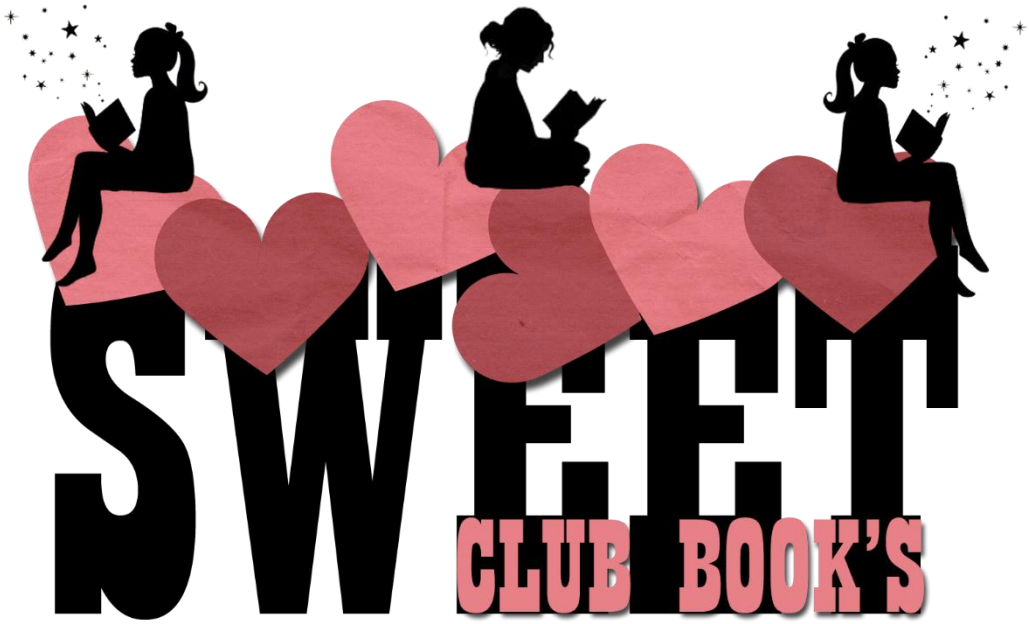

HATE STORY
HATE NEVER FELT SO GOOD
NICOLE WILLIAMS
NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR



Disponibilização: Eva

Tradução: Stef

Revisão Inicial: Marô

Revisão Final: Aria

Leitura Final: Perpétua

Formatação: Eva

Junho/2019

Nina não pode se permitir acabar apaixonada pelo homem com quem vai se casar. Ambos já experimentaram a picada e a farsa do amor e não têm a intenção de serem vítimas duas vezes. O amor é caro — o ódio é gratuito.

Três anos. Um milhão de dólares. Uma solução para ambos os seus problemas. Eles planejaram tudo, desde a história da primeira reunião até a data do divórcio. Nada poderia dar errado.

Mas o que não consideraram foi a química, e Nina e Max não têm falta disso. Depois de muitos beijos, Nina se convence de que odiar Max é melhor do que amá-lo, e quanto mais conhece seu futuro marido, mais descobre o quanto verdadeiramente, loucamente, e profundamente... o odeia.

Esta não é uma história de amor. Esta é do outro tipo.

PROLÓGO

Eu não sabia nada sobre o homem além do seu sobrenome. Isso, e o que seu sobrenome significava.

Sturm — Tempestade.

Como substantivo, tempestade foi definida como uma violenta perturbação da atmosfera. Como verbo, significava mover-se com força em uma direção específica.

Ele entrou na minha vida assim mesmo.

Talvez eu devesse ter antecipado isso, dada a nossa situação. Talvez fosse ingênua em assumir que qualquer coisa menos que uma tempestade, poderia acontecer entre duas pessoas tão diferentes quanto ele e eu éramos. Eu deveria saber, e talvez se soubesse, faria as coisas de maneira diferente.

Talvez tivesse feito tudo de *maneira* diferente.

Talvez não tivesse feito *nada* diferente.

Esta história não é sobre os talvez e os se. É sobre os detalhes e a destruição que veio.

Esta não foi uma história de amor. Nada perto de um romance. Um final feliz que depois chutou sua bunda. O amor verdadeiro que esmagou sua cabeça frágil. Um conto de fadas que ninguém conta para seus filhos.

Esta foi outro tipo de história. O tipo não pontuada com suspiros felizes e corações pulando.

Esta foi uma história de uma tempestade - a tempestade que eviscerou tudo em meu mundo inteiro.

Esta não foi a história de como passei a amá-lo — é o relato de como passei a odiá-lo.

É ai que esta história leva. O caminho em que me encontrei, emperrou em muitos trilhos até que chegasse a um fim abrupto.

Esta é a nossa história de ódio.

CAPITULO 1

Nina

Dúvidas. Eu estava tendo dúvidas.

Ter esses pensamentos antes de entrar no saguão do luxuoso hotel em que o encontraria, teria sido útil.

“Tem certeza que está pronta para isso?” minha melhor amiga Kate pergunta, examinando o saguão como se ele estivesse ali, à espreita com uma placa pendurada acima da cabeça.

“Tenho certeza.”

Era mentira. Eu não tinha certeza se estava pronta, mas não tinha escolha. As contas haviam passado de uma pilha, para um pilar e, se não fizesse algo logo, perderia a casa. Não posso perder a casa. Nunca. Era a única casa que conheci.

“Você não precisa fazer isso, sabe? Existem outras opções. Quando mencionei isso alguns meses atrás, foi apenas uma sugestão qualquer, não uma que achasse que realmente executaria.” Kate diminuiu a velocidade quando nos aproximamos do salão do hotel onde ele deveria estar esperando.

“Não há outras opções que incluam manter a casa. Pelo menos, algumas que são menos ilícitas que esta.” Lambi meus lábios de nervosismo. Do jeito que as coisas estavam ultimamente, era um milagre que eles não tivessem se transformado em lixa.

“Você sabe que pode ir para a cadeia, certo?”

Minha língua tocou meus lábios novamente. “Só se for pega.”

Kate sacudiu a cabeça e seu cabelo claro bateu nos ombros. Ela era tudo que eu não era. Magérrima, alta, seus cabelos loiros lisos estão sempre arrumados, sua pele parece ter sido dourada em algo etéreo e estava vestida como se a vida fosse uma festa sem fim. Nossas personalidades eram um contraste gritante também. Ela era efervescente, enquanto fiquei em algum lugar mais perto do final da escala. Ela torcia a vida a cada dia, amava como se nunca tivesse sido ferida, e ria como se nunca tivesse conhecido a tristeza.

O que ela viu em mim que manteve a nossa amizade duradoura, eu não sabia. Só esperava que ela não tivesse ficado por perto quando outros fugiram porque se sentia obrigada. Não queria ser digna de pena para ninguém.

Ela segurou meu braço quando caminhei na frente dela, me parando quando eu estava a poucos passos da entrada do salão. “Você sabe como ele é?”

Eu moderei minha irritação antes de olha-la. Ela estava preocupada, mas eu estava decidida. Só precisava acabar com isso já. “Não.”

“Sabe quantos anos ele tem?”

Minhas axilas estavam começando a suar. Eu ainda não o tinha visto e já estava me irritando. “Não”, respondi levantando um pouco os braços para ventilar.

“Você sabe o que ele vai usar hoje à noite?” Kate olhou por cima do meu ombro, quase olhando para o salão.

“Não.” Virei de um lado para o outro para criar o máximo de brisa que pude. Eu deveria ter usado um desodorante mais forte, em vez desse lixo barato que provavelmente me dará câncer um dia. Se meu orçamento não estivesse comprometido até o último trimestre, eu teria.

“Você sabe alguma coisa sobre ele?” Kate suspirou, apontando para mim como se eu fosse o cordeiro que acabou de balir, como o primeiro voluntário para o abate. “Além disso, você sabe...” Ela engoliu em seco. “O que ele quer?”

Meu estômago revirou. Eu definitivamente sabia o que ele queria. “Sei o nome dele.”

Kate esperou um momento. “E o nome dele é...?”

“Sturm.”

Seu nariz se enrugou. “Que tipo de nome é esse?”

“Sturm é o sobrenome dele. Eu não sei qual é o primeiro.”

O nariz de Kate voltou ao normal, mas ela levantou uma sobrancelha, em sinal de desaprovação. Ela era especialmente expressiva. Outra maneira em que nós éramos diferentes. Kate parecia não ter desejo ou inclinação para esconder o que sentia, enquanto eu tinha todo desejo e inclinação para esconder.

“Então, como ele está esperando que você o chame? Senhor Sturm? Porque essa feminista do século XXI não está nada bem com uma de suas melhores amigas se dirigindo a esse cara desse jeito.”

“Sim, nem esta feminista do século XXI.” Eu bati o ar na direção das minhas axilas porque elas só estavam piorando.

“A mesma feminista que esta concordando em se casar com um homem por dinheiro?” Kate colocou a mão no quadril e esticou cada centímetro de seu corpo de quase um metro e oitenta.

A palavra ainda sugava o ar dos meus pulmões, mas havia perdido um pouco de sua potência. “Exatamente, concordar em casar com ele por dinheiro em vez de razões tolas, como amor ou sentimentos, ou envelhecer juntos. O que é mais feminista que isso?”

Kate olhou para mim. “Eh, que tal em vez de se casar com ele por dinheiro, você poderia entrega-lo as autoridades por tentar cometer fraude com green card?” Ela espia por cima do meu ombro e estica o pescoço para olhar para o salão. “Além disso, o que é realmente um milhão de dólares? Aquela garota naquele filme da *Proposta Indecente* recebeu um milhão e só teve que passar uma noite com ele. Além disso, se você levar em conta a inflação, já que o filme é quase tão antigo quanto eu, obterá ventilação proverbial e literal. Na bunda.”

Eu desisti da batalha contra o suor nas axilas e estendi os braços ao meu lado. Por que me importava se a primeira impressão desse cara em mim fosse um suéter suado? Eu não estava pedindo sua aprovação ou mesmo esperando por isso.

Ele era uma transação comercial para mim. Eu era um meio para um fim para ele.

Um caso de duas pessoas abraçando o espírito capitalista da América.

“Sim, mas ela teve que dormir com o cara. Isso não faz parte do nosso acordo” argumentei. “Mas se fosse parte da boa impressão, acredite em mim, pediria muito mais.”

Nós fizemos um acordo. Mais ou menos. Foi mais um rascunho, que teve tantas alterações quanto pontos, mas preferia ter tudo resolvido antecipadamente. Queria saber exatamente em que estava me metendo antes de afundar o pescoço, o que eu estava a minutos de fazer.

“Então você está dizendo que *dormiria* com ele, pelo preço certo?” A outra mão de Kate voou para seu quadril.

Eu dei a ela o rosto mais indiferente que pude. Eu posso conseguir representar o papel, mas certamente não senti o papel. “Ei, policial da moral, já estou concordando em me casar com um cara para que ele possa conseguir um green card. Me dá um tempo.”

O celular de Kate soou na sua bolsa clutch. Ela convidou um casal de amigos para encontrá-la neste local esta noite

para que pudesse ficar de olho em mim. Eu imaginei que estivesse preocupada que o cara não fosse honesto e poderia estar usando o green card como fachada, para vender meus órgãos ou para tráfico sexual. Eu não estava preocupada com isso, mas estava agradecida por ela estar aqui para me apoiar, pelo menos.

Depois de digitar um texto rápido, Kate sacudiu seu telefone para mim. “E o que você está vestindo? Achou que haveria uma faixa, que seria distribuída no final da noite para a roupa mais colorida?”

Olhei para mim mesma. Eu gostava de cor. Muito. Vivendo em um lugar como Portland, Oregon, uma pessoa tinha que encontrar uma maneira de lutar contra o cinza perpétuo. Este foi o método que escolhi.

“Queria ter certeza de que ele saberia quem eu era”, disse, apenas espiando dentro do salão. Dezenas de corpos, diferentes formas, tamanhos e cores, e todos eles estavam vestidos como se conspirassem para combinar. “Se eu soubesse que todo mundo estaria com tons de cinza ou azul, não teria usado um vestido de bolinhas verde, sapatos fúcsia e um lenço xadrez azul.”

Kate mordeu o lábio para não rir. “Você é uma intervenção de moda implorando para acontecer.”

Parei de esfregar uma ruga no meu vestido. Se um ferro não estivesse à altura do desafio de alisá-lo, meu polegar não o faria. “Não me importo. Não estou aqui para impressioná-lo ou obter sua aprovação.”

“Sim, isso é óbvio”, ela murmurou alto apenas o suficiente para eu ouvir. Quando fui dar-lhe um pequeno empurrão, ela saiu do caminho. “E se você não está tentando impressioná-lo, por que está usando o primeiro vestido que vi em você desde, deus, provavelmente quando usou aquele no baile de primavera do nosso último ano?” Kate estava olhando para dentro do saguão agora, seu olhar percorrendo o espaço como se estivesse procurando por algo. As amigas dela já

deviam estar lá porque ela acenou para alguém antes de levantar o dedo de só um minuto.

"Porque não acho que este lugar é para jeans e tênis", argumentei, me perguntando por que eu estava defendendo minhas escolhas de guarda-roupa para alguém que se vestia no padrão menos-é-mais.

"Vamos esperar que o *Senhor* Sturm seja cego para a moda." A maneira como ela disse isso lhe valeu outro empurrãozinho.

"Ele é um estrangeiro, que está pagando a alguém muito dinheiro para se casar com ele." Cruzei meus braços para ela enquanto ficava espiando a sala. "Acho que é seguro dizer que não vou ficar cara-a-cara com um homem que passa as noites folheando as páginas da revista GQ. E se você chamá-lo de Senhor Sturm de novo, vou puxar seu cabelo."

Kate piscou para mim. "Meu couro cabeludo esta um pouco sensível do cabelo puxado a noite passada."

Eu revirei os olhos. "Alexander?" O último homem *do dia* que ela mencionou para mim.

"Trenton." Ela meio que suspirou seu nome. Na verdade, segurou a sugestão de um gemido. Deus. Eu nunca poderia me imaginar suspirando e gemendo o nome de algum cara. Nunca. O mais próximo que já cheguei de um suspiro foi sobre a torta de manteiga de amendoim que minha avó fez no meu último aniversário.

"Tudo bem", disse, interrompendo as últimas notas de seu gemido. "Então vou bater na sua bunda se disser novamente."

Ela deu um sorriso malicioso em minha direção antes de balançar seus quadris. "Também esta sensível."

"Deus, tudo bem", gemi. "Simplesmente pare. Sua vida sexual me deixa nauseada."

“Ciúmes não fica bem em você. Além disso, alguém precisa compensar a sua falta dela.” Kate acenou para mim como se minha vida sexual fosse visível para todos lerem.

“No seu ritmo, você está compensando a falta de vida sexual da cidade inteira.”

Ela assentiu solenemente. “Não tem de quê.”

“Além disso, o sexo não é tudo o que dizem.” Nesse momento estava enrolando, pois estava nervosa.

“Acredite em mim, com a pessoa certa, que sabe o que está fazendo, é tudo, e mais o que tem para ser.” Kate levanta as sobrancelhas. “Alguns caras sabem usar o pau melhor que outros.”

Eu faço uma careta. “Uau. Estou prestes a ter um orgasmo em todo o lugar.”

Kate ri quando desliza na minha frente e brinca com o meu cabelo com os dedos.

“Oww”, lamento quando ela os tira e puxa meu cabelo. “E espero que você tenha lavado suas mãos com alvejante após o último pau que tocou.”

Ela responde, passando as mãos pelos lados do meu rosto. “Mais ação do que você já viu.” Ela os esfrega no meu rosto mais uma vez. “De nada.”

Piso fora do alcance de suas pequenas patas imundas e aceno em direção ao salão.

“Eu estarei lá. Apenas dê o sinal se o cara for um esquisito, ok?” Ela espera eu assentir, então beija o ar em minha direção. “Vá pegá-lo, gata.”

Eu não sabia como responder a isso, então fui com um sinal de positivo.

Esperei um minuto depois que Kate desapareceu no salão. Então esperei mais uma vez, antes de forçar meus pés

para frente. Não era como se minha coragem, cada vez menor, fosse voltar quanto mais eu parasse.

Respirando lentamente, imaginei minha casa. Aquela em que cresci. Aquela que abrigou um Burton por sessenta anos. Que provavelmente seria destruída ou derrubada e substituída, por algum riquinho imbecil que comprou na execução da hipoteca. Imaginei o alívio da pilha de contas, a liberdade de ter escolhas e um futuro que já não estava pintado com tons sombrios e pinceladas escuras.

Então virei para o salão e dei meu primeiro passo em direção ao meu futuro marido.

CAPÍTULO 2

Nina

Eu não podia me sobressair mais, mesmo se tivesse me despido e mergulhado em tinta rosa choque.

O salão era mantido no tema do hotel, caro e destinado a um escalão superior do qual eu não era membro. E não pertencia. Senti isso tanto quanto senti os poucos olhares de pessoas pensando a mesma coisa. Podia não haver uma lista de regras grampeadas do lado de fora da porta, mas estava claro que havia varias palavras não ditas.

Como, alguém não pisará neste espaço, a menos que seu patrimônio líquido chegue ao limite dos sete dígitos. Ou não se deve respirar este ar a menos que dirijam um carro que custa tanto quanto uma casa modesta. Ou não deve acotovelar-se com o resto dos habitantes, a menos que tenham tantas perspectivas, que se tornaram uma inconveniência própria.

Mas como ninguém estava vigiando a entrada ou prestes a me expulsar por forçar minha presença no lugar, andei mais para dentro da sala.

Não era tão grande quanto eu esperava, mas isso poderia ser devido ao número de pessoas que já ocupavam o salão. Era cedo para os padrões de uma noite de sexta-feira, mas este lugar parecia ser do tipo que precisava fazer uma reserva antecipada. Acima do bar havia um gigantesco vitral de pavão, e o resto da sala seguia o mesmo tema. Cores ricas, detalhes vistosos.

Não era o meu tipo de lugar. Eu prefiro um local tipo Buraco-na-parede ou espelunca. Se este espaço pretensioso fosse o seu tipo de lugar, então este casamento não seria apenas difícil por causa do nosso acordo ilegal. Se esse era o tipo de lugar que *ele* se sentia confortável — o tipo de pessoas com quem ele se encaixava — então éramos opostos polares.

Porque tudo precisava ser mais complicado...

Eu examinei o local por alguém me sinalizando. Ele sabia o que eu estaria vestindo hoje à noite, mas eu não sabia o que ele usaria. Se o local fosse uma indicação, provavelmente estava desfilando em um terno que custava mais para lavar a seco, do que custou qualquer coisa nova no meu guarda-roupa.

Eu continuei ali, fazendo outra varredura no lugar. Eu não sabia como ele era. Quantos anos tinha. Qual sua nacionalidade. Sua cor de cabelo. Altura. Cor da pele. Nada. Sabia seu sobrenome e que estava disposto a pagar um milhão de dólares para eu me casar com ele. Isso era tudo que precisava saber para dizer que sim.

Algumas pessoas trocam sexo por dinheiro. Eu estava trocando o casamento. Vá em frente e me julgue. Deus sabe que fiz muito isso sozinha.

Ok, nada ainda. Quanto tempo mais ele iria me manter parada aqui me sentindo como uma pária no meu caleidoscópio de cores e algodão?

Kate estava em uma mesa com suas amigas, tentando não deixar claro que estava me observando como se estivesse esperando esse cara Sturm vir enfiar uma faca nas minhas costas, como se tivesse se convencido de que ele já tinha feito em termos figurativos.

Um grupo de casais estava reunido, beijando, tocando, sussurrando...

Um casal, em particular, me fez adivinhar quanto tempo demoraria até que a mulher estivesse espalhada na superfície

semiprivada mais próxima, com as pernas no ar. O cara não parecia tão entusiasmado com a perspectiva, mas ela não parecia ser o tipo de garota que ouvia não com frequência. Raramente.

Eu estava pensando em ir ao resgate do Sr. Stiff Back e mencionar algo sobre o amante dele estar chegando alguns minutos atrasado, quando notei, pelo canto do olho, que alguém levantava o braço.

Engoli. Era ele.

Esperei um momento para me preparar para qualquer coisa, então quando olhei para ele, nada no meu rosto que sugerisse surpresa estava presente. Se agisse surpresa com a sua aparência, levaria à conclusão de que defini expectativas e eu não tinha nenhuma.

Sem expectativas. Uma troca de votos. Um milhão de dólares. Era isso. Nada mais. Nada menos. Certamente nada mais.

Um negócio.

Quando olhei para o homem com o braço estendido, não senti nada. Nenhuma decepção. Nenhuma surpresa agradável. Nada.

Quando minha atenção se fixou nele, ele acenou para o assento vazio na frente dele. Ele de alguma forma estava com o melhor lugar em toda a sala — um par de cadeiras no fundo posicionadas uma em frente da outra sob um lustre brilhante.

Quando passei por Kate, ela estava olhando o homem para o qual eu estava seguindo. Não precisei verificar o rosto dela para saber que estava usando alguma combinação de olhar e uma boca aberta.

Mesmo que *eu* não tivesse nenhuma expectativa, sabia que Kate tinha algumas, e esse cara definitivamente estava no fim da escala de idade. Era difícil dizer com essa luz, mas ele poderia ser facilmente meu pai, se não meu avô.

Engoli de novo. Ok, ele era velho. E daí? Não era como se tivesse que servir suas bolas murchas ou qualquer coisa. Casamento por dinheiro. Simples. Se a idade não era um fator para se apaixonar, então definitivamente não deveria ser para cair no falso amor.

Quando eu estava um pouco afastada, o homem levantou-se da cadeira e colocou um sorriso convencional. Não era cordial. Nada amigável. Parecia mais forçado do que qualquer coisa, como se estivesse lutando contra todas as emoções para mantê-lo ali, o que me confundia. Foi ele quem colocou todo esse casamento de benefício mútuo em ação.

Então me atingiu — eu estava olhando para o homem com quem ia me casar.

Eu imaginei que as emoções cortando meu intestino em confetes não eram os mesmos sentimentos que outras mulheres tinham quando olhavam para o cara com quem estavam prestes a trocar votos.

“Senhorita Burton”, disse ele, apontando para a cadeira a sua frente.

“Sr. Sturm.” Me fiz olhar nos olhos dele para que pudesse ver que não estava intimidada. Eu não era uma coisa fraca que ele poderia dobrar e torcer ao seu gosto. Precisava que soubesse desde o começo que eu poderia ter aceitado a posição de sua futura noiva, mas não estava desistindo da minha identidade em troca. Eu não estava desistindo nem da parte mais microscópica disso.

“Por favor, sente-se.” Seu olhar caiu para a cadeira em que eu estava posicionada em frente.

Não me mexi. “Você primeiro.” Eu indiquei a cadeira atrás dele e esperei.

Suas sobrancelhas se uniram, mas depois de esperar por mais um minuto, se sentou. Eu fiquei em pé até que estivesse totalmente situado.

“Você gostaria de uma bebida?” Seus olhos correram para o bar.

Sento na cadeira lentamente, lembrando-me de pensar antes de falar. *Toda* vez falasse. Não queria começar o nosso relacionamento com ele me pedindo uma bebida. Era muito parecido com um relacionamento real. Muito tradicional.

“Não.” Eu balancei a cabeça e cruzei meus tornozelos. “Obrigada.” Eu podia senti-lo olhando para mim, me examinando. Perguntei-me se ele entraria nesse arranjo com as mesmas noções. Sem expectativas. Sem espaço para decepção. Nenhuma margem de erro para surpresas.

Eu esperava que sim. Não tinha um problema de autoconfiança, mas também era realista. Sabia que não era o homem tradicional de Vênus que queria mijar para marcar seu território. Eu não era uma reviravolta na cabeça, o corpo que um cara imaginava enquanto se masturbava. Não fui a primeira moça convidada a dançar… Ou a segunda ou terceira.

Alguns poderiam ter dito que o que me faltou no departamento de aparência inventei em personalidade. A sociedade poderia ter seguido isso com um simpatizante tapinha nas costas, mas eu me orgulhava muito da minha disposição.

Parece esmaecida com o tempo. Sagacidade afiada.

Ele se recostou na cadeira, me observando como se estivesse pensando em fazer uma compra. Ele já não me comprou? O preço já não estava definido? Quanto mais tempo seu olhar continuava, mais difícil ficava não me mexer.

Como o inferno. Eu não ia me contorcer na frente deste homem. Não iria levá-lo à suposição de que poderia ser perturbada por algo tão pequeno quanto um olhar penetrante.

“Por que está fazendo isso?”

Eu me dei tempo para pensar antes de responder, embora essa resposta fosse tão básica quanto viesse. “Eu preciso do dinheiro.”

Nenhuma razão do porque. Nenhuma explicação sobre o que aconteceu para me empurrar para este canto.

“Tanto quanto eu preciso do meu green card?”

Eu não desviei o olhar. “Sim.”

Ele estava quieto, contemplando minha resposta ou planejando uma maneira de sair disso agora que eu estava sentada na frente dele. Não sabia o que ele estava pensando, mas isso fazia parte da beleza desse tipo de arranjo. Não precisava saber o que estava pensando ou adivinhar ou moldar meus próximos movimentos para o que estivesse em sua mente. Eu não tinha razão para reter a honestidade porque simplesmente não dava a mínima para o que ele pensava sobre mim.

E não, a ironia da honestidade sendo um privilégio de tal arranjo desonesto não passou despercebida para mim.

“E o que acontece se de repente você decidir sair disso?”

Sua voz não mostrava nenhum sotaque, e ele parecia tão “americano” quanto eu. Olhos castanhos, cabelos escuros em degrade até o prata, altura e peso médios, um tom geral de tenor apático em sua voz.

“Isso não vai acontecer”, respondi quando percebi que ele ainda estava esperando pela minha resposta. Com cara de americano ou não, ele era o único que queria um green card o suficiente para gastar uma soma de um milhão de dólares por isso.

“Como você sabe?”

Eu estava sentada em frente ao cara com quem ia me casar. Deveria sentir alguma coisa. Deveria sentir algum tipo de emoção diferente de... determinação.

Droga. Eu realmente estava tão gelada quando se tratava de homens, quanto Kate vinha me dizendo há anos. Desde que Bryant Collins me convidou para o baile de formatura e minha resposta foi uma caixa de leite que derramei sobre sua cabeça.

Eu posso ter deixado de mencionar a Kate que ouvi Bryant falar a um grupo de amigos que ia me convidar, para que pudesse riscar "tirar uma cereja", da sua lista de desejos. Você pensaria que um cara com essa lista ambiciosa, teria sido um pouco mais discreto com seus planos de conquistar uma virgem.

Então sim. Eu fui a Rainha do Gelo daquele dia em diante, e abracei totalmente o meu título.

Ele estava esperando pela minha resposta. Novamente.

Eu precisava parar de vagar pela estrada da memória antes que ele levasse seu milhão para outro lugar.

"Porque sei exatamente o que é sentir as pessoas quebrarem suas promessas, e nunca farei isso com ninguém." Eu deslizei um pouco em direção à borda do meu assento. "Não vou fazer uma promessa que não posso cumprir. E espero o mesmo de você."

Talvez tenha sido algo na minha voz. Algo no meu rosto. Talvez fosse uma questão de flatulência que acabara de ser resolvida, mas ele visivelmente relaxou. Quase como se tivesse acabado de ler os resultados negativos de uma biópsia depois de esperar por semanas.

"E você pode prometer seguir isso?" Ele perguntou, seu olhar passando por cima do meu ombro. Era fraco, mas percebi o seu aceno de cabeça. "Até o fim?"

Eu queria olhar por cima do meu ombro para ver para quem ele acabou de sinalizar, mas não antes de respondesse. "Posso te prometer isso."

Ele assentiu mais uma vez, mas desta vez, foi apontado para mim. “Então, senhorita Burton, gostaria de lhe apresentar alguém.”

Minhas sobrancelhas se uniram. Ele trouxe um amigo para brincar de vigia como eu? Merda, ele era um detetive disfarçado que me seduzira para esse caso ilegal? O cara agora em pé na minha frente definitivamente parecia mais um detetive endurecido perto da aposentadoria do que um estrangeiro rico no mercado para uma esposa americana.

“Você gostaria de me apresentar a quem?”

Foi quando alguém veio para o meu lado. Este não era o alguém que eu esperava. De modo nenhum.

Merda de novo. Eu não tinha nenhuma expectativa, lembra?

A figura ao meu lado trocou de lugar com o homem mais velho. *Puta...*

“Seu futuro marido.”

CAPÍTULO 3

Nina

Onde estava o botão de cancelar?

Não que eu pudesse dar um soco se ele magicamente aparecesse na minha frente, porque minha condição era, pelos padrões dos bancos, terrível. Todas as horas extras do mundo não poderiam me salvar. Nem que o meu corpo ficasse escorregadio com óleo de silicone e eu esfregasse minha bunda para cima e para baixo em um poste me salvaria. Nada menos do que uma fortuna em dinheiro me salvaria, e não tive a sorte de ganhar na loteria. Até onde sabia, essa era a única pessoa que me fez esse tipo de oferta.

Ele não parou de sorrir para mim, e não foi o tipo de sorriso amigável. Foi o tipo que parecia que tinha algum segredo que eu não sabia. O tipo de sorriso que me fez sentir como se estivesse sendo menosprezada e fosse a graça da piada de uma centena de piadas que eu ainda tinha que ouvir.

Queria limpar o sorriso arrogante de seu rosto, mas isso exigia que o tocasse e eu nem mesmo era corajosa o suficiente para isso. Uma mulher não tocava em um cara como ele, a menos que quisesse que ele fosse sua ruína. Não. Você não brinca com fogo. Não toca. Nem chega perto.

Fogo. Isso foi tudo que vi quando o olhei. Eu estava brincando com isso, concordando com este tipo de acordo. Preferia ter o avô com cara de rabugento de volta.

Até o jeito que ele descansava na cadeira era presunçoso. Como se fosse seu trono e ele estivesse apenas esperando que os lacaios se curvassem diante dele.

“Você é mais jovem do que pensei que seria.” Ele quebrou o silêncio primeiro.

Embora fosse fraco, consegui distinguir um sotaque. Era europeu, mas não consegui descobrir o país. Por olhar o bastardo, você pensaria que ele era escandinavo — cabelo loiro, olhos azuis, moldura imponente — mas seu sotaque era afiado demais para vir da terra dos Vikings.

Fiquei tentada a encarar o sorriso apontado para mim, mas não queria dar impressão de que me importava. Dei a ele a minha versão do mesmo sorriso, abandonando minha política de “não expectativas” para a perspectiva de irritá-lo. “Você é mais velho do que pensei que seria.”

Seu sorriso mudou para o senhor sorriso, como se soubesse que eu estava mentindo. Então sim, talvez estivesse mentindo sobre pensar que ele era mais velho, mas não daria a ele a satisfação de confirmar sua acusação silenciosa. Ele era mais velho que eu, mas não muito. Ele poderia estar se aproximando dos trinta anos, mas não passava disso.

Ele se inclinou para frente na cadeira. Quando seu olhar foi do meu rosto para o meu cabelo vermelho ardente, sua sobrancelha se elevou. *Sim, sou o estereótipo. Esteja avisado.*

“Mais bonita também.”

Endureci. Ele estava fodendo comigo agora. Eu já tinha concordado em casar com ele. Quanto mais achava que poderia me ferrar?

Eu dei a ele um olhar superficial e mantive o olhar inalterado no meu rosto. “Mais feio.”

Ele levantou uma sobrancelha como se fosse mais esperto. “E a personalidade de dez mulheres em uma só.”

“Intimidado?”

Sua cabeça sacudiu uma vez. “Intrigado.”

“Irritado?”

Seus olhos me investigaram novamente. Parecia intrusivo, definitivamente não superficial. “Impressionado.”

“Tão impressionado por mim quanto pela mulher no cio que apenas estava te atacando no bar?”

“Você quer dizer a mulher que me deu isso?” Ele puxou algo do bolso interno do paletó e colocou na mesinha entre nós.

Era uma chave de cartão do hotel. Com um beijo de batom pressionado.

“Lugar de classe, este hotel cinco estrelas.” Eu olhei de volta para a mulher no bar. Ela ainda estava lá, observando-o como se ele fosse a perfeição da espécie masculina. “Você disse a ela o motivo de estar aqui?”

Sua atenção ficou em mim. “Sim, eu disse a ela que estava aqui para conhecer a mulher com quem ia me casar.”

Meu estômago se contorceu. Este era o homem com quem eu ia casar.

Puta merda

“E ela não pediu a chave do quarto de volta?” Perguntei.

“Ela não deu até que mencionei isso.” Seu olhar era intenso. Muito intenso. Senti como se cada segredo — cada pedaço de quem eu era — estivesse espalhado naquela mesa para ele ver. “As mulheres amam um homem que não tem medo de compromisso. É como um afrodisíaco.”

“Você sabe o que mais as mulheres gostam?” Eu não pausei por uma resposta porque acho que ele não tinha a menor ideia. “Um homem que é humilde.”

Ele lutou com um sorriso e recostou-se na cadeira quando um garçom se aproximou com um par de bebidas em uma bandeja. “Não, elas gostam de pensar que sim, mas não

gostam.” Sua cabeça sacudia com autoridade. “Elas gostam do bastardo arrogante que vai atrás do que quer e não aceita um não como resposta.”

Porque a garçonete estava me protegendo de sua visão, me permiti me mexer. Estava ficando irritada, e se ele continuasse dizendo o mesmo tipo de coisa com o mesmo olhar em seu rosto, aquela bebida acabaria em seu rosto.

Foi quando notei o que a garçonete havia colocado na minha frente. Um copo com algo de cor âmbar. A mesma coisa que estava colocando na frente dele. Embora, pela curva de seu sorriso, ela estava se oferecendo para lhe dar uma chupada, á parte, com os cumprimentos da casa.

“O que é isso?” Perguntei. Para ele. Ou ela. Quem quisesse responder.

“Uísque”, ele respondeu, ignorando a garçonete persistente entre nós.

Meu nariz se curvou para a bebida.

“Uísque caro.”

“Eu não me importo se veio da fonte da juventude. Não vou beber isso.”

Sua testa se enrugou com o que parecia ser irritação, mas eu não tinha certeza. Talvez fosse confusão, como se ele não pudesse decidir o que fazer comigo. “Você quer que eu acredite que não tomaria um gole se soubesse que isso lhe daria a vida eterna?” Quando balancei a cabeça, ele inclinou a cabeça. “Por quê?”

“Porque eu valorizo meu livre-arbítrio muito mais do que vida longa.” Empurrei a bebida para longe até que bateu contra a dele. “Eu prefiro viver um dia livre a uma eternidade em uma gaiola.”

Ele ficou quieto por um momento. A garçonete ficou entre nós, olhando para ele, esperando.

“Então por que está aqui?” Ele me perguntou finalmente.

Inclinei-me para frente e esperei que meu olhar fosse tão poderoso quanto o dele. “Porque o livre arbítrio é caro.”

Ele deixou isso pairar entre nós, nunca olhando para longe. Não estava acostumado a ser desafiado, tendo as pessoas recuando. Eu entendi porque. Ele não apenas exalava confiança, ele definiu isso. Não apenas conquistou respeito, ele exigiu isso.

É claro que um dos poucos homens no mundo que, provavelmente tinha sido um governante mundial em alguma outra vida, estaria prestes a se casar com uma das poucas mulheres no mundo que provavelmente era uma figura de Joana d'Arc.

Ironia? Você é uma merda.

“Bem?” Ele acenou entre a garçonete e eu. “Ela não está apenas aqui por sua saúde.”

Eu considerei mencionar que não, ela estava esperando que ele aceitasse a oferta do boquete, mas um julgamento melhor me pegou na hora certa. Era raro quando acontecia.

“Água”, disse a ela, olhando para ele. Eu não seria intimidada por um olhar. Não deixaria que ele se colocasse no primeiro lugar desmoronando sob sua fachada confiante. “Eu vou tomar uma água, por favor.”

“Uma água?” A garçonete repetiu, como se nunca tivesse ouvido falar disso. Neste lugar, onde inebriado parecia ser o tema, talvez não tivesse.

“Você sabe, essas coisas que saem de uma torneira? Clara e fria? Símbolo químico H2O? Que deveríamos beber oito copos de 250 ml por dia?” Fiz uma pausa quando o vi lutando contra outro sorriso. “É disso que eu gostaria. Por favor.” Poderia ter sido dura, mas tinha boas maneiras.

Ao contrário da pessoa sentada à minha frente, ainda lutando contra um sorriso que estava pingando de diversão.

Uma vez que a garçonete saiu para pegar minha bebida, eu examinei a sala. Estava se enchendo. Kate e suas amigas estavam postadas em uma mesa atrás de mim. Ela estava posicionada para que pudesse nos ver, mas não era a mim que observava. E não estava avaliando-o como se estivesse cuidando do interesse de sua amiga, mas como se estivesse contemplando como fazê-lo dela.

É claro que eu era mais esperta, porque Kate e eu aderimos ao Código da Garota que, as amigas não namoram os namorados da outra, ou acho, neste caso, futuros maridos. No entanto, se fosse ela sentada em frente a esse cara, estaria fazendo sua jogada, provavelmente de forma que sua calcinha estaria caindo em seu colo. Kate não fazia nada sem entusiasmo.

“Você não tem nenhum problema com as mulheres.” Eu me viro no meu lugar quando conto pelo menos outra dúzia de mulheres dando olhares frequentes, se não contínuos, à sua maneira. “Então, por que pagar um milhão de dólares para eu me casar com você quando aposto que metade das mulheres neste bar agora, concordaria em casar de graça?”

Quando olhei para ele, encontrei seu olhar ainda em cima de mim. Eu me perguntava como ele poderia manter esse tipo de concentração quando metade da sala estava olhando para ele com os olhos de *me leve agora.*

“O compromisso nunca é livre”, respondeu ele, desviando o olhar pela primeira vez. Seu olhar pousou no chão. “Acredite em mim quando digo que um milhão de dólares é um negócio melhor. Duas vezes melhor.”

Foi a primeira vez que testemunhei uma sombra de emoção dele que não derrubou a escala de confiança. “Por quê?”

Seus olhos se estreitaram por um momento antes de voltarem para os meus. Eles estavam quase endurecidos. “Porque a atração vem com complicações, e preciso que isso seja livre de complicações. Preciso que isso seja uma transação

comercial. Você faz algo por mim e eu pago por isso. Sem sentimentos. Sem emoções. Simples."

A garçonete voltou com a minha água. Tinha gelo e tudo mais. Eu agradeci com um sorriso. Ela o agradeceu com um sorriso de foda-me.

"Você tem medo de compromisso", afirmei porque era uma das poucas verdades que eu conhecia. Os homens, como espécie, tinham medo do compromisso. Eram incapazes disso. Humanos como espécie eram incapazes disso.

"Não tenho medo", disse ele, pegando sua bebida pela primeira vez quando levantei minha água. "Apenas sou mais experiente agora."

Tomei um gole da minha água. "Você foi queimado."

Ele finalmente tomou um gole de seu uísque, aquele estranho brilho de vulnerabilidade passando por sua expressão novamente. Ele tomou outro gole. "Até as cinzas."

A maneira como ele disse isso — a maneira como parecia quando disse isso — fez algo no meu peito apertar. Eu conhecia esse sentimento. Aprendi que os traços que a condição humana era treinada para se inclinar eram normalmente as coisas das quais deveríamos nos afastar. Comprometimento. Confiança. Amor. Todas as condições que devem ser substituídas por cautela, ceticismo e razão.

Quando eu deveria manter um muro entre nós, encontrei-me à beira de me solidarizar com ele. Sua maldita boa aparência não ajudou a confusão também. Poderia ter endurecido contra as espécies conhecidas como homem, mas não estava imune a elas.

"Quem era o homem que estava aqui?" Mudando e posição em meu assento, o procurei no salão, mas ele se foi.

"Ezra", disse.

Acenando, esperei.

“O conheço há muito tempo e confio nele implicitamente, para que não tenha que se preocupar com ele nos entregando pelo que estamos discutindo. Ele é amigo da minha família desde antes de eu nascer e serve como uma espécie de braço direito para mim agora. Em todas as facetas da minha vida.”

“Eu não estava preocupada. Só queria saber quem era.” Dei os ombros casualmente.

“E agora sabe.”

“Agora sei o nome de Ezra. Mas não o seu.” Pelo sotaque e o jeito como parecia ter descendido de algum rei nórdico, Axel e Sven pareciam opções plausíveis. Pela sua personalidade, eu ficaria feliz em chamá-lo de Idiota.

“Você sabe meu nome.”

“Sim, seu sobrenome.”

Ele levantou uma sobrancelha como se estivesse questionando por que eu precisava de mais alguma coisa.

“Desde que você é claramente o tipo de cara que acha que pode pedir uma bebida a uma mulher e ela vai aceitar com um sorriso, deixe-me dar uma pista sobre o tipo de mulher que sou.” Eu me inclinei para frente, encorajada pela raiva fresca que senti pulsando em minhas veias. Ele era menos atraente quando estava me irritando. Isso me encorajou. “Não sou do tipo que sempre vai te chamar de Sr. Sturm.”

Ele rodou sua bebida, e voltou a me estudar. “Não?”

“Nunca.”

Ele colocou sua bebida na mesa e a deslizou contra o meu copo de água. Ele estava me testando. Eu sabia, mas mantive minha água onde estava. Ele poderia ter seu copo no meu negócio de vidro por tudo que me importava — esse era o único negócio meu em que ele estaria entrando.

“Bem, senhorita Burton, meu primeiro nome é Max.”

Alguma coisa derramou pelas minhas costas quando ele disse meu nome assim. Como se isso fosse uma promessa de algo que viria e um desafio.

“Max?” Eu disse, não abrandando a dúvida na minha voz.

Ele usava um terno que provavelmente custou mais do que os carros da maioria das pessoas. Ele se elevava muito acima do homem comum. Ele parecia como se uma princesa de conto de fadas e um deus grego tivessem feito isso e ele apareceu nove meses depois. Ele exalava confiança que beirava a presunção, e eu duvidava que fosse o tipo falso que a maioria dos homens fingia que tinham. Sua confiança foi conquistada. Como diabos ele era “Max.”

“Meu nome é Maximilian Hans Xavier Sturm.” Ele levantou a mesma sobrancelha direita para mim. “No entanto, meus amigos me chamam de Max, já que é muito longo para pronunciar.”

Meu polegar correu para o lado do copo de água. “Acabamos de nos conhecer. Não sou sua amiga.”

“Você vai ser minha esposa, então pode me chamar de Max.” Sua boca se contraiu ao mesmo tempo em que seus olhos brilharam. “Ou Sr. Sturm.”

“Engraçado”, disse com um sorriso falso. “Max.”

Quando ele sorriu, fez algo comigo que não deveria. Senti algo apertar no meu peito, e quando seus olhos deslizaram de volta para os meus com aquele sorriso ainda no lugar, senti algo apertar mais ao sul.

Merda. Ele não. Agora não. Nunca.

“Agora que nos conhecemos, há algo que você gostaria de me perguntar? Qualquer coisa que gostaria de conversar?”

Além de tudo?

Nós “nos conhecemos” on-line através de um site supersecreto em que você tinha que conhecer um amigo de um

amigo de uma divindade para saber — Kate foi minha conexão neste caso. Nós nos comunicamos durante os últimos dois meses, mas nada muito pessoal. Pareceu-me mais um teste do compromisso de continuar com isso do que uma tentativa real de me conhecer. Além de saber que estava disposto a pagar um milhão de dólares por um green card e que seus e-mails eram dolorosamente formais, Max Sturm era um mistério para mim.

Nossos e-mails foram focados nas diretrizes e no cronograma do nosso "arranjo" em vez da faceta "conhecendo-você." Tudo negócios.

Suponho que houvesse um milhão de coisas que eu poderia ter perguntado sobre o nosso acordo. Um milhão a mais, eu poderia ter perguntado a ele sobre si mesmo. Mas apenas uma pergunta estava em minha mente.

Não tinha sido uma grande preocupação até ficar cara a cara com ele. Agora? Era a preocupação #1.

"Só para esclarecer..." Senti como se o assento da cadeira estivesse cheio de vidro quebrado e unhas. "Não há expectativa, antecipação ou possibilidade remota de fazermos sexo. Certo?" Tive que desviar o olhar. Eu não podia continuar olhando para ele da maneira como sua expressão estava mudando. De negócios para prazer em ponto dois segundos.

"Por quê?" Ouvi a mesma mudança em seu tom. "Você mudou de ideia nesse ponto agora que nos conhecemos?"

Essa onda bem-vinda de raiva inundou meu sistema novamente. Eu gostei. Precisava disso no que se referia a ele. Quando meus olhos apertados pousaram nele, ele estava sorrindo. Quase exultante. Arrogante filho da mãe.

"Não", eu disse devagar. "Conhecer você só solidificou meu 'não' nesse ponto. Eu prefiro dormir com o primeiro cara que conheci do que com você."

"Ezra?" Ele riu um pouco. "Você prefere fazer sexo com um homem de sessenta anos que é atraído por homens?"

Outra risada curta. 'Bem, boa sorte fazendo-o retribuir o sentimento."

Meu sangue estava esquentando. Isso me encorajou. "Um homem com o dobro da minha idade que gosta de homens é mais meu tipo do que o seu, que tal isso?"

As sobrancelhas de Max se uniram. "*Meu tipo*?"

Eu me inclinei para frente, sem piscar. "Sim, o tipo que acredita que qualquer coisa e alguém vem com um preço."

Ele se inclinou para frente também, até que seu rosto estava tão perto que eu pude detectar o calor do uísque em sua respiração. "Bem, você é quem concordou em se casar comigo por dinheiro." Ele não piscou também. "Deve ter a mesma mentalidade."

Levou toda a minha força de vontade para manter minhas mãos paradas. "Eu meio que te odeio, sabia disso?"

Seus olhos desafiaram isso. "Estou pedindo para você se casar comigo, não gostar de mim. Me odeie o quanto quiser."

CAPÍTULO 4

Max

Esta não era a mulher que pensei que encontraria sentada a minha frente esta noite. Não havia sombra daquela mulher fictícia na real diante de mim.

Ela não era como alguém que já conheci. Neste país, meu país de origem ou qualquer um, das dezenas que visitei. Ela era atraente, mas não de maneira que gritava para ser notada. Sua beleza fazia uma pessoa querer se inclinar para dar uma olhada mais de perto, para inspecionar os detalhes que compunham o todo.

Seu senso de estilo era incomum, com certeza, mas eu ainda tinha que determinar se ela simplesmente não dava a mínima para o estilo ou se essa era sua maneira de expressá-lo. Suas roupas eram brilhantes. Seu cabelo, mais vermelho que ruivo, era brilhante. Seus olhos eram brilhantes. Até a pele dela, tão pálida quanto era, era brilhante.

Aqui, cem pessoas, milhares de distrações, todas ansiando por atenção, e não conseguia tirar meus olhos dela.

Eu não sabia porque. Não estava atraído por ela dessa maneira. Pelo menos não achei que estivesse. Ela não se encaixava no modelo das garotas com quem eu ficava, e certamente não falava como elas — disparando insultos em vez de elogios.

Talvez por isso gostasse dela. Ou me encontrei... *atraído* por ela. Ela estava me fazendo merecer isso. Seu respeito. Sua aprovação. Sua amizade. Ela não era como os outros que deixaram o jeito que eu olhava ou cifrões ditar sua aprovação.

Eu estava fascinado por ela de uma maneira que não se originava em como levá-la para baixo de mim na cama o mais rápido possível. Isso veio de algum outro lugar. Um lugar que eu não tinha certeza se poderia ter um ano para me dedicar à tarefa.

Eu estava olhando para ela novamente. Tinha certeza de que ela estava tomando como um jogo para afirmar o meu domínio, mas não era — simplesmente não podia deixar de olhar para ela. Teria sido como olhar para a parede acima da Mona Lisa. Uma pessoa simplesmente não olhava para algo único e diferente quando estava bem na frente deles.

Ela estava olhando de volta também. Embora seu olhar fosse definitivamente uma tentativa de afirmar seu próprio domínio. *Agora isso...* isso foi um inferno de uma excitação. *Desse modo.*

"Por que você está fazendo isso?" Eu peguei meu uísque para me distrair, não porque realmente queria uma bebida.

Ela cruzou as mãos no colo e se endireitou. "Porque se não fizer isso, vou perder a minha casa."

Eu balancei a cabeça, tentando não mostrar a minha surpresa. A maioria das jovens que se inscreveria para se casar com um homem por dinheiro tinha outros planos para gastar o dinheiro. "E isso é uma coisa ruim?"

Suas mãos se juntaram um pouco mais. "Sim. Se você considerar perder a única casa que já conheceu, uma 'coisa ruim'."

Tomei um gole do uísque. Eu não saboreei isso. "Você será capaz de se comprometer com isso? Levará três anos para terminar isso." Já sabia sua resposta, é claro — passei os

últimos meses confirmando com ela on-line — mas tinha que ouvi-la dizer isso. Vê-la dizer.

“Sim.”

Eu não tinha certeza se ouvi ou vi alguém tão convincente. Essa mulher estava comprometida em fazer essa relação incomum de trabalho de conveniência mútua. Eu não duvidei disso.

“Você não será capaz de namorar ninguém enquanto estivermos juntos”, disse, repetindo algo que já havíamos falado. Mais uma vez, eu precisava ouvir isso confirmado com ela sentada a um metro e meio na minha frente.

“Isso não será um problema.” Ela endireitou-se.

Eu rolei o copo entre as mãos, imaginando o que ela queria dizer com aquilo. “Por quê?”

Ela não parou para considerar sua resposta. “Porque namorar alguém implicaria que eu encontraria alguém com que pudesse sair.”

Eu me senti querendo sorrir novamente, então tentei parar. Meus sorrisos pareciam a irritar muito. “E isso é improvável?”

Seu ombro se levantou. “Só se você levar minha história em consideração.”

Eu me mexi na minha cadeira, construindo uma pergunta complementar que não me renderia outro olhar que ela parecia não ter escrúpulos em disparar em minha direção

Foi quando ela inclinou a cabeça em direção ao bar. “Aquela mulher ainda está olhando para você.”

Eu não me virei. Não conseguia nem lembrar da cor do cabelo daquela mulher. “Provavelmente querendo saber se vou aceitar sua oferta.”

“Sua oferta de relações sexuais?” Ela estava me provocando — eu podia dizer pelo jeito que um canto de sua boca estava se contraindo.

“Aquela mulher tinha mais do que relações sexuais em mente.” Quando ela levantou uma sobrancelha para mim, eu continuei, talvez contra o meu melhor julgamento. “Ela teria me deixado folhear todas as últimas páginas do manual sexual de bizarrices, e seria uma participante ansiosa e disposta.”

Sua garganta se moveu quando engoliu, então uma cor mais fraca se espalhou por seu pescoço. Se ela não tivesse uma pele tão clara, nunca teria notado. Eu a sacudi. Brinquei com ela de volta ao ponto de fazê-la corar.

Bom. Meu sangue aqueceu com o reconhecimento de que ela não era tão imune a mim quanto deixava transparecer.

“Sim, bem, no saguão” — ela colocou o polegar sobre o ombro — “havia um cara que estava em cima de mim. Você deveria ter ouvido as coisas que ele disse que queria fazer comigo...” Ela continuou apunhalando o polegar por cima do ombro, e eu tive que tomar uma bebida para não sorrir de novo. “Sim. Queria totalmente fazer... coisas... comigo.”

Ela não se mexeu. Seus olhos não se afastaram. Não mordeu o lábio. Não deu nenhum sinal de que estava inventando toda a história, embora eu achasse que estava. Não porque não duvidasse que algum idiota iria dar em cima dela aonde quer que fosse, mas porque ela era inocente. Eu poderia dizer. Não recebi a menor sugestão em nossa correspondência, mas podia ver claramente com ela sentada na minha frente.

“Que tipo de coisas?” Eu abaixei meu copo vazio e deslizei para a borda da cadeira.

Ela me lançou o mais fraco olhar. E sabia que eu a estava chamando para mentir. “Coisas.”

Agora eu estava pensando com quantos homens ela tinha estado. De que jeito gostava de ser levada. Com soava quando ela...

E merda. O que está acontecendo comigo?

Pensar com meu pau estava fora dos limites, especialmente com essa mulher. Eu não poderia estragar tudo. Não podia deixar coisas como desejos e emoções atrapalharem.

Ela era a única que iria me ajudar a ganhar minha liberdade no país que eu amava. O lugar que estava em casa.

Pare de pensar em sua boca e suas preferências sexuais e coloque a porra da sua cabeça no jogo, Max. Todo esse arranjo precisava ser abordado de um ponto de vista tão sem emoção quanto possível. Este era um negócio e deveria ser tratado como todos os negócios — com confiança e distanciamento objetivo.

"Bem, eu prometo que não vou fazer 'coisas' com você", disse a ela, dando ao meu tarado sexual interior uma chance de falar. Ele não fez, e eu senti meu corpo inteiro relaxar. Havia muitas mulheres no mundo. Muitas delas dispostas a compartilhar seu corpo comigo por uma noite. Essa mulher não poderia ser uma delas.

"Como se você pudesse fazer 'coisas comigo'", ela bufou, lançando-me um olhar que me levou a acreditar que me considerava o Quasimodo.

"Acredite em mim." Eu esperei que seus olhos encontrassem os meus novamente. Quando eles fizeram, o verde neles realmente parecia derretido. Eu não pisquei quando me estiquei para mais perto. "Se eu quisesse — se colocasse minha mente nisso, meu corpo em ação — poderia fazer todo tipo de coisas para você."

Seu rosto permaneceu composto. Mas seu corpo a entregou. Seu peito começou a subir e a descer mais rápido, e foi quando eu soube que ela não estava imune a mim. Na verdade, ela não estava tão não imune a mim, o que era toda a razão para esse ato frio.

Isso fez meu peito se mover um pouco mais rápido também. Isso fez alguma coisa reagir. Ela estava atraída para mim de alguma forma primitiva, como eu estava atraído por ela. A humanidade vinha tentando atribuir uma palavra a esse tipo de atração desde a sua criação, estabelecendo termos como destino ou almas gêmeas, mas isso era um monte de besteira. Não havia tal coisa como estar fadado a ficar juntos. Não existem almas gêmeas. Eu vi o suficiente da vida, vivi o suficiente para saber que não era assim.

Não que qualquer atração fosse importante, já que nenhum de nós poderia agir de acordo. O desejo era natural, mas isso não significava que tínhamos que ceder a isso. Isso não significava que jamais poderíamos.

Ela estava bem a caminho de me odiar antes que eu deixasse meu pior julgamento atrapalhar. Precisava deixar ela me odiar. Muito. Ela precisava me desprezar ou então acabaria com isso. Ela precisava me odiar para esse casamento funcionar.

Aqueles olhos verdes fundidos dela se estreitaram ainda mais para mim. “Não antes que eu faça *coisas* com você. Como ajeitar suas bolas em seu estômago.”

Boa. Ela estava de volta ao começo. Estava de volta a me odiar.

CAPÍTULO 5

Nina

Em que eu tinha me metido?

Não que isso realmente importasse porque, não era como se eu pudesse sair dessa. Consequências de ter um fluxo de dívidas e pouco ou nenhum fluxo de caixa.

Maximilian Hans Xavier Sturm. Eu acabei de conhecer o idiota arrogante, tivemos um total de uma conversa que incluía palavras reais verbalizadas em vez da versão digitada, e já o conhecia melhor do que conhecia a maioria das pessoas.

Esse foi o resultado de ler uma maldita bíblia de todas as coisas, Max.

No final da nossa "reunião" na noite passada, ele me deixou com uma pasta do tamanho do meu antigo livro de cálculo do ensino médio. Dentro havia páginas de perguntas e respostas — basicamente uma biografia — dos primeiros vinte e nove anos da vida de Max. Ele passou por de tudo.

Tudo.

Eu nunca conheci detalhes tão íntimos sobre outra pessoa. Nem mesmo a minha avó, a pessoa com quem estive mais próxima em toda a minha vida.

Entendi o ponto, mas ainda parecia uma invasão gigantesca de privacidade. Como se estivesse sentada atrás de um espelho unidirecional e observando a vida de outra pessoa.

Eu agora sabia de que país ele era originalmente — Alemanha — o que ele fazia para viver — ele era um operador de mercado... O que quer que fosse, e quase tudo mais. Ele cresceu na Baviera com seus pais, Hans e Anya Sturm, e tinha um irmão mais novo. Foi para a escola particular, era o melhor da turma e era capitão do time de hóquei e natação (o que sem dúvida havia exacerbado sua arrogância, se não fosse a raiz), estudou negócios com um visto de estudante em não uma, nem duas, mas três escolas da Ivy League aqui nos Estados Unidos, antes de se formar doutor aos vinte e quatro anos. Então o buraco arrogante também era um superastro.

Impressionante. Apenas fodidamente incrível.

Página após página continuei, até que virei para a última seção... O que me fez rapidamente fechar a pasta. Havia algo como muita informação, e ele cruzou quando listou seu primeiro encontro sexual com sua ex-babá na idade madura de quinze anos. Eu não podia decidir se estava enjoada ou chocada com aquele fato.

Fiquei acordada a maior parte da noite passada folheando a Enciclopédia Maximiliana — exceto pela parte final que eu dividia com uma fita vermelha imaginária — então não sabia por que a trouxera para o trabalho comigo esta noite. Disse a mim mesma que era para que pudesse memorizar o máximo possível desse material. Quando tivéssemos que nos sentar diante do conselho de revisão antes de receber seu green card, nossas histórias precisavam ser tão a prova de agua quanto a bunda de um sapo. Embora isso não me preocupasse.

Isso tinha mais a ver com o quão fascinante eu achei sua vida. Quão incrível, achei que ele não tinha trinta e tinha vivido uma vida tão plena como havia. Como já havia visitado todos os sete continentes, apertou a mão de três ganhadores do Prêmio Nobel da Paz, publicou um livro sobre comércio de commodities e assistiu Shakespeare no Parque todos os verões desde que ele veio para os Estados Unidos.

Claro, eu era seis anos mais nova, mas mesmo que ligasse os turbo boosters e tivesse um fluxo infinito de dinheiro

à minha disposição, teria sorte de conseguir um décimo do que ele tinha com a idade dele.

Ler sobre sua vida — suas realizações — fez minha vida parecer pequena e insignificante. Eu não tinha vergonha da minha vida nem nada, apenas meio deprimida que isso equivalia a pouco, depois de trabalhar tanto. Percebendo como as pessoas poderiam exercer a mesma quantidade de esforço e comprometimento e sair com dois resultados totalmente diferentes, era preocupante.

Uma batida na porta do The Busy Bean me fez pular, tanto que derrubei a xícara de café que estava tomando, despejando sobre a história de vida de Max, o Grande.

Alcancei automaticamente o bastão, que o dono mantinha apoiado no canto para esse tipo de situação, também conhecido como vagabundo, cabeça de metanfetamina ou bandido, que tentava ganhar cem dólares a mais. Esta parte de Portland não era conhecida por suas baixas taxas de criminalidade. Isso e a programação de vinte e quatro horas por dia equivale a uma taxa de assalto maior do que a média.

“Hey, fräulein. Abra a maldita porta já”, uma voz familiar gritou seguida de outro soco.

Eu deixei o bastão onde estava e engoli meu coração de volta ao meu peito. Estava trabalhando no turno da noite há alguns meses, quando um garoto em um Oldsmobile antigo andou até a janela e exigiu todo o dinheiro do caixa. Ele disse que tinha uma arma, mas nunca vi. Ele provavelmente não tinha, mas não ia chamar seu blefe de mais de quarenta e um dólares.

“Sabe, depois do câncer, a doença cardíaca é a principal causa de morte em mulheres”, eu disse depois de destrancar a porta barata e abri-la. “Obrigada por garantir que vou acabar nessa estatística um dia.”

Kate enrugou os lábios rosados para mim antes de entrar. “Obrigada por não atender ao seu telefone quando eu liguei cinquenta mil vezes hoje.”

Tranquei a porta e peguei uma toalha para limpar o café derramado no chão. “Desculpa. É difícil atender um telefone que foi desligado devido a falta de pagamento.”

Kate já estava vasculhando a geladeira, procurando ingredientes para fazer seu drink de pêssego com refrigerante italiano. “Essas lesmas corporativas. Sempre pensando em si primeiro. Mais ou menos como todos os homens que eu namorei. Claro, nós vamos te dar isso, se você nos der isso primeiro.” Kate bateu a porta da geladeira e fez uma careta. “Você sabe que estou sempre aqui quando estiver pronta para pedir ajuda. Eu posso não fazer o tipo de banco que o futuro Sr. Nina Burton faz, mas faço o suficiente para manter o telefone de uma garota ligado.”

Eu limpei o café no balcão antes de me ajoelhar ao lado da bagunça no chão. “Obrigada, mas não. Além disso, além dos cobradores, você é a única que me liga e eu te vejo quase todos os dias de qualquer maneira.”

“Sem mencionar que você estará recebendo a ligação em breve.” Kate olhou para mim enquanto colocava uma bola de gelo no maior copo que vendíamos. “Vai receber o dinheiro?”

Eu me concentrei em deixar a última gota limpa. “Sim.”

“De novo, como isso vai funcionar? Quinhentos mil agora, e quinhentos depois?”

Levantei-me e joguei a toalha suja no cesto. “A primeira metade no dia do nosso casamento. A segunda metade no dia em que ele tiver seu green card aprovado.”

“Nada até você trocar votos? Realmente?” Ela despejou uma dose de xarope de pêssego sobre o gelo. “Ele não pode nem te dar cinquenta mil depois do primeiro encontro ou algo assim? Talvez depois da primeira boa foda?”

“Kate...” Eu peguei uma toalha limpa da pilha e joguei na parte de trás de sua cabeça.

“O que? É verdade. Homens escrevem cheques com seus paus, não com as mãos. Lembre-se disso.”

“Isso não faz parte do nosso acordo. Nós dois concordamos com isso.”

“Sim? E por quanto tempo vocês dois terão que ser exclusivos para tornar essa coisa convincente para o governo federal?” Ela derramou metade de água com gás no copo, então deu uma rápida mexida.

Dei de ombros. “Alguns anos.”

Ela colocou a tampa e enfiou um canudo através dele. “E sem sexo?”

Eu verifiquei as janelas apenas para ter certeza que um cliente não estava esperando. “Não.”

Ela revirou os olhos. “Ele está esperando por sexo.”

“Não, ele não está.”

“Sim, ele está”, ela argumentou antes de tomar um gole de sua bebida.

“Ele nunca disse isso.” Olhei para a pasta. Sem sexo. Eu tinha certeza disso. Eu verifiquei quatro vezes.

Kate ergueu os olhos para o teto novamente. “Não, o milhão do solteiro disse isso.”

Disse? Não, não disse. O milhão disse: “Case comigo para que eu possa legalmente me safar de um crime.”

“Bem, não vou fazer sexo com ele.” Eu cruzei os braços.

“Por que não? Inferno, pagaria um milhão de dólares para fazer sexo com ele. Sabe, se eu tivesse esse quantia de dinheiro por aí.” Sua sobrancelha se ergueu, e ela ficou com aquele olhar distante que significava que estava tendo outra fantasia suja bem na minha frente.

Outra toalha voou para o rosto dela. “Kate.”

“O quê?” Ela mastigou a ponta do canudo. “Você sabe que ele é tão bem dotado como uma maldita baleia.”

Ela mencionar essa parte do seu corpo me fez pensar sobre essa parte do seu corpo... O que fez meu estômago sentir algo que não deveria. “Eh, não, não sei.” Eu enrolei meu nariz e tentei estremecer. Fraca tentativa da minha parte. “Com aquelas enormes mãos e pés, ele provavelmente é tão bem dotado quanto um hamster.”

Kate bufou. “Você é sem noção.”

“Sim, e eu gostaria de permanecer sem noção quando se trata dessa parte de sua anatomia, então saia. Eu tenho uma bagunça de lição de casa para completar.” Acenei para a outra pasta grossa e mordi meu lábio. Claro, havia milhares de páginas de perguntas e amplos espaços para eu responder, mas só precisaria de uma página para listar minha história de vida inteira de vinte e três anos.

“Até onde você chegou?” Antes que eu pudesse fazer a interceptação, Kate se lançou na direção da pasta e a abriu. “Até onde você *não* chegou?” Ela folheou as páginas quase vazias.

“Eu sei. Só... fiquei paralisada toda vez que tentei preencher uma pergunta estúpida.” Olhei para as páginas vazias como se elas fossem o inimigo, ao invés de eu e minha existência patética. “Você lê o dele e é como se estivesse lendo o roteiro de algum futuro filme vencedor do Oscar, então compara como o meu e leria...” Meus tênis rangeram no linóleo envelhecido quando me mexi. “E é algo que alguém leria se estivesse tentando dormir.”

Kate folheou as primeiras páginas da Bíblia de Max antes de se virar para mim. “E daí? Então você não escalou a Torre Eiffel com os dedos dos pés. Ou ganhou dinheiro suficiente para sustentar um pequeno país. Você tem sua própria história que é muito impressionante.”

As minhas sobrancelhas bateram no meu couro cabeludo. “Eu tenho vinte e três anos de idade com um diploma de ensino médio, caminho com cães durante o dia, trabalho em uma cafeteria frequentada por criminosos a noite, e no meu 'tempo livre' tiro fotos que não vendem.” Eu levantei os braços ao meu lado e fiz um giro lento. “Estou solteira, nadando em um oceano de contas e prestes a perder a casa da minha avó.”

Kate colocou sua bebida no balcão e apertou meu braço. “É a sua casa, Nina.”

“Sempre será a casa da vovó.” Chutei o linóleo.

“Você sabe que eu odeio quando você é derrotista comigo.” Kate pegou uma caneta no balcão e baixou para a primeira pergunta na primeira página. A parte sobre a família. “'Eu desisti dos meus sonhos para cuidar de uma pessoa que amava'. Edite isso.” Ela levantou o dedo indicador. “Você *temporariamente* colocou seus sonhos em espera para cuidar de uma pessoa que amava. Como isso é menos impressionante do que tudo isso?” Ela balançou as páginas de Max. “Ganhar dinheiro, arrancar metas de alguma lista de verificação, ganhar prêmios... Quem dá a mínima? No final do dia, todos nós queremos o que você tem, Nina Burton — um grande coração que não possui uma única batida egoísta.”

Eu sempre ficava desconfortável quando ela me pintava como uma Madre Teresa urbana moderna, então me esquivei do assunto. “Família.” Apunhalei meu dedo na primeira coisa listada. “Avó.” É tudo o que tenho para preencher. Mãe seria uma mentira, pai seria um palpite e irmãos e irmãs? Provavelmente, mas Deus sabe que jamais vou conhecê-los.

Kate levantou a caneta e bateu a ponta na minha testa. “Você teve um relacionamento real com sua avó. A maioria das pessoas nunca tem isso. Nem uma vez. Ter uma pessoa que te ame e possa apoiar, isso vale mais do um milhão de pessoas que alegam amar você, mas fracassam quando são testadas.”

Eu me movi em direção às páginas vazias esperando por mim para preenchê-las. “Eu sei disso. Não tenho vergonha da minha vida. Não me arrependo de nada. Não trocaria um único dia com a vovó por todo o dinheiro do mundo... Apenas me sinto meio presa, sabe? Vovó se foi agora, mas não consigo descobrir o que quero fazer da minha vida. Alguns dias sinto que vou acordar e descobrir que tenho 50 anos e ainda estou trabalhando aqui, e comendo sopa enlatada enquanto estou sentada sozinha em frente a uma televisão.” Peguei outra toalha para limpar a máquina de café expresso, como uma distração.

Eu não dei a maioria das pessoas a chance de chegar perto o suficiente para conhecer a verdadeira eu — a pessoa que escondeu o medo por trás da força. Deixei Kate passar pelo portão o suficiente para que soubesse.

“Eu não posso imaginar um momento melhor para ficar ‘descolada’ do que com um estrangeiro rico e quente que está lhe pagando um monte de dinheiro para quebrar a lei com ele.”

A maneira como ela disse isso com tanta naturalidade me fez sorrir. “É definitivamente um novo começo.”

Ela me cutucou com o cotovelo. “Definitivamente.”

CAPÍTULO 6

Nina

Foi o primeiro encontro em que estive em muito tempo. Foi o primeiro encontro "falso" em que já estive. Isso tinha que ser a razão pela qual meu estômago estava embrulhado enquanto subia no elevador até o último andar do hotel onde o encontraria.

Para o jantar. *Apenas* jantar.

Depois da nossa reunião inicial na semana passada, havíamos concordado em um dia, lugar e horário para tirar esse primeiro encontro da lista de afazeres do relacionamento. Muito parecido com semana passada, em outro hotel um pouco menos luxuoso, eu recebi olhares desde o momento que entrei no saguão. Como quando a pessoa se sente em um sonho quando aparece nua na escola.

Eu não me encaixava na elite social. Nunca encaixaria. Nunca me misturaria com os ricos ou falaria besteiras com a alta sociedade.

E eu não dava a mínima.

As pessoas nesta classe da sociedade se comportavam como se dinheiro, fosse seu passaporte ditando como experimentar a vida. Eles agiam como se qualquer coisa pudesse ser comprada, junto com eles mesmos. Isso virou meu estômago... Direto até que eu parei em frente a recepcionista e

lembrei porque estava lá. Estava me casando com um homem por um milhão de dólares.

Eu girei o dedo do julgamento para mim mesma.

“Max Sturm”, disse à recepcionista, adivinhando que ele já estava lá, já que estava quinze minutos atrasada. Uma pessoa como Max não se atrasa em nada na vida.

A garota não precisou consultar a folha na frente dela. “Sr. Sturm, sim.” Ela me levou para a sala de jantar, enquanto evitei murmurar sobre a parte do *Senhor*.

Era o horário do jantar, e o restaurante estava cheio. Não havia uma mesa vazia, e pela espera na frente, duvidei que haveria por um tempo. Eu praticamente tive que correr para acompanhar a recepcionista. O crepúsculo pairava do lado de fora, e quando nos aproximamos das janelas que se estendiam ao redor do perímetro do restaurante, apreciei a vista.

Portland estava banhada em cores, o grande rio Willamette parecia que estava cheio de diamantes em vez de água, graças à iluminação. Só a visão valia o preço.

Ainda correndo para acompanhar este restaurante que não terminava, continuei admirando a vista. O que saiu pela culatra quando continuei andando rapidamente, mesmo depois que a recepcionista parou. Quando bati nela, fiz um barulho que era mais animal que humano.

“Desculpe”, disse, percebendo um momento depois que paramos em frente a uma mesa com janela onde alguém estava esperando.

Ele estava olhando para mim da mesma maneira novamente — lutando contra aquele maldito sorriso. Já que eu bati na traseira da recepcionista na frente de um restaurante cheio de pessoas, o sorriso era garantido.

“Hei”, o cumprimentei quando a anfitriã deslizou a cadeira vazia para mim.

“Olá, Nina.”

Eu deslizei a bolsa do ombro e a coloquei no chão ao lado da cadeira, tentando me livrar dos calafrios que senti caindo pela minha espinha pela maneira como ele disse meu nome. “Desculpe, estou atrasada.”

Eu levei a cadeira para mais perto da mesa e não sabia para onde olhar. Ele obviamente não tinha escrúpulos em encarar uma pessoa nos olhos. Normalmente eu também não, mas por alguma razão, esta noite achei difícil manter contato visual.

Especialmente quando a pessoa que eu deveria estar fazendo contato visual era ele. Um rosto destinado a ser adorado, um corpo destinado a pecar, um sorriso que nasceu diretamente das profundezas do inferno. Meu futuro marido. *Essa* pessoa.

Ele se inclinou sobre a mesa como se quisesse me contar um segredo. “Se este fosse um encontro real, poderia realmente ficar ofendido.”

“Mas você não está? Já que este não é?”

Seus olhos caíram para minha boca, então ele se recostou na cadeira. “Não desta vez, mas por favor, tente manter em mente que respeito o seu tempo, e espero que você faça o mesmo comigo.”

Ele estava me dizendo para não se atrasar de novo? Dando-me ordens?

Eu sabia que tinha um problema sério com esse tipo de coisa, então respirei profundamente e me acalmei. Ele estava dizendo que respeitava o meu tempo, e tinha sido o único pontual aqui. Ele estava dizendo que esperava que eu fizesse o mesmo, o que não era pedir muito.

Mais uma respiração profunda e a feminista furiosa dentro de mim acalmou sua merda.

“Eu deveria estar aqui a tempo, mas o transporte público tinha outros planos.” Peguei meu copo de água e tomei um

pouco. Estava com sede de correr do ponto de ônibus para o hotel.

“Você usa o transporte público? Como ônibus?”

A maneira como ele disse isso, como se fosse uma doença incurável, me fez sorrir. “Como ônibus, metrô e até mesmo nos bondes bacanas de vez em quando.”

“Isso não é seguro. Nesta cidade. Para uma mulher. A esta hora.” Max fez um gesto para fora da janela para o céu escuro, como se a cidade estivesse cheia de bandidos e ladrões apenas esperando para atacar os inocentes depois do anoitecer. “Eu não sabia que era assim que você viria. Vou cuidar disso.”

“Na verdade, nada precisa ser 'cuidado', e a razão pela qual você não sabia que sou fã de transporte público é porque não tem isso.” Eu peguei minha bolsa para pegar a Bíblia de Nina que finalmente consegui terminar a noite passada com a ajuda de algumas doses de vodca. Minha história de vida não parecia tão deprimente quando estava mergulhada em Smirnoff.

Quando segurei a pasta para ele, Max me estudou por um minuto. Em metade dos seus olhares parecia que podia ver através de mim, e na outra metade parecia que ele estava tentando me entender. Este era um dos últimos olhares.

“Terminou?” Ele perguntou, pegando a pasta. Ele colocou na mesa na frente dele em vez de enfiar em alguma pasta de chave e fechadura como imaginava que ele faria, dada a nossa situação.

Eu assenti. “Terminei.”

Bem, basicamente. A última parte permaneceu em branco porque nenhuma quantidade de vodca poderia me tornar corajosa o suficiente para preencher essas questões.

“Bom.” Ele pegou algo ao lado de sua cadeira e puxou outra pasta. Esta era verde em vez de azul e não era tão grossa,

mas ainda assim. *Outra*? Nunca pensei que cometer um crime federal daria tanto trabalho. “Fiz um cronograma para seguirmos. Quando tiver uma chance, por favor, revise as datas e me avise se tiver algum conflito com os horários.”

Me vi olhando ao redor do restaurante, quase como se estivesse esperando que alguns agentes do FBI saíssem de seus assentos e nos levassem algemados. Mas ninguém estava olhando. Ninguém se importava com o que estava dentro das pastas que estávamos trocando durante o jantar. Eu me perguntei se alguém saberia o que havia dentro delas.

“É importante que documentemos nosso relacionamento à medida que ele progride, por isso, se ainda não o fez, abra uma ou duas contas de mídia social para que seus amigos e familiares não fiquem chocados quando anunciar que vai se casar.” Ele tirou outra coisa da pasta de presentes. “Vou fazer o mesmo para que minha família e amigos não fiquem surpresos com isso também.”

Ele colocou uma caixa branca retangular na minha frente. Tinha uma foto de um telefone — uma daquelas novas elegantes e gigantes.

“Tomei a liberdade de comprar um novo telefone para você, pois notei que o seu atual é antigo...” Ele deve ter notado a advertência em minha expressão. “Olha essa droga é da época pré-telefônica.”

Sua cabeça virou para olhar pela janela, mas não perdi o sorriso tentando se formar.

“Obrigada, mas não posso aceitar.”

Antes que eu pudesse continuar, ele levantou a mão. “Antes de você chegar longe demais, antecipei sua falta de aceitação e estou preparado com uma solução favorável.”

Ele fez uma pausa apenas o tempo suficiente para me deixar dizer algo, mas fiquei quieta. Ele estava certo — meu telefone mal conseguia atender uma ligação, quanto mais tirar

uma foto. Sem mencionar que o telefone estava em hibernação indefinida.

"Poderia deduzir o custo do telefone do que estou pagando a você. Se preferir essa opção." Ele não olhou ao redor da sala como eu fiz. Ele parecia tão à vontade com esse arranjo. Tão despreocupado que isso poderia explodir em nossos rostos. "O seu silêncio é um sinal de sua concordância, desacordo ou indecisão?"

Eu olhei para o telefone, pensando. Ele estava certo em documentar nosso relacionamento na forma de fotos e postagens de mídia social. Não que tivesse alguma, mas poderia criar um facilmente. Os amigos e a parte da família seriam um obstáculo diferente.

Eu já tinha concordado em me casar com ele por dinheiro — o que era aceitar um telefone em comparação?

"Você vai deduzir do valor total?" Perguntei.

"Até o último centavo, se isso te faz feliz." Seu tom era brincalhão.

"Feito", disse antes de deslizar o telefone na minha bolsa. Com a troca de pastas e agora com um novo telefone, provavelmente parecíamos um par de espiões internacionais para qualquer um que estivesse nos observando. Mas ninguém parecia estar olhando de qualquer maneira.

"A propósito..." Seus olhos me circundaram. "Bonito vestido."

Eu olhei de relance para o vestido que tinha escolhido naquela noite. Era outro antigo da época da escola que mal estava na moda naquela época. Era praticamente o oposto do vestido que tinha sido entregue na minha porta hoje cedo. O vestido sozinho provavelmente custara tanto quanto meu orçamento semanal de compras.

“Sim, devolvi aquele lindo que me enviou e consegui pagar as contas de eletricidade e água dos últimos três meses, então obrigada.” Passei as mãos pelo vestido antigo. “Amo isso.”

“Que bom que encontrou um bom uso para isso.”

Recostei-me no assento quando um garçom se aproximou e acendeu a vela na mesa. “Eu também.”

Nunca tinha entrado na loja de onde o vestido tinha vindo, pensei que os guardas de segurança iam me jogar para fora quando me viram passar pelas portas de vidro. Segurei a caixa do vestido como se fosse meu convite antes de ir para o caixa. Quando descobri quanto custou o vestido, dei um assobio baixo e prontamente coloquei o dinheiro na carteira para pagar a empresa de serviços públicos Foi bom ter essas contas fora de minhas mãos. Pelo menos por este mês.

“O dinheiro é um problema agora, Nina?”

Tomei outro gole de água. “O dinheiro é sempre um problema, Max. Essa é a situação da classe média baixa.”

Ele ficou quieto por um minuto, e eu estava começando a me arrepender de trazer toda a troca de um vestido caro para pagar contas de serviços públicos em atraso quando ele se mexeu na cadeira. “Se for útil, poderíamos rever as condições de pagamento do nosso contrato. Talvez receba uma parte antes do planejado.”

Eu balancei a cabeça. “Não. Nós temos um acordo.”

“Sim nós temos. Um que pode ser facilmente alterado.”

Eu olhei nos olhos dele. “Nós temos um acordo.”

Ele queria dizer mais. Eu percebi. Mas não fez. Talvez fosse porque sabia que eu não iria mudar de ideia. Era estranho como nós parecíamos nos conhecer depois de nos encontrarmos. Talvez esse fosse o benefício de abordar um relacionamento a partir de uma posição de razão em vez de emoção.

Quando o garçom se aproximou da mesa novamente para anotar nosso pedido, dei uma olhada para Max enquanto estava distraído. Ele estava em outro terno azul escuro, completo com um colete e camisa de botão branca. Seu rosto não mostrava uma sugestão de sombra, como se tivesse acabado de se barbear, e seus olhos eram brilhantes, como se noites sem dormir não fossem frequentes, como eram as minhas.

Ele era fácil de olhar — bonito de tal maneira que era difícil olhar para longe. Ele sorria com facilidade, parecia à vontade em qualquer situação, e senti que possuía uma marca de lealdade que era rara neste mundo. Podia sentir o que li em sua biografia, assim como o que li nas entrelinhas.

Eu não sabia por que senti uma atração por ele, mas senti. Aceitei isso. Mas só porque aceitei que estava atraída pelo homem com quem havia concordado em me casar, não significava que precisava agir de acordo. Na verdade, nunca fui tão inflexível em não agir em nada na minha vida.

Não me importava se todo o meu corpo parecia estar prestes a rasgar a tensão, eu não iria agir de acordo com essa atração. Nunca.

Ajudou ter certeza de que ele não estava de forma alguma atraído por mim. Nada como a dura realidade para trazer uma menina de volta aos seus sentidos.

“Desculpe-me?” Chamei quando o garçom se virou para sair.

“Sim, senhora?” Ele se virou e esperou.

“Eu não pedi ainda.” *Porque estava muito ocupada verificando o meu futuro marido.*

“Pedi para você. Pedi o especial para você e para mim”, disse Max.

Senti meus olhos se estreitarem, mas não os apontei para ele. Ele provavelmente iria gostar. “Não quero o especial”, disse

ao garçom. “Gostaria de pedir o...” Não olhei para o menu. Não tinha visto um. O que um lugar como este serve? O que realmente iria comer? O que poderia pronunciar sem soar como uma caipira?

O garçom esperou pacientemente por mim.

Max nem tanto. “Vá de especial. Você vai gostar, confie em mim.”

Desta vez, apontei aquele olhar em sua direção. “Eu vou comer o hambúrguer”, eu disse ao garçom. “Por favor.”

“O hambúrguer?” Ele parecia perplexo.

Na minha frente, Max estava lutando contra outro daqueles malditos sorrisos irritantes. Idiota arrogante.

“Não temos hambúrguer no cardápio, madame...”

Enquanto o garçom se esforçava para encontrar o caminho certo para não me irritar, Max levantou a mão. “Converse com Jean-Luc. Diga-lhe que o convidado de Max Sturm gostaria de pedir um hambúrguer.” Quando ele disse isso, o sorriso de Max foi mais alto. “Tenho certeza que ele será capaz de descobrir alguma coisa.”

O garçom olhou entre nós dois, ainda confuso, antes de concordar e sair correndo.

“Então o nome Max Sturm carrega muita influência na alta sociedade?”

Ele inclinou a mão para trás e para frente. “O suficiente para encomendar um hambúrguer especial, pelo menos.”

“Inacreditável”, disse em voz baixa enquanto dobrava o guardanapo no meu colo.

“Você nem sabe o que é o especial.”

Eu balancei a cabeça. “Não.”

“Então por que pediu outra coisa em vez de perguntar? Eu como aqui duas vezes por semana — sei o que é bom.” Max recostou-se na cadeira, ficando confortável.

“Porque era 'especial' ter feito o pedido sozinha e não ter alguém pedindo para mim.” Ergui uma sobrancelha e esperei por sua refutação.

“Você é obstinadamente independente.”

“Bom, você vai descobrir isso mais cedo ou mais tarde. Isso fará o nosso relacionamento falso muito mais autêntico.” Quando molhei os lábios, seus olhos caíram para minha boca. Uma expressão que parecia quase dolorosa se formou.

“Sua independência.” Ele olhou para a minha boca mais um segundo antes de desviar o olhar para fora da janela novamente. “É por escolha ou circunstância?”

Eu me esforcei para não me mexer na minha cadeira. “Ambos.”

Ele suspirou alto o suficiente para eu ouvir. Obviamente, não estava acostumado a pessoas que respondiam às suas perguntas sondadoras com respostas vagas. “Deixe-me reformular — como começou? Por escolha ou circunstância?”

Suspirando, respondi: “Circunstância.”

Eu estava me preparando para ele investigar mais esse caminho desagradável quando limpou a garganta. “Você tem alguma dúvida sobre qualquer coisa que leu no meu arquivo?”

Eu me concentrei na vela cintilante entre nós. Nos últimos cinco dias, li seu arquivo várias vezes. Eu reli certas partes tantas vezes que elas foram memorizadas. Eu tinha um milhão de perguntas para ele. Cem questões para cada uma delas.

Em vez de enumerá-las uma a uma, fui com o mais urgente e relevante para nossa situação. “Por que você está tão desesperado para obter um green card?” Meus olhos se

estreitaram na chama dançante. “Sua família, sua casa na Alemanha... Tudo parece idílico.”

“Eu amo minha família e amo a Alemanha, mas aqui, isto é a minha casa.” Max fez um gesto para fora da janela para a cidade escura de Portland. “Eu sabia desde a primeira vez que visitei com minha família, no verão em que tinha quinze anos. Nasci e cresci a meio mundo de distância, mas quando pisei na América, foi como se finalmente tivesse voltado para casa.” Ele ainda estava olhando pela janela quando se inclinou para mais perto. “Você não faria qualquer coisa para ficar no lugar que chama de lar?”

Eu não tive que pensar sobre essa questão. Minha resposta para isso era a razão pela qual estava sentada em frente a ele. “Faria”, disse, inclinando-me sobre a mesa como ele estava. “Eu até me casaria com um estranho.”

CAPÍTULO 7

Max

Era estranho, sentar em frente da mulher com quem ia casar. Era estranho saber que passaria os próximos anos com essa pessoa que eu conhecia muito pouco.

Nina era a candidata perfeita para isso e a pior. Perfeita por ser fácil de estar ao redor, não se intimidada comigo e incorporava comprometimento e dedicação em uma idade em que ambos estavam em escassa oferta. Ela era a pior candidata para isso porque, por mais que tentasse, sentia algum nível de atração por ela.

Atração não era um conceito novo para mim — desejo: eu era intimo com ele — mas isso era diferente. Eu nunca senti isso antes, então não tinha um nome para isso, nada para comparar, e nenhuma maneira de saber onde isso levaria.

Eu esperava uma eventual amizade com a mulher com quem me casaria, uma que se originasse de respeito mútuo e dedicação ao plano. Pude ver tudo isso em Nina. Foi o que vi além disso que me assustou.

A única mulher no mundo que estava fora dos limites para mim dessa maneira era ela, a mulher com quem eu contava tornar minha esposa. Não podia deixar emoções e sentimentos e todas aquelas outras coisas que afastavam as pessoas, pôr em perigo o nosso arranjo. Nina estava, para todos os efeitos, fora dos limites.

Nós vamos nos casar — esse era o plano. Desejo, atração e amor não faziam parte desse plano.

Do outro lado da mesa, Nina estava me observando, esperando. A luz piscando da vela a estava iluminando, fazendo seus olhos verdes brilharem e seu cabelo parecer estar em chamas. Ela sabia que eu a estava olhando. Onde os outros teriam desviado o seu olhar momentos atrás, ela continuava olhando de volta.

"Já que você conhece a história da minha vida, me diga um pouco sobre a sua", perguntei, deixando meu olhar mudar primeiro. O dela permaneceu em mim, ainda inflexível. Eu pude sentir isso.

"Está tudo na pasta que acabei de lhe dar", ela respondeu.

"A pasta que não tive a chance de abrir ainda? Me divirta."

Ela se inclinou na mesa. "Estou casando com você por dinheiro. Quanto mais humor você precisa?"

Deus, eu estava sorrindo de novo. Eu não era uma pessoa sorridente, mas não conseguia me controlar em torno dessa garota. "Quais são seus hobbies? Interesses? Qual é a sua profissão? Nada muito pessoal, viu?" Eu acenei entre ela e eu. "Conversação. Você fala, eu ouço. Eu falo, você ouve. É legal."

Ela suspirou, lutando contra um sorriso próprio. "Eu gosto de tirar fotos. É mais um hobby do que uma carreira, mas quem sabe? Talvez um dia realmente venda uma foto e ganhe dinheiro suficiente para gastar com uma garrafa em vez de uma caixa de vinho."

Ela estava fazendo uma piada. Eu gostei de como já sabia disso. O estranho senso de humor. A cara séria que manteve quando falou isto.

"Falando de vinho..." Fiz contato visual com o garçom e levantei minha mão. Quando ele veio, quase quis pedir um

hambúrguer para mim só para ver o olhar de antes em seu rosto, quando Nina tinha pedido o dela. Impagável. “Intencionalmente independente? Por favor, peça o vinho para nós.”

Quando acenei para ela e esperei, ela quase pareceu atordoada. Peguei-a de surpresa.

“Eu quero algum... vinho branco”, ela ordenou, revirando os ombros para trás e colocando um rosto como se ela soubesse exatamente o que estava dizendo. O que não sabia.

“Que tipo de vinho branco, minha senhora?” O garçom perguntou, olhando para mim como se estivesse esperando eu intervir.

Eu levantei minhas mãos em resposta.

Nina limpou a garganta e endireitou-se. Deus, era como se mais insegura ela se tornava no interior, mais segura tentava parecer do lado de fora. “O tipo... bom.”

Eu tive que fingir uma tosse para não rir.

Nina lançou um olhar em minha direção. Ela provavelmente sabia exatamente o que eu estava disfarçando. O garçom parecia ainda mais perplexo que com a encomenda de hambúrguer, então, para ajudar todo mundo, entreguei-lhe o cardápio com capa de couro listando as garrafas de vinho. Nina escaneou por alguns segundos antes de apontar o dedo para um deles.

Não reconheci o nome dele, mas notei que era a garrafa mais barata no cardápio. Eu me perguntei se era por isso que ela pedira ou se era pura coincidência. A maioria das mulheres que levei para jantar pediu a garrafa mais cara listada porque podia e pagaria por ela.

Eu não sabia o que pensar de Nina — a mulher com quem ia me casar — pedir a garrafa mais barata no cardápio. Ela tinha feito isso para o benefício da minha conta bancária ou

porque simplesmente não queria gastar mais de cinquenta dólares em uma garrafa de vinho?

Eu não sabia e me vi querendo perguntar. Me vi querendo perguntar a ela tudo o que não conseguia encaixar porque podia ler as pessoas. A maioria das pessoas. Seus motivos eram fáceis. Suas escolhas previsíveis. Mas dela... de modo nenhum.

É claro que a mulher com quem eu me casaria era a única alma que não fui capaz de ler desde o começo.

O garçom já estava longe e ela ainda examinava a carta de vinhos. Seus olhos se arregalaram quanto mais longe da lista ela foi.

"Você é uma fotógrafa?" Perguntei, roubando outro momento para admirá-la quando não estava olhando.

"Fotógrafa é nomear generosamente. Sou mais uma entusiasta com uma câmera." Ela fechou o cardápio e o enfiou na borda da mesa.

"Mas você tem algumas fotos em exibição?"

Quando seus olhos se levantaram para os meus, ela me pegou olhando. Novamente. Em vez do brilho que estava acostumado, seus olhos se afastaram como se estivesse desconfortável. Eu estava fazendo ela ficar assim? O jeito que a estava olhando?

"Eu tenho algumas fotografias em exibição." Ela procurou na sala como se estivesse procurando por algo, mas pensei que poderia ter algo a ver com o jeito que ela tinha acabado de me pegar olhando.

"Em que galerias?" Eu me inclinei para trás no meu assento e dominei meu olhar.

"Nenhuma que você já tenha ouvido falar, tenho certeza."

Na verdade, provavelmente não teria ouvido falar de nenhuma das galerias da cidade. Eu não era o tipo de cara que

pagava quantias exorbitantes de dinheiro por uma pintura que alguém pegava uma pilha de esterco e amassava tudo em volta de um pedaço gigante de tela. Não comprava as coisas para possuí-las. Não comprava para impressionar as pessoas. Comprava as coisas porque as queria. Comprava o que gostava e tinha significado para mim.

Quando o pobre garçom retornou um minuto depois, ele não disse nada. Apenas abriu a garrafa, despejou um pouco em nossos copos e se afastou.

“Por que você não tem um sotaque?” Ela perguntou abruptamente, como se estivesse pesando em sua mente.

“Não tenho?”

Ela balançou a cabeça e pegou o copo de vinho. “Na verdade não. De vez em quando você desliza em uma palavra que começa com w, mas se não soubesse que nasceu na Alemanha, eu diria que cresceu aqui."

Toquei a haste da taça de vinho e rolei entre meus dedos. “Eu não sei o que está falando.”

Ela ergueu os olhos para o teto e tomou um gole do vinho. Era óbvio que não gostou. Mas não disse nada.

“Eu moro aqui em tempo integral desde os dezoito anos. Me considero mais americano do que alemão.” Quando tomei um gole do vinho, percebi por que ela não gostou disso. Tinha gosto de merda. “Eu suponho que meu sotaque seja o mesmo.”

Ela tomou outro gole de vinho e, desta vez, não demonstrou nenhum desgosto por ele. Era como se estivesse se preparando para isso. “Por que deixou seu visto expirar?”

Sabia que ela teria perguntas. Fiquei surpreso com o quão direta ela era com elas. Gostei disso — preferi. Programei o precedente para que, quando chegasse a minha vez de examinar sua pasta e fazer perguntas, ela esperasse ser tão próxima comigo quanto estou tentando ficar com ela.

“Porque este país é tanto o meu lar quanto o seu”, respondi.

“Não de acordo com o governo dos Estados Unidos.”

“Eu acho que, dado o nosso acordo, você pode descobrir o que penso sobre isso.”

Ela começou a sorrir, mergulhando os dedos no copo de água e tirando um pedaço de gelo. “Por que me escolheu? Você deve ter tido centenas de outras mulheres interessadas.” Ela colocou o pedaço de gelo em sua boca. Não era para ser nem um pouco sedutor, mas ela não tinha ideia do que estava fazendo comigo enquanto sugava lentamente aquele pedaço de água congelada.

Eu tive que me dar um banho de gelo mental antes que pudesse responder. “Na verdade, tive milhares.” Quando ouvi minha voz, limpei a garganta. Parecia muito baixo, muito parecido com o que eu soava no quarto.

“Por que eu?”

Me perguntei porque ela estava me perguntando isso. Curiosidade? Preocupação? Conversação? “Para começar, você mora aqui em Portland. Eu não queria que ninguém saísse de onde quer que estivesse e se mudasse para cá.”

“Ou, você sabe, poderia ter se mudado para onde quer que ela estivesse.” Ela mudou o gelo para o outro lado de sua boca, seus lábios brilhando com a umidade.

“Não, não deixaria Portland por outra pessoa. Relacionamento falso ou real.” Minhas palavras saíram mais afiadas do que eu pretendia.

“Alguma outra fabulosa, e totalmente altruísta razão pela qual eu fui a garota de sorte?”

O rosto de Nina permaneceu o mesmo, mas ouvi o sarcasmo em sua voz. Deus sabia que eu deveria ser capaz de identificá-lo, já que era principalmente o que ela usava comigo.

“Você conseguiu reunir um e-mail que indicava que não havia sida reprovada em inglês na quarta série, e não usou tantos emojis e acrônimos que eu senti que estava realmente me comunicando com o aluno da quarta série.”

Ela mordeu o gelo. “Sim, superei as expectativas e passei por um duodécimo na de inglês.”

“Eu poderia dizer. Embora possa adivinhar que você era grande em Inglês. Palpite errado?” Não sabia que estava tomando um gole do vinho antes de engoli-lo. Eu lutei com outro estremecimento e abaixei o copo. Estava muito distraído quando estava com ela. Muito fora da minha maldita mente.

“Achou errado.”

“O que você estudou?” Além de foder com a minha mente e rebentar minhas bolas?

“Nada.” Ela levantou os ombros, olhando pela janela sem realmente parecer ver nada. “Não fui para a faculdade.”

Eu estava surpreso. Ela parecia educada. Inteligente. Determinada. Não que uma pessoa tivesse que frequentar a faculdade para incorporar esses traços, mas ainda assim. “Por que não?”

Ela ficou em silêncio, depois abriu a boca, mas nada saiu. Em vez disso, selou seus lábios e pegou outro pedaço de gelo de seu copo antes de... caramba... ela chupar em sua boca. Na próxima vez, pediria água sem gelo. Eu já tinha um pouco de fascinação doentia com a boca dela — não precisava dela chupando algo a sessenta centímetros de mim.

“Nina?” Minha voz estava baixa novamente.

“Está tudo na enciclopédia que preenchi. Você pode ler mais sobre isso depois.”

Pelo olhar em seu rosto, queria pegar sua biografia e devorar cada palavra agora. Ela não foi para a faculdade, mas pelo efeito, podia ver que era algo do qual se arrependia. Talvez

se arrepender não fosse a palavra certa, mas em outra vida...ela teria.

O que a impediu de ir? Um cara? Deus sabia que entendia os sacrifícios que as pessoas faziam em nome do amor. Dinheiro? Poderia não saber a extensão de seus problemas financeiros, mas sabia que eles a estavam pressionando o suficiente para concordar em se casar com alguém por dinheiro.

De repente, tive uma necessidade profunda de saber tudo o que havia para saber sobre essa estranha mulher sentada na minha frente. Para conhecer cada lembrança que carregava. Para testemunhar cada experiência que a moldou e a transformou nesta criatura única que parecia a mulher mais forte que já conheci e, ao mesmo tempo, a mais frágil.

“Quaisquer outras razões pelas quais me escolheu? Além das noções românticas de localização e gramática?” Sua voz flutuou através da névoa em que estava perdido.

Sentir-se assim sobre ela não era o que planejara. Se eu soubesse que ela atrairia esses tipos de emoções profundamente enterradas de mim, nunca a teria escolhido. Escolheria alguém que vivia no lado oposto do país que falava com gírias de internet teria sido melhor.

Não podia *sentir* nada por ela. Não podia.

Isso levou a minha destruição antes. Não podia deixar desmoronar o que trabalhei tanto para construir.

Ela estava esperando, escorregando aquele pedaço de gelo em sua boca e olhando para mim como se não me odiasse tanto quanto no começo da noite.

Eu tinha que ter certeza que ela mantinha seus níveis de desprezo altos. Desde que eu parecia incapaz de ficar distante, tinha que garantir que ela positivamente me detestasse, então quando perdi a cabeça e me inclinei, ela se inclinou para longe. Então, quando chegasse a hora que não conseguiria

mais me conter, tudo o que ela veria seria um bastardo arrogante e egoísta.

Eu não queria apenas que ela me odiasse, precisava que me odiasse.

“Você parecia disponível”, disse, finalmente respondendo sua pergunta.

“Disponível?” Sua testa se enrugou.

“Sim, disponível”, continuei, trabalhando meu queixo. “Sempre que eu lhe mandava uma mensagem, você respondia imediatamente. Não parecia importar quão cedo ou quão tarde. Que dia da semana. Férias. Você sempre respondia rapidamente.”

No começo, ela digeriu o que acabei de dizer. Quando ela mordeu o pedaço de gelo, sabia que entendia. Seu rosto caiu por um momento, quase como se quisesse chorar, então se moveu para algo que estava acostumado a ver direcionado em meu caminho.

“Você me escolheu porque eu não tinha vida. É isso que está dizendo?” A raiva queimava em seus olhos. O desdém pulsava dela em ondas, mas eu achava que ainda podia ver se olhasse bem de perto — a tristeza que ela estava disfarçando.

Eu queria enfiar minha faca de manteiga nos meus olhos por fazê-la se sentir assim, mas era melhor assim. Era melhor se ela me mantivesse à distância.

“Você parecia que não tinha muitos compromissos, é o que estou dizendo”, disse. “Quanto menos compromissos você tivesse, mais poderia se comprometer com isso.”

Quando acenei entre nós, ela cruzou os braços e desviou o olhar. Com a escuridão entrando pelas janelas e o brilho suave da luz das velas brilhando entre nós, era difícil dizer, mas seus olhos pareciam diferentes agora. Como se ela estivesse prestes a chorar.

Merda. Foi exatamente por isso que quis manter as emoções fora da equação.

Eu queria dizer alguma coisa, embora não soubesse o que, então nossos jantares chegaram. Nina mal pareceu notar o prato que o garçom colocou na frente dela.

Eu precisava sair. Tive o suficiente por uma noite. Se ficasse mais tempo, machucá-la ainda mais era inevitável.

“Você tiraria uma foto de nós?” Tirei o telefone da minha jaqueta e segurei para o garçom.

Com o canto dos meus olhos, vi os olhos de Nina se estreitarem como se eu, de algum modo, a tivesse traído. Quando o garçom se afastou da mesa, levantando o telefone para nós, inclinei-me sobre a mesa um pouco. Nina ficou onde estava.

“Nós não queremos esquecer de 'documentar' nosso primeiro encontro.” Ela não parecia chateada, apenas meio que distante.

Eu deveria suspirar de alívio que estávamos de volta aos trilhos. Mas senti algo apertar no meu peito quando aquela remoção legal me atingiu.

Depois que o garçom tirou a foto e entregou meu telefone de volta, me levantei da cadeira.

“Eu tenho que ir”, disse a ela. Ela não olhou para mim. Isso foi uma coisa boa, disse a mim mesmo. “Tenho uma reunião.”

“Vá em frente.” Ela acenou em minha direção e dobrou o guardanapo no colo. “Eu não tenho outro lugar para estar, ninguém mais para ficar, então vou ficar e jantar sozinha. Aguardando a sua mensagem, então posso largar ‘nada’ para voltar para você. Sua garota a serviço. Esta sou eu.”

Eu dei a volta na mesa. Estava olhando para ela, mas sabia que não olharia para trás. Eu tinha feito o trabalho de

afastá-la e fiz bem. “Chamarei Ezra. Ele pode te levar para casa quando terminar.”

Sua mandíbula se apertou. “Está tudo bem. O ônibus funciona bem. Todas as horas também.”

O pensamento dela no ônibus, sozinha, à noite... Fez algo que pareceu um torno apertar meu pescoço. “Acho que não. Não gosto da ideia de você no ônibus.”

Não senti falta do jeito que as mãos dela se enrolaram no colo. “Por quê? Porque algum outro estrangeiro pode tentar me atrair para ganhar um green card?”

Medo de que alguém a leve para longe de mim, medo de que algo aconteça com você, medo de que se afaste de mim. Sim para todos esses. “Preciso que fique segura.”

“Por quê?”

Em vez de dizer a verdade, fui com o oposto. Fui com a mentira porque não era por isso que estávamos lá? Uma mentira. Uma falsidade. Uma decepção.

“Porque gosto de proteger meus investimentos.”

CAPÍTULO 8

Nina

De acordo com a linha do tempo aprovada de Max Sturm, chegou a hora do nosso segundo encontro. Desde que ele planejou o primeiro em um restaurante que não conseguia nem fazer um hambúrguer direito, eu escolheria hoje.

Depois que ele me dispensou no jantar, convidei Ezra para comer o jantar de Max. Uma cauda de lagosta daquele tamanho não deveria acabar em uma lixeira, além disso não queria comer sozinha. Fiz o suficiente disso em casa. Ele aceitou, embora com relutância, então me acompanhou para casa como Max havia instruído. No ônibus, como exigi.

Max estava me pagando para casar com ele, mas não havia dinheiro que pudesse me oferecer para me submeter a ele. Eu não seria mandada, instruída ou manipulada.

Jantar. Só de pensar nisso me fez encostar no banco do parque um pouco mais fundo. Que desastre. Tudo começou ótimo — ou bom, pelo menos. Parecia que poderíamos estar nos dando bem, o que era um bônus adicional, já que estaríamos passando muito tempo juntos nos próximos anos, mas então senti como se o tapete tivesse sido puxado de baixo de mim.

Ele passou de morno a frio. De aberto a distante. Do tipo com modos para desprezível. Eu não conhecia Max bem o suficiente para determinar quais desses traços ele incorporava

mais, mas não tinha certeza se ele me deixaria chegar perto o suficiente para descobrir isso.

O que foi uma coisa boa, disse a mim mesma. Eu não queria chegar perto demais. Não queria que ele chegasse perto demais. A distância era uma coisa muito boa em nossa situação. Afastamento era ainda melhor. Poderíamos ser amáveis um com o outro, mas teríamos que manter as paredes e as fronteiras desenhadas para que isso funcionasse.

Era uma tarde de sábado e, como o noroeste do Pacífico estava inclinado a fazer no outono, estava chuviscando. Talvez não fosse o melhor dia para um encontro ao ar livre, mas ao contrário do que Max pensava, eu tinha compromissos. Como meu trabalho diurno.

Consegui checar o novo telefone que Max comprou para mim e manter cinco coleiras ao mesmo tempo. Eu não tinha perdido uma ligação ou mensagem dele, mas ele estava atrasado. Me perguntei se essa era a sua maneira de me pagar por estar atrasada na semana passada. Provavelmente. Ele parecia o tipo que acreditava em retorno. Embora eu tivesse o transporte público para culpar meu atraso, Max não era do tipo de transporte público.

Com a ajuda de Kate, consegui abrir uma dessas contas tolas de mídia social. Já tinha doze amigos graciosos que, infelizmente, eram mais do que eu pensava que teria. Quando postei a foto de Max e eu no jantar — Kate adicionou um comentário — eu recebi uma infinidade de comentários variando de *Wow!* a *Caramba, garota.*

Quando olhei para a foto, vi uma relação de conveniência. Um homem que estava apenas suportando a mulher ao lado dele. Uma mulher que positivamente desprezava o homem sentado em frente a ela. Eu vi pelo que era.

Ninguém mais disse isso, embora. Imaginei que isso era uma coisa boa. Se os amigos já estivessem convencidos de que

éramos um casal, tinha esperança de que seria muito mais fácil convencer o governo federal.

Taco, o chihuahua com fogo do inferno no final de uma das coleiras, estava começando a fazer círculos ao redor de Tank, o cão dinamarquês. Se Max não aparecesse logo, eu teria que dispensá-lo em nosso segundo encontro, porque tentar segurar cinco cachorros quando era hora de sua caminhada era como trancar uma criança em uma loja de doces e dizer-lhe para não tocar.

Foi quando notei alguém descendo a calçada em minha direção. Apenas aquele maldito passo confiante sozinho, eu sabia que era ele. Max andava, movia-se, sentava-se e parecia que governava este planeta e o seguinte.

Era revoltante. Essa era a história que eu estava tentando vender para mim mesma.

Esperei até que ele estivesse a poucos passos antes de reconhecê-lo. Era uma tarde de sábado – chuvosa e fria — mas lá estava ele em seu terno de três peças e sapatos extravagantes como se acabasse de vir de uma importante reunião de negócios.

“Você dorme de terno também?” Eu disse, percebendo que ele não estava molhado. Isso poderia ter sido em parte devido ao guarda-chuva que estava segurando, mas era quase como se a chuva estivesse intimidada demais para se aproximar.

“Eu iria. Se dormisse.” Quando Max deu uma boa olhada em mim, esticada no banco, sua testa se uniu. “Se não recebeu o boletim meteorológico, está chovendo. Vai ser assim o dia todo.” Ele se moveu por trás do banco para deslizar seu guarda-chuva sobre mim, o que era meio encantador. Exceto que eu já estava encharcada, então não importava.

“É melhor você dar isso a esse terno caro o mesmo retorno antes que ele se torne bom e arruinado.” Eu me virei no banco para olhar de volta para ele. Os ombros de sua jaqueta já

estavam escurecendo da chuva. Assim como o cabelo dele, e o rosto e... Limpei minha garganta e me virei de volta.

Foi quando Taco pulou no meu colo para rosnar para Max.

Mantendo o guarda-chuva acima de mim, estendeu a mão para Taco cheirar. Ou morder. Quem sabia o que aquela pequena fera faria?

“Seu trabalho diário” disse Max, sem vacilar quando Taco beliscou o ar ao redor da mão de Max.

“Em toda a sua fama e glória.”

Max sorriu para o zoológico de cães emaranhados ao meu redor, Taco agora lambendo a sua mão como se fosse um picolé de carne. Aquele cachorro não gostava muito de mim ainda, e eu passei os últimos seis meses caminhando com ele trinta minutos, três vezes por semana.

“Então”, comecei, puxando meu novo telefone para que ele pudesse ver a hora. “Quem não está respeitando a hora de quem hoje?”

Ele não olhou para o telefone. Ele estava olhando para mim. “Você me disse doze e meia. São doze e meia.

“Não, lhe disse doze e quinze”, argumentei. Peguei o último cachorro aqui às doze e quinze. Por que eu teria dito a ele para me encontrar quinze minutos depois?

Então seu telefone, que combinava com o meu, exceto pela cor, apareceu na minha frente. Meu texto com a hora e o lugar estava na tela.

“Você me disse doze e meia.”

Bem, porcaria. “Oh”

“Eu respeito você, Nina. Tudo incluído. Seu tempo, suas opiniões, tudo isso.” Quando me levantei, Max veio ao redor do banco, pairando o guarda-chuva sobre mim.

“Você acabou de me conhecer. O que fiz para ganhar seu respeito?”

“Concordar em casar comigo.” Ele deu de ombros, afirmando isso tão prosaicamente. Não pensei em nada até que suas palavras tiveram a chance de se estabelecer e se espalhar.

Deus, eu me casaria com ele. O lembrete fez meu estômago se concentrar em si mesmo. Os próximos três anos da minha vida seriam compartilhados com Max. Nós trocaríamos votos. Alianças. E moraríamos juntos.

Nós nos divorciaríamos.

Foi nisso que me concentrei. A realidade em vez da fantasia.

“Boa ideia de segundo encontro.” Ele estendeu a mão para uma coleira, então dei a ele duas.

Ele era um cara grande, mas dei a ele os menores cães, Taco e Bruiser, o bulldog inglês. Eles eram os terrores sangrentos do bando, e eu poderia estar interessada em ver como ele se comportava com dois pequenos demônios arrastando-o pela calçada em perseguição a um skatista.

“Sim, desculpe-me. Não tenho muito tempo livre esta semana, então percebi que poderia multitarefar nosso encontro.” Eu olhei para ele quando começamos a descer a calçada, liderada por uma equipe de cinco cães. Seu terno estava molhado e ele estava segurando as correias de dois cães que nasceram no inferno. Seu encontro talvez não tivesse sido o meu tipo de coisa, mas tinha sido mais atencioso do que o meu. “Você se importa?”

Ele balançou sua cabeça. “É bom ter um pouco de ar fresco. Estou tão enfiado no meu escritório que esta é uma pausa bem-vinda.”

“Mesmo se você ficar uma poça ambulante no final disso?”

Os olhos de Max se moveram para o meu ombro mais distante dele. Ele se aproximou e ajustou o guarda-chuva, então eu estava totalmente protegida." Mesmo assim."

Mordi o lábio quando o inspecionei, gotas de água rolando pelo cabelo dele. "Realmente, estou bem. Se eu estivesse preocupada com a chuva, teria trazido meu próprio guarda-chuva."

"Sim, mas não estou bem com isso." Max se virou comigo quando virei a esquina. Milagrosamente, Taco e Bruiser estavam trotando como os cavalheiros perfeitos que nunca foram. "Além disso, que tipo de amante enamorado eu seria se alguém que conhecemos nos visse e não estivesse segurando meu guarda-chuva sobre você?"

Agora entendi. Eu deslizei de debaixo do guarda-chuva um pouco. "Então está fazendo isso como o show?"

Max se moveu comigo, o guarda-chuva pairando bem acima de mim. "Estou fazendo isso porque quero."

"Mas você acabou de dizer..."

Quando ele suspirou, não foi um daqueles curtos e sutis. "Você vai fazer isso o tempo todo? Analisar tudo o que faço e digo?"

Provavelmente. Essa era uma situação tão incomum, ainda mais estranha pelas coisas estranhas que sentia por ele. Às vezes queria bater na cara dele, e às vezes queria fazer outra coisa. Não gostava dele, tanto quanto gostava dele, mas essa não era a parte perturbadora — era o quão extremo cada sentimento era. Nunca senti muito mais do que apatia e desinteresse geral em torno de caras, mas não senti nada disso com Max.

Em vez de discutir sobre o guarda-chuva por mais tempo, olhei para ele pairando trinta centímetros acima de mim. Com o que quer que eles tenham alimentado meninos na Alemanha, o hormônio do crescimento deve ter sido espalhado em tudo. "Você é uma espécie de gigante, sabe disso?"

Ele sorriu, balançando a cabeça com a minha repentina mudança de conversa. “Você é meio que... um não gigante.” Ele pareceu editar sua resposta quando dei um olhar de advertência para ele.

Não era baixinha. Era perfeitamente dentro da média.

Nós andamos com os cães em silêncio por alguns minutos depois disso. Atravessar a rua principal nos colocou no longo trecho de caminhos que levavam ao longo do rio Willamette. A garoa tinha se tornado mais um banho e Max estava praticamente pingando água de todos os lugares agora. Não parecia incomodá-lo — ele ainda tinha esse nível, até expressão.

“Passei por sua biografia”, disse.

Queria saber quanto tempo demoraria até ele falar disso. “Você tem alguma pergunta?” Engoli, mantendo meus olhos para frente.

“Muitas. Mas a beleza de passar alguns anos juntos é que teremos bastante tempo para passar por elas.”

Fiquei aliviada por ele me encher com perguntas agora, mas parecia que as perguntas viriam. Eventualmente. Quase prefiro apenas tirá-las do caminho agora. “Bonita.”

“Deveria mencionar que houve uma seção que você esqueceu de...”

“Não me esqueci de fazer.” Corei internamente quando pensei em algumas das perguntas que deixei em branco. “Escolhi não fazer isso.”

“Por que não?”

“Porque é pessoal.”

As meias de Max deviam estar molhadas porque podia ouvi-las esguichando a cada passo que dava. “É *tudo* pessoal.”

“Extra pessoal.”

A mão de Max segurando o guarda-chuva caiu para o lado de fora do meu braço e gentilmente me deslocou para a beira do caminho. No começo, pensei que ele estava tentando me aproximar dele, mas então notei os ciclistas descendo a trilha na nossa frente. “Quando estiver sentada na frente do oficial da Imigração e Cidadania não é.”

“Ainda não.” Balancei a cabeça inflexivelmente. De jeito nenhum eu responderia essas perguntas para ele agora. “Eventualmente, mas ainda não.”

“Você não tem nada para se envergonhar. Não vou julgar.” Quando Taco deu uma latida para os ciclistas passando por nós, Max deu um estranho assobio e Taco calou a boca. Então, os humanos ao seu redor não apenas se comportavam como se ele fosse um Deus, os caninos também. “Pelo menos eu não vou, a menos que descubra que você tem algum tipo de fetiche estranho, e então vou julgar.” Ele me cutucou, sorrindo, mas mantive meus olhos para frente.

Ele estava me confundindo. Alguns dias atrás, no jantar, ele partiu com tanta pressa, e agora estava dizendo e fazendo coisas que eram quase... carinhosas. Atenciosas.

“Vou preencher”, prometi, estendendo um pouco mais o espaço entre nós. “Só não ainda.”

“Mas já sabe minhas respostas para todas essas perguntas.”

Meu estômago mergulhou. “Não, não sei. Não li.”

Ele parou por um segundo. Eu continuei me movendo.

“O que? Realmente?” ele perguntou enquanto se aproximava. “Foi a primeira parte que olhei quando abri a sua.”

Meus olhos se levantaram. “Claro que foi. Porque você é da espécie masculina.” Eu tentei engolir o calor que podia sentir subindo em minha garganta por pensar nele virando para aquela seção primeiro. Por que ele queria saber essas

respostas? O que esperava ler lá. O que pensaria quando descobrisse as respostas reais.

"Vamos." Max me cutucou de novo, e este senti um pouco dentro de mim. Como ele conseguiu passar pela caixa de ferro que nunca tirei, eu não sabia, mas não gostava disso... ao mesmo tempo, gostava. "Eu sou um cara que acabou de concordar em ser celibatário por três anos. Me dê algo. Qualquer coisa. Uma resposta."

Eu me peguei olhando para ele pelos cantos dos olhos. Seu terno estava colado a ele, insinuando um corpo... Não iria desperdiçar um maldito segundo fantasiando sobre isso. "Se está esperando que me sinta mal por você e seu celibato, não vai acontecer. Você é quem se inscreveu para isso."

O guarda-chuva de Max continuou a balançar acima de mim enquanto ele continuava a percorrer o caminho. Eu costumava manter um ritmo mais lento, mas a conversa estava me animando, e não queria ter nenhuma energia no final para dar a ele mais inspeções laterais ou pensar sobre como seu corpo se parecia sob as camadas úmidas de seu terno.

"Que tamanho é o seu dedo anelar?" Ele perguntou quando chegamos ao ponto de retorno. "Para o anel?"

Meu ritmo acelerou ainda mais, mas ele não teve dificuldade em acompanhar. Eu provavelmente poderia entrar em uma corrida e ele continuaria sem quebrar seu passo. Vantagens de ter o tamanho de alguém gerado por Zeus.

"Eu não sei", respondi.

Sua mão segurando as correias agarrou meu cotovelo e me puxou para parar. Não notei como estava ofegante até perceber que estava quase como os cachorros estavam.

A mão de Max se moveu para a minha esquerda, seus dedos deslizando ao longo do meu dedo anelar como se estivesse avaliando. Apesar de estar encharcada, a pele de Max

estava quente contra a minha. Não quente, mas morna. O tipo de calor que era acolhedor em vez de consumir.

Quando o dedo dele enrolou em volta do meu dedo, apertando em volta, senti um solavanco no meu braço. Eu prontamente percebi que ele usando um aperto muito forte.

“Sete”, ele disse, seu dedo girando lentamente antes de soltá-lo. “Talvez sete e um quarto. Gostaria de comprar o anel, então está acabado. Existe algum estilo ou corte que prefere?”

Quando sua mão se afastou da minha, eu ainda podia sentir o calor dela pulsando na minha mão. Minha cabeça parecia um pouco nebulosa, como se estivesse apenas acordando. O que diabos estava acontecendo? Por que me senti assim? O que estava acontecendo?

Eu nunca senti nada disso antes e não tinha certeza do porque estava sentindo agora, com um homem que estava me pagando para casar com ele. Deve ter sido a chuva, a caminhada dura, a falta de sono.

Meses de tensão e estresse finalmente me alcançaram e foi assim que se manifestou. Max não havia causado isso. Seu único dedo em volta de um dos meus não me fez sentir assim.

“Eu não sei o que quer dizer”, disse quando percebi que ele ainda estava esperando por uma resposta. Não conseguia nem lembrar a pergunta.

“Tem uma pedra que você gosta? Uma certa forma?” Max inclinou a cabeça para mim, algo que parecia preocupação estava em sua expressão. “Um diamante é a escolha óbvia, o corte redondo é o clássico , mas gostaria que tivesse algo de que gostasse.”

Alianças. Anéis de noivado. Droga. Estava me recuperando de um pequeno toque e agora ele estava jogando o tópico de anéis para mim. Eu não conseguia acompanhar, e os cachorros estavam começando a ficar nervosos só de pé aqui.

“Não me dê um diamante”, disse, começando a descer o caminho novamente. Max ao meu lado. “Me pegue um desses falsos. Não há necessidade de desperdiçar um monte de dinheiro em um anel real para um casamento falso.”

A mandíbula de Max estalou através de sua pele e ele apertou mais forte ao redor das correias. “Você vai ser minha esposa.” Seu tom era cortado. “Não importa a razão, não importa a duração, será minha esposa. Terá meu sobrenome. Não vou colocar um anel barato no seu dedo.”

Nós estávamos correndo de novo. Nesse ritmo, minha rota habitual de trinta minutos seria feita em quinze. “Na verdade, sou fã do hífen.”

A cabeça de Max se virou para mim. “O hífen?”

“Sim. Essa pequena coisa que me permite manter o meu nome e adicionar o seu a ele.” Dei de ombros. “O hífen.”

Suas sobrancelhas se uniram quando processou isso, então sua cabeça virou de um lado para o outro. “Não. Nenhum hífen.”

Minhas próprias sobrancelhas se uniram enquanto meu sangue aquecia. “Então não. Nenhuma esposa”, disse de volta.

Eu não estava pensando sobre a casa da vovó ou contas ou desespero naquele momento. Não, só estava pensando em não querer dar a este homem um centímetro a mais do que já estava pedindo. Ele já tinha feito eu concordar em casar. Não ia conseguir mais uma coisa, usar seu sobrenome incluído.

“Você vai deixar um pequeno hífen ficar no caminho de um milhão de dólares?” A arrogância em sua voz, o tom que dizia que ele era mais esperto, me fez sair de debaixo do seu guarda-chuva.

O bastardo se esquivou comigo. Toda vez até que trabalhei todos os cinco cães em um latido, saltando.

Eu desisti de me esquivar do guarda-chuva com um suspiro, mas não o motivo para me esquivar dele em primeiro

lugar. “Você vai deixar um pequeno hífen ficar no caminho do seu green card?”

Max deixou que isso ficasse entre nós por um minuto, continuando a percorrer o caminho, fazendo sons molhados e estridentes a cada passo. “Bem. Um hífen então.”

Meu sorriso deslizou no lugar.

“Mas vou lhe dar um diamante. Você pode lutar contra isso e fazer tantas ameaças quanto quiser, mas é isso.”

A cauda de Tank começou a se mover entre as pernas de Max. Eu não seria tão facilmente intimidada embora.

“É o seu dinheiro. Desperdice-o como quiser.”

“Eu vou”, Max estalou. “Vou perder um monte disso na maior e mais obscena pedra que possa encontrar.”

Eu revirei os olhos. Por ser um homem assim, ele poderia se comportar como uma criança. “Você não gostaria que alguém pensasse que estava compensando com um diamante gigante, algo” — meu olhar se dirigiu brevemente para a região da cintura — “não tão gigante?”

Um sorriso de satisfação obscureceu seu rosto. “Liebling (Querida) , se acha que o tamanho de um diamante tem a ver com a compensação de certa peça da anatomia masculina...” A voz de Max baixou algumas notas quando se aproximou. “Você receberia uma mancha de um diamante, visível apenas sob uma lupa.”

Foi a primeira vez que ele disse alguma coisa em alemão para mim, e mesmo que não tivesse ideia do que significava, soava um pouco agradável demais para meus ouvidos, já que era ele dizendo isso.

E, claro, havia a questão dele aludindo à região do homem, o que me fez pensar em sua região de homem... O que me fez querer ajoelhar na sua região masculina para me fazer pensar sobre isso. “Meu, alguém está confiante.”

O braço de Max roçou minhas costas. Quando me sacudi, seu sorriso se esticou no lugar. “Você também seria.”

Deixando escapar um suspiro de dúvida, continuei a marchar. Seu braço ficou atrás de mim, o guarda-chuva acima de mim, o tempo todo. Não acho que uma única gota de chuva tenha caído sobre mim durante esta caminhada.

Seu braço tinha que estar cansado. Ele tinha que estar congelando por estar encharcado e ter a brisa do rio cortando sobre ele. Ele devia ter preferido um milhão de coisas para esse encontro que eu “planejara” para nós. Mas se estava desconfortável, não disse nada. Se preferia estar em outro lugar, fazendo outra coisa, não reclamou. Apenas ficou ao meu lado, caminhando comigo, enquanto cortávamos a tempestade cinzenta.

Isso me fez pensar que tipo de homem Maximilian Sturm realmente era. O homem arrogante e orgulhoso que vivia a vida como se tudo tivesse um preço? Ou o gentil e descontraído que vislumbrei hoje? Eu sabia que as semanas e meses seguintes responderiam a esse enigma, mas queria saber agora.

Senti que precisava saber agora, então saberia exatamente o tipo de homem com quem estava lidando, podendo planejar exatamente como agir em torno dele. Saberia exatamente como contrariar seus avanços quando viessem porque podia senti-los mexendo. Ele me desafiar ia. Empurraria. Me levaria a um ponto de ruptura.

Parte de mim estava ansiosa pelo passeio. Parte estava se perguntando se deveria sair do caminho agora. Minha situação pode ter sido terrível em um bom dia, mas me perguntei o que aconteceria se me abrisse para esse homem. Eu deixaria isso em pior forma do que quando comecei?

Eu pensei que já sabia a resposta para isso. Nosso relacionamento era falso. Conjurado em ser fingimento. Tinha uma data de expiração.

Era uma situação absolutamente sem esperança.

Então, por que senti algo que parecia muito com a esperança piscando dentro de mim agora?

Quando minhas reflexões internas se materializaram na forma de um suspiro, a atenção de Max se voltou contra mim. “Tudo certo?”

Não, nada está bem. Em vez disso, assenti e continuei andando.

Estávamos prestes a sair do parque quando Cruz, o labradoodle que estava caminhando com Tank e Penny, o vira-lata, decidiu que aquele era o momento ideal para cuidar dos seus negócios. Bem ali na calçada.

Tirei um saco plástico do meu casaco, já preparada para uma situação como esta. Com cinco cães em uma caminhada rigorosa, isso acontecia muito.

“Toda a sua fama e glória”, murmurei quando Cruz ofegou de volta para mim, sorrindo como se estivesse orgulhoso de si mesmo.

Max pegou o saco plástico e estendeu as pontas das correias. Eu as peguei, atirando nele um olhar confuso.

“O que?” Disse ele, empurrando a mão no fundo da bolsa. “Cresci com cachorros. Estou acostumado a limpar as coisas na calçada.”

Eu o observei agachar e limpar a bagunça de Cruz, a confusão em minha testa apenas se enterrando mais profundamente. Ele estava em um terno tão caro que eu não queria saber quanto custou. Estava encharcado. Parecia o tipo de cara que pagaria às pessoas para fazer qualquer coisa parecida com uma tarefa, de escovar os dentes até limpar a merda de cachorro.

Mas lá estava ele, jogando minha teoria na minha cara.

“Isso é meio romântico, na verdade”, disse quando ele virou a sacola em si e amarrou-a fechada. “Uau. Não achei que tivesse isso em você.”

Max levantou uma sobrancelha para mim, jogando a sacola na lata de lixo ao lado do caminho. “Como estar limpando uma pilha de merda fumegante com um plástico é romântico?”

Exatamente. Como isso é romântico? Inferno se eu soubesse, mas era.

Dei de ombros. “Porque fez isso, então não precisei.”

Max pegou as duas correias de volta de mim “E...?”

“E isso é romântico. Para mim.”

Ele estava me dando um olhar que fez com que eu me mexesse. Chuva escorrendo pelo seu rosto, sua camisa branca grudada no peito, o jeito que seus olhos estavam me prendendo em alguma parede invisível — tudo isso bagunçou minha respiração, tornando-a irregular e apressada.

Quando sua sobrancelha se elevou, continuei. “Guarde as flores, guarde a poesia. Limpe uma pilha de porcaria de cachorro para mim ou conserte as dobradiças na porta da frente, e estou perdida.”

Um canto da boca dele subiu. “Bom saber.”

Então, antes que soubesse que ele estava se aproximando, seu rosto deslizou ao lado do meu e senti seus lábios quentes pressionarem meu rosto, logo acima do meu queixo, logo abaixo do buraco da minha bochecha.

Porra. Senti aquela fita de calor balançar dentro de mim novamente. Isso se espalhou pelo meu pescoço, no meu núcleo, estabelecendo-se em uma parte do meu corpo que não estava acostumada a me sentir inflamada.

Seu rosto recuou, mas ficou perto do meu. Esperava que ele não pudesse dizer como eu estava respirando mais rápido agora. Esperava que não pudesse ouvir o meu batimento cardíaco. Esperava que não soubesse que eu podia sentir seu toque...lá embaixo.

Mas algo em seus olhos — algo que se iluminou neles — me disse que ele poderia saber.

“O que foi isso?” eu disse, embora parecesse mais um sussurro.

“Hoje era o dia.”

“Para quê?”

Seu olhar caiu para a minha boca, seu rosto se juntando como se estivesse lutando em alguma batalha interna.

Então ele se afastou. “Nosso primeiro beijo.”

CAPÍTULO 9

Max

Hoje foi o dia de mudança.

Dois meses haviam se passado desde o primeiro encontro com Nina. Naqueles dois meses, não consegui fazer o que estava tentando fazer, enquanto esperava no carro do lado de fora de sua casa. Organizar a minha vida.

Eu estacionei em sua entrada há cinco minutos, mas não consegui sair. Ainda não. Não até ter conseguido puxar minha cabeça para fora da bunda e recolocá-la no meu pescoço. Não até que descobrisse um jeito de mantê-la à uma distância tão cuidadosa que parecia incapaz de facilitar.

Nina Burton, não a tinha visto chegando. Não esperava por ela. Não sabia que eu... sentiria algo por ela. A garota que eu estava pagando para casar comigo não era a única a colocar minha cabeça em confusão. Nós estaríamos passando os próximos dois anos e mais alguns meses morando juntos. Isso não era tanto tempo quando a amizade estaria envolvida. Era a porra da eternidade para um relacionamento baseado em atração e romance e tudo o que vem com isso.

Eu encontraria alguma maneira de estragar as coisas. Ou ela faria. Ou nós dois iríamos. Isso era inevitável. Então a pessoa da qual estava dependendo para receber meu green card era a pessoa com a qual não podia me envolver.

A amizade era permitida. Nós ainda poderíamos ser civilizados. Compartilhar uma risada. Jantar juntos e falar sobre os nossos dias. Caminhar juntos. Tocar... o abraço ocasional e cuidadoso aqui e ali, o inocente roçar de braços.

Meu gemido encheu o interior do carro. Inocente e cuidadoso não eram as formas que queria estar com Nina. Pelo menos não o tempo todo.

Houve momentos em que ela me fez sentir como se tivesse encontrado meu pino e estava puxando, me levando à auto detonação. Houve momentos em que me desafiou e manteve seus pés tão firmemente que eu sabia que era melhor não continuar discutindo com ela, mas isso não me impediu de dar mais dez rodadas.

Nina era meu santuário, tanto quanto era minha zona de guerra. Paz e consolo num momento, explosões e massacre no seguinte.

Quando a peguei enfiando a cabeça para fora de uma das janelas e me olhando com curiosidade, porque eu estava sentado no meu carro, acenei e apontei para o meu telefone encostado no meu ouvido. Ela levantou um polegar e desapareceu da janela. Estava acostumada ao meu telefone esmagado na minha orelha, mas neste caso, não estava falando com ninguém.

Eu só não queria parecer com “aquele” cara sentado na frente da casa de uma garota, tentando me recompor antes de subir as escadas para a porta da frente.

Porque eu era “aquele” cara. Aquele que perdeu seu controle e estava tentando recuperá-lo e não ia deixar que se afastasse tão facilmente de novo.

Ela não sabia disso, e nunca o faria. Se Nina descobrisse que eu estava lutando com esse tipo de sentimento... essas emoções... essa atração inexplicável por ela, eu sabia o que aconteceria.

Ela enfiaria minhas bolas na minha garganta, como já havia ameaçado a fazer nada menos que uma dúzia de vezes, e quebraria nosso acordo. Ela me disse que nunca voltaria atrás em seu acordo, mas faria se descobrisse. Se descobrisse que via outra coisa, algo mais que solução para um problema, quando olhasse para ela, estaria longe.

Minha cabeça girava muito rápido. Se já não estivesse enterrada na minha bunda, o que estava. Não, graças às minhas tentativas de retirá-la antes de entrar em sua casa e passar os próximos dois anos dividindo o mesmo espaço que ela. Adormecendo todas as noites com ela por perto. Acordando da mesma forma.

"Foda-se", resmunguei, empurrando a porta aberta e deslizando meu telefone de volta no bolso. Poderia passar o próximo mês sentado na frente de sua casa e não descobrir. Sentimentos estavam bem. Atração era permitida. Agir em direção a um desses positivamente não era.

Eu já deixei uma mulher enfiar uma faca em mim e me estripar — não deixaria outra. Especialmente a que eu estava pagando para casar comigo. Especialmente a responsável por eu ganhar algo que valorizava muito.

Eu não queria um green card para não precisar ir. Queria um para poder ficar. Na minha casa. Na cidade onde esculpi minha própria vida, criei meu próprio destino, tudo sozinho.

Faria qualquer coisa para me agarrar a esta vida — incluindo a obtenção de uma droga de lobotomia, se isso significasse enterrar meus sentimentos por essa mulher. Os perigos que podiam resultar em arriscar tudo. Os perigos que podiam se manifestar na forma de seu corpo emaranhado ao redor do meu...

Faria qualquer coisa para me livrar desses sentimentos, incluindo ter certeza que ela me odiava tanto que nunca me deixaria chegar perto. Então não importava quantos olhares lhe dava ou palavras que a alimentava, tudo que ela veria era

uma pessoa desprezível, moralmente falida. Então nunca olharia para mim do jeito que a olhava. Nunca.

Ela devia estar olhando pela janela de novo, porque quando comecei a caminhar para a varanda, a porta da frente se abriu.

“Realmente, Maximilian? Um terno em dia de mudança?” Ela estava com um macacão e uma blusa azul brilhante. Seu cabelo estava amarrado em um coque bagunçado, e tinha manchas de tinta em suas mãos e braços. Nina não se importava em ficar bagunçada. Na verdade, parecia que esse era o elemento dela.

Meu sorriso permaneceu direcionado para a grama quando me aproximei. Ela começou a me chamar pelo nome completo do jeito que um pai repreende uma criança com o nome completo — primeiro, meio e último. Ela quis dizer isso de uma maneira repreensiva, mas a minha maldita alma vai ao inferno, se não conseguiu me excitar. O jeito que saiu da sua língua me fez imaginá-la sussurrando no meu ouvido enquanto fazia as coisas em seu corpo...

Isso não era permitido.

“Você estava esperando algo mais?” Respondi, parando quando cheguei à beira das escadas que levavam à varanda.

“Bem...” Ela me deu um rápido abraço. “Bem vindo. Neste caso, *mi casa* é realmente *tu casa*. Pelo menos pelos próximos dois anos e oito meses.”

Ela estava contando os dias até se livrar de mim. Aquilo era um bom sinal.

“E quatro dias”, acrescentei, então ela pensou que eu também estava contando os dias. O que estava, mas por um motivo diferente.

“Você não deveria dirigir um daqueles carros alemães?” Ela inclinou o queixo para o meu carro na garagem. “Sabe,

aqueles com aquele emblema azul e branco, aquele com um acrônimo para um nome. B... W...M... *Alguma coisa*."

Eu mantive meu sorriso voltado para baixo. "Sim, devo dirigir um BMW porque sou alemão. Também deveria usar calças de couro e comer salsicha no jantar todas as noites."

"O que é aquela coisa então?" Pela sua voz, poderia dizer que seu nariz estava enrugado como sempre que estava trabalhando em algo.

"Um carro."

Ela suspirou. Consegui muitos desses nos últimos dois meses. "Não é muito bonito."

Eu não podia continuar olhando para o chão. Quando olhei para ela, me encarando da escada de cima, senti aquele aperto familiar no peito. Aquele que parecia que meus músculos estavam tentando romper as costelas para chegar ao meu coração. O que eu ainda tinha que determinar se vinha do impulso do meu corpo de estrangular a vida do meu coração ou encobri-la de modo a mantê-la protegida.

"É um Tesla. É operado por bateria", disse quando ela voltou a examinar meu carro como se não pertencesse a sua garagem.

"Sim, bem, espero que não tenha gasto muito com isso."

Dei de ombros como se não estivesse tentado e não achasse outro motivo para o gostar por dela aumentar. Não funcionou. Outro grão de areia caiu na pilha que cresceria até que tivesse uma praia inteira de razões pelas quais gostava de Nina Burton. Eu não deveria ter mais razões do que poderia manter na palma da minha mão. Não tantos que não conseguiria controlá-los.

"Você nunca ouviu falar de um Tesla?" Perguntei.

Seus olhos dispararam para mim, se estreitando um pouco. "Não. Mas ouvi falar de um BWM."

Eu descansei meu pé no primeiro degrau e continuei sorrindo para ela. “Bem, isso é um começo.”

A maioria das garotas olhava para o meu carro e via cifrões. Nina olhou para ele e viu uma ferida nos olhos. Eu olhava para ele como um meio de transporte e amigo do ambiente... isso pode ter sido insanamente rápido. Eu tinha acabado de comprá-lo na esperança de que Nina pudesse, eventualmente, me deixar dar meu outro carro e parar de me preocupar com ela pegando o ônibus.

“Bem? Você quer uma turnê primeiro ou devemos descompactar suas coisas primeiro?” Ela recuou enquanto subia as escadas.

Quando cheguei ao topo, encontrando-a em pé na minha frente com a porta da frente aberta atrás dela, sabia que não havia como voltar atrás. Nina e eu iríamos morar juntos a partir de hoje.

Esse conhecimento não deveria ter feito o meu sangue correr como aconteceu.

“A turnê”, respondi.

Ela assentiu e se virou, passando pela porta. “Então me siga.”

Esta não foi a primeira vez que vi sua casa, mas só vi o lado de fora quando a deixei depois de um dos nossos encontros. Nossos “encontro”, esclareci para mim mesmo que não eram reais, eram ilusões. Uma teia que estávamos construindo.

Esta foi a primeira vez que pisei lá dentro.

Sua casa estava localizada no distrito histórico de Portland, que parecia ter se tornado onde os ricos da cidade se reuniam. A casa de Nina era uma das menores do bairro, mas até mesmo a menor e mais decrépita casa nessa área era vendida por nada menos que meio milhão.

Me perguntei o que era tão especial para ela sobre esse lugar. Por que estaria mais disposta a casar com um estranho e sacrificar alguns anos de sua vida do que deixá-la. Ela podia vender sem nenhum problema e aproximar-se do quanto eu lhe oferecia. Podia parar de trabalhar em bicos e a noite. Poderia ser livre.

Mas algo me dizia que não queria se livrar desse lugar — que talvez fosse ali que ela se sentisse mais livre.

A casa pertencia a sua avó antes de ser passada para Nina depois de sua morte, mas essa era a extensão do meu conhecimento. Claro que havia mais na história, mas não a pressionaria. Imaginei que Nina me diria quando estivesse pronta. Ou não diria e teria que deixar o mistério por trás da casa como um ponto de interrogação.

"Então esta é a sala de estar, a sala de jantar." Nina ergueu o braço quando indicou os locais por onde passamos, mas estava claro que queria fazer essa turnê rapidamente. Estava aparentemente desconfortável por eu estar lá, não importava o quanto tivesse me dito o contrário.

Ela estava desconfortável ao meu redor. Eu fiz o meu trabalho para afastá-la.

Deveria ter me acariciado nas costas. Em vez disso, queria me dar um soco no rosto.

"Aqui está a cozinha, obviamente, oh e, a propósito, fique a vontade para fazer o que quiser." Ela fez um giro rápido, seus olhos pousando nos meus por um momento antes de se afastar. "Não há necessidade de usar armários separados ou qualquer coisa. Apenas fique a vontade para usá-los."

Meus molares aterraram quando minha mente foi para lá — eu queria fazer o que quisesse com ela.

Você tem um cérebro, Max. *Use isso pelo amor de Deus e pare de deixar seu pau pensar por você.*

“Obrigado. E o mesmo para mim” disse, seguindo-a pelo corredor. “Apenas sinta-se à vontade para usar o que quiser também.”

A observei por um sinal dos mesmos tipos de sentimentos que estavam disparando pelo meu corpo quando disse as mesmas palavras para mim. Não havia nada. Nenhuma pele levantada. Nenhuma respiração acelerada. Nem nada.

Ela ouviu o que eu disse e pensou em comida. Ouvi a mesma coisa de sua boca e pensei em foder.

Ela não tinha ideia de que tipo de homem deixou entrar em sua vida.

“Este é o banheiro de hóspedes, o quarto de hóspedes e no andar de cima...” Ela parou no final de um lance de escadas, olhando para elas com as sobrancelhas franzidas. “Há apenas mais quartos e banheiros. Um sótão empoeirado cheio de lixo acima disso.”

Vim atrás dela e olhei para as escadas. A casa provavelmente tinha cem anos ou mais, mas ainda estava em boa forma. Havia desgaste em alguns lugares, áreas insinuando reparos, mas eu já sabia, na minha visita de um minuto, que aquela era uma casa muito querida.

“E onde está o seu quarto?” Perguntei antes de limpar a garganta.

Ela trabalhou o lábio inferior com os dentes por um segundo, seus olhos localizando a porta fechada que passamos no corredor. Ela tinha acabado de se mover em direção à porta, sua mão indo para a maçaneta, quando nós dois ouvimos algo entrando em sua garagem. Nina olhou para mim com as sobrancelhas unidas.

“Hora de ir”, disse, olhando para o quarto fechado enquanto nos dirigíamos para a porta da frente. Fechado. Selado. Fora dos limites.

Não era apenas o quarto dela que precisava ficar desse jeito.

“Um caminhão?” Nina exclamou quando disparou para a varanda. “Pensei que disse que só estava trazendo algumas coisas do seu apartamento.”

Eu vim atrás dela lentamente. Ela foi enquadrada na porta perfeitamente, a luz de fora destacando-a de tal forma que quase parecia que estava brilhando.

“Eu trouxe. Então comprei algumas coisas novas apenas para o caso...”

“Apenas no caso de quê?” As mãos de Nina foram para seus quadris enquanto observava os caras que saiam da cabine e abriam a porta dos fundos.

“No caso de eu querer fazer um churrasco.” Cheguei ao lado dela e inclinei meu queixo para o primeiro item que os homens da mudança estavam descarregando. “No caso de precisar da minha própria cadeira.”

Eles soltaram a próxima coisa, colocaram no chão e desapareceram de volta dentro do caminhão.

Eu esfreguei a parte de trás da cabeça porque não tinha certeza de como esta próxima parte iria passar. “No caso de eu precisar de uma mesa de sinuca.”

Ela virou-se para mim. “Uma mesa de sinuca ?!”

Deslizei as mãos nos bolsos da calça e observei enquanto os carregadores traziam a primeira peça pela rampa. “Apenas no caso.”

“Apenas no caso de quê? Você quer me irritar?”

Quando os carregadores subiram as escadas com a parte de cima da mesa de sinuca, agarrei Nina e a puxei de lado. Eu pretendia agarrar seus braços e puxá-la de volta, mas em vez disso, minhas mãos encontraram sua cintura.

Meus dedos afundaram nela como se seu corpo estivesse quase me dando as boas vindas. Nina era macia, nem musculosa ou esquelética, e algo primitivo dentro de mim queria sentir aquela suavidade no meu travesseiro enquanto trabalhava em seu corpo...

Porra, Max. Dois malditos minutos. Me dê dois minutos em que não está pensando em Nina assim.

"Bem, faço isso não importa o que faça. Pelo menos assim, posso jogar sinuca enquanto está gritando comigo."

Quando soltei sua cintura imediatamente, ela se afastou de mim. "Onde acha que vai colocar essa coisa?"

"Eu não sei. Onde gostaria que colocasse isso?"

Seu rosto estava um pouco vermelho de estar perturbada. "Que tal sua bunda?"

Muito tarde. Minha cabeça já está ocupada lá. "Não acho que se encaixaria. Desculpe."

Seus olhos verdes fizeram aquela coisa que gostavam de fazer quando estava chateada comigo. Praticamente era como passamos metade do nosso tempo juntos. "Aposto que eu poderia fazer isso."

Levantei as mãos, admitindo isso, porque não tinha dúvida que ela podia. Havia algo sobre Nina Burton que levava uma pessoa a acreditar que ela poderia fazer qualquer coisa que pensasse.

"Você não está pensando em colocar um monte de cartazes de garotas de biquíni, está? Pendurar alguns cartazes reluzentes de cerveja?"

Eu balancei a cabeça para os carregadores enquanto eles se arrastavam para fora da casa. Eu não sabia onde eles colocariam a mesa de bilhar, mas a menos que fosse na parte de trás, sabia que Nina não iria gostar. Imaginei que deveria ter falado com ela antes de enlouquecer.

“Claro que não”, respondi a ela. “Você não se importa com a boneca inflável, não é? Dada a minha agenda social, tenho que fazer uma pausa pelos próximos anos, vou precisar da doce liberação que apenas uma boneca de látex chamada Sheena pode fornecer.”

Ela suspirou e empurrou meu peito quando passou por mim para descer as escadas. “Por favor. Bonecas de látex têm sido sua agenda social a vida toda. Você não está me enganando, Maximilian Sturm.”

Eu ri quando ela desceu as escadas, mas silenciosamente esperava que não fosse o caso. Se eu não estivesse enganando ela, estava com problemas. Se ela realmente soubesse o que eu pensava quando a olhava, estava fodido.

Não era apenas o corpo dela que me atraia — era tudo o que compunha Nina. Sua sagacidade afiada. Sua inclinação para a compaixão, que era especialmente pronunciada quando achava que ninguém estava olhando. A maneira como foi tão honesta sobre algumas coisas e se isolou das outras. O jeito que não sentia a necessidade de se desculpar pela pessoa que era, e o jeito que não olhava para mim como estava acostumado com mulheres olhando para mim — como se fosse algo a vencer. Algo para conquistar. Algo para reivindicar.

Eu estava tão perdido em meus malditos pensamentos que no começo, não notei Nina se arrastando pela rampa, carregando uma caixa que era metade do tamanho dela. Eu pulei as escadas em dois passos e atravessei o quintal em sua direção.

“Nem pense nisso”, avisou antes de minhas mãos se aproximarem da caixa. “Vá buscar o seu. Cuido isso.”

“Nina” Esta era uma caixa cheia livros, a mais pesada que tinha embalado.

“Não pense que só porque meus braços estão ocupados não posso ainda chutar o seu traseiro, se colocar um dedo sobre esta caixa, me ouve?” Ela continuou caminhando em

direção à varanda, mas sua respiração estava um pouco tensa. “Além disso, não quero que tenha uma ruga nesse seu lindo terno.” Com isso, começou a subir as escadas.

Eu a segui, pronto para pegá-la se tropeçasse ou perdesse o passo, mas ela conseguiu e desapareceu dentro da casa. Meu queixo caiu e resmunguei de frustração. Num minuto eu queria que me odiasse, no minuto seguinte queria o oposto. Mesmo quando tentei ser apenas amigo, nunca durou muito.

Eu pensei que era impossível ser apenas amigo da mulher que você queria muito mais.

“Você deve ser Max.” Um cara da minha idade estava atravessando o quintal de Nina, seus olhos vagando de mim para a van e em movimento para o Tesla.

“Devo ser.” Minha voz saiu mais fria do que pretendia. Isso poderia ter algo a ver com a maneira como estava olhando dentro da porta da frente de Nina.

“Sim, reconheço você pelas fotos.” Quando minhas sobrancelhas se uniram, acrescentou: “Você sabe, aquelas que Nina está postando online?”

Meus dedos se enrolaram nas palmas das minhas mãos. “Você é um amigo.”

O cara jogou o polegar por cima do ombro na casa ao lado. “Amigo e vizinho.”

“Prazer em conhecê-lo”, disse quando o que mais queria dizer era o contrário. Estendi a mão para apertar a dele, quando preferiria arrancar o braço dele e bater em sua cabeça com ele.

Whoa, Max. Que diabos?

Eu não tinha certeza de onde a veia ciumenta apareceu, mas precisava checar antes de colocar meu novo vizinho no hospital.

Mas poderia dizer que esse cara tinha uma queda por Nina. Foi o jeito que ele disse o nome dela. O jeito que ficava olhando para a porta da frente como se não pudesse esperar para vê-la. O jeito que ele estava fazendo a mesma coisa, pensando em mim.

Ele gostava dela. E eu não gostava que ele gostasse dela. De jeito nenhum.

“Sou Nathan, a propósito. Me mudei há alguns anos e tentei manter um olho em Nina e sua avó. Bem, apenas Nina agora.”

Sim, aposto que está de olho nela.

“Trabalho no hospital. Sou um interno” continuou Nathan.

Eu me perguntei quantas rodadas nós teríamos que passar antes de sacar nossos paus e comparar tamanhos.

Eu venceria.

“Você faz algo com ações, certo?” disse, se mexendo quando fiquei um pouco mais ereto, certificando-me de que ele ficou bem e perto de forma como me elevava acima dele. “O que exatamente você faz?”

Eu cruzei minhas mãos nos meus bolsos. “Faço dinheiro.”

Seus olhos foram ao meu relógio e suas sobrancelhas se levantaram.

“Muito”, acrescentei.

Eu pensei que ele estava começando a entender — o aviso de recuar ou chutaria sua bunda — mas ele claramente tinha uma queda por Nina, o que eu teria que remediar de alguma forma. Teria sido útil saber sobre o vizinho apaixonado, então poderia ter elaborado um plano para fazê-lo recuar. Nós não precisávamos de alguém extra observador morando logo ao lado.

“Então, o que é tudo isso?” Nathan inclinou o queixo para a van em movimento.

Meu demônio interior sorriu. “Estou me mudando.”

Nathan parecia ter acabado de se engasgar com alguma coisa. “Whoa, vocês estão morando juntos? Vocês não acabaram de se conhecer?” Seus olhos caíram de volta no meu carro, como se o dinheiro fosse a peça do quebra-cabeça que explicaria tudo.

Odiava que, de certa forma, ele estivesse certo. Isso me fez querer moer todos os um metro e setenta e dois de sua modernidade, sua bravata interna na grama debaixo dos meus Louboutins.

“Nós nos conhecemos há oito semanas”, disse.

“E Nina está deixando um cara que era um estranho oito semanas atrás morar com ela?” Nathan se aproximou mais da porta da frente.

“Se você tem algo a dizer, por que não diz isso?” Eu combinei cada passo dele com um dos meus.

“*Estou dizendo*, não acha que as coisas estão se movendo um pouco rápido? Talvez?” Ele adicionou quando meus olhos se estreitaram.

“Bem, desde que contratei a empresa de mudanças que atualmente está me transferindo, acho que pode supor a minha resposta a essa pergunta.”

Logo em seguida, os carregadores passaram por nós com o novo kit churrasco.

Nathan estava notoriamente coçando a cabeça, olhando para mim, afastando-se de mim. “Você realmente não parece o tipo de Nina. De jeito nenhum.”

“Sim? E qual é o tipo dela?” Esse cara não sabia quando recuar. Parte de mim admirava isso. A outra parte queria fazê-lo recuar.

“Não sei.” Nathan encolheu os ombros. “Só não você.”

Não havia indelicadeza em sua voz. Ele não estava tentando me irritar, mas afirmar um fato. Eu já sabia que não era do tipo de Nina, e ele trazendo isso tão óbvio para o mundo todo, que me irritou muito mais.

Bom, Max. Que maneira de causar uma boa primeira impressão no vizinho. Seja discreto. Por que não perder sua cabeça com o médico da vizinhança, então o mundo assiste todos os seus movimentos de agora em diante?

“Bem, isso é o que acontece quando se apaixona.” A voz de Nina rolou em nossa direção do topo da escada. Ela estava olhando para mim como se fosse uma criança. O que, tudo bem, ela tinha razão — dessa vez.

Antes de Nathan olhar para cima, ela mudou o olhar e desceu as escadas. Seu rosto se iluminou quando sorriu para mim. Foi uma atuação, o meu não foi. Quando ela veio ao meu lado, seu braço foi ao redor das minhas costas e ficou na ponta dos pés para beijar minha bochecha.

Meu coração disparou à vida por um beijo simples e falso na bochecha. Droga. Eu precisava tirar essa mulher de onde tinha residido debaixo da minha pele, antes que as coisas ficassem ainda mais complicadas.

“Você conheceu nosso vizinho, querido?”

Uau. Usando termos carinhosos também? Se Nina estava tocando, beijando e se esfregando em mim, deve ter sido porque Nathan realmente fez tão mal quanto eu adivinhava.

“Nós nos conhecemos”, Nathan e eu respondemos em um tom recortado.

“Nathan estava apenas me dizendo por que eu não era o seu tipo.” Retornei seu sorriso, deslizando o braço em torno dela e deixando minha mão em torno de sua cintura. Era a primeira vez que nos tocávamos assim, e meu corpo estava reagindo de maneiras que não deveria. “Liebling.”

Suas sobrancelhas se uniram por um momento antes de relaxá-las. “Bem, estou feliz que tenham se conhecido, mas se vocês, rapazes, me derem licença, tenho um caminhão para descarregar.” Seu braço caiu e ela se afastou de mim. Algo se agarrou no meu peito quando ela saiu.

Nathan a estava olhando como eu estava, e tecnicamente ele não deveria estar olhando para ela assim com a gente “apaixonados” e eu me mudando. Dada a nossa situação real, acho que ele tinha tanto direito de admirá-la quanto qualquer outra pessoa. Dizer-me isso, não diminuiu o desejo de chutar a sua bunda para o outro bairro, no entanto.

“É por isso que contratei uma empresa de mudança”, falei para Nina. “Para ajudar a me mudar.”

“Exatamente”, Nina se virou, continuando a se afastar. “Para ajudar. Não fazerem tudo sozinhos.”

Balançando a cabeça para ela com aquele sorriso ainda no lugar, deslizei para fora do meu blazer e pendurei sobre o corrimão. Comecei a arregaçar as mangas enquanto a seguia.

“Obrigado por cuidar dela, Nathan”, disse, deixando-o de pé no fundo de suas escadas sem ter o que fazer. “Mas esse é o meu trabalho agora.”

CAPÍTULO 10

Nina

Oito semanas e um dia. Dois anos e oito meses e meio faltando. O que significava que nem tinha chegado à marca de cinco por cento.

Isso foi o que eu passei metade da noite pensando. Essas primeiras oito semanas foram complicadas de maneiras que não esperava — e isso foi antes de Max se mudar. Mudar-se sempre acrescentava complicações, mesmo que fosse apenas um plano cuidadosamente elaborado.

Como poderia passar mais de dois anos, se as últimas oito semanas foram alguma indicação do que estava por vir? Eu não tenho nenhuma resposta para essa pergunta, mas tive que conjurar algumas — rápido. Fiz uma promessa para Max e sabia que ele estava contando comigo. Não desistiria do acordo, especialmente porque estava tendo dificuldade em entender meus sentimentos quando se tratava dele.

Houve momentos em que queria chutar seus pés e derrubar ele do pilar em que estava. Houve momentos em que queria compartilhar tudo sobre mim mesma com uma xícara de café e um jogo de damas. Embora aqueles não fossem os momentos que estavam me atrapalhando.

Os momentos que estavam me atrapalhando eram aqueles quando ele olhava para mim de uma certa maneira, como se estivesse me convidando para mais perto. Aqueles

olhares que pareciam ter uma conexão direta com o meu corpo e pareciam capazes de forçá-lo para mais perto.

Ele não sentia nada por mim — ele deixou isso incrivelmente claro — mas isso não fez nada para enfraquecer as vezes em que eu sentia algo por ele. O que era exatamente, não sabia. Não consegui colocar um nome nisso.

Não era paixão. Não era obsessão. Também não era luxúria.

Era algo mais profundo. Algo que entrou e ficou confortável, apenas me lembrando de sua presença nos momentos mais inconvenientes.

Como agora, deitada na minha cama às cinco da manhã, quando deveria estar dormindo. Imaginei que tinha sorte em conseguir as quatro horas que tive, com todo movimento, virando e pensando, o que tinha feito a noite toda.

Depois de terminar a mudança e desfazer a maior parte de suas coisas, nós dois estávamos cansados demais para fazer muito mais do que cair na superfície macia mais próxima. Eu caí no sofá — Max caiu na velha poltrona da vovó — então, quando acordei na minha cama algumas horas depois, poder ter sido por isso que passei a maior parte do resto da noite acordada.

Eu não cheguei aqui sozinha. Não coloquei cobertas ao meu redor e tirei o tênis. Não desliguei as luzes e fechei a porta.

Felizmente minhas roupas ainda estavam no lugar porque eu não sabia o que teria feito se acordasse e percebesse que Max tinha me despido antes de me colocar na cama. Isso era tão provável de ganhar um soco como era uma forma diferente de paixão.

Eu me assegurei que essas coisas que estava sentindo eram normais. Qualquer mulher de sangue quente brigaria com as coisas como eu, quando se tratava de um cara como Max. Ele era atraente... Inteligente... E até às vezes engraçado. Ele praticamente era como uma erva-de-gato para

as mulheres, com barriga de tanquinho e ego do tamanho de seus músculos. Qualquer um sentiria algum grau de atração por ele a maior parte do tempo e, dada a nossa situação de fingir ser um casal, isso tornava tudo muito mais complicado.

O cara por quem estava sendo paga para fingir que gostava, era o que eu não deveria gostar. No entanto, era o primeiro que eu já tinha gostado.

Minha vida se tornou um aglomerado gigante de confusão.

Rolando na cama, verifiquei a hora. Eu gemi e bati no travesseiro com o punho. Ainda não eram cinco, e se Max ainda estivesse desmaiado na sala de estar, não queria acordá-lo passando pela minha rotina matinal de fazer café e ovos mexidos.

Meu macacão estava em uma pilha no chão onde tinha jogado depois de sair deles por volta da meia-noite, mas Max colocou meus tênis bem contra a parede. Os cadarços ainda estavam enfiados nas aberturas dos pés. Ele era uma pessoa de detalhes, alguém que parecia tomar muito cuidado em tudo que fazia... incluindo guardar os sapatos da mulher que ele estava pagando para se casar com ele.

Quando estava enterrando minha cabeça no fundo do travesseiro, tentando calar os pensamentos sobre um alemão dormindo a dois quartos de distância, ouvi um estrondo. Alguns gritos seguiram logo depois.

Depois de sair da cama, corri para o outro lado do meu quarto, abri a porta e corri para o corredor. Esta era uma casa antiga e resistente. Não tremia como eu com o que acabei de ouvir. Não a menos que houvesse uma grande tempestade passando por cima ou...

Dois homens crescidos estavam caídos no chão.

“Que diabos, Max?” Corri até a cena do crime, tentando descobrir por que Nathan estava deitado na madeira sob Max, que estava prendendo-o no chão, com a mão em sua garganta.

Max ergueu os braços no ar um segundo depois, mas manteve-se apoiado sobre Nathan para que ele não pudesse se mexer. “Peguei ele entrando escondido.”

“Escondido? Você é de verdade?” Nathan parecia uma criança em comparação com Max. “Usei a chave.”

“Que chave?” Max estalou.

“A que sua namorada me deu.”

Algo no tom de Nathan quando ele disse que a parte da namorada irritou Max. Na verdade, meio que me irritou também. Parecia que ele estava desafiando o título.

A cabeça de Max voltou-se para mim, procurando por uma confirmação. Antes que pudesse responder, o seu olhar varreu-me do pescoço aos dedos dos pés. O olhar em seu rosto fez meu estômago revirar. Sua jornada de retorno foi mais lenta, e quando seus olhos encontraram os meus, havia algo escuro neles que me fez desejar ter dez segundos para colocar o macacão de volta.

“Se importa de me deixar levantar? Acho que seu domínio foi suficientemente afirmado.” Nathan olhou para Max, tentando se libertar, mas foi um esforço fraco. Max tinha quinze centímetros, vinte quilos e adrenalina a seu favor.

“Isso é verdade? Ele tem uma chave?” Max ignorou Nathan, apenas focado em mim.

Assenti. “Sim, ele tem uma chave.”

Max está de queixo caído, seus olhos brilhando com alguma coisa. Sua silenciosa desaprovação era mais alta do que qualquer coisa que pudesse ter gritado para mim.

“Não se preocupe. Não vou usá-la novamente, Nina.” Nathan levantou-se, observando Max cuidadosamente. “Posso ver que alguém se sente ameaçado pela minha presença.”

“Acho que nós dois sabemos quem está ameaçado pela presença de quem”, Max disparou de volta.

Eu balancei a cabeça, esquecendo que estava usando uma camiseta e boxer feminina, e me movi entre os dois antes que eles fossem para o chão novamente. “Nathan, sinto muito. Tenho certeza que você acabou de assustar Max. Provavelmente pensou que era um intruso ou algo assim.” Quando olhei para Max para confirmar a suposição, ele bufou. “Deveria ter dito que você tinha uma chave. Você está bem?” Eu sorri para Nathan, dando um leve aperto no braço dele.

Max se aproximou, praticamente andando de costas.

Nathan lançou um olhar por cima do meu ombro, mas seu rosto suavizou quando se voltou para mim. “Está tudo bem. Eu deveria ter pensado duas vezes antes de deixar o seu café da manhã com o seu novo hóspede.” Outro olhar por cima do meu ombro, mas desta vez quando o olhar de Nathan retornou, percorreu a área sul do meu pescoço por um momento.

Cruzei os braços e dei um passo para trás. E é por isso que essas coisas maravilhosas conhecidas como sutiãs devem sempre ser usadas por mulheres com peitos detestáveis como o meu.

Max se inclinou na minha frente, se enquadrando na frente de Nathan. “Agora que tudo está esclarecido, provavelmente é hora de você sair.”

Nathan ficou quieto por um segundo, depois se dirigiu para a porta. Ele parou quando chegou a um saco de papel branco. “Desculpe, Nina. Acho que seu bagel ficou um pouco esmagado esta manhã.”

Quando Nathan segurou, Max arrancou da mão dele. “Nina não gosta de bagels.”

Suspirei atrás da Grande Muralha de Max. Fiquei surpresa por ele ter notado que não tinha comido o bagel na semana passada quando pedi um sanduíche de café da manhã em um de nossos encontros.

“Desde quando?” Nathan parou na porta.

Eu vim por trás do Max. Quando ele deslizou de volta na minha frente, eu belisquei a parte de trás do seu braço e torci. Max nem sequer recuou.

“Desde pouco tempo?” Por que respondi a Nathan na forma de uma pergunta, não sabia, mas a verdade era que nunca realmente gostei de bagels. Nathan começou a trazê-los quase todas as manhãs depois que minha avó morreu, e eu não tive coragem de dizer que, na maioria dos dias, aqueles bagels acabavam sendo esmigalhados no quintal para os esquilos.

“Tchau, Nina.” Nathan acenou, virando-se para sair.

Acenei de volta.

Max estendeu a mão. “A chave.”

Eu dei outro aperto no braço dele. Nada. Era como se o cara não tivesse terminações nervosas ou algo assim.

O olhar de Nathan mudou de Max para mim, mas quando fiquei quieta, Nathan a puxou do bolso com um suspiro. “Boa sorte, Nina”, disse, colocando a chave na mão de Max. “Estou ao lado, se precisar de alguma coisa.”

Depois disso, Nathan contornou a porta da frente rapidamente, como se estivesse com medo de que Max iria enfrentá-lo novamente.

Max mal tinha batido a porta e deslizado a fechadura antes de girar em mim. “Que porra é essa, Nina?”

Meu sangue ferveu instantaneamente. “Que porra é essa, Max?” Eu me virei para ele, acenando para o chão. “O que estava pensando ao bancar o Hulk com o nosso vizinho da casa ao lado?”

Sua testa se enrugou. “Estava pensando que alguém estava invadindo e meu trabalho era mantê-lo segura. Isso é 'o

que diabos' estava pensando.” Sua voz estava tão alta, que os pratos de porcelana rosa pendurados na parede sacudiram.

“Era Nathan.” Consegui manter meu volume sob controle, mas minha voz tremia de emoção.

“Era alguém que eu não estava esperando entrar na casa enquanto nós dois estávamos dormindo. Não me importo quem é ou a razão de estarem aqui. Vou agir primeiro e pensar mais tarde, quando se trata de proteger o que é meu.” A mão de Max se curvou ao redor da chave, enfiando-a no fundo do bolso.

“Não gostaria que algo acontecesse com o seu precioso investimento, não é?” Eu realmente não queria dizer isso, mas o jeito que ele falou, o que ele disse, olhando para mim como fez... me fez sentir algo que não deveria. Eu precisava me lembrar que era um investimento para ele, nada mais.

O que quer que Max quisesse dizer, engoliu em seco. Se afastando de mim alguns passos, desviou o olhar como se não pudesse suportar a minha visão. “O que você estava pensando ao dar a um cara aleatório a chave da sua casa, que ele pode usar a qualquer hora que quiser? Incluindo quando está andando em sua maldita roupa íntima?”

Meu gemido encheu a sala de estar. Ele estava morando debaixo do meu teto por doze horas e já estava agindo como se fosse o dono do lugar e estava prestes a elaborar um conjunto de regras e diretrizes.

“Nathan não é 'um cara'. Ele é meu vizinho. Um bom vizinho. Ou pelo menos ele costumava ser legal antes que meu 'namorado' o socasse no chão e deixasse um pedaço de seu corpo nas tábuas do assoalho.” Meus dedos tocaram a cena do crime. Não havia realmente uma impressão do tamanho de Nathan, mas não por falta de tentativa.

“Por favor, aquele cara está tão a fim de você, que provavelmente teve que fazer um desvio para não bater nos arbustos, já que não poderia voltar para a casa dele primeiro.”

A cabeça de Max bateu em direção à porta, olhando para ela quase como se estivesse se atrevendo a abrir novamente.

“Meu Deus. Bruto. Você ultrapassando os limites e está tão, tão errado.”

Max grunhiu. “Sei o jeito que um homem olha para uma mulher quando quer transar com ela.”

Sua escolha descarada de palavras me atingiu como um tapa. “Oh sim? É porque tem muita experiência com esse olhar? Dando a cada mulher com quem você entra em contato?” Por que eu estava gritando? Por que estava discutindo esse ponto estúpido com ele?

O que estava acontecendo comigo?

“Escute, podemos parar de discutir sobre isso? Nathan não gosta de mim dessa maneira, nem pensar, de jeito nenhum.”

“Só porque você quer negar isso não significa que ele não vai se masturbar de novo hoje à noite quando te observar através da janela do seu quarto.”

Deixando escapar um longo gemido de frustração, me movi para o canto da sala onde um pequeno trampolim, do qual eu simplesmente não conseguia me livrar, velho como era e não usado como estava agora, estava. Vovó costumava pular por cinco minutos todos os dias quando estava mais saudável. Ela lera anos atrás que isso era uma das melhores formas de exercício que uma pessoa poderia ter, e permaneceu comprometida.

Jogando-o no chão onde ele estava encostado na parede, pisei nele. Max tinha me seguido, mas quando me viu subir no trampolim, congelou.

Seus braços cruzados e sua mandíbula fixada. “O que está fazendo?”

“Provando o meu ponto”, disse quando comecei a saltar. A bobina choramingou com cada salto. “Eu poderia

estar fazendo isso, nua, dois passos na frente dele, e Nathan não notaria." Tive que parar para respirar, porque já estava ficando um pouco sem fôlego por causa do salto. "Relaxe."

Max se virou para que não olhar para mim diretamente. Algo sobre sua postura parecia errado, como se estivesse se segurando. "Obrigado, mas não vou relaxar", disse com firmeza. "E você pode parar de pular? Já fez o seu ponto."

Eu continuei pulando. *Rangido. Lamento. Rangido.* Meus seios estavam doendo de tanto subir e descer, mas de jeito nenhum pararia quando ele estava me dando ordens.

"Ele me viu no sofá, Nina. Não tem como não ter visto. Como isso parece? Minha primeira noite na casa da minha namorada e estou dormindo no sofá?"

Me movi em um salto lateral para diminuir o impacto que estava praticamente fazendo meus seios voarem em meu rosto a cada salto. "Se ele o conhecesse, não pensaria duas vezes sobre você dormindo no sofá. Primeira noite aqui ou não."

Ele ainda estava com a camisa e calça de ontem, mas estava descalço e suas roupas enrugadas. Seu cabelo estava bagunçado pelo sono e sua voz ainda rouca. Era o mais desalinhado que o vi e, combinado com o jeito que ele estava agindo tão estranhamente, achei um alívio. Por saber que ele era humano. Que ele nem sempre era o terno imaculado e aura dominante que exalava o tempo todo. Talvez não tivesse todas as respostas para todas as perguntas e, às vezes, a vida lhe dava uma rasteira como para o resto de nós.

"Você pararia com a porra do salto agora?!" Max andou para a minha frente, seus olhos piscando para o meu caminho a cada poucos passos.

Meu olhar se acendeu e só pulei mais forte. Meus saltos estavam quase batendo no chão agora. "Sim, vou parar de pular. Quando estiver bem e pronta para fazer." *Rangido, lamento, lamento. Rangido, rangido, lamento.* "Não serei

mandada, comandada, informada ou manipulada, Maximilian Sturm. Quanto mais me disser para parar, mais continuarei."

Com o próximo salto, Max entrou no corredor e desceu. "Faça o que diabos quiser. Eu não me importo."

CAPÍTULO 11

Nina

Estávamos morando juntos por um dia e já havíamos conseguido entrar em três pequenas divergências, uma grande discussão, condenar um vizinho ao ostracismo e Max conseguiu ver minha roupa íntima . Se isso fosse alguma indicação do que estava por vir, eu precisava de drogas. Uma farmácia inteira delas.

Kate queria vir e dar a Max o inferno pelo que aconteceu esta manhã. Foi bom saber que, apesar de ter recebido a mais alta classificação de apetite do livro de Kate Dixon, ela ainda cuidava de mim. Depois de acalmá-la, disse a ela que poderia lidar com Max sozinha e não, não precisava que ela fizesse com que sua amiga "o ajustasse um pouco com um taco de beisebol." O que quer que isso significasse. Eu poderia tê-la apaziguado prometendo derramar um pouco de remédio Imodium, contra diarreia, em seu café pela manhã, o que eu não tinha planos de realmente fazer porque, terminei o ensino médio anos atrás e nunca queria revisitar esse período.

Ele estava fora de sintonia com a coisa de gritar, ordenar, atacar, mas eu não era inocente em todas os aspectos também. Deveria ter mencionado a chave de Nathan. Deveria ter lembrado como ele gostava de deixar um bagel para mim antes de sair para o trabalho de manhã. Deveria ter, sabendo de Max, percebido que ele perderia a cabeça se algum cara entrasse pela porta sem avisar no início da manhã enquanto nós dois estávamos dormindo.

Então sim, um monte inteiro de 'deveria' pode ser empilhado no meu canto de não tão inocente.

Eu acabei de concordar com toda a brincadeira do Imodium antes de descer do ônibus, e estava enviando um texto rápido de boa noite para Kate quando comecei a subir a calçada para a minha casa.

Colocando o telefone no bolso, encontrei a garagem vazia. Porcaria. Eram quase duas da manhã e Max ainda estava trabalhando? Eu sabia que ele trabalhava em horas loucas e passava mais tempo em seu escritório do que em seu antigo apartamento, mas isso foi além. Ele saiu às seis e meia em ponto para o seu escritório esta manhã, o que significava que ele faria um turno de quase dezoito horas nesse dia. Ou quem sabe, talvez ele passaria a noite em seu escritório. Ele me disse que às vezes fazia isso quando ficava tarde da noite e sabia que tinha que começar cedo na manhã seguinte.

Isso seria bom. Depois da noite passada e esta manhã, nós dois poderíamos ter um tempo para esfriar a cabeça.

Enquanto pegava minhas chaves, ouvi o som dos pneus batendo na entrada da garagem. Girando, encontrei o carro feio não-alemão de Max, não conseguia lembrar o nome dele até parar na garagem, e pude ver o rosto de seu motorista. Furiosa era subestimar sua expressão.

Merda. Sabia sobre o que esta briga seria. O que era útil porque que deu a chance de me preparar.

Sua porta foi aberta e ele estava gritando. "Onde diabos você estava, Nina?" Max bateu a porta atrás dele, dando a volta na frente do carro e atravessando o pátio em minha direção.

Engoli em seco, um pouco intimidada pela raiva que podia sentir saindo dele em ondas, mas não recuaria como uma criatura que ele poderia conquistar com um olhar impressionante.

“Se espera que eu responda a isso, é melhor reformular sua pergunta.” Cruzei os braços e me mantive firme, deixando-o chegar tão perto e na minha cara como queria.

Ele parou subitamente quando estávamos separados por pouca distância de corpos, quase como se tivesse atingido alguma barreira invisível. “Nina...” Ele soltou um suspiro, estalando o pescoço. “Onde você estava?”

Eu dei a ele uma olhada. “No trabalho. Como te disse hoje de manhã.”

Sua cabeça tremeu. “Eu estava lá.”

“Deixe-me detalhar isso para você, já que posso ver que está tendo dificuldades para pensar racionalmente.” Eu levantei os olhos para o céu noturno. Deveria ter feito um desejo enquanto tinha apontado dessa maneira. “Fui do trabalho, para o ponto de ônibus, entrei no ônibus, parei no ponto de ônibus, vim para a direita e cheguei aqui.” Cliquei nos meus calcanhares juntos.

“Eu disse que iria buscá-la.” Ele jogou os braços para trás em direção ao seu carro. “Não é seguro andar de ônibus tão tarde.”

A noite tinha sido fria mais cedo, me fazendo pensar em tirar meu casaco de inverno e luvas para amanhã, mas graças a Max, senti como se um inferno estivesse queimando ao nosso redor agora, nos explodindo com ondas de calor.

“E *disse* que pegaria o ônibus.” Minhas palavras saíram soando como se tivessem sido mergulhadas em veneno. Por que ele trouxe esse lado de mim, não sabia, mas parecia que todos os lados que eu tinha, Max trouxe à tona em níveis que nunca soube que existiam.

Na casa ao lado, ouvi a porta de tela bater. Se Max ouviu, não prestou atenção. Com Nathan em sua varanda agora, ouvindo nosso debate acalorado, o gramado não era lugar para continuar com isso.

Quando virei a cabeça, os dedos de Max enrolaram em meu pulso e me puxou de volta para ele. “Nina...”

Apertando a mão dele em mim, me segurando no lugar, observei minha mão se enrolar em um punho. Quando puxei para longe, ele soltou meu pulso, mas pelo olhar em seu rosto, não queria.

“Ainda estou um pouco cansada da nossa discussão desta manhã, Max.” Eu segurei as mãos para cima e comecei a subir as escadas. “Estou saindo disso.”

“Não, você não está. Vamos falar sobre isso, e vamos falar sobre isso agora.” Quando continuei subindo as escadas, Max se lançou para frente, serpenteando o braço em volta do meu estômago e me levantando de volta ao chão ao lado dele. “Não é seguro para você andar por estas ruas tarde da noite, e não é seguro para você andar de ônibus tarde da noite, e não é fodidamente seguro trabalhar naquela espelunca de café tão tarde à noite.”

Desta vez, ele me soltou assim que me colocou na frente dele novamente, mas isso não fez nada para me acalmar.

“Não é seguro? Vou te mostrar o que não é seguro.” Empurrei seu peito, mas ele não se mexeu. Ele provavelmente tinha cinquenta quilos a mais que eu. A única maneira que poderia movê-lo era se tivesse um pé de cabra...que agora... não era uma opção desagradável.

Quando o empurrei novamente, ele recuou um passo. Não foi graças ao meu empurrão. Foi porque finalmente descobriu que acabou de me empurrar para um ponto de ruptura.

“Como você gosta disso?” Agarrei seu pulso, meus pequenos dedos mal dobraram todo o caminho, e o puxei comigo ao redor do quintal. “Você gosta de ser maltratado assim? Gosta de ter alguém te controlando pela força?”

Eu lhe dei outro giro em torno do quintal. Ele foi, embora soubesse que, se quisesse, poderia ter saído facilmente do meu aperto.

Quando acabamos de volta ao pé da escada, dei-lhe mais um empurrão. “Não se atreva a colocar as mãos em mim novamente a menos que lhe dê permissão, me ouviu?”

Ficou claro no rosto de Max que ele se acalmou. Também estava claro que algo parecido com culpa estava começando a afetá-lo. Quando molhou os lábios e esfregou a testa como se estivesse procurando a coisa certa a dizer, nada veio. Eu não poderia dizer se isso era algum ato para me apaziguar para que não perdesse suas perspectivas de green card ou se realmente se sentisse mal.

“Nina?” Nathan chamou de sua varanda. “Você está bem?”

A cabeça de Max bateu na direção da casa de Nathan. Tanto para se acalmar.

“Sim, estou bem”, disse rapidamente. “Apenas uma briga entre namorados.”

Nathan ficou sob as luzes da varanda, seu olhar se deslocando entre Max e eu. “Vocês dois parecem ter muitas dessas.”

A mandíbula de Max se trancou, seus punhos se curvaram. Apenas quando pensei que ele estava prestes a fazer uma pausa para Nathan, ele subiu as escadas em vez disso. Quando Max chegou ao topo, esperou por mim.

“O que posso dizer, Nathan?” A maneira como ele disse isso soou como se estivesse pensando babaquices em vez disso. “Estamos realmente apaixonados.”

Com isso, Max abriu a porta, e esperou que eu entrasse antes que me seguisse. A fechadura virou no lugar. Ouvi seu suspiro, senti o pedido de desculpas em seus lábios, mas continuei em movimento. Passando pelo corredor, olhei para a

mesa de sinuca enfiada na sala de estar, depois que experimentei um momento de fraqueza e concordei em deixá-la lá. Estúpido desperdício de espaço.

Entrei no meu quarto e bati a porta. Uma vez lá dentro, caminhei em círculos ao redor da madeira velha, tentando não pensar sobre o que aconteceu ou porque senti como se estivesse me desenrolando, um puxão de cada vez.

Tinha girado cem círculos e cinco minutos não tinham passado, então decidi descarregar minha energia nervosa de um jeito diferente. Vasculhando a grande caixa de utensílios de manutenção de uma casa que ficava no canto do meu quarto, peguei a pistola de calafetagem e decidi que duas da manhã era a hora perfeita para fazer com que os rodapés fossem calafetados, o que eu tinha na minha lista de coisas a fazer. Por meses. A coisa sobre morar em uma casa tão antiga como esta era, que nunca havia um fim na lista de coisas a fazer. Nunca.

Depois de trocar meu jeans por um par de shorts de algodão, amarrei o cabelo em um coque bagunçado e comecei a trabalhar. Mesmo com uma pistola de calafetagem na mão e mirando toda a minha concentração naqueles rodapés, não podia abafar meus pensamentos sobre Max. Não podia nem mesmo arrastar para o fundo da pilha. Não seria embaralhado. Não seria posto de lado. Não ficaria no banco de trás.

Eu terminei o primeiro comprimento do rodapé quando uma batida suave soou na minha porta. Meu peito doía. Não por quem eu sabia que estava batendo, mas por causa do jeito que ele batia. Vovó costumava bater assim. Um coral de batidas suaves fundiam-se em uma só.

“O que você quer, Max?”

“Não temos tempo suficiente para revisar o que eu quero antes de ter que estar no trabalho de manhã.”

Eu serrei meu queixo. “Então boa noite.”

“Eu gostaria, no entanto, de dizer algo para você. Se estiver tudo bem.” Em seguida, ouvi o que soou como sua testa batendo na porta.

“Bem, diga. Ao contrário de outros que conheço, não vou tentar controlar o que as outras pessoas fazem e dizem.” Eu olhei para a linha de calafetagem que acabei de desenhar. Não estava muito reta.

“Posso abrir a porta e dizer isso? Eu prefiro dizer isso na sua cara do que para essa porta gigante de madeira.”

Eu olhei ao redor do meu quarto, certificando-me que não tinha nenhuma roupa de baixo pendurada ou qualquer outra coisa que chamaria a atenção de Max. Tudo limpo.

“Sim”, respondi, voltando para a minha calafetagem. “Só não cruze o limite. Senão...”

A velha maçaneta gemeu quando ele girou, a porta fazendo o mesmo quando ele a abriu. “Senão o que?”

Eu continuei focando nos rodapés. “Senão... Coisas vão acontecer.”

“Que tipo de coisas?”

“Coisas, coisas.”

“Como o tipo de coisa que um cara queria fazer com você na noite em que nos conhecemos?”

Eu mordi minha bochecha. Ele realmente precisava ter uma memória tão boa? “Mais ou menos assim. Mas totalmente o contrário.”

Max riu da porta, não colocando um pé dentro. “O que está fazendo?”

“O que parece que estou fazendo?”

“Trabalho manual.”

Deslizando pelo chão, continuei trabalhando. “Está certo. É essa coisa que o resto do mundo faz regularmente.

Aqueles que, você sabe, não nadam em piscinas de moedas de ouro e limpam nossas bundas com notas de vinte."

Quando finalmente olhei para trás, o encontrei olhando para mim com uma expressão contemplativa, a testa comprimida, os olhos procurando.

"Você quer uma mão?"

Eu balancei a cabeça, tentando não dar a seus antebraços expostos mais do que um olhar passageiro. Quase nunca o vi sem o paletó ou as mangas arregaçadas do jeito que estavam agora, mas Max tinha alguns antebraços fortes. O tipo que não deve ser coberto com roupas, não importa o quão caras ou customizadas seja.

"Não, obrigada", disse quando percebi que ele ainda estava esperando por uma resposta. "Não gostaria de lhe deixar insensível ou algo assim. Estragar essas mãos macias. Você precisa disso para digitar no seu computador e fazer negócios."

Max sorriu, levantando as mãos, as palmas voltadas para mim. "Estou bem com minhas mãos. Tenho referências se precisar delas."

"Tenho certeza que a única referência que daria às suas mãos uma recomendação brilhante é a região ao sul da sua cintura." Eu me virei quando percebi o que eu acabei de dizer. Por que estava trazendo a região abaixo da cintura de Max? Por que estava pensando nisso?

"Depois de oito semanas juntos, eles estão meio que enjoados um do outro." O nariz de Max se enrugou quando ele inspecionou as mãos. "Pode não ser a melhor referência para atestar a habilidade de minhas mãos."

Eu estava prestes a desenhar outra linha de calafetar ao longo dos rodapés quando seu comentário me jogou totalmente fora. Assim como fez meu corpo estremecer ao mesmo tempo em que fez meu estômago tremer.

“Você fez uma bagunça. Está certa que não precisa da minha ajuda?” Max olhou para a mancha de calafetagem que eu tinha acabado de bombear no chão.

“Você não veio aqui para dizer alguma coisa?” Eu abaixei a pistola de calafetagem e me levantei para pegar um pedaço de papel toalha da caixa.

Max conseguiu entrar no quarto sem pisar nisso e rasgou um chumaço e o estendeu para mim. Eu peguei dele e fui limpar a bagunça antes de ter que adicionar as tábuas do piso à lista de coisas a fazer.

“Sinto muito por tudo isso. La no lado de fora. O que eu disse. O que fiz.” A voz de Max atravessou a sala, mas ele permaneceu onde estava. “Isso tudo é muito mais difícil do que pensava que seria. Mudar para viver com você e morar juntos... Nunca imaginei que isso seria tão difícil.” Ele me observou limpar o chão com aquele olhar em seu rosto novamente. Aquele que parecia que estava sendo torturado de dentro para fora. “Eu não tinha o direito de dizer essas coisas ou tocá-la assim. Isso não vai acontecer novamente.”

Limpando o chão, senti qualquer raiva que tivesse, ser vaporizada. Bem desse jeito. Um pedido de desculpas sincero e foi tudo foi perdoado e esquecido.

“Eu sei. É mais difícil do que pensei que seria também” Parei de esfregar o chão quando estava limpo, então olhei para ele. Não parecia que ele estava piscando pelo jeito que estava olhando para mim. “Está tudo bem. Nós vamos consertar isso. Este é o nosso primeiro dia de convivência. Está fadado a fazermos alguns ajustes, especialmente com a nossa situação sendo o que é.” Fiz uma pausa, quase como se estivesse esperando que ele preenchesse os detalhes da nossa situação porque sentia que não sabia mais como defini-la.

“Mas no caso de não estar claro lá fora” — peguei a pistola de calafetagem novamente e apontei para o peito dele — “não mais aquela coisa de agarrar, gritar e bater no peito, ok? Eu não faço essa merda.”

Max respirou fundo. “Eu também não. Geralmente” acrescentou com um sorriso tímido.

Ele estava sorrindo para mim e eu estava sorrindo de volta, e senti o ar ficando carregado ao meu redor. Parecia que se pusesse minha mão para fora, ficaria chocada com isso.

Este homem tinha muito poder sobre mim. Demasiada influência. Eu não podia arriscar deixá-lo chegar mais perto. Não podia arriscar deixá-lo tomar mais de mim do que eu já tinha concordado. Eu não tinha certeza se ainda tinha muito a oferecer, já vendi três anos da minha vida por um milhão de dólares.

A lembrança do nosso arranjo flamejou na minha bochecha como um tapa.

“Boa noite, Max”, disse, virando-me de costas para ele enquanto me inclinava sobre o ponto onde tinha parado no rodapé.

Eu ouvi a porta gemendo atrás dele. “Boa noite, Nina.”

Quando olhei para trás, vi que ele havia deixado a porta aberta. Ele a deixou aberta apenas o suficiente.

CAPÍTULO 12

Max

O que diabos estava errado comigo? O que. Diabos. Estava errado. Comigo?

Isso era o que estava repetindo em minha mente desde que pedi desculpas a Nina e caí no sofá, tentando acertar as coisas. Isso foi há uma hora, e se qualquer coisa, eu só consegui deixar meus problemas ainda piores.

Quando ouvi sua porta se abrir, sentei-me e escutei seus passos no corredor. Este era um inferno de uma casa, mas não estava exatamente quieta. Fazia mais ruídos do que os que entravam no meu escritório das ruas movimentadas do centro de Portland abaixo.

“Nina?” Sentei mais ereto quando a vi.

“Você ainda está acordado?”

Eu imaginei que era uma pergunta retórica, já que, você sabe, estava sentado olhando para ela.

“O que foi?” Eu me concentrei em manter os olhos levantados porque ela estava usando o mesmo tipo de “pijama” que usava esta manhã depois daquela confusão com Nathan. Uma camiseta fina como papel, boxer feminina — que eram na verdade apenas roupas íntimas que iam um pouco mais abaixo no quadril — e meias até o joelho, não eram pijamas. Isso era como uma roupa de jogo de garota esportiva.

“Precisamos fazer algo sobre a situação de Nathan.” Ela levantou o telefone novo, os ombros caindo um pouco. “Ele fica me mandando mensagens, checando para ter certeza de que estou bem.”

Meus dentes moem juntos. Aquele médico precisaria de um médico se não recuasse. “Então? Apenas mande uma mensagem para ele dizendo que está bem e diga a ele que vai dormir e deixe você em paz.” Foi quando percebi que horas eram. “E por que ele está mandando mensagens para você às três da manhã, afinal?”

Ela acenou que não era importante. Como o inferno não. “Eu já fiz isso. É o último texto que estou preocupada.” Ela lambeu os lábios, olhando para o telefone. “Ele basicamente disse que sabe que algo está acontecendo e que quer que eu conte a ele amanhã. Disse que não vai me deixar em paz até que diga a ele o que realmente está acontecendo entre você e eu.”

Uma risada passou pelos meus lábios. Sim, ele a deixaria. Quando eu acabasse com ele.

Minhas mãos estavam tremendo com o pensamento deste idiota ao lado mandando mensagens de texto para Nina tarde da noite com suas acusações e suspeitas. Queria pular do sofá, bater na porta da frente dele e mostrar o que acontece com caras que mexem com garotas de outros caras.

E então me lembrei que Nina não era realmente minha. Não onde contava pelo menos. Ela poderia ter concordado com a coisa toda, mas seu coração não estava nisso. A parte mais importante da coisa toda era o coração, e se tinha algo, o dela era pedra no que se referia a mim.

“O que quer que eu faça sobre isso?” Perguntei, adivinhando que ela não tinha vindo aqui apenas para me informar.

“Nada”, disse instantaneamente, seus olhos vagando para o local onde me encontrou em cima de Nathan mais cedo. “Mas acho que tenho uma ideia para algo que podemos fazer.”

Não foi o que disse, mas o jeito que ela desviou o olhar quando disse isso. Fiquei instantaneamente intrigado. “O que você tem em mente?”

Quando ela mudou seu peso, lambendo aqueles malditos lábios perfeitos novamente, senti um problema começando a aparecer. Na região abaixo da cintura, como ela havia se referido anteriormente. O jeito que estava vestida — ou com pouca roupa — do jeito que parecia insegura — o que eu não achava que era possível quando se tratava de Nina Burton — o jeito que continuava trabalhando seus lábios até a morte... Eu a seguiria pelas portas do inferno se ela entortasse o dedo.

“Me siga. Acho que seria mais fácil te mostrar do que tentar explicar.”

Ela não esperou que eu ficasse de pé antes de voltar correndo pelo corredor. E eu poderia ter aproveitado a oportunidade para verificar a bunda dela porque estava começando a aceitar que já estava condenado no que se referia a Nina Burton, então poderia muito bem abraçar a jornada para o inferno.

Eu deslizei do sofá, me ajeitei para não incorporar mais a fera batendo no peito que ela já estava com a impressão de que estava, e fui para o seu quarto.

A casa estava escura e o quarto dela igual. Eu estava muito ocupado vendo Nina empunhando sua pistola de calafetar antes para dar uma olhada, mas aproveitei a oportunidade agora. Era simples, discreto... Sem tentar cair nessa categoria. Sua cama estava apoiada no meio de uma parede, onde umas janelas estavam penduradas acima dela. Sua roupa de cama era toda branca, e o resto do quarto mantinha o mesmo espírito de funcionalidade e tons de marfim.

“Quarto agradável.” Fiz uma pausa na porta. “Está tudo bem se cruzar o limite agora? Ou ainda deveria estar tremendo de medo de 'coisas'?”

“Você pode entrar.” Ela verificou seu telefone quando ele zumbiu em sua mão novamente. Porra do inferno. Esse cara não ia desistir. “Embora faça isso por sua conta e risco.”

“Considere-me avisado.” Eu entrei no grande quarto, e felizmente ela ainda estava focada em seu telefone, digitando o que quer que fosse sua resposta. Porque não estava apenas checando ela. Estava olhando.

A lua estava cheia esta noite e brilhando através da janela em que ela estava na frente. A luz prateada pareceu brilhar quando tocou sua pele clara. Destacou suas curvas, sombreando seu corpo, iluminando seu cabelo de modo que quase parecia que estava queimando.

Minha garganta apertou quando fiquei onde estava, não me atrevendo a me aproximar por medo de como meu corpo responderia por ela estar tão perto. Eu me considerava um homem forte, civilizado a maior parte do tempo, mas ela trazia todas as fraquezas para a superfície ao mesmo tempo em que libertava o selvagem dentro de mim.

Ela trouxe o melhor de mim. Trouxe o pior. Trouxe tudo para fora, e eu era sua vítima voluntária. Seu ansioso aluno. Seu aprendiz obediente.

Quando ela colocou o telefone na mesa redonda ao lado de sua cama, se virou antes que pudesse domar meu olhar.

“Então, qual é essa ótima ideia?” Eu olhei para longe e caminhei mais profundamente no quarto; mantendo minha distância. Espero que sem parecer que eu estava tentando. “Porque tenho algumas muito convincentes quando se trata de colocar Nathan em seu lugar.”

Nina ficou quieta por um minuto. “Nós vamos fazer barulhos.” Ela limpou a garganta, sua voz mais alta que o normal. “Barulhos altos.”

“Barulhos?” Minha testa se enrugou. “Como entrar em outra briga?”

Ela trabalhou sua língua em sua bochecha. Agora era a única incapaz de olhar para mim. Esta deve ter sido uma ideia maluca se Nina não podia fazer contato visual.

“Não. Como os barulhos que você faz *depois* de uma briga.” Uma pausa. “Quando está inventando.” Outra pausa. “Em voz alta.” Durante essa pausa, ela subiu em sua cama e começou a lutar com as janelas. “Com as janelas abertas.”

Quando ela acenou com as mãos para as janelas abertas que estavam de frente para a casa de Nathan, a menos de três metros da varanda da frente, pensei que estava começando a entender.

“Oh”, eu disse, ainda processando.

Então ela olhou para a cama antes de levantar as sobrancelhas para mim.

“Oh.” Eu senti um sorriso se formando quando percebi o que ela estava sugerindo. Totalmente entendido. “Ooohh”

“O regozijo, controle-o. Está ficando confuso.”

Eu deslizei mias mãos nos bolsos da calça do meu pijama para disfarçar o tesão que tinha acabado de conseguir sob controle antes que ela me contasse sobre sua solução para o problema de Nathan. “Eu gosto da sua ideia. Estou a bordo da sua ideia.”

Ela revirou os olhos. “Sim, imaginei que você estaria, obrigada.”

“Então essa ideia...São apenas os barulhos que vamos fazer? Não o resto?”

Outro revirar de olhos, mas este tinha que ser forçado. Não veio tão naturalmente quanto o primeiro. “Não a menos que você queira descobrir o que 'coisas' acontecem com

um cara que fode comigo." Um sorriso se estampado no lugar. "De todas as maneiras, fode comigo."

"Figurativamente?" Eu me aproximei.

Ela assentiu.

"Metaforicamente?" Mais perto ainda.

Outro aceno de cabeça.

Minha cabeça se inclinou para ela quando minhas canelas bateram no lado de sua cama. "Literalmente?"

Nina recuou alguns passos, cruzando os braços. "*Especialmente* dessa forma."

Ela estava perto o suficiente para que pudesse puxá-la para mim. Ela estava perto o suficiente para que eu pudesse tê-la deitado, subido nela, e sentido seu corpo se ajustar ao redor do meu enquanto pressionava meu peso nela. Ela estava perto o suficiente...

E ainda uma porra de galáxia de distância.

"Então, como quer fazer isso?" Eu me dei um soco imaginário para conseguir me controlar. "Fiz muito, vi ainda mais...Mas esta é a primeira vez."

Ela soltou um suspiro quando caiu no colchão, as pernas enroladas debaixo dela. "Eu não sei. Meio que venho montando isso na hora." Ela me estudou pairando ao lado de sua cama, então deu um tapinha no colchão como se não tivesse certeza, mas estava indo com isso.

Também não tinha certeza, mas sentei, e as molas do colchão gemeram com o meu peso.

"Eu apenas pensei que se Nathan soubesse *que* nós éramos um casal, você sabe, assim, nos deixaria em paz. Ou pelo menos nos daria um pouco de espaço."

Eu balancei a cabeça através do nevoeiro. Estando em sua cama, sentindo seus lençóis contra mim, cheirando o leve

perfume que usava para lava-los, estava mexendo com a minha cabeça. Fazendo-me sentir como se estivesse preso em algum sonho que não conseguia acordar. “Acho que você está certa. E é melhor do que a minha ideia de contratar um assassino para garantir que Nathan 'nos dê algum espaço'.”

Ela olhou para as mãos abertas, palmas para cima, no colo. “OK. Então, como devemos começar?”

“A maneira como o sexo de reconciliação geralmente começa. Duro e alto.”

Ela molhou os lábios, e meus dedos se contorceram com o desejo de agarrar seu rosto e puxá-la para mim para que eu pudesse sentir seus lábios contra os meus. Então poderia molha-los com a minha língua. Então poderia prová-los.

Meus olhos se apertaram, limpando a imagem.

“Não posso fazer isso olhando para você assim.” Nina desmoronou de volta no colchão, enterrando a cabeça no travesseiro enquanto olhava para o teto.

“OK. Então vamos apenas gritar, grunhir e fazer barulhos enquanto olhamos para o teto.” Deitei de volta no outro travesseiro ao lado dela. “Eu poderia fazer esse trabalho.”

Houve outro minuto de silêncio. Então olhei para ela pelos cantos dos olhos para encontrar... ela já estava olhando para mim pelos cantos dos olhos.

Nós dois começamos a rir. O que foi ótimo e aliviou a tensão. Até eu notar o jeito que o peito dela estava se movendo com a risada dela, pulando porque, merda, ela não estava usando sutiã. Porque, por qual razão ela iria me torturar mais?

“Em algum momento essa noite, Maximilian”, disse ela, sua risada chegando ao fim.

“Foi sua sugestão. De jeito nenhum vou tomar a liderança nisso.” Eu ainda estava rindo, me concentrando no teto, em vez de no peito, a 30 centímetros de distância.

“Por que?”

Levantei os braços. “Porque eu defino o tom nos níveis de pornografia pesada quando você queria algo nas linhas dos acima de 18 anos? De jeito nenhum estou fazendo isso. Sua ideia. Você começa.”

Ela rolou para o lado e apoiou a cabeça na mão. “A diferença entre pornografia pesada, acima de 18 anos e sexo de reconciliação são os ruídos?”

Eu continuei olhando para o teto. “O fato de você ter que perguntar isso me diz claramente que não tem assistido pornografia.”

“Você tem?” Ela bateu no meu braço.

Esfreguei o local que ela acabara de pegar. “Sou europeu. Somos diferentes sobre esse tipo de coisa.”

“Um europeu disposto a pagar um milhão de dólares para se tornar um cidadão dos EUA”, ela murmurou.

“E fui um adolescente que passou metade do dia com o pau na mão. Eu tive que dar uma pausa na minha mente. Material fresco, sabe?”

Por que estava admitindo isso para ela? Por que estava contando a ela sobre meus hábitos prolíficos de masturbação na adolescência e minha familiaridade com pornografia?

Porque eu era um idiota. É por isso.

Tanto por querer dispensar a besta batendo em seu peito e falando em grunhidos e bufando teoria.

“Então?”

Sua voz era como um ímã, me puxando para mais perto contra a minha vontade. Eu não pude lutar contra isso. Me aproximei dela porque era da minha natureza. Rolando para o lado, encontrei sua sobrancelha levantada, sua respiração um pouco superficial, seus olhos verdes em um tom líquido.

“Então?” Eu disse de volta.

Ela lutou com um sorriso, depois fechou os olhos e abriu a boca. Era sexy como o inferno ver aquela linda boca cair aberta... E então um barulho saiu fora disso...

Isso não era sexy como o inferno. Em absoluto.

“O que diabos foi isso?” Perguntei quando ela estava abrindo a boca para deixar sair alguma outra coisa. Espero que isso não soe como se um gato estivesse sendo atacado por um urso pardo.

Quando seus olhos se abriram e me pegaram lutando contra um sorriso, eles se estreitaram. “Isso foi sexo de reconciliação com classificação acima de 18 anos. Caso nunca tenha conseguido algo tão “puro”.”

Eu me engasguei com a risada aumentando. “Então não esteve assistindo nada sexy. Nunca.”

“É? Quem disse que uma pessoa precisa assistir a sexo em uma tela para saber como soa quando finge fazer?” Ela balançou meu braço novamente.

“Ninguém. Mas, para sua informação, Nina, não é assim que as pessoas soam quando estão fazendo sexo de reconciliação.”

Ela rolou de costas e deu um soco no colchão. “Me dá um tempo. Nunca fiz isso antes.”

Minhas sobrancelhas se juntaram. “Sexo de reconciliação?” Quem não tinha feito sexo de reconciliação? Era o melhor tipo. Era como se a raiva fosse como um maldito afrodisíaco.

“Finja fazer sexo de reconciliação”, ela esclareceu.

“Oh”, eu disse. “Bem, esta é minha primeira vez também. Podemos tirar a cereja um do outro.”

Seus olhos se fecharam de novo. “Não está ajudando.”

Ela estava certa. Eu não estava, e nós estávamos perdendo tempo.

“Bem, tenho certeza que fingir fazer, deve parecer como o real.”

Ela assentiu com a cabeça, um tremor percorreu seu corpo como se estivesse se preparando. Quando ela abriu a boca novamente, nunca teria acreditado que um barulho tão horrível poderia ter passado por aquela linda boca.

Ela gemeu, olhando para mim, já sabendo. Eu consegui manter uma cara séria e não me perguntar que tipo de amante patético ela deixaria em sua cama que aprendeu esses tipos de som.

“Aqui. Eu tenho uma ideia.” Levantando, eu agarrei suas mãos e puxei-a comigo.

“O que está fazendo?”

Eu segurei as mãos dela porque não podia soltar quando a toquei. Então comecei a me mover. “Saltando.” Levantei minhas sobrancelhas algumas vezes enquanto as molas do colchão gemiam em protesto.

Ela sorriu como se estivéssemos fazendo algo obsceno, então começou a saltar comigo. Apenas alguns pequeninos no começo, e então ela estava realmente indo. Mais alto do que ela tinha ido no trampolim mais cedo.

E foda-se. O trampolim.

Observá-la pular naquela metade do quarto fez minhas bolas doerem. Eu senti como se alguém tivesse acabado de chutá-las em minhas costelas, tendo ela um pé na minha frente. Saltando. Sem sutiã. Seios.

Eu balancei a cabeça e mantive os olhos acima do seu pescoço. Tanto quanto pude.

As molas estavam realmente cantando agora, a cabeceira se juntando enquanto batia contra a parede como se alguém

estivesse sendo seriamente perfurado. Nina estava radiante, saltando para o ar comigo e chutando seus pés para trás a cada vez.

Deus, ela era linda. Linda demais. Eu deveria ter me virado e saído do bar naquela noite em que a vi pela primeira vez. Eu deveria saber. Mas não fiz. E agora eu já caí. Não havia como voltar atrás.

Jogando a cabeça para trás, ela soltou um som que fez os cabelos na parte de trás do meu pescoço ficarem em pé. Esse mesmo som fez meu pau se sentir prestes a se separar.

“Oh deus, Max!” Ela gemeu, fazendo aquele maldito calor dos inferno suspirar de novo. “Ali mesmo!” A última parte ela deu atenção especial para gritar pela janela. Piscou para mim, ainda pulando.

“Você gosta disso?! Você quer mais?!”Eu gritei pela janela, esperando que Nathan-fodido estivesse ouvindo.

Nós dois grunhimos e gememos, pulando com tanta força que a cabeceira da cama soou perto de se partir ao meio. Ela estava tentando não rir, e eu estava tentando não jogá-la no colchão e fodê-la até que fizesse exatamente os mesmos sons.

“Foda-me, Max! Foda-me duramente!”

Foda-me. Parei de pular por um momento, totalmente fora do personagem. Observando-a, segurando suas mãos, ouvindo-a dizer isso... Foi um prova da minha força de vontade que ela não estava presa embaixo de mim.

Voltei a saltar quando ela me deu um olhar que implicava *vamos lá*. “Sim, amor, vou te foder a noite toda! Vou foder a porra dessa buceta apertada!”

Sua boca caiu aberta e ela assobiou meu nome.

“O quê?” Eu assobiei de volta.

“Você acabou de se referir a minha...” Seus olhos mergulharam para o mesmo ponto em que eu estava tendo muitas fantasias sobre. “Como uma...”

“Buceta? É como você chama quando está fazendo sexo de reconciliação, Liebling.”

Seus olhos se estreitaram, mas ela não tirou as mãos das minhas. “Foda-me com seu pau, Max! Faça duro, baby! Dê-me como força!” Ela estava gritando pela janela, então não havia como ver o olhar no meu rosto. “Me encha com seu esperma, com esse pau enorme e latejante!”

Puxei seus braços, assobiando seu nome desta vez.

“O quê?” murmurou.

“Muito longe. Muito longe”, eu assobiei.

Quando ela deu de ombros, como se não soubesse do que estava falando, senti um sorriso que tinha sido oferecido diretamente da forma demoníaca. “Olha quem está assistindo sua cota de pornografia pesada agora?”

Ela revirou os olhos. “Ah, cale a boca e venha já.”

Ouvi-la dizer isso, vê-la voltar a pular, quase realmente me fez gozar. Nos meus shorts. Porque isso não teria sido estranho nem nada.

“Ok, então quando eu começar a gozar, você tem que gritar mais e mais alto do que eu”, sussurrei para ela enquanto continuávamos pulando no ar. “Se Nathan ouvir o que eu posso fazer com você, o que vai levá-lo a acreditar com base na maneira como está gritando, ele vai desistir e se curvar. Nenhum cara chamado Nathan que usa calça cáqui poderia fazer uma garota fazer esse tipo de sons que você vai fazer para mim.”

Os olhos de Nina estavam meio arregalados e seu salto estava diminuindo, então a puxei para cima e para baixo comigo até o colchão começar a se dobrar em torno de nós cada vez que voltávamos para baixo.

“Pronta?” Eu abaixei minha cabeça em direção à janela com ela.

“Estou gozando, baby! Sim! Sim! Sim!” Nina ofegou pela janela, me acenando mais perto. “Mais forte!! Mais forte!! MAIS FORRRTE!!!”

Eu não era muito falante quando se tratava da parte do orgasmo, então apenas grunhi e gemi na minha liberação fingida.

Nosso pulo chegou a um fim gradual, e ficamos em silêncio por um momento. Nós dois estávamos ofegantes pelo esforço e vi gotas de suor se formando ao longo do pescoço e do peito de Nina. Eu senti o meu escorrendo pelas minhas costas. Porra, por todo o esforço, nós podíamos muito bem ter feito isso.

Nina ficou perto da janela aberta, levantando o dedo aos lábios quando eu abri minha boca. Escutei com ela. Nem mesmo um minuto depois, ouvimos a porta da frente dele fechar, seguida pela porta da tela logo depois.

Ela ergueu a mão e me deu um riso alto, antes que nós dois caíssemos sobre a cama dela. Levamos alguns minutos até a nossa respiração voltar ao normal. Então Nina rolou para o lado dela na minha direção. Eu ainda estava duro e lutando contra um puxão que nunca senti antes. Um desejo que correu mais fundo do que já tinha experimentado. Eu estava lutando contra isso a cada passo do caminho.

Era uma briga inútil, mas não pararia. Eu fiz uma promessa a Nina. Ela me fez uma e estava determinada a segurar ate o fim dela. Retornaria o favor.

O que aconteceu comigo antes — quem eu era agora como resultado — queria protegê-la, porque sabia que não poderia dar a ela o que precisava. Eu não podia amá-la do jeito que merecia ser amada. Alguém roubara isso de mim anos atrás e me asseguraria de que nunca voltasse a crescer.

“Max?” Ela não esperou pela minha resposta. “Esse foi o melhor sexo de reconciliação que já tive.”

Eu lutei com o sorriso puxando minha boca. “Eu também.”

Eu queria dar-lhe um beijo rápido na testa antes de sair, mas não consegui. Um toque, inocente como poderia ter sido, não seria suficiente. Eu não podia fazer isso ou então poderia terminar o processo de vender minha alma.

Com algumas garotas eu poderia ter me contentado em compartilhar um toque, uma noite, mas não Nina. Nunca ela. Um toque e eu quero tudo. Para sempre.

Quando comecei a me arrastar para fora de sua cama, sua mão encontrou meu pulso. “Você não precisa ir. Acabamos de fazer sexo falso na minha cama.” Seus olhos cansados se abriram em mim. Um sorriso sonolento mudou-se para o lugar. “Eu acho que está tudo bem você dormir agora. Contanto que seja mentira.”

Eu sabia que não deveria. Sabia que deveria voltar para o sofá e tentar não cair no sono. Sabia que deveria manter qualquer distância que pudesse entre nós antes de arruinar tudo.

Eu sabia, mas não dei atenção ao meu conhecimento. Como um rio correndo em direção a uma cachoeira, não consegui parar. Não pude recuar ou diminuir a velocidade ou parar. Sabia que ia cair. Pesado.

Quando deslizei de volta para a cama ao lado dela, ela levantou os cobertores para eu deslizar para baixo. Ela não disse mais nada. Não se aproximou nem se afastou. Apenas adormeceu, a mão ainda ao redor da minha mão como se fosse tão incapaz de me deixar ir como eu era de deixá-la.

Eu fiquei acordado o resto da noite, observando-a. Ela nunca me soltou. Uma vez, quando tentei me afastar, seu aperto aumentou. Mesmo em seu sono, não me deixou ir.

E foi aí que comecei a me perguntar se estaria tudo bem se me apaixonasse por Nina Burton. Contanto que fingisse.

CAPÍTULO 13

Nina

Morrendo de fome. Foi assim que me senti quando acordei. Poderia pensar que passei metade da noite fazendo sexo voraz — o tipo real, não o fingido..

Max não estava na minha cama quando saí de lá, mas isso provavelmente foi o melhor. Muita tentação de rolar e olhar para ele enquanto dormia, o que era assustador. Muita tentação para tocá-lo, o que também era assustador.

Eu ainda podia sentir o cheiro dele em meus lençóis, e antes de me arrastar para fora da cama, enterrei o rosto no travesseiro que ele dormiu na noite passada e respirei aquele cheiro. Que também foi assustador.

Depois de pegar um grande agasalho da minha cômoda, o coloquei e saí do meu quarto. As janelas estavam fechadas agora — Max deve ter feito isso em algum momento na noite anterior, mas muito ar fresco de outono havia entrado enquanto elas estavam abertas.

A noite passada foi inesperada, ajustando a maior parte do tema do nosso relacionamento. Também foi divertido, ver o lado mais leve dele que parecia ficar sufocado sempre que ele estava em um terno.

Também foi loucamente sexy. Ter ele na minha cama, fazendo aqueles sons, dizendo essas coisas enquanto segurava minhas mãos. Houve alguns momentos em que pensei ter visto

algo em seus olhos — desejo, talvez — mas passou com a próxima piscada. Eu imaginei que teria sido normal para quaisquer duas pessoas fazerem o que fizemos na noite passada, não importando a extensão de seu relacionamento.

Eu me movi levemente pelo corredor, tentando impedir a casa de acordar no caso de Max ter saído e caído no sofá. Nós só adormecemos há algumas horas atrás, mas tínhamos lugares para estar nesta manhã.

Quando cheguei à cozinha, provavelmente não deveria ter ficado surpresa ao encontrá-lo sentado na pequena mesa redonda, trabalhando em seu laptop, o telefone descansando ao lado e o jornal do outro lado. Seu terno esta manhã era um azul mais claro, e sua expressão foi atraída de volta para as linhas sérias que ele usava na maior parte do tempo.

“Você acordou cedo”, cumprimentei com um aceno.

Seu olhar se levantou do laptop para mim por meio segundo. “Não sou o único.”

“Minha avó era madrugadora. Não consigo quebrar o hábito.” Verifiquei o relógio acima do fogão. Passavam uns minutos das cinco, o que era horrível, já que nenhum de nós dormiu até três horas.

“Sim, a Bolsa de Valores de Nova York é madrugadora também.” Os olhos de Max piscaram em mim novamente, um sorriso trabalhando na posição.

“Café?”

Ele assentiu. “Amaria mais.”

Peguei a cafeteira e a enchi de água até o topo. Normalmente eu só fazia meia jarra, mas agora havia dois de nós na casa. Dois que tiraram uma soneca na noite passada.

“Trabalhando em casa hoje?” Olhei para sua tela. Parecia que ele tinha várias telas abertas e estava trabalhando em todas simultaneamente.

“Pelo menos até me certificar de que Nathan não bata à sua porta esta manhã.” Seus dedos voaram pelo teclado. “Não quero que te incomode. Ele precisa aprender os novos limites agora que estou aqui. O que pode dizer e o que não pode. Quem ele pode cobiçar e quem não pode.” Ele olhou para mim, sua sobrancelha levantada. “Você está nessa lista de não pode cobiçar agora.”

Quando eu torci a lata de café para abrir, levantei uma sobrancelha para ele. “Você é meio possessivo, sabe disso?”

Sua atenção estava de volta em seu laptop novamente, mas sua cabeça balançou. “ Possessivo não. Protetor.”

Eu fiz uma careta. “Há uma diferença?”

O telefone de Max soou, mas ele ignorou. “Possessivo é para meu benefício. Protetor é para o *seu*.”

“Oh”, disse brilhantemente, colocando café no filtro. Isso fazia sentido, mas não daria a ele uma confirmação verbal, porque o que quer que Max fosse — protetor ou possessivo — tendia para a extremidade dominante da sua personalidade “Então? Como anda o trabalho?”

Revirei os olhos com a minha pergunta. Soei sem noção. O que meio que era. O mercado de ações, troca de moeda e tudo isso não fazia muito sentido para mim, mas parecia que fazia parte da natureza de Max. Obviamente. Os ternos caros e milhões de dólares para pagar uma mulher para se casar com ele não surgiram do nada.

“Bom.. E ruim”, disse ele. “Esse é o tom de cada dia de trabalho.”

“O que você está planejando fazer com todo esse dinheiro que está ganhando dessas ações e... Outras coisas?” Eu virei o botão da cafeteira para cima.

“Encher uma piscina com moedas de ouro, é claro.” Ele inclinou a cabeça para trás um pouco.

“Eu sabia”, provoquei de volta, puxando duas canecas do armário.

“Não, meu plano é fazer o que preciso nos mercados, para ter recursos suficientes para entrar no desenvolvimento comercial” Max se inclinou para mais perto da tela.

“Desenvolvimento comercial?”

“Eu quero construir arranha-céus.”

Suspirei. “Claro que quer.”

Ele deu de ombros e continuou digitando.

“Quanto tempo até que possa começar a construir esses arranha-céus?” Eu andei até a geladeira e abri a porta.

“Se tudo continuar seguindo de acordo com o planejado, alguns anos.”

Se tudo corresse de acordo com o planejado, ele estaria recebendo outro desejo em alguns anos também. “É por isso que quer tanto seu green card, não é? Então pode ficar e construir arranha-céus?” Eu duvidava que investidores e comitês de zoneamento olhassem favoravelmente para um homem que estava no país ilegalmente.

“Não, quero o meu green card porque esta é a minha casa.”

Puxei alguns ovos para fora da geladeira e, em seguida, bati a porta com o meu quadril. “Quer construir arranha-céus na sua casa?”

“Precisamente.” Max tinha uma caneta na boca, o que tornava seu sotaque mais pronunciado por algum motivo.

“Com esses tipos de grandes planos, é uma coisa boa que você achou uma ótima garota para se casar sob falsos pretextos.”

Max riu, a caneta ainda entre os dentes. “Agradeço à minha estrela da sorte.”

“Aquela que te dá sexo de reconciliação selvagem.” Eu sorri para a frigideira que estava derretendo um pedaço de manteiga dentro.

“Ela é uma aberração da natureza na cama. Diz as coisas mais sujas. Me deixa louco.” Ele parou de mastigar a caneta e estava olhando para mim no fogão

“Espero que você esteja pagando muito a ela. Tipo, bastante mesmo.”

“Oh, estou. Além disso, dou a ela um orgasmo fingido alucinante.” O sorriso perverso de Max se encaixou, mas eu mantive minha atenção em espalhar aquele pedaço de manteiga ao redor.

Ele não tinha ideia de quão perto eu cheguei a um orgasmo não tão fingido na noite passada. Ele também nunca teria ideia.

“Você acha que um dia, depois de tudo isso, vai se casar de novo? Por amor de verdade?” Max se mexeu em sua cadeira, então estava mais virado para mim do que seu laptop.

Eu balancei a cabeça e peguei alguns pedaços de pão da sacola no balcão. “Não. Nenhuma maneira no inferno.” Balancei a cabeça novamente. “Nunca vou casar por amor.”

Max inclinou a cabeça enquanto continuava a me estudar. “Por que não?”

“Porque não funciona.” Encontrei o velho cortador de biscoitos da minha avó na gaveta e cortei alguns círculos no centro do pão. “Casamento e compromisso não funcionam juntos. Casamento e amor não andam juntos. Vi isso varias vezes. É um engano.”

Max me observou por mais um minuto antes de voltar para o computador. Eu me concentrei no som do café filtrando para me acalmar depois desse tópico.

“Você nunca esteve com alguém que pensou que talvez, pudesse casar?”

Quando a primeira fatia de pão caiu na frigideira a manteiga chiou e cuspiu ao redor dele. “Nem uma vez.” Coloquei a segunda ao lado dela. “Nunca deixei ninguém chegar perto o suficiente.”

O único som durante um minuto foi o chiar da manteiga e a digitação de Max.

“Então você é contra o casamento porque nunca deixa ninguém entrar, e eu sou contra isso porque deixei muitas pessoas entrarem.”

Eu quebrei o primeiro ovo no buraco de uma fatia de pão. “Eu acho que sim”, disse, quebrando o segundo ovo na outra fatia. “Quantas pessoas você deixou chegar muito perto?”

Quando Max não respondeu a princípio, olhei de relance. Suas costas estavam tensas, os ombros duros.

“Pela minha experiência”, disse lentamente, “demais.”

Eu o observei, espátula na mão, querendo perguntar muito mais. Li sobre uma mulher no passado de Max. Uma por quem estava apaixonado. Com quem quase se casou. Ele não entrou em muitos detalhes além de escrever que terminara. Algo de mim queria saber tudo sobre ela e o que havia acontecido — a maioria de mim não queria saber mais nada do que já sabia.

“Então foi só você e sua avó nesta casa quando estava crescendo?” Ele perguntou quando virei o combo pão e ovo.

“A maior parte, sim.” Eu fui junto com seu plano de mudar o assunto. Deus sabia que se tivesse o meu coração atraído e esquartejado por alguém que me desanimou sobre o casamento, não gostaria de falar sobre isso também.

Foi por isso que nunca deixei ninguém chegar perto o suficiente para fazer isso.

“Minha mãe veio e foi, até os sete anos. Então ela apenas...” Engoli, me proibindo de sentir qualquer coisa por

aquela mulher. Senti o suficiente por ela quando criança sem receber nada em troca.

"O que aconteceu com ela?" Os dedos de Max pararam sobre o teclado.

"Não sei. Não me importo." Chequei a parte de baixo do pão. Ainda precisava de mais um minuto. "Ela seguiu o perdedor Número Treze pela porta da frente, dezessete anos atrás, e isso foi última vez que ouvi falar dela." Inalei quando senti a garganta apertar ao lembrar do aceno que ela me deu antes de sair correndo pela porta. Eu sabia que era um aceno de adeus — simplesmente não sabia que era um aceno de adeus para sempre... "Seu número da sorte treze."

"Você nunca ouviu falar dela de novo?" Max perguntou.

"Oh, você sabe, um cartão postal ocasional de Reno aqui, telefonema a cobrar de Tampa. Por alguns anos, até pararem de vir." Peguei dois pratos do armário. "Estávamos melhor sem ela. Sem todos aqueles caras entrando e saindo, vendo o que tinham feito em seu rosto de manhã na hora do café. Vendo o que fazia a si mesma com contusões e veias danificadas." Eu deslizei a primeira fatia de pão em um prato. "Estávamos melhor sem ela. Ela estava melhor sem nós, também."

Quando o telefone de Max soou, ele silenciou. "Você nunca conheceu seu pai?"

"Não. Eles eram bons e divorciados, e ele era bom e nos abandonou antes do meu terceiro aniversário. Não lembro muito." Coloco um par de garfos nos pratos, os levo para a mesa.

"E seu avô deixou sua avó depois que sua mãe nasceu, certo?" Quando deslizei seu prato ao lado de seu lugar, ele acrescentou: "Obrigado."

"Sim, nunca o conheci, e vovó nunca disse muita coisa." Eu fui para o café porque precisava de um pouco de cafeína para ter esse tipo de conversa. "Mas olhe o que ela fez sozinha. Esta casa. Ela trabalhou, sustentou-se em uma

época que não era particularmente apreciada ou feito por mulheres no trabalho. Ela criou minha mãe e eu. Ela estava melhor sem ele, minha mãe teria ficado melhor sem todos eles e ficarei melhor sem ele."

Max se virou na cadeira e ficou me observando. A pele entre as sobrancelhas estava desenhada em uma linha dura, os olhos nublados. "Eu sinto muito, Nina. Não entendo como alguém poderia fazer isso com você."

Eu me mexi. "Natureza humana. Compromisso não é parte disso." Eu derramei um pouco de creme na minha xícara e deixei o preto para Max.

"Mas e sua avó? Parece que ela sabia um pouco sobre o compromisso." Ele levantou as sobrancelhas para mim enquanto levava nossos cafés para a mesa.

"Minha avó era especial. Uma em um milhão."

"E mais ninguém poderia ser especial em sua vida? Ninguém mais poderia ser aquele um em um milhão?" Ele deslizou seu papel e laptop quando escorreguei para o assento ao lado dele, colocando nossos cafés na mesa.

"Todo mundo me deixou, Max. Até mesmo vovó agora." Eu mastiguei o interior da bochecha por um segundo, me perguntando por que estava dizendo a ele tudo isso. Ele não era meu melhor amigo, nem meu confidente mais próximo. Ele era um cara que estava me pagando para casar com ele. Então, por que senti que poderia contar alguma coisa a ele? Como se pudesse contar tudo e ele não piscaria um olho? "Seria uma idiota de esperar algo diferente de um relacionamento. Estaria me preparando para o fracasso."

Ele tomou um gole de café, me olhando pela lateral do copo. Ele drenou metade disso em um longo gole. "Se você olhar para as probabilidades, claro. Estatisticamente falando, você está certa... Mas nunca ouviu que o amor desafia as probabilidades?"

Minha cabeça balançou quando bufei. “Sim, acho que ouvi isso. Naquelas coisas chamadas de livros de contos de fadas.”

Max riu e cortou o café da manhã com a lateral do garfo. Ele espetou um pedaço e enfiou na boca, de alguma forma conseguindo não deixar a gema escorrendo por todo o seu terno. Ele meio que gemeu enquanto mastigava. “O que é isso?”

“Ovo em uma cesta.” Eu tentei não olhar quando ele empurrou outra grande mordida em sua boca. Em seu terno, com seu laptop piscando com os mercados mudando, ele parecia tão digno. Pelo menos até começar a comer.

“Está... Está...” Ele procurou pela palavra certa, continuando a mastigar.

“Bom”, sugeri.

Max sacudiu a cabeça e terminou de mastigar. “É o café da manhã equivalente ao que fizemos na noite passada. É isso que é.”

Pensar na noite passada fez minhas pernas se apertarem. Eu estava apenas tomando um gole do meu café quando ouvimos o som de uma porta de garagem se abrindo. Max saltou da cadeira e dirigiu-se para a janela ao lado da porta.

“Missão fodidamente realizada”, ele cantou da porta quando cheguei atrás dele.

Eu peguei um vislumbre do carro de Nathan saindo da garagem. Ele costumava dirigir devagar e na defensiva, como se esperasse que algum garoto passasse pela entrada de veículos de bicicleta a qualquer segundo. Esta manhã, ele estava dirigindo como se estivesse treinando para a NASCAR.

“Eu não sabia que um Prius podia ir tão rápido.” Max assobiou quando as rodas de Nathan gritaram quando ele acelerou pela estrada.

“Acho que ele ouviu alguma coisa na noite passada?” Eu provoquei, cutucando Max.

“Liebling, é assim que um homem dirige quando percebe que toda a frustração sexual que está se acumulando está sendo trabalhada nas mãos dele em vez da vizinha gostosa.” Max deu uma piscada para mim.

“Bem, um problema resolvido. Provavelmente só temos mais mil para passar antes que tudo isso esteja feito, certo?”

O sorriso de Max começou a se afastar. “Provavelmente.”

Expirando, voltei para a mesa. Eu tinha seis cachorros para levar para passear às sete. “Algo para olhar mais pra frente.”

“Nina?” Sua voz me parou. Quando me virei, o encontrei de frente para mim, com a testa alinhada. “Existe alguma coisa que posso fazer por você?”

Meus pulmões esticaram pelo jeito que ele estava olhando para mim. Meu coração doeu por sua pergunta. Havia sinceridade em seu tom, preocupação em sua expressão. Como alguém que se procurou com o propósito de me usar seria tão convincente? Como ele poderia me fazer sentir especial quando eu realmente era um meio para um fim?

No entanto, eu era mais esperta, aprendi com a experiência. Não importava o que ele dissesse. Não importava como olhava para mim. Eventualmente, ele apenas me deixaria como o resto deles.

“Sim”, respondi, indo embora. “Você pode manter sua promessa de não se apaixonar por mim.”

CAPÍTULO 14

Nina

Max estava em casa. Ou Max estava *aqui*.

Ele entrando ainda era estranho, e pensar nele e em casa juntos era um esforço.

Enquanto andava pelos degraus da varanda, notei que a porta da frente estava ligeiramente aberta. Então a cabeça de Max apareceu. Seus olhos suavizaram quando me viu, então abriu a porta.

“O que você está fazendo?” Perguntei enquanto avaliava a cena do lado de dentro da porta. Havia uma caixa de ferramentas e Max estava em... jeans. E uma camiseta. Eu não tinha pensado que ele possuía essas roupas comuns.

“Romance”, disse com um encolher de ombros.

Senti minha testa enrugar.

Ele apontou para a porta. “Arrumando suas dobradiças barulhentas. Romance, certo?”

Foi quando notei uma lata de spray lubrificante na varanda a seus pés. “Não posso acreditar que se lembrou disso.”

“Por que não?” Max tirou a chave de fenda da parte de trás da calça jeans e voltou ao trabalho.

“Porque você é um cara. Entra por um ouvido, sai pelo outro.” Estava olhando para ele enquanto trabalhava, praticamente espantada. “Especialmente se for relacionado a romance.”

“Eu não sou apenas um cara.” Ele ergueu a chave de fenda por um momento antes de colocá-la de volta ao trabalho. “Sou quem está passando os próximos anos com você. O cara que gostaria de ficar em suas boas graças. Além disso, olha quem está falando?” Ele olhou para os meus braços que estavam carregados.

“Peguei suas roupas na lavanderia. Parece que foi na hora, também.” Acenei para sua calça jeans, deixando meu olhar demorar um pouco mais do que deveria. Graças aos paletós de Max, a parte de trás dele estava quase sempre escondida. Suponho que isso era uma coisa boa, já que não conseguia parar de encará-lo.

E daí? Ele tinha uma boa bunda. E um rosto bonito. E todo o resto no meio também. Então ele era bom de se olhar.

Não era como se ele... esperasse para tomar banho de manhã para que eu pudesse tomar banho de água quente. Não era como ele... Tivesse meu café pronto quando saísse daquele banho quente. Não era como ele... Levasse tempo para consertar as minhas dobradiças.

Ugh. Minha missão de odiar Maximilian Sturm estava ficando cada vez mais difícil a cada minuto.

“Como você sabe que lavanderia uso?” Max perguntou enquanto colocava sua pilha de ternos sobre as costas de sua cadeira, ele caminhou para a sala de estar.

“Notei um dos seus recibos na semana passada.” Não mencionei que “notei” no lixo. “Não é grande coisa. Além disso, você tem estado tão ocupado com o trabalho e não queria que ficasse sem ternos.”

Max agachou-se para trabalhar na dobradiça inferior. “Estou sempre ocupado com o trabalho.”

“Ainda assim está consertando minhas dobradiças barulhentas.”

Um de seus ombros se levantou, esticando o tecido de sua camiseta nas costas. “Eu tive um pouco de tempo livre.”

“E escolheu a melhoria de casa para preenchê-lo?”

Max olhou por cima do ombro para mim. Seus olhos seguraram os meus de tal maneira que não pude escapar deles. “Escolhi fazer algo para cuidar de você para preenchê-lo.”

Meu peito doeu quando disse isso. Ele continuou dolorido enquanto continuava a olhar para mim com a mesma expressão. Não foi até Max voltar a focar na porta que fui capaz de pensar novamente.

“É por isso que seguiu esse caminho, certo? Pagando pelo casamento?” Engoli e me inclinei para o encosto do sofá. “Você está muito ocupado para investir qualquer coisa em fazer um relacionamento funcionar.”

“Sim” Max assentiu “isso é parte do motivo.”

“E a outra parte tem a ver com?”

Ele parou de trabalhar na dobradiça. “Não acredito em compromisso. No casamento. Nós conversamos sobre isso. Isso simplesmente não funciona.”

Sim, nós falamos sobre isso. Engraçado que ele quem lembrava da nossa opinião compartilhada sobre o assunto.

“Sim, porque é tão realista esperar que duas pessoas não apenas sejam melhores amigas para sempre, mas também sejam as únicas pessoas com quem poderiam imaginar fazer sexo até morrerem. Fale sobre um conto de fadas” eu disse, chutando para fora o meu tênis. “Com um final infeliz.”

Max bufou sua aprovação. “Imagine isso, duas pessoas que não acreditam em casamento se casando. Quão irônico é isso?”

“Eu acredito em casamento falso”, falei de volta quando fui para a cozinha para pegar uma água. “Só não no tipo real.” Depois de remexer na geladeira por uma garrafa de água, puxei para fora, torci a tampa, e voltei para a porta da frente. “Talvez outra parte do seu motivo para não acreditar em casamento e compromisso tenha algo a ver com certa pessoa do seu passado?”

Quando parei atrás de Max, estendendo a garrafa de água, ele não se mexeu. “Poderia ser.”

Sua voz estava distante. Quase fria.

“O que aconteceu?”

Os músculos descendo pelo pescoço apareceram em sua pele. “Não funcionou.”

Quando pareceu não notar a água que eu segurava para ele, bati no ombro dele com ela. “Por que não funcionou?”

Max pegou a água, agradeceu e esvaziou metade em uma virada. “Porque você não pode fazer o amor funcionar, quando a pessoa do outro lado não te ama de volta.”

Encostada na parede ao meu lado, olhei para ele. “Mas você a amava?”

“Na época, sim, achava que sim, mas éramos jovens e eu era idiota.” Os dedos de Max começaram a ficar brancos por segurar a chave de fenda. “O que aprendi com essa experiência não foi amor. Foi uma lição sobre o que o amor não era.”

Eu não estava acostumada a esses flashes de vulnerabilidade de Max. Não tinha certeza se o que ele mais precisava era de um abraço ou apenas não falar mais sobre isso. Fui com algo no meio disso. “Como descobriu que ela não amava você?”

Ele exalou bruscamente. “Quando uma amiga na Alemanha ligou para me dizer que estava sendo infiel. Por anos. Com vários parceiros.” Max olhou para a dobradiça de bronze brilhante como se estivesse vendo algo refletido nela.

“Isso foi no dia anterior em que eu estava pronto para voar de volta para a Alemanha para sempre. O dia depois que saí do meu último ano de aulas de doutorado. O dia em que estava pronto para desistir de tudo por uma mulher que estava disposta a não dar nada em troca.”

“Meu deus, Max...” Exalei, sem nenhuma certeza de para onde ir a partir daqui. Nunca imaginei que ele tivesse esse tipo de história — que tivesse essa cicatriz profunda. “O que fez?”

Ele ficou contemplativo por outro momento antes de voltar ao trabalho. “Implorei e supliquei para meus professores para que me deixassem voltar às aulas que deixei formalmente, rasguei minha passagem de ida pela metade e adotei um manifesto pessoal para nunca deixar outra mulher fazer isso comigo novamente. Que nunca mais acabaria em uma posição, onde desistiria de tudo pelo que achava que era amor.”

Assistindo ao trabalho de Max, era difícil para mim imaginar que tipo de mulher poderia fazer isso com ele. Que tipo de pessoa poderia traí-lo assim? Max tinha seus defeitos, como o resto de nós, mas suas forças mais do que compensavam qualquer desvantagem percebida. Naquele momento, meio que queria chutar sua bunda alemã traidora, quem quer que fosse.

“Seus pais? Há quanto tempo eles estão casados?” Eu perguntei, mudando de assunto já que pude ver como isso o aborrecia.

“Trinta e cinco anos visivelmente sem magia.” A voz de Max estava gotejando sarcasmo.

“Isso mostra compromisso, certo?” Eu argumentei, não sei por que estava discutindo isso. Era tão cética ao casamento e compromisso quanto ele.

“Não, mostra uma alta tolerância à dor. Os dois ficariam mais felizes separados, mas são muito teimosos para admitir

isso.” Ele pegou o spray e borrifou em um dos furos. “Eu os amo, mas eles têm suas falhas.”

“Assim como o resto de nós”, acrescentei.

“O resto de nós” — Max inclinou a cabeça para trás e para frente — “mas alguns com bônus. Ouça, eu gosto da minha família, mas eles me deixam louco. Assim como os deixo loucos. Há uma razão pela qual coloquei aquele enorme oceano conhecido como o Atlântico entre nós, sabe?”

Sim, porque se sair do estado não era longe o suficiente, sempre havia o outro lado do globo. Mas ficou claro pela postura de Max que era hora de seguir em frente. Antes que a veia em sua testa estourasse ou os músculos cobrindo suas costas rasgassem sua camiseta. “Ei, acabei de descobrir que vendi algumas fotos. Incrível, né?” Bati na pequena bolsa de ombro ainda envolvida em mim. “Vamos nos alimentar bem esta noite.”

“Nina.” Max suspirou, virando-se, então estava de frente para mim. “Gostaria que me deixasse cuidar de todas as despesas da casa.”

Minha cabeça balançou. Inflexivelmente. “De jeito nenhum. Esta é uma união falsa alemã completa. Mas obrigada.”

Ele abriu a boca para discutir. Quando minha sobrancelha se levantou ao máximo, sua boca se fechou. Nós dois estávamos aprendendo. Quão longe poderíamos empurrar o outro. Quais botões não apertar. O que dizer e o que deixar de dizer.

“Desde que você tem essa porta sob controle, acho que vou ficar na parte de trás.” Eu me afastei da parede, pegando uma chave de fenda extra da caixa de ferramentas.

Antes de entrar no corredor, Max me chamou. “Nina? Como tem sido? Me ter aqui? Nós?” Ele estava de pé novamente, avaliando-me de uma maneira que eu estava

ficando mais e mais acostumada. Como se fosse um enigma e familiar. “Mais fácil do que pensou que seria? Ou mais difícil?”

Eu só precisei de um momento para considerar minha resposta. “Ambos.”

Max assentiu, parecendo considerar isso. “Existe alguma coisa que possa fazer para tornar isso mais fácil?”

Entendendo o que estava por trás de sua pergunta, dei-lhe um sorriso tranquilizador. “Não se preocupe, Max. Não vou a lugar algum.”

Seu peito caiu em sua expiração. “Nem eu.”

Antes de continuar pelo corredor, acenei a chave de fenda para a porta atrás dele. “Obrigada pelo romance.”

Sua resposta veio um momento depois. “A qualquer momento.”

CAPÍTULO 15

Max

Dia do noivado. Eu teria pensado que estava me envolvendo de verdade, com o quão nervoso estivera durante toda a manhã.

Outro mês se passou e Nina e eu caímos em uma espécie de rotina, nossos horários misturado, nossas vidas se fundindo em uma. Viver com ela, compartilhar os poucos momentos roubados que raramente tivemos ao mesmo tempo, ter sua presença perto de mim, tornou esse o melhor mês da minha vida.

Se dividir um mês com uma mulher que estava pagando para casar comigo constituía o melhor, isso não dizia muito sobre a vida que estava vivendo até agora. Mas Nina não era apenas especial para mim por causa do nosso acordo — era especial por causa de quem era.

Ela não era como nenhuma mulher que já conheci. Era tudo que queria em uma parceira e tudo que não poderia ter. Ela era, no final do dia, *tudo*.

Por isso queria que a noite fosse tão especial. Não podia admitir que meus sentimentos foram além dos limites da amizade, mas isso não significava que não pudesse fazer algo para mostrar a ela o quanto significava para mim. Eu a deixe acreditar que o que resultava da amizade, não me importava. Eu só tinha que mostrar a ela, do meu jeito, o quanto me importava com ela.

Estava acabando de fazer o nó na gravata preta no espelho do corredor quando ouvi a porta do quarto de Nina abrir.

Ela pensou que estávamos nos vestindo para tirar fotos para postar sobre o nosso “noivado.” Ela não tinha ideia de que planejei outra coisa para resto da noite.

“Estava certa de que vestidos como esse não vinham no meu tamanho, mas por incrível que pareça os designers fazem roupas que se encaixam nas pessoas que realmente comem.”

Eu nunca imaginei que as pessoas estavam falando sério quando descreveram a sensação de uma bola de demolição atingindo-as. Mas quando ela entrou no corredor, foi exatamente o que senti. Como se algo grande e poderoso tivesse me golpeado no peito. Não conseguia respirar. Mal conseguia ficar de pé.

“O que quer dizer?” Minha voz também soou como se tivesse acabado de ser esmagada por uma bola de metal de duas toneladas. “Vestidos como esses foram feitos para serem usados por mulheres como você.”

Ela olhou para baixo enquanto continuava se movendo pelo corredor, alisando o vestido com as mãos. “Não tenho tanta certeza sobre isso, mas obrigada.”

Deus. Ela não era real. Não podia ser.

“Qual é o ponto da curva sendo abraçada, se não tem curvas para abraçar?” Eu desviei meus olhos dela quando me pegou olhando. Me pegou checando-a o suficiente ultimamente.

“Bem, não tenho falta delas.”

“Não.” Meus olhos se voltaram para ela. Pro diabo com isso. “Você não tem.”

“Obrigada pelo vestido. Mesmo que tenha mantido as etiquetas e planeje devolvê-lo amanhã.”

“Comprei para você. Não para devolvê-lo.” Meus olhos vagaram por ela. O vestido era perfeito. A mesma cor de seus olhos, fez sua pele quase brilhar, a cor de chamas de seu cabelo, e fez seu corpo parecer a soma total de toda fantasia que todo homem ousou conceber.

“Só vou usá-lo por cinco minutos, Max. Isso custa...”

“Sei quanto custou. Comprei para você. Como um presente.”

Quando ela respirou fundo, seu peito se ergueu, levantando ainda mais seus seios. Meus dentes cerraram.

“Falamos o suficiente sobre mim. Olhe para você.” Ela jogou os braços para mim. “Não é justo quão bem parece em um smoking, Max. Tenho certeza de que existem leis contra isso. Você sabe, aquelas destinadas a proteger os corações de mulheres jovens em todos os lugares.”

Eu dei um passo para mais perto, deslizando minha mão no bolso quando a peguei estendendo a mão. “Eu só vejo uma jovem ao redor.”

“Sim, e ela teve seu coração removido anos atrás, então não precisa se preocupar em me deixar morrer com esse sorriso e do terno de pinguim que está usando.”

Uma risada surgiu do meu peito. Não pude evitar. Nina me manteve na ponta dos pés de todas as maneiras que uma mulher podia. Eu amava cada segundo, tão miserável quanto às vezes me fazia.

“Então? Hora da sessão de fotos?” Ela acenou para o meu telefone, sentou-se na mesa de café e colocou um grande sorriso.

“Com pressa?” Eu recuei para pegar meu telefone, incapaz de virar as costas para ela.

“Na verdade, sim.” Ela verificou o relógio pendurado na parede. “Devon ligou avisando que estava doente hoje à noite, então me ofereci para cobrir ela.”

Eu congelei, meus dedos tocando meu telefone. “O que? Esta noite ficaremos noivos.”

Nina me deu uma olhada. “E olhe para nós...” Ela acenou entre ela e eu. “Nós estamos! Parabéns. Agora vamos nos apressar e tirar a foto para que todos os nossos familiares e amigos possam celebrar conosco.”

Quando ela verificou o relógio novamente, mordeu o lábio e correu em minha direção. Seu vestido balançou em torno das pernas enquanto trabalhava para me recuperar do que ela acabara de dizer.

Quando ela veio ao meu lado, seu rosto caiu. “Oh Deus, você não tem nada planejado, não é? Pensei que estávamos apenas nos vestindo para documentar isso. Não pensei em perguntar se estava planejando outra coisa...”

Engoli em seco, balançando a cabeça. “Não não. Nada disso.” Saindo daquela letargia, peguei meu telefone e preparei para tirar uma foto. “Tudo o que precisamos fazer é documentar isso. Nós só precisamos parecer que fizemos algo incrível.”

“Oh, bem, nesse caso.” Nina deslizou ao meu lado, abraçando minha cintura e enterrando-se no meu peito. Suas mãos juntas me segurando. “Documente a melhor noite da minha vida.”

Relaxando o maxilar, passei meu braço ao redor dela também. Minha mão envolveu sua cintura e isso abriu um buraco no meu peito ao perceber que quando a tocava assim, sentia tudo, enquanto, ela não sentia nada.

Quando levantei meu telefone de modo que estava virado para nós, ela se encolheu. “Espere. Deveria estar com o anel? Você sabe, estendendo a mão como as garotas fazem quando estão mostrando o anel de noivado?”

A pequena caixa no bolso interno da minha jaqueta queimava contra mim.” Não, não peguei ainda. Então apenas

mantenha sua mão atrás de mim. Ninguém vai notar.” Minha voz estava falsa. Muito fria. Muito distante.

Nina não perdeu isso. “Max?”

“Vamos apenas tirar a foto, Nina.” Eu me concentrei na câmera enquanto ela continuava se concentrando em mim. “Três... Dois...”

No último momento, forcei um sorriso e Nina olhou para longe de mim o tempo suficiente para olhar a câmera.

Quando verifiquei a foto, fiquei surpreso com o quão convincente nós estávamos. Quão genuíno meu sorriso parecia. Quão honesta sua excitação parecia. Apenas provou que a mentira era tão real quanto a verdade.

A câmera não estava mais de frente para nós, mas os braços de Nina se apertaram ao meu redor. Ela deslizou na minha frente. “Qual é o problema?”

Meu braço deslizou para longe dela, mas minha mão ainda queimava com o calor dela. “Nada. Está tudo bem. Indo exatamente de acordo com o plano.”

As sobrancelhas de Nina se levantaram. “Algo está errado.”

Sim, eu sei. Tudo o que pedi de você foi sua mão em casamento, e agora quero o resto.

“Só estou cansado. Longas noites. Acordando cedo.” Puxei a gravata borboleta, desfazendo-a. “Está me alcançando.”

“Isso acontece quando uma pessoa dorme somente três horas por semanas a fio.” Uma das mãos dela ficou em volta da minha bochecha. Era gentil e reconfortante e tudo o que precisava naquele momento. “Você não pode continuar fazendo isso com você mesmo, Max. Vai se matar.”

Eu sei.

“Vou descansar um pouco hoje à noite. Prometo.” Adicionei quando ela levantou uma sobrancelha como se fosse mais esperta. “Agora, por que não vai se trocar e eu vou levá-la para o trabalho.”

Seus dedos se curvaram em minha bochecha, e seus lábios se separaram quando olhou nos meus olhos, tive que apoiar as mãos no balcão atrás de mim. Não podia tocá-la. Se fizesse, ela saberia. Sentiria isso. Ela sentiria tudo, se a tocasse.

Então apenas continuei agarrado à borda do balcão como se fosse tudo o que estava me impedindo de me afogar.

Quando ela baixou os olhos, a mão dela seguiu, então deu um passo para trás. Ela exalou, balançando a cabeça como se estivesse limpando algo disso. “Não, está tudo bem.” Sua voz soava diferente agora. “Kate vai para o turno da noite no hospital, então ela vai passar aqui.”

Rolei minha cabeça para esticar o pescoço. “Te pego depois?”

Ela recuou, indo pelo corredor. E tirou o chão debaixo de mim, indo embora da mesma forma que veio em minha direção. “Kate está saindo ao mesmo tempo. Estou bem. Mas obrigada.” Ela fez uma pausa quando chegou ao seu quarto, sorrindo para mim quando girou os calcanhares. “E obrigada pelo pedido de casamento falso. Foi tudo que sempre sonhei. “

“De nada”, sussurrei depois que ela fechou a porta.

Fiquei ali por um momento, olhando para o corredor vazio, agarrando-me à imagem dela caminhando em minha direção. Então me afastei disso. Não foi nada mais que uma miragem. Um truque. Não foi real. Nada disso.

Enquanto vou para o quarto de hóspedes, viro para o quarto de Nina e envio algumas mensagens. Uma cancelando a galeria, que eu convenci a ficar aberta até mais tarde hoje à noite. A mesma que consegui que exibisse algumas das fotos de Nina.

A próxima para cancelar o barco que reservei para nos levar rio abaixo enquanto jantávamos.

Quando terminei, entrei na cozinha, abri a porta da geladeira e tirei aquela maldita torta que passei metade da noite escondendo sem que ela descobrisse. Encontrei a receita da torta de manteiga de amendoim de sua avó enfiada na caixinha de receitas acima da geladeira. Havia uma nota que dizia que era a favorita de Nina.

Eu chutei a porta do armário embaixo da pia e joguei a torta no lixo. Nina não queria torta caseira de manteiga de amendoim. Não queria um jantar ao pôr do sol no Willamette. Não queria o encontro real que vinha antes do noivado falso. Não *me* queria.

Eu era um idiota em uma missão de tolos, que assinou um contrato com o meu próprio maldito sangue.

Assim que estava no meu quarto, fechei a porta, tranquei e fui para o banheiro adjacente. Eu precisava tirar ela da minha cabeça. Precisava parar de me agarrar a essa esperança de que ela iria me querer, porque nunca iria.

Precisava me libertar dela. Tirar ela do meu sistema para que pudesse sobreviver nos próximos anos.

Depois de fechar a porta do banheiro, abaixei meu zíper e me libertei. Minha mão moveu-se contra mim instantaneamente em golpes duros e punitivos. Se pudesse tirar com ela do meu sistema, seria mais fácil. Poderia estar ao redor dela sem sentir como se estivesse drenando cada gota da minha vida. Eu poderia estar perto dela sem sentir que estivesse partindo um pedaço do meu coração toda vez que me afastasse.

Apoiando a outra mão na pia, fechei os olhos e imaginei Nina bem na minha frente, sua bunda equilibrada na borda da pia, seu vestido amontoado ao redor da cintura enquanto eu entrava nela de novo e de novo... e de novo.

Imaginei os sons que ela faria, o jeito que seu rosto ficaria, o jeito que se sentiria por dentro. Não demorou muito para sentir à beira do meu orgasmo, mas eu precisava aguentar. Um pouco mais. Um pouco mais duro. Precisava estar livre de Nina Burton, e nenhuma foda rápida iria fazer isso.

Meu corpo estremeceu de me conter, logo antes de se encolher quando imaginei as unhas de Nina se afundando em minhas costas quando seu corpo desabou ao redor do meu. A imagem era tão vívida, tão real, que podia senti-la pulsando, enquanto gritava as mesmas coisas sujas que havia gritado naquela noite pelas janelas abertas do quarto.

“Foda-se”, grunhi, incapaz de me segurar por mais tempo.

Minha mão apertou em torno de mim, bombeando mais rápido quando lancei minha liberação na pia do banheiro. Isso não terminou rapidamente, não foi decepcionante — foi o melhor orgasmo da minha vida, e tive isso enquanto me masturbava imaginando uma mulher que nunca poderia ter.

Minha mão ainda estava apoiada contra a pia enquanto meu peito subia e descia. Mantive meus olhos fechados. Tive que tentar tirá-la. Chega disso.

Eu me imaginei saindo de Nina, fechando minhas calças, sussurrando um rápido agradecimento em seu ouvido e virando as costas para ela e indo embora. Imaginei o olhar em seu rosto, o seu olhar no meu, quando a deixei para trás assim que consegui o que queria.

Me imaginei andando para o meu carro, acelerando de volta para o meu apartamento extremamente satisfeito por uma noite, e subindo em minha própria cama.

Minha respiração estava começando a voltar ao normal, mas foi quando rolei na minha cama imaginária, para descobrir que não estava sozinho. Nina estava na minha cama, deitada de lado e sorrindo para mim como se tivesse tido

aquela noite. Sua mão moldou a minha bochecha como antes. Eu derreti, levando o braço ao redor de sua cintura e puxando-a para mim.

"Não", rosnei, balançando a cabeça. Tentei apagar a imagem, mas ela se recusou a sair.

Droga, esta era uma cena da minha própria conjuração. Eu deveria ser capaz de controlá-la, mas não consegui. Nina havia entrado profundamente no meu subconsciente.

CAPÍTULO 16

Nina

“A propósito, parabéns pelo seu noivado. Estou tão emocionada por vocês”, Kate disse em um tom chato quando entrou na minha garagem.

“Sua sinceridade é impressionante.” Olhei para ela antes de pegar minha bolsa no banco de trás de seu Honda.

“Pelo menos teve flores ou algo assim?” Ela segurou o telefone na frente dela, balançando a cabeça no meu post sobre o grande noivado, completado com a foto em que Max e eu estamos juntos.

“Sem flores.” Coloquei a bolsa no colo me virando.

“Cara, esse homem realmente é todo sobre negócios, não é?” Kate balançou a cabeça enquanto olhava para a casa. O carro de Max ainda estava na garagem, mas não seria por muito tempo. Já passava das quatro da manhã e, ultimamente, ele ia para o escritório mais cedo do que o costume.

“Eu não sei.” Me perguntei se deveria contar a Kate. Ela não era a maior fã de Max, mas gostava mais dele do que no começo. “Acho que ele tinha algo bom planejado para a noite passada. Poderia dizer que ele ficou desapontado quando tive que ir trabalhar.”

Kate se virou em seu assento, pendurando o braço sobre o volante. “Algo como?”

“Eu não sei. Ele fingiu que não tinha nada, mas provavelmente tinha reservas para um jantar ou algo assim.” Imaginei seu rosto quando disse a ele que tinha que trabalhar na noite passada. “Eu me sinto mal.”

“Por quê? Ele está te pagando para casar com ele. Essa é a beleza desse tipo de relacionamento. Você não tem que se sentir mal por abandoná-lo, e ele não precisa se sentir mal por ser um total e absoluto desapontamento na categoria romance.”

Minha testa se enrugou. Kate estava solteira recentemente depois que encontrou seu último namorado na cama com outra pessoa. Um homem. Ela tinha se levantado para desfilar a bandeira de Homens são Porcos, mas eu sabia que não ficaria por muito tempo. Apenas enquanto não tivesse um corpo bonito e umas covinhas para sorrir em sua direção.

“Por favor, sabe do que estou falando.” Kate falou. “A altura do romance da espécie masculina inclui grunhir sua aprovação depois de se arrastar de uma mulher na cama.”

“Não sei... Max pode ser bem romântico. Quando quer ser.” Eu sabia que esse não era o melhor momento de discutir com Kate, quando ela estava em uma de suas buscas de ódio aos homens. Deveria ter mantido minha boca fechada.

A boca de Kate se abriu. “Por favor, não diga que é verdade.”

“Não diga que é verdade o que?”

“Que você se apaixonou completamente pelo seu futuro marido.”

Desviando o olhar, peguei a maçaneta da porta.

Kate apertou a trava. “Por favor, não diga que o primeiro homem que minha melhor amiga foi se apaixonar, é o mesmo que está lhe pagando uma quantia obscena de dinheiro para cometer um crime, porque, caramba, isso é simplesmente trágico se for verdade.”

“Kate...”

“Está tudo bem. Você pegou um caso de febre alemã. Entendi. Ele é sexy em um terno.” Ela travou as portas novamente quando apertei para desbloquear a minha porta. “Tire-o do seu sistema. Deixe que ele te faça gemer, depois siga em frente. Não, e repito, não se apaixone por ele. Se quer um conselho de relacionamento, pegue essa pérola.”

“Há tantas”, disse sarcasticamente. “Por que apenas essa?”

A mão de Kate foi ao redor do meu braço quando se aproximou. “Porque esse homem vai arruinar você, se deixar ele entrar.”

Nossos olhos se encontraram como se ela estivesse esperando que concordasse. Parte de mim sabia que ela estava certa. A outra parte sabia que Max nunca faria nada para me machucar.

Limpando a garganta, pisquei para ela. “Bem, obrigada pelo conselho de relacionamento como sempre, mas receio que seja desnecessário. Não tenho intenção de me apaixonar por Max. Nós somos amigos. Eu o respeito. Acho sua companhia agradável. Isso é tudo.”

Desta vez, quando abri a porta, ela me soltou. “Eu aposto que acharia a companhia dele muito mais agradável se deixasse ele estragar tudo. Esse tipo de homem...” Ela estremeceu, olhando para a casa. “Você sabe que ele é bom na cama.”

“Como sabe disso?”

Ela levantou uma sobrancelha. “Pelo jeito que ele anda. Sua postura. Ele sabe o que fazer com seu corpo. Isso se traduz no quarto também, sabe?” Agora ela estava balançando as sobrancelhas. “Me avise se, e quando você descobrir isso sozinha.”

“Obrigada pelo passeio, Kate.” Eu suspirei, saindo de seu carro.

“E pelo conselho?”

“Não tanto por isso.” Acenei enquanto recuava em direção à casa. “Até mais.”

Ela buzinou ao sair da garagem como se estivesse tentando gravar algum recorde.

Enquanto subia a varanda, olhei para a casa de Nathan. Desde aquela noite que Max e eu fingimos fazer sexo, não ouvi uma palavra dele. Imaginei que a mensagem tivesse sido eficaz.

Depois de destrancar a porta e entrar, tentei não fazer barulho, o que era praticamente impossível em uma casa tão antiga. Com sorte, Max ainda estava dormindo e foi para a cama cedo, como prometera. Ele estava se desgastando, esperando muito de si mesmo, e não queria vê-lo caminhar para uma morte prematura.

O pensamento da minha cama quente parecia tão bom depois de estar acordada por quase vinte horas, mas meu olhar foi para o local onde tinha visto Max no corredor mais cedo. Em seu smoking, sorrindo para mim enquanto desfilava pelo corredor com aquele vestido caro, fez com que respirar fosse um sacrifício.

Porra, aquele homem estava bonito todo arrumado.

Eu tinha ido de odiar o cara para *gostar* dele. Não que isso importasse porque não podia agir, mas estava ciente disso pelo menos. Quanto mais consciente de meus sentimentos por ele, mais poderia evitar que eles se manifestassem.

Algo estava na mesa da cozinha que costumávamos sentar todas as manhãs para o café. Uma pequena caixa quadrada coberta de veludo preto e forrada com metal dourado.

Meu coração pulou na garganta enquanto me movia em direção a ela. Já sabia o que era. Fiquei surpresa, com o quão rígido ele era sobre tudo isso, não teve isso na noite passada, mas suponho que até mesmo uma pessoa como Max Sturm erra de vez em quando.

Quando abri a pequena caixa, uma nota branca dobrada apareceu. Depois de desdobrá-lo, não encontrei nada além de um ponto de interrogação rabiscado.

Isso me fez sorrir. Bem Max.

Então vi o anel.

Uauu. Era enorme. Teria que retira-lo quando trabalhasse na cafeteria. Pelo menos se fosse roubado, Max não perderia muito. Finalmente consegui convencê-lo a me dar uma daquelas pedras cúbicas de zircônia, em vez de uma pedra verdadeira. Levou um tempo e algumas discussões acaloradas, mas consegui convence-lo.

Achei loucura que as pessoas gastassem milhares em um diamante quando conseguiriam algo que custasse uma fração disso e pareceriam iguais. Esta pedra era tão brilhante e reluzente quanto seus concorrentes diamantes.

Eu puxei o anel para fora da caixa, me perguntando se a caixa custou tanto quanto o anel. Aparentemente, Max aderiu ao “quanto maior, melhor” quando se tratava de anéis de noivado, porque, sim, ocupou um quarto do meu dedo quando o coloquei. Além do tamanho, o anel era simples. Solitário redondo, faixa de ouro, era isso.

Max perguntara algumas vezes que tipo de anel eu queria, mas nunca lhe dei nenhuma pista. Apenas disse para me surpreender. Ele conseguiu. Eu provavelmente teria escolhido um anel exatamente igual. Economizaria no tamanho.

Eu ainda estava admirando o anel em meu dedo, pegando qualquer luz que pudesse encontrar e jogando prismas através

da cozinha, quando ouvi a porta no final do corredor se abrir. Tanto para ele recuperar o sono.

Seus passos ecoaram pelo corredor, a batida forte de seus sapatos informando que ele estava com pressa.

“Café?” Perguntei quando apareceu, antes de levantar a mão esquerda. “Obrigada pelo anel. É perfeito.”

Foi preciso uma olhada em seu rosto para ver que algo estava errado. Muito errado. Sua maxilar já estava tenso antes que olhasse para a minha mão. Apertou um pouco mais quando ele percebeu.

“Qual é o problema?” Segurando a caixa de veludo preto, me aproximei dele. Assim que o fiz, ele começou a recuar, então parei. Suas pálpebras estavam escuras, os olhos estavam vermelhos e a gravata estava um pouco torta. “Max? Que diabos está errado?”

Meu coração parou por um momento enquanto esperava por sua resposta.

Finalmente, ele se moveu, olhando para a porta da frente. “Meus pais. Eles estão vindo.”

CAPÍTULO 17

Nina

Eu estava cansada, então minha cabeça estava andando a meia velocidade. Estava demorando um minuto para entender o que Max estava dizendo e por que ele estava agindo como se fosse o fim do mundo.

“O que?” Foi a primeira coisa brilhante a sair da minha boca. “Quando?”

“Hoje à noite.” O olhar de Max baixou para a minha mão, onde o anel estava no lugar. Sua testa se enrugou.

“Por que a pressa repentina?” Perguntei, recuperando o motivo pelo qual ele estava estressado.

“Aparentemente as notícias sobre nosso noivado se espalharam rapidamente. Eles estão preocupados.” Sua mão se apertou mais ao redor da maleta que estava segurando. “E eles podem estar com a impressão de que não estou exatamente casando com você por amor.”

Minha boca se abriu. “Merda.”

“Exatamente.”

Eu não sabia muito sobre os pais de Max, além do que li em sua biografia. Ele não falou muito sobre eles e não perguntei. Eu senti como se houvesse algum acordo silencioso entre nós que deixarmos o passado um do outro quieto.

“O que vamos fazer?” Perguntei, sentindo o pânico se espalhar.

“Eu não sei.” Ele balançou a cabeça e foi para a porta. “Não tenho tempo para isso agora. Tenho que ir ao escritório. Tenho alguns grandes negócios acontecendo hoje e simplesmente não consigo lidar com isso agora.”

Quando ouvi a porta da frente abrir, corri para o freezer. “Espera!”

“Nina, estou com pressa.” Ele suspirou, mas ficou onde estava.

Depois de pegar o saco Ziploc, corri em direção à porta da frente que ele estava embaixo.

“Café da manhã. Você precisa comer.” Estendi o burrito de café da manhã e esperei que ele o pegasse. “Vou enfiar no seu bolso se não aceitar. Você não pode não dormir e não comer. Não vou permitir isso.” Eu deixei um sorriso se formar quando ele pegou a embalagem. “Não sob o meu teto.”

“Quando fez isso?” Ele perguntou, olhando para o burrito congelado caseiro como se não soubesse o que fazer com ele.

“Ontem de manhã. Fiz um monte para esses tipos de situações. “

“Que tipos de situações?” Ele repetiu.

“As que eu tenho que cuidar de você, porque não vai cuidar de si mesmo.”

Quando uma certa expressão apareceu em seu rosto, senti o calor descer pela minha espinha. Eu não sabia o que fazer com esse tipo de olhar. Eles pareciam que tinham a intenção de me convidar para mais perto, mas era Max por trás daqueles olhares, o homem que não podia pensar em mim do jeito eu que pensava dele. Ele disse que não deixaria sentimentos atrapalharem. Ele prometeu.

“Obrigado, Nina”, disse suavemente enquanto seus dedos se enrolavam ao redor do saquinho. Então ele se virou e desceu a escada da varanda da frente.

“O que precisa, Max?” Eu perguntei, seguindo-o para o topo da escada. “O que precisa de mim?”

Ele parou com a mão no corrimão. Ele olhou para mim por cima do ombro. Tudo o que viu o fez desviar o olhar. “Apenas mantenha sua parte do nosso acordo. É isso aí, Nina. Nada mais.”

Assisti ele ir embora. Eu o vi subir naquele carro feio dele. Vi o local onde ele desapareceu minutos depois.

Fiquei olhando.

Ele não olhou em minha direção nenhuma vez.

CAPÍTULO 18

Max

Isso estava errado. Tudo isso.

Meus pais estão aqui na sala de estar de Nina. Não era assim que deveria ser. Eles deviam descobrir sobre o noivado, mandar parabéns convencionais, e então possivelmente voar para o casamento. Eles não deveriam aparecer vinte e quatro horas depois de Nina e eu ficarmos noivos.

Talvez devesse estar esperando isso. Talvez tenha sido um tolo em pensar que eles não tentariam algo quando descobrissem sobre o meu súbito noivado com uma garota que nunca conheceram.

Claro que era sobre dinheiro. Isso era o que sempre acontecia no final. Eu tinha alguns. Muito. E eles não tinham.

Os Sturms se saíram bem por gerações, aumentando essa riqueza com acordos de investimentos e desenvolvimentos comerciais. Essa tendência mudou quando meu pai apareceu. Ele vendeu logo tudo para juntar dinheiro suficiente para abrir sua própria empresa automobilística.

Não poderia ter acontecido num pior momento, durante a crise econômica internacional, e o que outrora fora uma fortuna familiar, foi desperdiçado em um empreendimento comercial tolo que levou à falência de meus pais.

É claro que nunca mencionaram nada disso quando conversamos ao telefone todos os meses, mas foi notícia. Não

demorou muito para chegar até mim. Milhões de dólares que tinham levado gerações para acumular, foram desperdiçados pelo desejo egoísta de um homem de ver seu sobrenome atrás de um carro esportivo.

Era parte da razão pela qual me mudei para os Estados Unidos. A principal razão para ter investido e, um dia, chegar ao desenvolvimento comercial. Eu ia fazer o certo pelo nome Sturm e voltar ao que meus antepassados se destacaram. Pode ter sido em um país diferente durante tempos diferentes, mas estava buscando algo, em vez de apenas pegar tudo.

Minha família não sabia o quanto tinha feito em meus anos de investimento, mas imaginei que, se soubessem a metade desse total, me amarrariam e nadariam de volta para casa se fosse necessário para continuar com essa riqueza na família.

Era por isso que estavam aqui agora. Na sala de estar da Nina. Olhando ao redor como se estivessem quase com medo de tocar em alguma coisa. Eles não queriam que essa garota americana obtivesse metade do que eles achavam propriamente ser deles.

"Wann wird sie zu Hause sein?" — Quando ela estará em casa?

Eu balancei a cabeça com firmeza para o meu pai. "Esta é a casa de Nina. Você deve falar em inglês, então ela não se sentirá excluída."

Meu pai era um homem grande. Alto como eu, mas mais largo graças a anos de excessos . Ele caiu na cadeira que Nina gostava de sentar à noite, tomando seu chá enquanto balançava as pernas para o lado e parecia perdida em seus pensamentos.

Desejei que não tivesse se sentado lá.

“Mas ela não está aqui agora, Max. O que importa se falamos alemão quando não está por perto?” Mamãe estava sentada bem longe de meu pai, mas na mesma sala.

Parecia que o casamento deles estava forte com sempre. Foi o que aconteceu quando papai teve a reputação de dormir com qualquer mulher que agitasse os cílios em sua direção.

“Porque estou aqui. E isso importa para mim.” Estava andando na frente da grande janela, olhando para o quintal da frente, na beirada e esperando Kate trazer Nina para casa.

Ela foi escalada para trabalhar a tarde e se ofereceu para ver se poderia trocar, mas disse a ela para continuar como se nada tivesse mudado. Já passava das oito, então ela deveria estar aqui a qualquer momento.

“Então, quanto tempo vocês dois estão juntos, Max?” Mamãe perguntou, acariciando o fecho de uma de suas pulseiras de ouro.

“Quase três meses.” Minha gravata estava solta há muito tempo, mas puxei de novo.

“E noivos já? Isso não está se movendo um pouco rápido?” Mamãe pressionou.

Meus dentes moeram juntos. “Não com a maneira como nos sentimos um com o outro.” *Não com o que sinto por ela*, me corrijo.

“Se essa garota já conseguiu fazer você colocar um anel em seu dedo, há apenas duas explicações possíveis.” Papai me deu uma piscadela. “Você a engravidou ou ela proporciona melhores...”

Eu parei e dei-lhe um olhar letal, interrompendo-o. “Nina é minha noiva. A mulher com quem me preocupo profundamente. Por favor, trate-a de acordo.”

Mamãe estava olhando para ele também, e com nós dois em cima, ele levantou as mãos e recuou. “Ou pode simplesmente estar loucamente apaixonado pela garota.”

Eu me virei para olhar pela janela novamente. Havia faróis na garagem. Eu apenas podia ver Nina enquanto ela saía do carro de Kate.

“Sou”, respondi. “ Eu *estou* loucamente apaixonado por ela.”

Ela deve ter me visto na janela porque acenou enquanto corria pelo jardim. Ela parecia tão à vontade, tão despreocupada com o que a esperava lá dentro. Eu adorava que, quando ela estava prestes a pular em um tanque cheio de tubarões, a resposta era um sorriso e um aceno.

“Ela está vindo”, disse, indo em direção à porta. “Sejam legais.”

“Por favor, Max. Nós só queríamos conhecer a garota. Para celebrar com os dois”, mamãe disse em seu tom piedoso.

Restringindo meu grunhido de dúvida, encontrei Nina na porta, abrindo-a antes que ela pudesse colocar a chave na fechadura.

Ela ainda estava sorrindo. “Oi, bonitão.”

Ficou na ponta dos pés e plantou seus lábios nos meus quando estava no meio de dizer oi de volta. A rapidez disso me fez recuar alguns passos. A sensação disso me fez querer continuar caindo, até que pousasse onde quer que ela estivesse me levando.

Minhas mãos foram ao redor de sua cintura e minha boca encontrou seu ritmo, até que senti todos os nervos do meu corpo surgirem em resposta.

Quando ela se afastou do beijo, seus olhos se abriram nos meus. Eles estavam arregalados, como se estivesse surpresa

com alguma coisa. Seus lábios se separaram respirando superficialmente, então seu corpo estremeceu.

"Entre. Está congelando ai fora." Eu acenei para Kate quando tocou a buzina antes de sair da garagem. "Onde está seu casaco?"

"Meio que esqueci porque estava ocupada com outras coisas." Suas sobrancelhas levantaram para mim antes que entrasse na sala de estar.

Meus pulmões entraram em colapso por um segundo. Não a queria perto deles. Não os queria perto dela. Mas era tarde demais. Eu a arrastei para isso, e me certificaria de que saísse ilesa.

"Nina, que maravilha finalmente conhecê-la." A voz de mamãe se filtrou da sala de estar.

"Me desculpe, não pude estar aqui mais cedo, mas estou muito feliz por finalmente conhecê-los."

Quando voltei para dentro, encontrei Nina indo para perto do sofá e envolvendo minha mãe em um abraço. Mamãe parecia estar sendo atacada, o rosto congelado em choque, os braços duros ao lado do corpo.

"Max me contou muito sobre você." Nina deu-lhe um aperto final antes de saltar para o meu pai, que estava olhando para ela de uma forma que fez meus punhos se enrolarem.

Ele não tinha nenhum código moral quando se tratava de conseguir o que queria. Ele traiu sua esposa, tinha certeza que ele não teria escrúpulos de ir para a cama com a noiva do filho.

"Sr. Sturm, prazer em conhecê-lo." Nina estendeu a mão para o meu pai. Provavelmente tinha algo a ver com o jeito que ele a estava olhando. "Você deve estar tão orgulhoso de Max. Ele é um homem maravilhoso."

"Sim, estou. Ele cuidou muito bem para si mesmo." Papai balançou a mão de Nina, seus olhos caindo para o anel de noivado. "Como tenho certeza que está bem ciente."

“Posso pegar alguma coisa para beberem?” Nina tirou a mão do aperto de papai.

Meus pais balançaram a cabeça.

Os olhos de Nina pousaram em mim. “Max?”

Eu lhe atirei um sorriso suave. “Estou bem.”

“Onde vão ficar?” Perguntou Nina. “Em algum lugar por perto, espero?”

Gemi internamente. Em algum lugar longe, espero. Depois de pegá-los no aeroporto algumas horas atrás e trazê-los aqui para que pudessem ver a casa e conhecer Nina, passamos o dia em relativo silêncio. Eu ainda estava tentando acompanhar a mudança repentina nos eventos.

Mamãe exalou, olhando para papai. “Ainda não sabemos. Hans não conseguiu fazer reservas de hotéis quando reservou a passagem aérea ontem.”

“Meu filho primogênito tinha acabado de ficar noivo. Não estava pensando direito. Mal podia esperar para chegar aqui.” O meio sorriso de papai se encaixou. Era um com o qual estava familiarizado. Pode ter sido um meio sorriso na superfície, mas por baixo disso tudo, era decepção.

“Vocês não tem hotel reservado?” Nina olhou entre meus pais.

Mais uma vez, mantive meu suspiro para mim mesmo. Claro que não. Eles estavam ocupados demais chegando aqui e certificando-se de que não trocávamos o *Eu aceito* antes que conseguissem me convencer. Ou pelo menos me convencer a fazer um acordo pré-nupcial.

Cansado de andar de um lado para o outro, fui em direção à cadeira que normalmente ficava sentado à noite, observando Nina balançar as pernas e morder os lábios. Eu amava a vista desta cadeira normalmente. Não esta noite.

Eu mal me senti confortável antes de Nina cair no meu colo.

Quando sentei lá, meio congelado, ela tirou minhas mãos dos braços da cadeira, uma a uma, e as enrolou em volta da cintura. Tive que me ajustar debaixo dela para que não sentisse algo que não estivesse tão congelado de surpresa.

“Bem, podem ficar com a gente, é claro.” Quando dei a Nina um pequeno beliscão do lado dela, recuou. “Pelo menos até que consigam encontrar um hotel. Há muito espaço.”

O sorriso da mamãe quase parecia convincente, enquanto o de meu pai parecia que a única coisa em sua mente era garantir a fortuna de seu filho.

“Obrigada, Nina. Isso é muito gentil da sua parte”, disse minha mãe. “Não é um gesto adorável, Hans?”

Papai demorou um pouco antes de responder. “Sim, muito generoso. Você está bem com isso, Max?”

Meus braços se apertaram em torno de Nina. Quando fiquei quieto, ela apertou minhas mãos.

“Estou bem com isso”, disse.

“Então está resolvido.” Papai bateu palmas e se inclinou para frente. “Além disso, esta casa parece tão legal quanto qualquer outro hotel que possamos encontrar por aqui.”

Nina forçou um sorriso, mas não perdeu o insulto por baixo disso.

“Então, Nina... Max ainda não nos contou muito.” Papai se inclinou para frente um pouco mais. “Sua família mora por aqui também?”

Seu mindinho se emaranhou entre meus dedos. “Eles costumavam.”

“Mas não mais? Eles se mudaram?”

Abri minha boca para mudar de assunto, mas Nina me interrompeu. “Minha avó morreu no ano passado. Esta era a casa dela.” Ela molhou os lábios. “E minha mãe fugiu quando tinha sete anos. Não a vejo desde então.”

Papai e mamãe trocaram um olhar. Sabia o que eles estavam dizendo um para o outro.

“E seu pai?” Ele pressionou.

Outro dedo de Nina estava entre meus dedos. Ela encolheu os ombros em resposta.

Outro olhar compartilhado entre meus pais.

“É tarde “ comecei.

Papai me interrompeu. “O que você faz, Nina?”

“O que eu faço?” Ela repetiu a pergunta como se não entendesse.

“De trabalho.”

“Oh.” Ela exalou como se estivesse aliviada por não ser uma pergunta carregada. Mesmo que realmente fosse. “Meu trabalho diário, é passear com cachorros.”

O rosto do papai se achatou. “Você passeia com cachorros?”

“Sim.” O resto de seus dedos se emaranharam através dos meus, e ela aninhou-se um pouco mais no meu colo.

“Devo deduzir que também tem um emprego noturno?” A sobrancelha prateada de papai chegou ao ponto máximo.

“Sim.” Nina assentiu.

A mão de papai circulou. “Fazendo?”

“Trabalho em uma cafeteria. A noite toda.”

Eu jurei a Deus, se meus pais trocassem mais um olhar, colocaria uma parede entre eles.

“Uma cafeteria”, declarou o pai.

Nina e eu assentimos.

“Uma cafeteria.” Mamãe sorriu, o tipo artificial que estava acostumado. “Que legal.”

“Não é o que planejo fazer para sempre — eu gostaria de ir para a escola eventualmente — mas isso paga as contas por enquanto”, acrescentou Nina.

Um momento estranho de silêncio passou, e se não fosse por Nina no meu colo, teria ido embora. Eles podem ser meus pais e me criaram, mas não os convidei e basicamente estavam insultando minha noiva na minha frente.

“Já marcou a data do casamento?” Mamãe cruzou as mãos no colo, aquele sorriso ainda perfeitamente no lugar.

“Não realmente”, disse Nina, olhando para mim como se não tivesse certeza do que dizer.

“Em breve”, acrescentei. Nós já tínhamos uma data, mas eles não precisavam saber disso.

“Quanto tempo?” A testa do pai enrugou.

“Breve, breve.”

Nina se mexeu no meu colo para me encarar, pegando onde eu estava indo com isso. “Mesmo?”

Dei de ombros. “Porque esperar. Quero casar com você. Você quer se casar comigo. Não vejo o ponto em esperar, apenas para que possamos escolher as lembrancinhas de festa 'perfeitas'.”

Papai parecia que estava engasgando com alguma coisa, mas eu estava muito ocupado olhando para Nina. Seu sorriso se esticou em um raio.

“*Realmente*?” Ela repetiu.

“Quero que você seja minha esposa, Nina Burton. Agora.”

“Agora?” Papai estava realmente engasgando com alguma coisa agora. Provavelmente os cifrões imaginários que ele sentiu escapulirem.

“Bem, sim. Podemos ter algumas coisas para resolver, mas não quero esperar. Quero casar com essa mulher. Quanto antes melhor.”

Eu mal terminei a minha frase antes que os lábios de Nina pousassem nos meus novamente. Pressionando fundo em mim, segurou sua boca contra a minha, uma de suas mãos caindo para o meu rosto. Assim como da última vez que me tocou lá, me senti derretendo nela.

Quando ela se afastou, seus olhos verdes estavam nadando em alguma emoção da qual não tinha nome. “Também quero casar com você agora.”

Ela se mexeu no meu colo, então estava quase de frente para mim, seu rosto admirado porque sim... tenho certeza que ela acabou de sentir minha situação por trás do meu zíper. Ela se mexeu de volta para seu local original.

“Não há necessidade de apressar as coisas.” A voz de papai era alta o suficiente para ecoar na sala ao lado. “Vocês estão entrando em um grande compromisso. Esperem alguns dias antes de resolver e decidir uma data. Certifiquem-se de que é isso que querem.”

Nina encontrou o olhar de papai. “Ele é”, declarou ela com naturalidade. “Max é quem eu quero.”

Eu sabia que ela estava apenas atuando, dando a performance de sua vida tentando convencer meus pais desconfiados, de que nós éramos real, mas meu peito se apertou quando a ouvi dizer isso.

“Nós jantamos com Elena na semana passada”, disse minha mãe, mudando de assunto. Esse assunto fez todos os músculos do meu corpo ficarem tensos. “Tão linda como sempre. Doce menina.”

Meus pais trocaram um aceno de concordância enquanto minha mandíbula trancava.

“A mais doce”, rosnei.

Nina piscou de volta para mim. “Quem é Elena?”

Esperei um segundo a mais para dar a Nina minha explicação.

Papai deu a sua. “A ex noiva de Max. Ele não mencionou nada sobre ela?”

Nina endureceu no meu colo, mas provavelmente fui o único que notou. Uma respiração lenta escapou de seus lábios, então escondeu sua surpresa por trás de um sorriso. “Bem, sim, esqueci o nome dela”

“Elena e Max cresceram juntos.” Mamãe cruzou os tornozelos e se virou, então estava de frente para nós. “Nós pensamos que eles iam envelhecer juntos também, mas então Max foi e deixou que ela escapasse.”

A raiva deles estava bombeando em minhas veias, trazendo-a para cima. Algo que foi além da raiva começou a aumentar quando pensei sobre o que aconteceu entre Elena e eu. Meus pais não conheciam a história real.

Se queriam acreditar que eu era o único que tinha quebrado o coração dela, tudo bem, não dava a mínima. Contanto que parassem de falar sobre ela.

“Para te encontrar, minha querida”, mamãe de repente acrescentou quando notou o rosto de Nina. “Ele a deixou para encontrar você.”

Nina conseguiu dar um sorriso, mas percebi que estava abalada. Eu disse que fui queimado, mas nunca que estava noivo. Imaginei que não era uma coisa tão grande desde que Nina não estava realmente apaixonada por mim do jeito que uma noiva deveria ser. Não achei que ela se importaria com quem fodi ou fiquei de joelhos.

Com aquele olhar chocado no rosto dela... Caramba, quase me convenceu de que estava apaixonada por mim.

"Ela tem uma ótima família. Nós nos conhecemos faz tempo", papai acrescentou.

Mamãe assentiu. "E ela é uma designer de moda. Uma das melhores da Alemanha."

Eu mexi na cadeira, sabendo o que estavam fazendo. Eles estavam tentando intimidar Nina. Estavam esperando assustá-la. Pena que não sabiam o tipo de mulher que Nina era, e ela não era aquela que seria intimidada por outra mulher, uma do tipo de Elena, especialmente.

"Uau. Ela parece ótima." Esse sorriso de Nina parecia quase real.

"Ela não é", acrescentei.

"Max", mamãe estalou. "Como pode dizer isso da história de vocês dois?"

Exalei. Era essa mesma política de acreditar no que eles queriam, que estava por trás deles desperdiçando a fortuna da família Sturm. "Acredite em mim mãe, se conhecesse nossa história, saberia o porquê."

Nina olhou para mim, preocupação no rosto.

O que diabos estava acontecendo? Ontem, tudo tinha sido bom e de acordo com o planejado, e essa noite alguém jogou uma maldita granada na minha vida. Eu amava meus pais da maneira mais convencional e sabia que me amavam à sua maneira, mas não conseguia lidar com eles agora. Não os toleraria machucando Nina do jeito que estavam planejando, afastando-a do jeito que sabia que estavam determinados a fazer.

"O que vocês dois estão fazendo aqui?"

Minha mãe se mexeu no sofá, mas meu pai ficou firme em sua cadeira, inabalável. "O que você acha que estamos

fazendo aqui, Max? Queríamos conhecer nossa futura nora. Ver nosso filho."

Nina conseguiu mais um daqueles sorrisos que convenceriam um juiz da Suprema Corte, enquanto meu rosto se misturava com algo do tipo oposto.

"Por que estão *realmente* aqui?" Eu olhei entre os dois. "Quero ouvir vocês dizerem isso. Quero ouvi-los admitir isso."

As mãos de mamãe estavam mexendo em seu colo quando ela olhou para o papai em busca de uma resposta.

"Do que você está falando, filho? Estamos aqui por você", disse ele.

"Não, você não está. Está aqui por você." Minha cabeça chicoteava enquanto tremia. "Sempre foi sobre você, e isso não mudou."

Mamãe parecia prestes a chorar, mas o rosto de papai permaneceu tão estoico como sempre. Eu estava tremendo no meu assento da raiva que me atravessava. Era diferente de qualquer outra que tinha experimentado, e imaginei que tinha a ver com Nina. Estava acostumado com os elogios indiretos de meus pais, seus insultos velados, sua estratégia pessoal. Mas não estava acostumado com eles trazendo para aqueles que me importavam, aquela teia doentia de descontentamento.

Era algo que eu não toleraria também.

"Vocês nos desculpariam por um minuto?" Nina pulou do meu colo, pegando minha mão. "Preciso falar com Max sozinha."

Ela não esperou pela resposta dos meus pais, apenas me puxou para fora da cadeira e me levou pelo corredor até que estávamos chegando ao seu quarto.

Quando ela fechou a porta e se virou para mim, estava me preparando para uma briga. Nina e eu não tivemos uma briga daquelas nos últimos dois meses, e sabia que eu merecia

essa. Eles eram meus pais e eu era o único que não conseguia tocar a parte certa. Nina tinha dado uma performance impecável que poderia ter convencido os mais céticos, e eu deixei as emoções entrarem no caminho.

Porra. Esta foi uma das piores noites da minha vida.

Mas seu rosto não estava preparado como se ela iniciasse uma batalha. Seus olhos não estavam brilhando do jeito que eu estava acostumado a vê-los enquanto brigávamos sobre qualquer tópico do dia em que tivéssemos nos agarrado.

"Você está bem?" Ela perguntou gentilmente, movendo-se para mim.

Minhas sobrancelhas desenharam uma linha dura. "O que?"

As mãos de Nina tocaram meu peito, o comprimento de seus antebraços escorrendo pelo meu corpo. "Você. Está. Bem?"

O toque dela. Estava mexendo com a minha cabeça como sempre fazia. Em vez de trabalhar em seu ritmo normal, meu cérebro estava se movendo a um quarto de velocidade. "Estou bem."

Ela me deu um olhar que implicava que era mais esperta. "Não, você não está."

Eu suspirei, irritado por raramente conseguir passar por ela ultimamente. Bem, além do fato de que me apaixonei por ela de verdade.

"Não importa se estou bem ou não. Agora, só precisamos passar a noite sem que eu estrangule meu pai."

Ela olhou para mim, suas mãos pressionando mais profundamente "Isso importa a *mim*. Você é importante para mim."

Antes que eu pudesse responder, as mãos dela se amarraram na parte de trás do meu pescoço enquanto seu

corpo se ajustava ao meu. Sua cabeça pressionou meu peitoral e me segurou com força.

Ela estava me abraçando?

Deus, pensei que ela estava. Tão inocente quanto um abraço poderia ter sido, eu não estava tendo pensamentos inocentes sobre o corpo dela pressionado contra o meu. Ela poderia ser a mulher que eu estava pagando para casar comigo, mas naquele momento, queria que ela fosse a mulher com quem passaria o resto da minha vida.

Apertando meus olhos, recuei, procurando o lugar onde a realidade havia parado.

“Eles não podem mais nos ver. Você pode parar com a encenação, Nina.” Minha voz estava rouca, soando como se alguém estivesse apertando minhas cordas vocais.

Ela olhou para o espaço nos mantendo separados, indecisão pesava em seu rosto. “Isso não é encenação. Talvez tenha sido no começo. Talvez deseje que ainda seja. Mas isso...” Ela apontou entre nós “não é encenação.”

Ok, agora meu cérebro estava trabalhando no poder de backup. O jeito que ela estava olhando para mim, o jeito que estava me tocando, o que acabou de dizer. Que diabos? Eu não poderia dizer nada agora.

“O que está dizendo?”

Seu olhar se levantou para encontrar o meu. “Sabe o que estou dizendo.”

Meus pulmões estavam trabalhando e minha cabeça estava nadando. Eu podia compreender as palavras que ela estava dizendo, mas não o significado por trás delas.

Não sei por quanto tempo fiquei ali naquele quarto escuro, olhando para ela, avaliando o que acabara de dizer, tentando entender o sentido. Não importa quanto tempo passou, foi um momento longo demais.

“Apenas esqueça, ok, Max?” Nina balançou a cabeça e se virou. “Eu não deveria ter dito nada.”

“Nina”, chamei, finalmente capaz de juntar meus pensamentos o suficiente para gerenciar seu nome.

“Não, esqueça.” Ela continuou se afastando, abrindo a porta. “Temos o suficiente para lidar esta noite sem ter que entender o que acabei de dizer.”

Eu fiquei ali, estupefato. Nina acabara de dizer o que eu achava que disse?

Sorrindo para o local onde ela desapareceu com tanta pressa, repassei as palavras dela na minha cabeça. De novo e de novo até que tive a minha resposta.

Porra. Esta era uma das melhores noites da minha vida.

CAPÍTULO 19

Nina

E isso acabou de acontecer. O cara para quem prometi me casar, o cara que jurara a mim mesma odiar, era por quem confessava ter sentimentos.

Estava repetindo a cena da noite passada na minha cabeça o dia todo. Quando o puxei para o meu quarto, não planejei deixar cair aquele informação nele. Esse era um segredo que estava planejando levar comigo para a eternidade. Por que eu disse a ele, não sabia, mas teria dado um membro ou dois para viajar no tempo e desfazer.

Se Max tivesse respondido de forma diferente, então não seria tão grande coisa. Mas ele ficou parado, em silêncio, em estado de choque, sem ter ideia do que dizer. Só de pensar sobre o jeito que olhou para mim fez meu estômago revirar pela quinquagésima vez hoje.

Não era um rosto de total repulsa e traição, mas mais de choque. Surpresa. Como se ele não tivesse esperado, nunca esperasse, e não tivesse ideia do que fazer ou dizer, sabendo que eu sentia algo mais por ele. Merda, prometi a ele nada mais que uma farsa. Prometi a mim mesma isso. Então, por que fui e tive sentimentos sobre nós? Como me permiti chegar a este ponto, onde pensar nele fazia algo doer dentro de mim? Onde estar perto dele fazia isso doer?

Tanto votos e promessas. Eu não conseguia me manter em um.

Meus pensamentos haviam alimentado meu dia até agora. Os cães tinham chegado a um passo extra, graças ao meu ritmo furioso, e o punhado de batatas que planejara descascar havia se transformado no saco inteiro.

Max estava no trabalho e seus pais saíram para passear esta tarde, mas estavam de volta agora. Eles entraram pela porta da frente discutindo, pararam pelo tempo suficiente para lançar alguns sorrisos convencionais para mim, então voltaram a discutir enquanto subiam as escadas para o quarto que os colocamos na noite passada. Meia hora depois, ainda estavam lá. Liguei o rádio há um tempo para abafar o barulho, mas não foi tão eficaz.

Os pais de Max claramente não estavam entusiasmados com o nosso noivado, e eu entendi isso. Qualquer pai provavelmente seria cético em relação a esse compromisso apressado, especialmente quando era entre duas pessoas tão diferentes quanto Max e eu. Esse não era o meu problema com eles. Meu problema se originou, da maneira como eles claramente colocaram Max no limite.

Ontem à noite, ele foi um homem diferente naquela sala de estar com eles. Tenso, conciso, frio. Max tinha o suficiente sem acrescentar esse tipo de tensão à sua vida, e eu faria tudo o que pudesse para tornar isso mais fácil para ele.

Por isso que estava fazendo um grande jantar hoje à noite e já tinha definido alguns jogos de tabuleiro na mesa de jantar. Então todos nós poderíamos estar juntos sem ter que realmente falar sobre qualquer coisa que tivesse feito Max ficar a ponto de explodir na noite passada. Esperançosamente.

Nós não poderíamos evitar seus pais, mas eu estava determinada a fazer isso tão fácil quanto pudesse para ele.

Depois de colocar as batatas em uma panela para ferver, fui trabalhar com os morangos para a sobremesa. Max adorava torta de morango — o que eu achava divertido de todos os modos, já que ele era um homem tão sofisticado e poderoso —

e estava fazendo isso como uma espécie de oferta de paz pelo que deixei cair sobre ele na noite passada.

Porque o que diria, “Sinto muito por confessar que gosto de você” mais do que uma fatia de torta de morango?

Quando os gritos do andar de cima aumentaram alguns decibéis, aumentei o volume do rádio com o cotovelo. Minhas mãos estavam vermelhas e pegajosas do suco dos morangos e eu ainda tinha mais uma cesta inteira para fatiar.

O som da porta da frente abrindo fez minhas sobrancelhas se unirem. Não eram nem seis. Não poderia ser Max. O mais cedo que o vi chegar em casa foi as oito, mas não sabia quem mais estaria empurrando minha porta da frente sem ser anunciado.

“Olá?” Chamei.

Então ouvi passos familiares descendo o corredor. Era ele. O que poderia ter acontecido para fazê-lo sair do trabalho quando todos os outros ainda estavam?

“Nina.”

Vacilei quando ele apareceu na entrada da cozinha. Sua voz voltou ao normal e o resto dele também. Pelo menos tanto quanto poderia dizer. Não o via desde a noite passada, quando ele saiu, dizendo que iria de manhã cedo e que ficaria no seu escritório à noite. Parte de mim estava aliviada que eu não teria que rastejar na mesma cama que ele depois do que admiti. Parte de mim estava meio desapontada também.

Era para ser nossa primeira noite compartilhando meu quarto. Ele não podia exatamente dormir no quarto de hóspedes, agora que seus pais estavam aqui. Imaginei que ele saindo para ficar em seu escritório ontem a noite era a maneira de não dividirmos uma cama e dando um tempo para ele processar o que eu disse e formular uma resposta. Era um jeito dele se manter distância.

O barulho no andar de cima voltou a aumentar.

Meus olhos se levantaram para o teto. “Eles estão nisso há um bom tempo agora. Devo ir verificá-los?”

Do canto dos meus olhos, observei Max sacudir a cabeça. “É assim que eles passam a maior parte de seus dias. É normal para eles.”

“Oh. Certo.” Peguei o próximo morango do coador, sem saber o que dizer ou para onde olhar. Max não parecia ter problema em me olhar, mas não foi ele quem confessou seus sentimentos por mim na noite passada.

Não, eu era essa garota. A idiota cortando morangos, com a língua totalmente amarrada.

“Nós precisamos conversar.”

Minha faca tremeu quando tirei a tampa do caule. “Só, por favor, esqueça.” Molhei os lábios. “Eu não deveria ter dito. Esqueça isso, ok?”

Max entrou na cozinha, seus passos ecoando pela sala. “Você não poderia pedir, implorar ou me pagar o suficiente para esquecer o que disse.”

Minha mão estava tremendo agora, mas continuei cortando. Então, se eu cortasse meu dedo, já expus meu coração ao corte. “Por que não?”

Ele se aproximou. Não parou até que estivesse ao meu lado. Estendeu a mão para a minha, parando antes de deslizar a faca e colocá-la no balcão. Então a mão dele voltou para a minha, seus dedos segurando os meus pegajosos.

Ele estava esperando que o olhasse, mas não consegui. Estava tendo bastante dificuldade em respirar e permanecer em pé. Se olhasse para ele, não seria capaz de administrar isso também.

Ele se inclinou como se estivesse prestes a me contar um segredo. “Porque talvez me sinta exatamente da mesma maneira.”

Mais do meu corpo estava tremendo. Eu não sabia se era pelo toque dele ou pelo que disse. “Você não precisa dizer isso.”

“Eu sei.” Sua outra mão deslizou meu cabelo por cima do meu ombro. “E não iria a menos que quisesse dizer isso.” Então sua cabeça baixou para o meu pescoço, seus lábios deslizando.

Meu corpo estremeceu em resposta. “Max.”

Ele chupou a pele suavemente. “Nina.”

Deitando a cabeça para o lado para permitir-lhe melhor acesso, minha mão pressionou nele como se estivesse me preparando. “Eu não sei mais o que é isso.”

Sua boca continuou a trabalhar meu pescoço. “Então deixe-me mostrar-lhe”, sussurrou contra mim.

Consegui acenar com a cabeça.

Tomando isso como uma luz verde, seu corpo de repente prendeu o meu contra o balcão. Um suspiro passou pela minha boca. Seu peito estava pressionando minhas costas, me segurando em cativeiro. Sua mão que estava em volta da minha soltou e viajou até o meu pescoço. Seus dedos ao redor da minha bochecha quando virou minha cabeça para o lado.

“Eu vou beijar você, Nina.” Seus olhos caíram para a minha boca, que estava molhada com antecipação nervosa, e sua testa se enrugou. Então seus quadris pressionaram em mim para que pudesse senti-lo duro contra mim. “E vou fazer mais.”

Quando ele grudou em mim por trás de novo, outro suspiro saiu de mim.

“Se isso não é o que quer, se não sou quem quer, vá embora. Vá embora agora.” Os olhos de Max voltaram para os meus. “Eu não vou te parar. Vou deixar você ir. Mas se ficar. Se me deixar beijá-la. Se me deixar levar seu corpo, não serei capaz de deixar você ir depois disso. Não será possível,

então certifique-se de que é isso que quer antes de eu começar."

Suas palavras estavam preparando meu corpo, quase tanto quanto era real seu corpo batendo no meu. Meu coração estava batendo fora de controle e meus pulmões estavam se esforçando. O resto do meu corpo estava com defeito também. Eu nunca me senti assim. Ninguém jamais tirou esse tipo de desejo de mim — puxou esse tipo de necessidade de onde estava escondida.

Max poderia me pedir para pular de um penhasco e não teria ido embora.

Empurrando os quadris para trás, inclinei o rosto para que ficasse melhor com o dele. "Então me beije."

Seus olhos escureceram com desejo. "Não vou voltar atrás." Seu polegar deslizou mais alto, então estava tocando o canto da minha boca.

Quando seus lábios tocaram os meus, senti um solavanco percorrer minha espinha. Quando a boca dele se moveu contra a minha, senti alguns solavancos explodindo em outros lugares. Seu outro braço enrolou na minha cintura, agarrando-se a mim para que estivesse mais perto dele, quando nós compartilhamos nosso primeiro beijo real. Era diferente dos falsos que fizemos para mostrar. Totalmente diferente.

Os outros deram borboletas, mas este estava me fazendo sentir coisas que eu não podia atribuir uma palavra. Quando minha língua passou por seus lábios, os dedos de Max cavaram mais fundo em mim. Sua mão enrolada na minha cintura viajou pelo meu corpo. Não parou até ele estava amassando meu peito com toques urgentes e famintos.

As sensações eram demais. Minha boca saiu dele quando minha cabeça voltou para o berço de seu ombro.

"Sua boca na minha, Nina." A mão de Max inclinou minha cabeça para ele. "Não terminei de beijar você."

Sua boca capturou a minha novamente, e sua língua passou pelos meus lábios. Eu gemi contra sua boca, minha língua emaranhada com a dele enquanto me beijava com uma paixão que não sabia que existia.

Sentindo ele me tocar, sentindo o jeito que o estava tocando, entendi agora. Por que mulheres e homens tomavam decisões tão estúpidas em nome do amor? Era uma droga. Um perigo. Algo que uma pessoa faria qualquer coisa para manter, desistir de qualquer coisa para sentir.

Essa foi a maneira exata que me senti quando Max continuou a me consumir com seus lábios e corpo. Ele estava acendendo algo dentro de mim que eu não podia domar. Estava desenhando algo que me assustou porque não tinha controle sobre isso. Naquele momento, presa contra o balcão da cozinha com Max em volta de mim, estava controlada por ele.

A mão de Max deslizou para meu outro seio, seus dedos capturando meu mamilo, empurrando através do vestido de algodão.

Minha boca se soltou dele novamente, incapaz de respirar quando me tocou assim. Buscando refúgio contra seu ombro, passei um braço em volta de seu pescoço e segurei enquanto ele acariciava meu mamilo. Cada vez que puxou, senti por todo o caminho entre as minhas pernas.

“Você está tendo dificuldade em ouvir esta noite.” Max se aninhou em meu pescoço, sugando-o novamente.

Porra. Estava sobrecarga de estimulação. Sua boca chupando em mim, sua mão provocando meu peito. Eu nunca estive tão excitada em toda a minha vida.

“Sinto muito”, ofeguei, meu braço apertando mais forte em torno de seu pescoço quando deu a um ponto acima da minha clavícula, uma sucção dura. “Eu mal posso respirar agora.”

Seus quadris se lançaram contra os meus, ajustando-se com força contra a minha bunda. Controlar a respiração ficou muito mais difícil.

“Disse que queria te beijar”, ele disse lentamente contra o meu pescoço. “Mas suponho que não tem que ser em sua boca.”

Meu corpo ficou flácido contra o seu por um momento quando percebi que não estava se referindo ao meu pescoço. Não com a direção que sua mão estava viajando pelo meu corpo. Seus dedos pararam quando chegaram ao seu destino, seu polegar acariciando-me através das minhas roupas.

Sem sua boca para abafar, meu suspiro encheu a cozinha.

Girando-me, suas mãos seguraram meu traseiro antes dele me levantar no balcão. Seu corpo pressionou o meu novamente quando deslizou meus quadris até a borda.

“O que você está fazendo?” Olhei para ele, meu corpo já gasto do que ele tinha feito. Ter ele me tocando da maneira que sabia que tinha em mente seria o meu fim. Eu sabia.

“Quero beijar você.” Sua boca cobriu a minha por um momento, chupando meu lábio inferior. Então ele soltou com um pop molhado. “Lembre-se qual parte mais eu mencionei?” Suas mãos deslizaram pelas minhas coxas, juntando o tecido do meu vestido com elas.

Minha cabeça balançou.

Seus olhos baixaram para o ponto entre as minhas pernas. “Isso faz parte.”

Quando seus dedos se arrastaram até minha calcinha, seus polegares se curvaram sob os lados e puxaram. “Levante. Eu quero ver você”, ele ordenou, então beijou meu pescoço.

Nem sequer pensei nisso. Apenas levantei para que ele pudesse tirar minha calcinha. Ele as deslizou pelas minhas coxas, por cima dos joelhos, depois puxou dos meus pés, um de cada vez. Ela aterrissou no chão a seus pés.

Cristo. O que está acontecendo?

Seus olhos seguraram os meus por um momento antes de se arrastarem para o meu corpo exposto. Algo vibrou profundamente em seu peito enquanto ele me avaliava.

"Você é perfeita", disse asperamente.

Algo que parecia uma risada veio de mim. "Sim, é o que ouço de todos os caras."

Os olhos de Max cortaram os meus, algo escuro varrendo através deles. "Ninguém vai ver isso, só eu a partir de agora, entendeu?" A nitidez em sua voz me fez estremecer, mas como antes, ele domou suas palavras com um beijo carinhoso. "Você entendeu?"

Eu assenti.

"Bom. Não compartilho. Não vou compartilhar você Nina", sussurrou contra a minha boca. "Quero mostrar por que você não terá qualquer razão para querer compartilhar seu corpo com outra pessoa." Seu rosto se aninhou em meu pescoço novamente. "Porque quando eu terminar com você, estará vendo estrelas."

"Deus, Max", respirei, realmente me sentindo mais molhada.

Recostando-se, ele se abaixou no chão da cozinha na minha frente. Suas mãos em volta dos meus joelhos, abrindo minhas pernas. "Levante seu vestido, Nina. Mostre que me quer."

Eu olhei para ele de joelhos na minha frente. Como chegamos aqui? Como acabamos neste lugar?

Um arranjo. Um acordo. Uma transação comercial. Como levou a isso?

Naquele momento, algo soou como se estivesse quebrando em um andar acima de nós.

Quando meus olhos se levantaram, Max sacudiu a cabeça. “Não se preocupe. Eles estão apenas se aquecendo. Não vão descer tão cedo.”

Segurando seu olhar, enrolei os dedos ao redor da bainha do meu vestido e levantei para ele. As mãos de Max deslizaram pelas minhas coxas, seus olhos caindo para mim enquanto sua cabeça se aproximava.

“Então me mostre as estrelas”, eu sussurrei, logo antes de sua boca se estabelecer entre as minhas pernas. Meu corpo todo ficou tenso. Eu senti como se estivesse voando ao mesmo tempo em que estava caindo.

“Relaxe, Nina.” A língua de Max me provou, e o fogo subiu pela minha espinha. “Deixe-me fazer você se sentir bem.”

Expirando, tentei relaxar. Era impossível. A cabeça de Max estava entre as minhas pernas, fazendo coisas para o meu corpo com a língua que já me fazia ver estrelas. Quando seus dedos me separaram, sua boca me chupando, minha cabeça caiu de volta no armário atrás de mim.

Meu suspiro foi mais um gemido desta vez, e foi alto o suficiente para ultrapassar o volume do rádio.

Eu senti meu orgasmo se aproximando. Mas lutei. Se fizesse isso, deixar Max tirar um orgasmo do meu corpo, nosso relacionamento mudaria para sempre. Não haveria volta para a amizade confortável. Não teria volta até mesmo para a simpatia distante.

Rangendo meus dentes, apertei as pernas ao redor dele com força, me segurando. Eu não conseguia pensar direito. Tudo o que sabia era que não queria perder Max, e não

tinha certeza se o deixasse forçar isso de meu corpo, apressaria sua perda ou diminuiria a probabilidade.

“Não lute contra isso, Nina.” Max recostou-se apenas o suficiente para olhar para mim. Seus olhos estavam indomáveis, escuros com necessidade. “Solte. Deixe-me fazer você gozar.”

Quando minhas pernas se apertaram dessa vez, Max as jogou sobre os ombros e me puxou mais para a borda do balcão, então metade da minha bunda estava pendurada.

“Certo” — sua língua desenhou uma linha para baixo de mim — “Só vou ter que forçá-la a gozar.”

Quando sua boca me cobriu então, sabia que lutar seria impossível.

“Max”, respirei, me curvando para a frente para que pudesse enterrar minhas mãos em seu cabelo. Meus dedos fizeram uma bagunça em seu cabelo em pouco tempo quando o puxei, jogando meus quadris na velocidade do ritmo punitivo de sua língua.

Quando comecei a trabalhar com ele, meu corpo respondendo ao seu, Max rosnou contra mim, o que foi minha ruína. Meu corpo ficou rígido, deixando meu orgasmo subir à superfície, então o dedo de Max escorregou para dentro de mim.

Sua boca mal caiu de volta sobre mim e meu orgasmo percorreu meu corpo. Meus gritos encheram a cozinha, eu movia a cabeça de Max contra mim enquanto ele continuava me chupando.

Ele não parou até que puxou cada espasmo de mim. Não até o último tremor ter passado pelo meu corpo.

Sua boca me deixou primeiro, depois seu dedo. Olhando para mim, um meio sorriso se moveu para o lugar. “Estrelas?”

Alisei um pouco do cabelo que baguncei. Havia manchas vermelhas do suco de morango cobrindo meus dedos. “A porra do universo inteiro.”

Meu corpo ainda estava tremendo, meus pulmões ainda estavam se esforçando e meu coração... eu não sabia onde diabos estava, mas não conseguia pensar em nada além de fazê-lo se sentir da mesma maneira.

Quando ele ficou na minha frente, me ajudou a sair do balcão. Seus braços vieram ao meu redor para impedir que eu desmoronasse no chão. Mas o chão era exatamente onde queria ir. Nos meus joelhos. Na frente dele.

Quando meus dedos se moveram para seu zíper, sentindo sua ereção pressionando, ele respirou fundo.

“Quero sentir você na minha boca”, sussurrei. “Quero fazer você vir da mesma maneira.”

Seus dedos ficaram mais forte em mim, mas antes que pudesse descer de joelhos, suas mãos seguraram meu traseiro e me levantaram do chão. Minhas pernas envolveram sua cintura quando ele me levou para fora da cozinha.

“Por mais que seja fã de sua pequena e linda boca ao meu redor, quero essa parte de mim enterrada em uma parte diferente de você agora.” Minhas coxas apertaram em torno dele. “Mas primeiro, vamos levá-la para o seu quarto.”

Minhas mãos apertaram a parte de trás do seu pescoço. “Então você pode me dar prazer no balcão da cozinha, mas sexo requer um quarto?”

“Para o que planejei? Sim. Uma porta com trava é uma boa ideia.” Seus dedos se apertaram ainda mais no meu traseiro. “Você se lembra daquela noite que estávamos fingindo fazer sexo? Os sons que estávamos fazendo?”

Ele esperou que eu assentisse.

“Você fará esses mesmos sons, mas desta vez, será por causa do que meu corpo vai fazer com o seu. Desta vez, vai

dizer essas coisas sujas porque estou tomando seu corpo. Novamente. E novamente.” Seus dentes roçaram a pele ao longo da minha clavícula. “E novamente.”

Eu estremeci contra ele, sentindo outro orgasmo começando apenas com suas palavras. “Seus pais podem ouvir.”

“E daí?”

Eu abaixei a boca perto de sua orelha quando ele parou na frente da porta do meu quarto. “Não tenho certeza se eles querem ouvir sobre o tamanho do pacote de seu filho e o que ele está fazendo com o meu corpo.”

Ele me pressionou contra a porta, esfregando essa parte de si mesmo contra mim. “Então não grite a plenos pulmões. Ou faça. Não me importo. Isso não mudará o fato de que meu 'pacote' fará com que goze quantas vezes puder.”

Ele moeu contra mim novamente antes de abrir a porta.

“Nunca soube que tinha uma boca tão suja”, respirei, desesperada pelo atrito dele em mim novamente.

Max levou-me para o quarto e chutou a porta. Ele me colocou na cama, pairando sobre mim instantaneamente. “Você vai aprender muito sobre mim que não sabia antes.” Ele deslizou para fora de sua jaqueta. “Seu vestido. Tire” disse, desabotoando a camisa.

Sentando-me, puxei o vestido por cima da cabeça e joguei na pilha crescente de suas roupas. Hipnotizada, o observei deslizar sua camisa por cima da cabeça.

“Quero você nua, Nina. O resto disso sai.”

Meus braços foram para minhas costas, rapidamente soltando meu sutiã. Quando deslizou pelos meus braços e caiu sobre meus joelhos, Max ficou sem fôlego.

Seus olhos percorriam meus seios enquanto eu fazia o mesmo com ele. Nunca o vi sem camisa, mas não tinha

imaginado que ele ficaria tão bem, quanto agora diante de mim, fragmentos de crepúsculo se derramando sobre ele. Ele tinha o tipo de corpo que não apenas indicava poder, mas o incorporava. Era evidente que ele poderia fazer o que quisesse comigo e eu estaria impotente para pará-lo. Podia me levar como quisesse, quando quisesse, onde quer que quisesse com esse tipo de corpo, e isso fazia meu animal interior gemer. Quando Max soltou o cinto, engoli em seco.

"Olhos nos meus, Nina. Você vai senti-lo em breve, mas quero seus olhos nos meus agora."

Fiz o que ele pediu, de alguma forma conseguindo mantê-los nele quando deslizou para fora de suas calças. Quando saiu delas, sua mão abaixou e ele se deu alguns golpes lentos.

Meus olhos caíram, porque droga, como uma garota deveria ficar encarando os olhos de um cara quando ele estava se tocando assim?

O ar entrou pelos meus lábios entreabertos quando o vi. *Merda. Kate estava totalmente certa.*

"Pensei que disse a você para manter seus olhos em mim." Havia um sorriso na voz de Max. Pude ouvir isso. Ele se acariciou novamente, mais devagar. "Você está tendo dificuldade em ouvir esta noite."

Minha mão abaixou pelo meu corpo para que pudesse me tocar enquanto o observava fazer o mesmo. "Sim, bem, não me ouviu sobre a parte não-sexo do nosso acordo, então nos considere empatados."

Max levantou uma sobrancelha. "Nós não fizemos sexo ainda."

Deitei-me enquanto ele se aproximava. "Então, o que diabos está esperando?"

Max me encarou por um momento, adorando meu corpo com os olhos, antes de se abaixar sobre mim. Quando seu corpo se acomodou sobre o meu, o colchão gemeu. Gemi

quando senti seu comprimento deslizar contra mim, sua cabeça pressionando meu estômago.

Sua boca cobriu a minha novamente, seus beijos lentos e provocantes, enquanto suas mãos percorriam meu corpo. Uma se estabeleceu na inclinação do meu traseiro enquanto a outra pressionava meu peito. Seus quadris contra mim, prestes a me levar a outro orgasmo apenas de seu eixo deslizando para cima e para baixo em mim.

Quando comecei a ofegar novamente, meu corpo ficando tenso abaixo dele, seus quadris se inclinaram para trás, deslizando para baixo.

“Não, Liebling.” Sua língua tocou a minha. “Receio que seu próximo orgasmo pertence ao meu pau”

Assentindo, inclinei os quadris contra ele.

Sua mão se moveu entre nós, colocando-se em posição, então algo pareceu acertá-lo. “Você está tomando alguma coisa?”

No começo, não sabia do que ele estava falando. Então senti ele se flexionar contra mim apenas o suficiente para que mal se movesse dentro de mim.

“Oh sim. Estamos bem”, disse rapidamente, lembrando de algo mais, que este poderia ser um bom momento para mencionar. “Sobre esse assunto, pelo menos.”

O rosto todo de Max relaxou. “Você está bem com a gente fazendo isso dessa maneira?” Ele agarrou seu eixo nu entre as minhas pernas, esperando. “Estou limpo.”

Minhas sobrancelhas se juntaram, então consegui entender o que ele estava perguntando. O que ele acabara de dizer.

“Oh sim. Eu estou bem. Nos dois. Muito bem.” Estava divagando, mas Max estava começando a empurrar mais fundo dentro de mim. “Mas deveria mencionar uma coisinha primeiro. Você sabe, antes de ir mais longe.” Porque ele estava

prestes a descobrir por conta própria se eu não mencionasse isso.

Ele estava respirando com dificuldade, a testa enrugada pela nossa conexão. “Fantástico. Depois.”

Me mexi um pouco para trás, mas ele não me deixou ir longe. “Você lembra daquela parte da biografia que não preenchi?”

“Sim.” Sua boca abaixou para o meu corpo, então ele chupou meu mamilo em sua boca. Ele estava tentando me distrair. Eu provavelmente estaria fazendo o mesmo se fosse o contrário, mas isso era importante. Ou seria por um total de dois minutos antes de se tornar um não-problema.

“É sobre isso.” Tentei puxar seu rosto para trás, mas assim que fiz isso, em seguida, sua boca agarrou meu outro mamilo. Gritei, meus músculos apertando com tanta força que o empurraram para fora.

Nós dois gememos de angústia.

“Ótimo”, disse ele em volta do meu mamilo. “Depois.”

Minhas costas estavam arqueadas contra ele, tentando conseguir mais de mim em sua boca. “Por acaso, tem algo a ver com o que estamos prestes a fazer.”

“Isto pode esperar. Eu não posso.” Ele se inclinou para trás, pressionando seu comprimento contra mim.

Quando senti ele começar a deslizar dentro de mim ao mesmo tempo em que seu dedo circulou mais alto, todos os avisos se afastaram com a promessa do meu orgasmo iminente.

“Sim, eu também”, ofeguei quando ele tomou mais de mim. “Depois.”

As mãos de Max estavam apenas se movendo para meus quadris, se preparando ao redor deles para reclamar o resto de mim, quando uma batida na porta nos parou.

Sentando-me, estava esperando a porta do quarto explodir.

“Veio da porta da frente.” Max beijou minha testa, puxando para trás enquanto se arrastava para fora da cama, pegando suas calças.

“Estamos esperando alguém?” Fiz uma careta quando ele fechou as calças.

“Não. Mas não estava esperando que meus pais aparecessem ontem, então Deus sabe quem poderia ser esta noite.” Max me puxou para fora da cama, pegando meu vestido. Quando deslizou sobre a minha cabeça e puxou para o lugar, parecia tão desanimado quanto eu me sentia.

“Mais tarde.” Sua mão se moveu ao redor da minha cabeça e puxou para ele, beijando minha testa. “Prometo.”

“Você não conseguiu o seu, no entanto.”

Ele sorriu quando encolheu os ombros em sua camisa. “Não se preocupe. Vou pegar o meu.” Sua mão agarrou a minha enquanto ele me puxava para a porta. “Espero que não esteja planejando dormir hoje à noite.”

Ele piscou para mim, abrindo a porta quando ouvimos outra batida vinda da porta da frente.

“Alguém está impaciente”, resmunguei, irritada por termos sido interrompidos quando as coisas estavam prestes a ficar realmente boas.

“Sim, esse alguém sou eu.” Max fez um gesto em sua virilha onde sua ereção estava pressionando contra o zíper.

Engolindo as chamas lambendo minha garganta, deixei que ele me tirasse do quarto.

As vozes de seus pais vinham da porta da frente, unidas por outras vozes. Eles devem ter tirado uma folga de suas discussões por tempo suficiente para atender a porta. Parecia

que sabiam quem estava do lado de fora e era como se estivessem felizes em vê-los.

Nós mal chegamos ao final do corredor quando Max parou. Sua mão apertou a minha enquanto o resto dele ficou rígido.

Um rapaz estava dentro da porta da frente — se parecia muito com Max, um pouco mais áspero e mais jovem. Havia uma mulher também. Uma mulher que parecia estar acostumada a conseguir o que queria sempre e, pela maneira como seus olhos tinham acabado de se agarrar a Max, sabia exatamente o que ela queria.

“Saia desta casa.” A voz de Max trovejou a nossa volta, seu dedo apontado para a porta. “Agora.”

A mulher não parecia perturbada. Em vez disso, ela terminou de tirar as luvas de couro, uma de cada vez, um sorriso aparecendo. “Isso é maneira de cumprimentar seu primeiro amor?”

A mandíbula de Max ficou rígida. Quando ela caminhou em nossa direção, seus olhos pousando em mim, ele nos afastou dela.

“Você deve ser Nina”, disse, aproximando-se. Max continuou me afastando dela. “Sou Elena. Estava ansiosa para conhecê-la.”

CAPÍTULO 20

Max

“Você está planejando jantar? Ou vai passar o resto da noite andando de um lado para o outro na sala de estar?”

Meus olhos cintilaram para Nina encostada na parede, sua sobrancelha subiu enquanto eu circulava a sala como um leão enjaulado. Isso era como me sentia. Um animal devorador de homens esperando para se soltar.

“Eles estarão lá?” Perguntei, fazendo outro círculo. Ainda estava descalço, com minhas calças e camisa, mas não me importei.

“'Eles são sua família e antiga paixão? Sim, eles estarão jantando também.”

Atirei-lhe um aviso sobre a parte da antiga paixão, mas Nina revirou os olhos. Ela não parecia ameaçada por Elena, o que era bom porque não tinha nada para se sentir ameaçada. No entanto, conhecia minha parte de mulheres que se encolheram na presença de Elena.

“Então não. Continuarei nesse ritmo.”

“Você sabe” — o polegar de Nina bateu em seu peito – “Também estarei lá. Sua noiva. Aquela em cujo vestido você acabou de enfiar em sua cabeça.”

Minha boca se contraiu quando meus olhos roçaram a bainha de seu vestido. Queria fazer isso de novo. Queria ter

Nina em todos os sentidos que pudesse. Agora. Talvez se pudesse apenas tirar um pouco da raiva de mim, poderia sentar na mesma mesa de jantar que o resto deles.

Meus olhos percorreram o corredor, levantando minha sobrancelha para ela.

“Depois do jantar. Será sua recompensa por se comportar.”

Jogando minha cabeça para trás, gemi. Tanto estava vindo para mim. Nina. Minha família. Nina. Elena. Nina.

“Vamos lá, eles não parecem tão ruins assim, Max. Podemos passar por alguns jantares.”

“Não são tão ruim assim?” Acenei na direção da sala de jantar, onde eles estavam reunidos. Não me importei que qualquer um deles ouvisse. “Você sabe por que meus pais a convidaram, não é?”

Nina levantou um ombro. “Porque vocês cresceram juntos.”

Bufei. “Porque estão esperando que ela vá criar um conflito entre você e eu. Porque estão esperando que Elena faça o que Elena faz de melhor e destrua tudo em seu caminho.”

Parecendo calma, Nina continuou a me observar andando pela sala. “Ela não vai ficar entre nós, Max. Isso não teria acontecido antes e definitivamente não vai acontecer agora. “

Quando ela levantou a sobrancelha para mim, percebi o que queria dizer. Ela estava certa. Íamos nos casar, não importa o que acontecesse, mas depois do que acabara de acontecer, muito mais do que promessas e acordos nos uniam agora.

“Ela precisa sair. Agora. Queria forçá-la a sair desde o momento em que a vi parada na entrada.”

“Max, é tarde. Não vou apenas expulsar alguém. Especialmente uma amiga da sua família e uma velha

amiga sua.” Ela enfatizou a parte antiga, mas ouvi-la se referir a Elena como qualquer tipo de amiga minha me fez estremecer. “Além disso, não parece tão ruim. Talvez meio egocêntrica, mas está me ajudando na cozinha, e realmente acho que ela só quer o melhor para você.” Quando não disse nada, ela saiu da parede e veio em minha direção. “Por favor, venha jantar. Por mim?”

Deixei ela bloquear meu caminho. Deixei as mãos dela se acomodarem no meu peito enquanto olhava para mim com aqueles seus olhos inocentes e confiantes.

“Toda a sua família está aqui, sua ex-noiva está sentada na minha mesa de jantar, e você acabou de me pegar no balcão da cozinha onde eu costumava congelar biscoitos de Natal com a minha avó.” Sua boca se levantou de um lado. “Estou meio que me recuperando aqui. Poderia usar uma pequena ajuda.”

Não queria sentar à mesa. Não queria estar cercado pelas pessoas que eu sabia que planejavam levar essa mulher para longe de mim.

Mas queria fazê-la feliz mais do que isso.

“Certo. Mas não espere que eu seja civilizado.”

Ela me deixou pegar sua mão enquanto nos dirigíamos para a sala de jantar. “Não civilizado parece ser uma tendência para você hoje à noite.” Ela olhou para o balcão da cozinha quando passamos por ele.

“Vai ser a tendência para o resto da noite também.” Minha mão deslizou em torno dela para apertar sua bunda antes de sairmos para a sala de jantar.

Nina pigarreou, puxando a bainha do vestido. Os quatro estavam conversando e rindo, mas quando aparecemos, a mesa ficou quieta.

“Olha quem decidiu aparecer para o jantar?” Meu irmão, Magnus, se virou em sua cadeira e inclinou o queixo para mim. Seu sotaque era o mais forte de todos nós, mas isso

provavelmente tinha muito a ver com ele, ter a impressão de que o grau de seu sotaque, tinha uma correlação direta com o número de mulheres americanas que ele podia foder.

"Olha quem decidiu aparecer em nossa casa sem avisar?" Sorri com firmeza.

"Deus, Max, legal de você se arrumar para o jantar. Não se importe conosco." Elena me procurou, seu olhar se demorando em torno da minha região da cintura. Quando seus olhos se estreitaram, imaginei que ela tinha descoberto o que Nina e eu estávamos ocupados fazendo antes que ela e Magnus aparecessem.

"Não me importo com você há muito tempo, Elena."

Nina apertou minha mão antes de me guiar para uma cadeira vazia que estava tão longe de Elena quanto poderia conseguir. Nina piscou para mim, deslizando para o assento vazio ao lado.

"Então, o que traz vocês dois aqui?" Perguntei, adivinhando que a resposta de Magnus e Elena para essa pergunta seria tão desonesta quanto a dos meus pais.

"Tive um show em Nova York. Quando ouvi as boas notícias e descobri que o voo de Magnus pararia em La Guardia, simplesmente não pude evitar." Elena não piscou quando respondeu. Ela estava acostumada a mentir. Mais da sua primeira natureza do que de uma segunda natureza dela.

"Sim, aposto que não podia."

"Queria parabenizar meu bom amigo. Queria conhecer sua futura esposa." Elena encolheu os ombros, como se fosse isso.

"Então agora que está aqui e a conheceu e me parabenizou, quando vai embora?"

Quando o assado chegou a Nina, ela serviu um pedaço no meu prato primeiro. Talvez estivesse esperando que mantivesse minha boca fechada se estivesse mastigando.

“Cara, amo a Costa Oeste. As mulheres aqui são loucas.” Magnus balançou a cabeça para mim como se nós compartilhássemos algum tipo de segredo. “Vou ficar até gastar as minhas boas-vindas.”

“Considere gasta.”

Nina teve que morder o lábio para manter o sorriso escondido.

“Tenho alguns fornecedores com quem vou me encontrar enquanto estou aqui”, disse Elena.

Quando as batatas chegaram, Nina amontoou no meu prato.

“E esses fornecedores estão onde? Do outro lado do país?” Suspirei quando Nina colocou outro monte de batatas no meu prato. Sua mensagem foi silenciosa, mas eficaz — cale a boca e coma.

Ela riu silenciosamente.

Elena estava olhando entre nós. “Alguns em Los Angeles, um casal aqui, mais alguns em Seattle. Estou planejando fazer de Portland minha base nas próximas semanas enquanto cuido de tudo. Há uma chance de relocação também. A empresa que estou trabalhando está procurando abrir uma filial na Costa Oeste, então estou analisando a área, vendo se a América seria uma boa opção para mim.”

Nina olhou para mim, parecendo que estava se preparando para o que eu ia dizer em seguida.

“Que ótima ideia, Elena. Hans e eu estávamos dizendo como seria bom estender nossa estadia, ver algumas das paisagens, enquanto ajudamos Max e Nina com seus planos de casamento.” Mamãe sorriu do outro lado da mesa para Elena, a filha que nunca teve. A nora que sempre planejou.

Quando Nina olhou para dizer alguma coisa, provavelmente para oferecer sua casa para Magnus e Elena, balancei a cabeça para ela. Amava o quão generosa ela era,

confiante, boa e gentil. Era tudo que a mulher do outro lado da mesa tinha me enganado fazendo acreditar que ela era, mas eu não sobreviveria aos quatro compartilhando os mesmos alojamentos que Nina e eu.

Ela passou um zíper invisível pelos lábios e ficou quieta.

“Onde você vai ficar, Elena?” Papai perguntou.

“Acho que a empresa me colocou em um bom hotel no centro da cidade. Ainda não chequei. Magnus e eu mal podíamos esperar para chegar aqui e ver todo mundo.” Elena olhou para Nina, mas Nina não percebeu. Ela estava olhando para mim. “Não podia esperar para conhecê-la, Nina, e agora tendo feito isso, posso dizer que você não desaponta.” Elena ergueu o copo de cicuta ou água ou o que quer que fosse. “Max tem sorte de tê-la. Você tem sorte de tê-lo. A sorte.” Ela inclinou a cabeça e sorriu um pouco mais. “Para aqueles que têm e aqueles de nós em busca dela.”

“Vou torcer para isso.” Papai ergueu seu copo e bateu copos com Elena e mamãe.

Magnus estava muito ocupado, rasgando sua carne para ser perturbado, e Nina e eu estávamos muito ocupados nas últimos vinte e quatro horas para acompanhar qualquer outra coisa.

“Cara, este assado é como tentar mastigar um pedaço de couro.” Magnus rangeu os dentes, trabalhando o pedaço de carne que tinha colocado em sua boca.

Eu amava meu irmão mais novo, mas ele era ignorante quando se tratava de coisas como boas maneiras e sentimentos das mulheres.

“Magnus.” Eu balancei a cabeça para ele.

Ele parou de serrar a carne com os dentes instantaneamente.

“Sim, sinto muito por isso. Acho que cozinhou demais.” Nina apunhalou seu próprio pedaço de carne assada. “Fiquei um pouco distraída.”

Quando a mão dela encontrou o meu joelho por baixo da mesa, deslizando para o interior da minha perna, fiquei duro instantaneamente.

“Bem, acho que tem um gosto divino, Nina.” No final da mesa, o prato de Elena permaneceu intocado. “Você sabe, comprei uma garrafa especial de champanhe para comemorar. Deixe-me correr e pegá-lo.” Depois de sair de sua cadeira, Elena saiu da sala de jantar, seus saltos ecoando pela casa.

“Então. Nina.” Magnus engoliu seu pedaço de carne. “Você vai se casar com meu irmão.”

Nina deu de ombros. “Acho que é o que este anel significa.” Ela me lançou um olhar de lado.

“Por quê?” Magnus acenou para mim como se fosse incompreensível que alguém iria querer se casar comigo.

Nina pegou o garfo e esfaqueou o feijão verde. “Ele é muito bom na cozinha.” Sua mão subiu mais, enrolando em torno do meu pacote.

Eu vacilei, fazendo toda a mesa tremer. Todos olharam para mim enquanto Nina sorria para seu colo, seus ombros tremendo de sua risada contida.

“Vocês têm uma menina morando com você também?” Elena reapareceu na sala de jantar com uma garrafa de champanhe em uma mão e um par de roupas íntimas na outra. Um par familiar de roupa íntima.

“Não.” Nina estalou a língua. “São minhas.”

Elena olhou para a calcinha pendurada em seu dedo, seu nariz enrugado. “Mesmo? Não vejo calcinha de algodão desde os dez anos.”

Magnus estava sorrindo, seu olhar indo de Nina para o par de roupas íntimas... O que me lembrou. Ela não tinha nenhuma. Estava em um vestido. Um curto.

Porque meu pau já não estava doendo de contenção hoje à noite.

“Sim, bem, sou um grande fã. Conforto. Custo. Respirabilidade.” Nina deu de ombros e olhou ao redor da mesa. Meus pais estavam meio boquiabertos na cena da mesa de jantar. “E seguindo em frente... Desculpe, elas devem ter caído da lavanderia quando estava dobrando.”

Eu cutuquei o pé dela com o meu. “Deve ter.”

Ela suspirou, me dando um olhar que me levou a acreditar que me achava bastante imaturo.

“Aqui, eu seguro isso.” Tirando-a dos dedos de Elena, enfiei no bolso da frente. Quando Nina olhou para mim, eu lambi meus lábios lentamente e ela se mexeu na cadeira. “Por segurança.”

“Champanhe alguém?” Elena acenou com a garrafa gelada.

Três copos foram para o ar. O de Nina e o meu ficaram na mesa. Quando Elena arrancou o papel, um olhar cruzou o rosto dela. Foi um que conhecia bem. Já estava me preparando antes que abrisse a boca.

“Então, verifiquei com o hotel para ter certeza de que a minha reserva ainda estava definida, e parece que eles ficaram lotados.”

Mamãe fez uma careta triste. Papai jogou os braços para o ar. Magnus continuou comendo. Nina olhou para mim. Olhei para Elena. Conhecia seus jogos. Os conhecia muito bem.

“Mas não se preocupe, vocês dois. Tenho certeza de que posso conseguir uma reserva em outro lugar. Esta é uma cidade grande. Muitos hotéis, certo?” Elena jogou seu sorriso em nossa direção. “Não vou impor, prometo.”

“E ainda assim está aqui. Sem aviso prévio. Se impondo.”

Nina chutou meu pé quando Elena me lançou um olhar semi-ferido.

“Estou aqui para trabalhar, para parabenizá-lo, e ter um novo começo com meu velho amigo e sua adorável noiva.” Elena trabalhou na rolha até que se e está libertou com um estalo alto.

“Perdoe meu ceticismo. Sou um pouco tendencioso no que ser refere a você, Elena.”

Magnus voltou a se concentrar, balançando a cabeça. “Cara. Você está agindo como se ela estivesse fodendo seu melhor amigo pelas suas costas, Max. Fica frio. Vocês não deram certo. Não é grande coisa. Isso acontece o tempo todo.”

O gosto na minha boca ficou amargo. Elena desviou o olhar, algo que quase parecia culpa em sua expressão.

Quando a mão de Nina se moveu debaixo da mesa desta vez, encontrou a minha. Seus dedos passaram através dos meus, dando-lhes um aperto suave.

“Apenas fique aqui essa noite, querida. É tarde demais para se preocupar em encontrar um hotel a essa hora”, mamãe disse antes de tomar um gole de champanhe. “Tenho certeza que Max e Nina não se importarão. Há muito espaço.”

Quando Nina olhou para mim, procurando o que dizer, fiquei quieto. Esta era a casa dela. Seu lugar para decidir quem poderia estar aqui. Poderia ter sido um filho da puta dominante no quarto, mas sabia que não devia levar isso para a cozinha. Pelo menos era mais esperto agora. Nina era sua própria dona e eu não sufocaria isso ditando as regras.

“Nina? O que acha? Elena poderia ficar no quarto ao lado de Hans e meu esta noite, e amanhã, vamos encontrar um hotel para ela.” Minha mãe esperou a resposta de Nina, tomando seu champanhe, que estava quase acabando.

Nina engoliu em seco.

“Mesmo? Isso seria maravilhoso.” Elena cobriu o peito com a mão. “Quero dizer, está tudo bem para você, Nina?”

Nina se mexeu na cadeira. “Hum...” se mexeu novamente. “Talvez?”

Mamãe bateu palmas. “Está feito. Ficará aqui esta noite.”

Elena sorriu, servindo mais champanhe no copo de mamãe. “Perfeito.”

Nina estava trabalhando o lábio, olhando ao redor da mesa como se não tivesse ideia do que estava acontecendo. Sua mão ficou na minha o tempo todo.

Eu empurrei para trás da mesa e saí da sala. “Acabei de me lembrar de algo que precisa da minha atenção no escritório.”

Quando saí, percebi que o plano deles já estava funcionando — já estavam deixando Nina e eu separados.

CAPÍTULO 21

Nina

Eu fiz isso. Me apaixonei por ele.

O ponto de interrogação que veio depois disso foi embora. As incertezas também desapareceram. Me apaixonei por Max Sturm, o último homem do planeta por quem provavelmente deveria.

Era isso que estava pensando, quando embarquei no que parecia ser a maior viagem de elevador do mundo. Como eu tinha certeza que ele seria tão fácil de desprezar. Quão fácil pensei que seria tratá-lo com uma espécie de algo fácil de esquecer. Talvez tenha sido a confiança na minha falta de atração por ele, que acabou levando ao resultado inverso. Eu tinha tanta certeza de uma coisa, que não me protegi contra isso.

Era tarde demais para voltar atrás. Com tudo isso. Casaria com Max Sturm em poucos meses, de acordo com sua agenda meticulosamente definida. Claro que confessar nossa atração um pelo outro tornava as coisas mais complicadas. O casamento ainda seria de conveniência? Haveria outros benefícios além de dinheiro e um green card? O casamento complicaria o que já tivemos? Isso duraria? Será que ainda nos divorciaríamos no final desse período de dois anos?

Tudo parecia tão no ar e indeciso. Sentia como se cem bolas de vidro estivessem flutuando acima de mim, apenas esperando para cair do céu e quebrar aos meus pés.

Depois de Max ter escapado do jantar, fiquei com o resto da família dele, terminando uma refeição que realmente não apreciei, participando de conversas que realmente não ouvi, sendo agradável. Eu não costumava ser uma boa pessoa, mas essa era a família de Max e sua velha amiga/noiva/inimiga, e quaisquer que fossem seus sentimentos em relação a eles, eles estavam em minha casa e devia uma margem de respeito.

Elena e Anya me ajudaram a limpar, enquanto Hans e Magnus decidiram que um jogo de bilhar e bourbon seria bom. Elena até se ofereceu para limpar o chão da cozinha, já que, de alguma forma, o suco de morango se espalhou ao longo do linóleo. E dos armários. E do balcão. E do cabelo de Max se estivesse contando.

Disse a ela para não se preocupar com isso e mostrei o antigo quarto ao lado do quarto dos pais de Max no andar de cima. Ela era graciosa e quase agradável. Não que pudesse compartilhar isso com Max porque, estava claro que Elena poderia encontrar uma cura para o câncer infantil e isso ainda não a elevaria em sua estima.

Magnus pegou o quarto que Max estava antes de quatro convidados inesperados chegarem, e depois de se certificar de que todos pareciam estar aconchegados para a noite, saí da casa.

O ônibus circulava todas as horas, para o horror de Max, e mesmo que ele ou Kate tivessem me dado muita carona, ainda dependia de transporte público para muitas coisas.

Como aparecer no escritório do meu falso noivo, no meio da noite.

Eu fui ao escritório de Max no centro de Portland algumas vezes, mas nunca à noite e, certamente, nunca por nada perto do motivo que estava indo agora. Quando as portas do elevador

se abriram, entrei em um saguão grande e escuro. Uma recepção, onde Ezra às vezes podia ser encontrado, estava em frente ao elevador. Havia um punhado de escritórios ao longo da parede de janelas, uma grande extensão de cubículos no corredor, uma sala de descanso, de conferências, tudo isso.

Apenas uma ou duas pessoas poderiam estar trabalhando lá agora, mas Max tinha grandes planos para o futuro. Sua empresa de desenvolvimento comercial estava quase totalmente capitalizada, mas ele precisava de pessoas para trabalhar. Ele estava pronto para quando aquele dia chegasse.

Parecia-me um obsceno desperdício de dinheiro pagar por este grande espaço, quando ele era o único empregado da Sturm Industries, mas pensei que em ver este lugar e seu potencial motivava.

Movendo-me pelo espaço escuro, fui para o escritório de Max no canto. Eu não tinha certeza se ele ficaria feliz em me ver ou não, já que saiu com tanta pressa mais cedo, mas estava planejando balançar sua opinião a meu favor.

A porta do escritório estava fechada, embora estivesse sozinho, quase como se estivesse tentando se fechar para o mundo. Eu não sabia, mas não parei para pensar no que estava fazendo. Apenas abri a porta e entrei.

Como o resto dos escritórios, esta sala também estava escura. As telas de seu computador lançavam um brilho em seu rosto enquanto ele as estudava, sua testa comprimida em concentração.

“Nina?” Sua cadeira rolou para trás de sua mesa enquanto ele piscava para ajustar os olhos para a escuridão em que eu estava sombreada.

“Max.”

Algumas de suas telas escureceram, então consegui vê-lo. “O que está fazendo aqui?”

“Te checando. Você meio que saiu correndo.”

Ele esfregou o rosto antes de sua cabeça cair contra a cadeira. “Sinto muito. Eu simplesmente não posso estar perto de Elena. Não confio em mim mesmo para não dizer ou fazer algo que me arrependeria mais tarde.”

Minhas sobrancelhas se levantaram. “Porque não é como se você tivesse dito alguma coisa esta noite, que se arrependeria amanhã?”

“Nada que eu disse a ela vou me arrepender amanhã. Nada.”

Deixando a porta aberta, entrei no escritório. “Bem, ficará feliz em saber que encontrei um hotel para ela ficar amanhã à noite e fizemos uma reserva aberta até que possa encontrar uma moradia permanente.”

Estava escuro, mas percebi o jeito que a mandíbula dele se apertava. “Você sabe que tudo isso é um grande esquema que ela ou meus pais ou os três estão fazendo, certo? O trabalho, o hotel, bancar a boazinha — tudo isso é para baixar nossas defesas.”

Tive que morder a língua. Max conhecia Elena há muito mais tempo do que eu, mas me considerava uma boa conhecedora de caráter e ela não parecia a peste encarnada. Talvez tivesse sido, talvez parte disso ainda estivesse lá, mas eu gostava de julgar uma pessoa com base em quem eles eram agora, em vez de julgá-los por quem eram antes. Ela poderia ter feito algumas coisas terríveis e machucado Max de uma maneira que fazia meu estômago revirar, mas não daria a isso tanto crédito e espaço como Max.

Eu não queria falar sobre Elena hoje à noite. Ou sua família. Ou suas intenções.

Queria outra coisa.

Queria ele.

“Não estou aqui para falar sobre eles, Max. Hoje à noite, não dou a mínima para qualquer uma dessas pessoas acampadas em minha casa agora.” Deslizei para fora do meu casaco e deixei cair no chão. Ainda usava o mesmo vestido de antes e, quando me aproximei de sua mesa, o puxei pelo meu corpo e cabeça. Ele aterrissou no chão com minha jaqueta. “Estou aqui para estar com você.”

Os lábios de Max se separaram, sua respiração acelerou quando me aproximei, nua e sem arrependimento.

“Você e eu, temos negócios inacabados.” Fiquei na lateral de sua mesa, e ele girou em sua cadeira em minha direção. “E não vou sair daqui até terminarmos.”

Parando no final de sua mesa, deslizei para a borda, cruzei as pernas e balancei os pés. Quando ele começou a se empurrar para fora da cadeira, levantei meu dedo. “Mas primeiro, preciso te dizer uma coisa.”

Max estava vestido novamente com o terno, mas estava soltando a gravata. “Mais tarde.”

Sufoquei o sorriso se formando. “Boa tentativa. Mas será agora.”

Levantando-se de sua cadeira, ele deslizou para fora de sua jaqueta, tirando sua gravata debaixo de seu colarinho. Eu tive que desviar o olhar para dizer o que precisava, porque assistir o striptease Max era um pouco perturbador.

“Você se lembra daquela biografia que cada um preencheu?” Parei. Talvez devesse ter esperado para tirar a roupa depois de ter dito isso. Especialmente agora que já estava meio nu. “Claro que lembra. Foi você que a formulou.” Limpando a garganta, olhei pela janela para impedir que meus pensamentos se dispersassem. “Havia uma razão pela qual não preenchi a última seção sobre meus... Assuntos sexuais.”

“Porque você disso o seu trabalho para tornar a minha vida difícil?” Max estava trabalhando para soltar seu cinto, a voz baixa.

“Mantendo o ponto...” Desci um pouco mais na mesa dele. “Você pensou que não respondi a essas perguntas, deixando-as em branco quando, na verdade, essas foram minhas respostas.”

O zíper de Max abaixou. O som disso enviou arrepios pelas minhas costas. “O que? Então usou tinta invisível para escrever suas respostas? Não estou acompanhando, Nina. Vamos discutir isso mais tarde.”

Quando suas calças caíram, engoli e continuei a olhar pela janela. Se eu olhasse para ele, não teria problema em parar essa conversa e chegar a todo o motivo de estar aqui.

“Não.” Mordi o lábio inferior. “Minhas respostas foram deixadas em branco porque não tenho nada para preencher.”

Max ficou quieto por um momento. “Ainda não estou acompanhando.”

Suspirei. Como alguém que era capaz de prever o mercado de ações não conseguia entender o que eu estava soletrando?

“Deixei as respostas em branco porque não tenho respostas.”

Ele ainda continuava quieto.

“Porque nunca... *fiz* qualquer coisa. Com qualquer um.” Minha testa se enrugou enquanto esperava que ele dissesse alguma coisa.

Max estava ali, nu, em silêncio. Estava me deixando louca tentando dizer a ele o que eu era e ele não entendendo. De pé a um braço de distância de mim, livre de roupas.

“Não estou acompanhando...”

“Deus, Max”, rugi, jogando a cabeça para trás. “Sou virgem.”

Silencio novamente.

E mais silêncio.

“Max?” Minha cabeça se virou hesitantemente em direção a ele.

Ele estava olhando para mim, tentando esconder sua surpresa, mas ainda havia dúvida em seus olhos. “Você nunca?” Sua sobrancelha se levantou. “Com qualquer um?”

“Tenho certeza que é a definição de virgem.”

A mão de Max cobriu a minha enquanto se movia na minha frente. Ele descruzou minhas pernas e me puxou para a borda de sua mesa. Um suspiro escapou de mim quando ele se estabeleceu no espaço entre as minhas pernas. “Então é melhor preenchermos esses espaços em branco.”

Ele me deslizou para mais perto da borda da mesa, até que eu pudesse senti-lo duro contra mim. Meu coração disparou.

“Mas pensei que você tinha algo urgente que precisava cuidar.” Meu olhar caiu para as telas de seu computador, onde claramente estava ocupado com alguma coisa. Como fazer baldes de dinheiro.

“Eu tenho.” Seus dedos subiram pelas minhas pernas. Ele sorriu para mim quando sentiu a umidade na parte interna das coxas. “Estou cuidando disso agora.”

Seus dedos continuaram subindo até que pousaram em seu destino. Meus olhos se fecharam enquanto seu polegar me acariciava. “Então, todo esse trabalho em sair para o seu escritório mais cedo, foi apenas para me pegar sozinha, espalhada na sua mesa, embaixo de você?”

Como eu o tivesse lembrado de algo, ele se inclinou para mim até que estivesse deitada debaixo dele. Meu peito se derramou sob o dele, meu corpo amortecendo todos os seus músculos e massa.

“Não posso ter o suficiente de você.” Ele afundou os dentes lóbulo da minha orelha, mantendo o polegar em volta de mim.

Minha respiração ficou rápida, alta. “Você sair não teve nada a ver com a sua família acampando em casa?”

Seus dedos se moveram, circulando mais abaixo. “Que família?” Sua boca se moveu mais para baixo, sugando meu pescoço.

“Não tem nada a ver com Elena?”

Ele me beliscou quando disse o nome dela. “Que Elena?”

Minhas costas arquearam para ele, meus quadris dando boas vindas. “Max...”

“Isso não tem nada a ver com eles, Nina.” Seu rosto se ergueu acima de onde ele estava aninhando meu peito, seus olhos em chamas. “Quando estou com você, assim, nada mais importa. Não me importo com o esquema da minha família e não me importo com o que Elena faz. Me preocupo com você.”

Eu não podia esquecer o jeito que ele parecia mais cedo. Quão devastado parecia. Quão perdido. “Há muita coisa vindo até você de uma vez.” Mordi de volta o gemido subindo na minha garganta quando seu dedo escorregou um pouco dentro de mim. Eu o queria tanto, mas tinha que ter certeza de que isso fosse certo. Para ele também. “Tem certeza que é isso que quer?”

A boca de Max encontrou a minha, me provocando com a língua ao chupar meus lábios. “Em vez de dizer o quanto isso é o que quero, que tal te mostrar?” Minha cabeça balançou quando senti seu dedo deslizar para dentro, abrindo espaço para ele.

“Eu não quero te machucar.” Seus olhos estavam apertados, como se ele estivesse lutando em alguma batalha invisível, enquanto mais dele se movia para dentro de mim.

“Você não vai”, respirei, meus quadris em ângulo para encontrá-lo.

Então, no último minuto, mudei de ideia. Sobre a posição, pelo menos.

Girando contra ele, consegui colocá-lo de costas com meu corpo acima dele em sua mesa.

“O que está fazendo?” Ele olhou para mim, não parecendo se importar com a mudança quando seu olhar mergulhou no meu seio pendurado acima dele.

“Esta é a minha primeira vez.” Eu me arrastei sobre a mesa com ele. “Portanto, estou no comando.”

Uma vez que ele estava abaixo de mim, deslizei sobre seu corpo até que estava escarranchada em seu colo. Balançando meus quadris contra ele, senti minha umidade deslizando ao longo de seu eixo.

“Nenhum argumento de mim.” Ele gemeu, a cabeça caindo para trás quando aumentava o atrito das minhas investidas.

Alcançando entre nós, o peguei na minha mão e levantei o punho algumas vezes.

“Deus, Nina. Continue assim e vou gozar antes de entrar em você.”

Eu o acariciei mais uma vez. “Bem, nós não queremos isso.” Abaixando os quadris, parei quando o senti na minha abertura. Circulei os quadris, provocando nós dois.

“Nina, estou falando sério. Pare de brincar.”

Levantei os quadris e me afastei, ouvindo seu pau duro bater contra ele. “*Pare* de brincar?”

Os músculos do pescoço dele dispararam para a superfície. “Não, não pare. Definitivamente, não pare.”

Sorrindo para ele, rolei os quadris até que pudesse senti-lo no lugar novamente, então me abaixei com força.

Era difícil dizer quem gritava mais alto — Max ou eu — mas era bom que estivéssemos neste grande escritório sozinhos e livres para fazer tanto barulho quanto quiséssemos. Eu nunca percebi que seria uma amante tão barulhenta, mas não havia como ficar quieta com um homem enterrado dentro de mim. Não quando o homem era Max Sturm, e ele estava segurando meus quadris, como se fosse sua salvação e sua morte.

“Você está bem?” Suas grandes mãos se apertaram em torno de meus quadris enquanto eu lentamente bombeava meus quadris acima dele.

“Sim”, respirei, mais em instinto animal do que resposta condicionada.

“Você está ferida?”

Minhas mãos pressionaram seu estômago, usando-o para impulsionar meus movimentos. “Isso é tão bom.”

“Nina?” A voz habitual de Max começou a ressurgir.

Apenas balancei a cabeça e continuei me movendo em um ritmo constante acima dele. “Nem pense nisso, Max. Esperei vinte e três anos por isso.”

Seus músculos estavam estalando por toda a pele, a mandíbula apertada e as veias nos antebraços parecendo prestes a explodir.

“Já esteve com uma virgem antes?” Perguntei.

Suas mãos estavam diminuindo meu ritmo, controlando o movimento dos meus quadris. “Nunca estive com você. Para mim, isso vale um milhão de virgens.”

Quando desci sobre ele, fiquei lá. Amava esse sentimento — tendo Max tão fundo dentro de mim, ele parecia uma parte de mim. “Mas não um milhão e um?”

Um sorriso torto se moveu para o lugar. “Vou te avisar depois.”

“Então é melhor dar a você algo bom para influenciar seu voto.” Alcançando atrás de mim, segurei suas bolas e gentilmente as apertei quando comecei a montá-lo novamente.

Ele fez sons que nunca tinha ouvido dele antes. Parecia que nunca ouvi de ninguém antes.

Pelo que senti, ele estava pronto. Eu me perguntei se ele estava lutando contra isso, querendo esperar por mim. Não que ele tivesse muito tempo para esperar, porque pelo jeito que estava lançando seus quadris em mim, estava esfregando algum lugar dentro que estava me levando a uma parede cada vez que mergulhava de volta.

“Porra, isso é lindo, Nina. Vamos ver você gozar, baby. Quero assistir isso.”

Max empurrou de volta contra a mesa novamente, tentando levantar seus pés para que pudesse realmente empurrar dentro de mim. No processo, seus braços e cabeça meio que enviaram algumas telas de computador sobre a borda da mesa. Eles aterrissaram ruidosamente, fazendo um ruído estrondoso quando o vidro se espalhou pelo chão.

“Merda”, amaldiçoei, inclinando-me. Não percebi o quão perigoso o sexo poderia ser. E prejudicial.

“Não se preocupe com eles.” Max me puxou de volta para baixo, continuando exatamente de onde paramos. “São telas de computador. Não me importo. Apenas não pare.” Quando comecei a me mover de novo, a cabeça dele rolou para trás. “Pelo amor de Deus, não pare.”

Em apenas alguns momentos, ele estava tenso embaixo de mim, tão perto que eu podia sentir seu orgasmo se acumulando em seu eixo.

“Onde me quer, Nina? Onde quer que eu goze?”

Olhei para ele, aproximando-se de seu orgasmo. “Dentro de mim”, respirei. “Sempre dentro de mim.”

“Porra”, ele rosnou, como se minhas palavras fossem sua ruína.

Sentir seu orgasmo se espalhando foi minha ruína. Seu polegar voltou ao meu clitóris, acariciando-o até que estava amaldiçoando minha liberação com ele, preenchendo o silêncio com a nossa paixão. Ele não parou de bombear dentro de mim até que o último estremecimento do orgasmo foi retirado do meu corpo, e mesmo depois disso, ficou enterrado.

Eu caí sobre ele, meu corpo cobrindo o dele enquanto nos demos um momento para recuperar o fôlego.

“Gosto desse jeito.” Beijei seu peito, em seguida, inclinei meu queixo, então estava olhando para ele. Ele já estava olhando para mim, sua linha de cabelo úmida de suor e seu rosto corado de seu orgasmo. “Muito. Acho que podemos listar isso como minha posição favorita sob aquele espaço em branco.” Quando desenhei meu polegar em seus lábios, ele o beijou. “Acho que também podemos preencher mais alguns desses espaços em branco. Primeiro amante: Max Sturm. Idade que perdeu a virgindade: Um embaraçoso vinte e três.”

As sobrancelhas dele se juntaram quando se apoiou nos cotovelos. “Não há nada embaraçoso sobre isso.” Ele fez uma pausa, parecendo que estava pensando. “Eu... não, não posso nem tentar resumir como me sinto sobre ser o seu primeiro. Isso não é embaraçoso, Nina. Esse é o melhor presente que poderia dar a um homem como eu. É inestimável.” Seus lábios pressionaram minha testa enquanto penteava meu cabelo úmido para longe do meu rosto. “Assim como você é.”

Deixei suas palavras encontrarem seu caminho em meu coração, então o beijei completamente na boca, subindo por seu corpo até senti-lo endurecer dentro de mim novamente.

“Então?” Sussurrei contra sua boca. “Qual é a sua posição favorita?” Fiz uma pausa longa o suficiente para circular meus quadris sobre ele. Sua cabeça caiu para trás, batendo contra a mesa. “Essa? É ótima, certo?”

Quando girei os quadris novamente, as mãos de Max agarraram meus quadris quando ele se sentou. “Sou mais o tipo de fazer do que dizer.”

Ele se empurrou da mesa, segurando-me com ele, antes de se virar e deixar meus pés caírem no chão. Seus olhos claros estavam queimando, sua necessidade dura contra o meu estômago. Beijando minha testa, ele rapidamente me virou, apertou meu peito em sua mesa e empurrou minhas pernas bem afastadas. Seus dedos já estavam me abrindo, quando se ajustou a mim, antes que o suspiro surpreso escapasse da minha garganta.

“Vamos ver o que pensa da minha posição favorita.” Suas mãos pousaram em meus quadris novamente, seus dedos enrolando profundamente em minha carne. Então seus quadris se moveram contra mim, deslizando dentro centímetro a centímetro agonizante. Quando não pôde ir mais fundo, se segurou lá, inclinando-se sobre mim e respirando fora da minha orelha. Suas mãos vieram abaixo de mim, cobrindo meus seios pesados.

“Deus, Max”, gemi, apertando em torno dele.

Um grunhido primitivo ecoou de seu peito. Então ele tomou sua postura atrás de mim, segurando meus quadris no lugar enquanto se mantinha enterrado dentro de mim. “Minha vez de estar no comando agora.”

Quando ele deslizou para fora, meu gemido encheu seu escritório. Foi consumido por um grito quando ele bateu de volta em mim.

“E você vai gritar Senhor Sturm até o final disso.”

CAPÍTULO 22

Max

Algo estava errado. Nina estava me evitando o dia todo e seria um tolo em não saber o porquê. Era sobre a noite passada. O que aconteceu entre nós. Várias vezes.

Ela não parecia em conflito sobre nada disso na noite passada, mas algo a estava claramente perturbando hoje. Imaginei que tinha a ver com a maneira como nós dois entramos nesse arranjo com o entendimento de que seria de um jeito, e agora, era o oposto.

Imaginei que também tinha algo a ver com o que aconteceu com ela quando criança. Sendo deixada para trás. Primeiro pelo pai, depois pela mãe dela. O compromisso era um assunto delicado para a Nina, e depois das coisas que dissemos e compartilhamos, nós dois nos colocamos em uma posição para nos machucar.

Essa não era apenas uma transação comercial com a qual concordamos com um aperto de mão — isso também se tornara uma questão de coração. Nenhum de nós planejou isso.

Planejado ou não, queria isso. Ela. Nós. O risco de ser ferido valeu a recompensa que veio de estar com ela.

“Nina estará aqui para o jantar?” Papai estava cuidando do churrasco parado na varanda, fazendo salsichas *bratwursts* suficientes para alimentar toda a vizinhança.

“Sim. Eu acho.” Chequei a rua novamente. Nenhum sinal do carro de Kate ou de Nina voltando para casa do ponto de ônibus.

“Bom. Quero agradecer-lhe por ter sido tão generosa, deixando-nos ficar aqui. E o que diz obrigado melhor do que uma grande e suculenta salsicha?” Papai brindou sua garrafa de cerveja contra a minha que eu ainda tinha que tomar um gole. “Elena deixou um bolo Floresta Negra que encontrou em uma padaria na cidade, então sua futura esposa terá toda a experiência da cozinha alemã.”

Ouvir o nome de Elena fez minhas costas ficarem tensas. “Ela desistiu? Não vai estar aqui para o jantar?”

“Teve que trabalhar.” Papai drenou a última metade de sua cerveja. “Você parece surpreso.”

“Estou.” Eu não vi Elena desde que saí de casa ontem à noite, mas me fiz claro e com certeza ela estava fora de casa antes de eu voltar. De acordo com mamãe, estava em um hotel perto do Lloyd Center e estaria tão ocupada com o trabalho que teríamos sorte em vê-la.

Eu tinha um ponto de vista diferente.

“Conheço Elena e você tem ressentimento, mas tem que permitir que uma pessoa mude.” Papai tirou a tampa de sua próxima cerveja. “O que quer que tenha acontecido, ela realmente só quer o melhor para você, Max.”

“Claro que sim”, rosnei. “Porque Elena é uma grande pessoa.”

Papai apontou a pinça para mim, como se estivesse prestes a me repreender, quando o Honda prateado de Kate apareceu na esquina. Me levantei do balanço da varanda, endireitando a gravata. Nina tinha ido embora quando acordei esta manhã no meu escritório. Sem um bilhete. Sem explicação. Não havia nada.

Levou toda a minha força de vontade para não procurá-la e descobrir porque escapou como se fosse um caso de uma única noite e que estivesse envergonhada. Fiquei no escritório, trabalhei, fiz o que precisava e ocasionalmente liguei para ela. Dez vezes.

Kate não parou na entrada da garagem. Em vez disso, estacionou até parar no meio-fio, disparando um olhar para mim que tinha minhas sobrancelhas juntas.

“Sua fã?” Papai me cutucou.

Um suspiro escapou. “Hoje não.”

Kate estava balançando a cabeça toda animada, jogando o braço em minha direção. O que quer que estivesse dizendo, tive a nítida impressão de que estava aconselhando Nina a virar e correr.

Um minuto depois, Nina saiu do carro e sacudiu a cabeça para Kate.

Jogando os braços para o alto, a resposta de Kate foi alta o suficiente para eu e o próximo quarteirão ouvir. “Certo!” Então ela apontou outro olhar para mim antes de mostrar seu dedo do meio no ar em minha direção. Ela foi embora assim, acenando um foda-se de despedida para mim.

“Aqui vem a noiva tímida agora.” Papai apertou sua pinça algumas vezes na direção de Nina.

Ela não olhava para mim. Estava se movendo devagar, como se cada passo mais perto se tornasse cada vez mais difícil de suportar. Estava de macacão, o que significava que conseguiu voltar aqui para mudar a roupa antes de desaparecer onde quer que ela estivesse. Vendo-a hoje, lembrando da noite passada, tudo que queria fazer era envolvê-la em meus braços e abraçá-la com força. Queria beijá-la e tocá-la e amar seu corpo do jeito que fiz na noite passada.

O que Nina parecia querer era exatamente o contrario.

Papai chegou mais perto, inclinando-se para mim. “O que você fez?”

“Algo que provavelmente não deveria ter feito.”

Me aproximando do topo da escada quando ela chegou, limpei a garganta, desejando que olhasse para mim. Para reconhecer minha presença e, gostando ou não, o que compartilhamos na noite passada.

“Olá, Nina.”

Seus ombros endureceram quando subiu os degraus. “Max.”

“Como foi seu dia?” Perguntei. Ela ainda não olhava para mim. “Senti sua falta esta manhã.”

Um forte suspiro passou por seus lábios enquanto continuava passando por mim.

“Nina...” Girei atrás dela enquanto se dirigia para a porta.

“Oh, sim, desculpe, está certo.” Ela interrompeu, estalando os dedos. “Sou sua noiva.”

Girando, marchou de volta para mim, não parando até que seu corpo bateu no meu e ela se levantou para me beijar. Então me puxou para o balanço, me empurrou para baixo, desmoronou ao meu lado e roubou a cerveja na minha mão.

Ela a levou aos lábios e começou a beber, o que foi simplesmente fantástico. Nina não podia estar perto de mim agora sem se sentir bem e bêbada. Porra. Eu pensei que estávamos bem ontem à noite.

“Então o grande dia está a apenas alguns meses de distância.” Papai estava de volta à churrasqueira, nos dando olhares peculiares enquanto cuidava dos salsichas.

Nina assentiu, batendo nos lábios. “31 de março. Um dia antes do dia da mentira.” Então terminou o resto da minha cerveja.

“Você ainda quer se casar comigo?” Mantive a voz brincalhona para o meu pai, mas meu rosto disse algo mais para Nina.

Ela mal me deu um olhar superficial. “Tenho certeza que é o que isso significa.” Levantando a mão esquerda, rolou os dedos na frente do meu rosto.

“Mas quer?” Ainda o tom brincalhão na minha voz, o tom sério na minha expressão.

Nina agradeceu ao meu pai quando ele trocou sua cerveja vazia por uma nova. “Eu quero manter minha promessa.”

“O que isso significa?”

Nina se afastou um pouco de mim. “Isso significa que vou me casar com você no dia 31 de março.”

“Nina...”

“A garota quer se casar com você, Max. Parece que ela mal pode esperar para selar o acordo. Mal pode esperar para se tornar a Sra. Max Sturm.” O ceticismo em sua voz era muito pesado, fiquei surpreso que Nina não estava olhando para o meu pai do jeito que eu estava.

“Sra. Nina Burton-Sturm.” Ela apontou a cerveja para papai antes de praticamente fazer o mesmo.

“Nina...”

“O que, Max? Ao contrário de outros, gosto de manter minhas promessas quando as faço. Então, quando te disse que ia casar com você, quis dizer isso. Só porque as promessas de outras pessoas podem representar merda não significa que as minhas são.”

Meus molares rangeram. Ela não estava dizendo nada que não fosse verdade — eu não cumprira minha promessa de não fazer sexo com ela.

“Então, Nina?” Papai falou, totalmente inconsciente da tempestade que culminava no balanço da varanda a poucos

metros de distância. “Quais são seus pensamentos sobre sobre iniciar uma família?”

Ela estava quieta, provavelmente tão surpresa por sua pergunta quanto eu. Deixou o resto de sua cerveja ajudá-la a preencher a resposta. “Acho que não pensei muito sobre isso.” Ela apontou um olhar letal para mim pela lateral de seus olhos. “Max meio que me pegou de surpresa.”

“Você quer filhos?” Papai perguntou.

“Acho que é um pouco cedo para dizer”, respondi, esperando que ele tivesse lido o ‘cale a boca’ entre as linhas. “Acabamos de ficar noivos.”

“Não sei.” Papai encolheu os ombros, rodando sua cerveja na garrafa. “Parece normal que a maioria dos casais fale sobre planejamento familiar antes de se envolver. Então, se alguém não quer filhos e o outro quer uma dúzia, isso pode ser resolvido antes que os votos sejam trocados. Para sempre é um bom tempo.”

Nina cruzou os braços, olhando para o quintal com algo ilegível em seu rosto. “Eu não sei. O que quer, Max?”

Ela estava perguntando para apaziguar meu pai ou porque realmente queria saber? Eu acho que, dado o brilho do olhar de lado, tive a minha resposta.

“Gostaria de ter filhos.” Eu me mexi no balanço. “Um dia.”

“Bem, lá vai você.” Nina abriu a mão na frente dela. “Max quer filhos. Max vai ter filhos.”

Meu corpo se virou para ela. “O que isso significa?”

“Oh, vamos lá, querido, você é o tipo de homem que consegue o que quer.” Sua voz era excessivamente doce, sua expressão excessivamente ácida. “Certo?”

Por um momento, ela fechou os olhos e pensei ter visto o fogo. Não aquele nascido da raiva, mas do tipo que nos rendemos a noite passada. Foi extinto antes de desviar o olhar.

“Posso entender sua hesitação, Nina.” Meu pai apontou aquelas malditas pinças para nós novamente. “Depois de ver seu pai ir embora. Sua mãe em seguida. Certamente isso deve afetar a pessoa quando pensa em começar sua própria família.”

A cabeça de Nina se torceu em sua direção. “O que quer dizer?”

Os ombros do papai levantaram. “A preocupação de pensar como você pode ser uma boa mãe quando não teve uma para se basear?”

Meus olhos se fecharam em suas palavras. Eu estava certo sobre eles indo atrás de Nina ao invés de mim em seus planos de nos separar. Ele encontrou seu ponto fraco e tinha acabado de enfiar uma maldita adaga nele.

O balanço gemeu quando Nina se levantou. Ela não disse uma palavra. Apenas empurrou a porta e desapareceu no interior.

“Cristo” — explodi do balanço para segui-la — “Se esse é o padrão para a paternidade, estou no mesmo barco que Nina.” Lancei-lhe um olhar antes de empurrar a porta. “*Papai.*”

Batendo a porta atrás de mim, me movi pelo corredor, sabendo onde ela estava. Era para onde sempre ia quando brigávamos ou precisava ficar sozinha. O único lugar na casa que poderia me trancar fora, seu quarto.

Eu bati em sua porta fechada. “Nina.”

“Deixe-me em paz, Max.” Sua voz estava calma do outro lado.

Meu peito se apertou. “Não.”

“Vá. Embora.”

Minha mão caiu na maçaneta e girei, esperando encontrá-la trancada. Não estava. Não pedi, não bati de novo

— abri a porta e entrei. Já estava fechada antes que tivesse a chance de balançar a cabeça em minha direção.

“Acho que não deveria estar surpresa.” Ela me olhou de pé dentro de seu quarto. “Você não parece se importar ou respeitar o que quero. Se importa com o que você quer. Quando quer. Seja qual for o custo.”

Deslizei as mãos nos bolsos para me impedir de fazer algo estúpido como correr pelo quarto e puxá-la para mim. Com a chave de fenda que estava segurando como um quebrador de gelo, provavelmente dirigiria isto diretamente através de meu coração se ficasse a uma curta distância.

Ela estava ferida. Por minha causa. Sentiu-se traída. Por minha causa. Estava assustada. Por minha causa.

Talvez eu merecesse aquela chave de fenda no coração.

“Você está bem?”

Ela bufou, voltando a apertar a maçaneta de vidro na porta do banheiro. “Sim, estou fodidamente incrível. Você não percebeu?”

“O que há de errado?” Perguntei gentilmente.

“O que faz você pensar que algo está errado?” Então começou a bater na maçaneta com a chave de fenda porque, imaginei, ela dobrou como um martelo.

Eu lutei contra o desejo de ir ajudar antes que batesse com a chave de fenda no polegar. Mas ela não queria a minha ajuda. Isso era óbvio. “O fato de você estar me evitando, ignorando minhas ligações e usando meu rosto como prática de alvo para seus olhares letais.” Levantei uma sobrancelha, mas ela não estava olhando. Estava ocupada demais batendo na maçaneta. “Além disso, você faz melhorias na casa quando algo está errado.”

Minha resposta a fez olhar para a maçaneta. “Faço melhorias na casa, não importa como esteja me sentindo, porque, se não o fizesse, este lugar já teria desmoronado.”

Ela continuou batendo na maçaneta até que se soltou. Rolou pelo chão de madeira do quarto e desapareceu debaixo da cama. Eu não suportava olhar para a cama dela. Agora não. Não com o jeito que estava agindo como se eu fosse tudo de ruim e doloroso no mundo.

“O que quer, Nina?” Esfreguei a testa, pronto para dar a ela o que quer que fosse, se estivesse em minha capacidade lhe dar. Qualquer coisa.

Ela ficou quieta, olhando para o local onde a maçaneta havia desaparecido, parecendo recuperar o fôlego. Quando inspirou profundamente, a maior parte da raiva pareceu se afastar de seu rosto. A apatia que tomou seu lugar era pior do que qualquer aversão.

“Só acho que precisamos desacelerar as coisas.” Suas sobrancelhas se uniram. “Dois dias atrás, tudo estava indo de acordo com o seu plano bem afinado e, ontem à noite, estávamos em seu escritório... fazendo coisas.”

Sua escolha de palavra me fez quase sorrir. “Um monte de coisas.”

Ela exalou pelo nariz. “Três vezes.”

“Quatro”, corrigi automaticamente porque estava contando. Foi a melhor noite da minha vida — praticamente tinha a coisa toda n a memória. Quando ela se mexeu e cruzou os braços, lutei com a pergunta no final da minha língua. Perdi a batalha. “Você se arrepende?”

Ela só demorou alguns segundos para responder, mas senti como se tivesse morrido cem mortes diferentes naquele curto espaço de tempo, esperando por sua resposta.

“Não.” Sua cabeça tremeu uma vez, seus olhos se estreitando no chão. “Só queria ter parado para pensar, sabe? Tudo aconteceu tão rápido... talvez devêssemos desacelerar as coisas para ter certeza de que é isso que queremos.”

Ela estava falando, se comunicando, não tentando mais me matar com os olhos. Isso poderia ser medido como progresso, mas, em vez disso, parecia um fracasso, porque ela estava dizendo exatamente o oposto do que esperava que sentisse. Um completo contraste com o que senti.

"Você continua usando a palavra nós, mas não estou em conflito sobre nada disso. Você está. Então, vamos esclarecer isso." Pela primeira vez desde que fechei a porta, dei um passo adiante em seu quarto. Para mais perto dela. "O que *você* quer?"

Sua resposta veio instantaneamente. "Retardar as coisas. Voltar ao modo como as coisas eram." Ela estava tocando a ponta da chave de fenda na palma da mão, uma dúzia de emoções brincando em seu rosto.

"Tudo bem", respondi, porque o que mais havia para dizer? Daria a ela qualquer coisa que precisasse, mesmo que isso significasse recuar.

Suas sobrancelhas se apertaram. "Eu acho."

Meus ombros caíram. "Nina..."

"Você e eu." Ela agitou a chave de fenda entre nós. "Isso não deveria acontecer."

"Eu sei." Balancei a cabeça uma vez, me aproximando. "E não me importo."

"Como pode dizer isso?"

Meu estômago doía de observá-la. Ela estava tão assustada. Tão insegura. Nunca a tinha visto assim – nunca pensei que suas cicatrizes fossem tão profundas – mas vê-la assim me fez sentir como se tudo dentro de mim estivesse se contorcendo. Não queria que se sentisse assim. Não queria ser a causa disso.

"Porque é verdade", disse devagar. "Preocupo-me com você. Quero estar com você. Não me importo com o que deveria acontecer e o que não aconteceu."

Ela se inclinou contra a parede atrás dela, sacudindo a cabeça. “Você, o homem queimado até as cinzas, que é contra o compromisso como eu sou, como pode olhar para mim, e dizer isso?”

O gelo em sua voz estava destinado a me afastar. Em vez disso, me aproximei. “Porque é a coisa mais verdadeira que já conheci.”

Uma risada aguda derramou dela. “Disse cada ser humano para outro, que o fez sentir algumas borboletas.”

Senti algo borbulhando dentro de mim e não consegui encontrar a tampa para prendê-la antes que explodisse de dentro de mim. “Droga, Nina, quer fingir que as coisas estão de volta ao jeito que costumavam ser entre nós? Tudo bem, vá em frente. Você é livre para fazer suas próprias escolhas, mas nem por um minuto espere que faça o mesmo.”

Meu corpo estava tremendo de adrenalina, e ao mesmo tempo em que queria socar parede, queria abraçá-la e beijá-la gentilmente. Eu estava uma bagunça. Um fodido desastre e era minha culpa que a mulher na minha frente estava na mesma situação.

“Não há como voltar atrás para mim. E se quiser fingir que há para você, tudo bem. Avise-me como isso vai ser.” Fiz uma pausa para deixá-la falar, mas não fez, então continuei. “Você quer foder e ir para quartos separados depois? Ótimo. Quer nunca mais me tocar? Ótimo. Quer me odiar? Amar? Desprezar? Ok. Não dou a mínima. Quero você. Como puder.” Meus olhos se fixaram nos dela. “Qualquer parte de nós que esteja disposta a compartilhar.”

Ela deslizou pela parede até cair no chão. Sua cabeça caiu nas mãos, a chave de fenda caindo delas. “Max. Estou confusa.” Ela esfregou a testa. “Muito confusa.”

Algo se instalou na minha garganta que tornou difícil falar, então fui em direção a ela. Mal dei dois passos antes que

sua cabeça levantasse o suficiente para me dar um olhar de advertência. Ela não queria ser consolada. Não por mim.

A percepção me fez sentir como se alguém tivesse acabado de empurrar um morcego em meu estômago. “Sim, bem, estou me sentindo chutado na bunda também.” Eu me movi em direção a ela novamente, os olhares de advertência que se danem. Sabia por que estava me afastando, porque era a mesma razão que queria afastá-la. O medo era uma coisa poderosa. “Mas sei o que quero e quem quero. Em vez de deixar todas as razões pelas quais não deveria querer você atrapalhe, estou me agarrando às razões pelas quais deveria.”

Nina continuou esfregando a cabeça, o cabelo vermelho caindo em volta do rosto. “Por que você deveria me querer?”

Meus ombros se levantaram. “Porque cada parte de mim quer cada parte de você.” Eles baixaram quando limpei a garganta. “É por isso.”

O corpo de Nina balançou como se pudesse estar chorando, mas ela não estava fazendo nenhum barulho e eu não conseguia ver seu rosto. Quando me aproximei, seu corpo ficou tenso. Então ela empurrou o chão, nivelando-me com um olhar.

“Acredito que uma parte de você me quer.” Seus olhos apertados mergulharam na minha virilha antes de ela empurrar para dentro do banheiro. “De novo. De novo. E de novo.” Ela continuou repetindo a mesma coisa mesmo depois de ter batido a porta. Mesmo quando o chuveiro foi ligado alguns segundos depois.

Suas palavras ecoaram na minha cabeça, me fazendo pensar se isso era realmente o que ela acreditava. Que a única parte de mim que a queria era meu pau. Que isso era tudo que precisava dela. Que o resto que residia acima e abaixo e dentro de mim não ansiava por ela da mesma maneira.

Ela não queria me ver. Não queria falar. Ela deixou isso claro.

Deveria ter aceitado isso, saído de seu quarto e deixado que viesse para mim para ditar como deveríamos prosseguir com o resto do nosso acordo, o que restasse dele. Deveria ter dado a ela espaço e o tempo que precisava. Deveria ter deixado ela ir como claramente tinha me deixado ir.

Eu era incapaz de fazer isso.

Quando empurrei a porta do banheiro, uma nuvem de vapor rolou sobre mim. O banheiro de Nina era pequeno, mas ela devia ter água fervendo para criar tanto vapor tão rápido.

“Não vou deixar você fazer isso.” Empurrei a porta e me inclinei para ela, olhando para a cortina do chuveiro que ela estava atrás. Suas roupas estavam espalhadas pelo chão do banheiro, seu cheiro enchendo o ar.

“Caia fora.” Ela não parecia zangada. Parecia cansada. Esgotada.

“Não.”

“Pode sair por conta própria, ou vou fazê-lo sair.”

Cruzei os braços e continuei olhando para a cortina do chuveiro, querendo que ela tentasse. “Você terá que empurrar e fazer força para me manter fora da sua vida para sempre porque não vou sair. Nunca. Não vou a lugar nenhum, então por que você não entende isso agora para que possamos conversar sobre o que vem a seguir?”

Nina ficou em silêncio, nada além do som do chuveiro enchendo o quarto. Meus sapatos ecoaram pelo azulejo enquanto me movia em direção ao chuveiro.

“Você e eu. A noite passada... não deveria acontecer. O cara com quem concordei em casar por uma quantia em dinheiro, é o primeiro cara com quem dormi e o único pelo qual já tive sentimentos. Isso é confuso. Isso não deveria acontecer e agora não sei o que fazer.”

Suas palavras me atingiram como um bálsamo, acalmando cada queimadura e ferida. Eu faria isso. Cortaria o disfarce. Chegaria a raiz de seu afastamento.

"Nós vamos fazer o que todo mundo faz." Eu me aproximei, até que poderia ter tocado a cortina do chuveiro, se quisesse. "Vamos levar um dia de cada vez."

O suspiro de Nina rolou pelo quarto. "Nunca é tão simples. E as pessoas que pensam assim nunca fizeram isso."

"Não vou deixá-la. Não vou me afastar." Minhas palavras foram altas, saltando das paredes do pequeno banheiro. Não tinha certeza onde minha família estava ou se estavam ouvindo alguma coisa, simplesmente não me importava. Em algum lugar nesses meses com Nina, ela se tornou mais importante do que qualquer outra coisa. Incluindo meu green card.

Parecia tão insignificante agora que a conheci. Comecei nosso relacionamento querendo uma coisa e estava aqui agora, querendo algo completamente diferente.

"Não vai se afastar?" Nina repetiu devagar. "Você tem a data do nosso divórcio em um contrato."

Meu olho se fechou. O maldito contrato. "Isso foi antes."

"Antes do que?"

Não era óbvio? Não queria assustá-la mais soltando a palavra real, então suavizei. "Antes de me apaixonar por você." Quando Nina não disse nada, continuei. "Não vou deixá-la." Me aproximei, seu silêncio se estendendo. "Não vou machucá-la." Meus dedos se enrolaram na borda da cortina do chuveiro, seu silêncio ensurdecedor. "Não vou traí-la."

Não aguentei mais um minuto antes de abrir a cortina o suficiente para olhar para dentro para ter certeza de que ela não tinha desaparecido. Nina parecia mais um sonho do que realidade, e eu não tinha certeza do que faria quando fosse forçado a finalmente acordar.

Eu a encontrei sentada no chão do chuveiro, enrolada em uma bola, todo o seu corpo tremendo enquanto a água caia nela.

"Nina..." Minha voz estava tensa pela maneira como minhas cordas vocais estavam em colapso por vê-la desse jeito, sabendo que era responsável por isso.

"Apenas vá, Max. Por favor." Sua voz estava tremendo também.

Pisando dentro do chuveiro, terno, sapatos e tudo, me ajoelhei ao lado dela. A água bateu na lateral do meu rosto, molhando meu blazer instantaneamente. "Você acabou de ouvir o que eu disse? Não vou deixar você. Nunca."

Quando minha mão afastou uma mecha de cabelo do seu rosto, ela se encolheu. "Todo mundo me deixa. Todos."

Cheguei mais perto, piscando através da água. "Eu não."

Quando minha mão voltou para o rosto dela, afastando a última mecha molhada de cabelo da bochecha, sua mão levantou lentamente até cobrir a minha.

"Não eu", repeti enquanto ela emaranhava os dedos nos meus. "Nunca."

Agora que podia ver seu rosto, percebi que estava chorando. Deveria ter sido impossível dizer a diferença entre lágrimas e água do chuveiro, mas não era. Não com Nina. Poderia ter apontado todas as últimas lágrimas que seus olhos tinham derramado.

Sua mão deslizou a minha até os lábios, segurando-a para que pudesse beijá-la. Ela não parou. Continuou a beijar minha mão até que tocou cada parte da minha palma, então virou para beijar atrás, demorando-se ao longo de cada junta.

Meu peito estava em chamas. Com alívio. Com admiração. Com dedicação. Ela me deixou passar por suas paredes. Estava se abrindo da maneira que mais temia porque... confiava em mim.

Minha mandíbula apertou quando isso me atingiu. Nina confiava em mim. Ela estava provando isso neste momento enquanto seus lábios continuavam no meu pulso, seu corpo relaxando e se abrindo para mim. Isso poderia ter ido contra todos os instintos que a vida a equipara. Poderia ter ido em frente de todo aviso disparando nela. Isso poderia ter assustado muito mas, juntos, estávamos indo além do medo do nosso passado, para abraçar a esperança do que nos esperava no futuro.

Inclinando-se para mais perto, sua boca capturou a minha enquanto suas mãos se assentaram em volta do meu pescoço como se não fosse me deixar sair.

Minha mente trocou de fluxo então. Indo de querer dizer e fazer qualquer coisa para fazê-la saber que não ia machucá-la, apenas a querer ela. Aqui. Agora.

Sempre.

Uma água caia sobre nós quando nossos beijos se tornaram mais insistentes, nossos corpos se juntaram.

A boca de Nina se soltou da minha, caindo perto da minha orelha. Suas respirações estavam apressadas, respigando meu ouvido. “Preciso de você.”

Suas palavras tinham uma linha direta com a minha própria necessidade, disparando-a para a vida de uma forma que parecia que poderia me rasgar ao meio se não a satisfizesse. Meus braços se enrolaram nela enquanto me levantava do chão do chuveiro. As pernas de Nina se enrolaram em mim, seus braços fazendo o mesmo, sua boca encontrou a minha mais uma vez.

Apoiando-a na parede, balancei os quadris contra ela, desesperado por estar dentro dela antes que o fogo me consumisse.

Demorei um momento para me lembrar que ainda estava completamente vestido no meu terno favorito. Nos meus

sapatos favoritos. Totalmente encharcado dentro do chuveiro com o corpo nu e molhado de Nina em volta de mim.

Bem, foda-se.

Eu não dava a mínima para arruinar os sapatos ou o terno; tudo que me importava era ela. Dando-lhe tudo o que precisava, meu corpo sendo seu pedido atual.

Descendo um braço abaixo de sua bunda para segurá-la, minha outra mão abaixou para o meu zíper. Normalmente teria tido tempo para me despir porque o corpo de Nina contra o meu enquanto me movia dentro dela, era a coisa mais próxima do céu que um homem como eu já experimentara. Mas agora, um minuto era muito tempo para esperar. Minha necessidade era tão insistente quanto a dela. Nossos desejos colidiram de uma maneira que dificultou permanecer em pé.

Me libertando rapidamente, me posicionei do lado de fora dela. Quando senti o quanto ela estava pronta, como seus quadris desciam assim que me sentiu perto, um gemido grave rolou pela minha garganta.

Logo antes que dirigisse seu corpo sobre mim, fiz uma pausa, apenas o tempo suficiente para deixar algum pensamento racional entrar em minha mente. “Não quero te machucar. Depois da noite passada...” Minha testa caiu na parede ao lado da dela quando conseguiu se mexer em mim um pouco mais. “Posso cuidar de você de um jeito diferente, Liebling. Posso te dar o que precisa sem machucá-la.”

Minha mão apertou seu traseiro enquanto continuava a lutar comigo, levando mais de mim em seu corpo. Os músculos das minhas costas estavam tremendo de me conter.

Ela inclinou a cabeça para mim, sua boca saindo do meu ouvido. “Você não vai me machucar, Max.”

Suas palavras me enfraqueceram apenas o tempo suficiente para abaixar seu corpo para o resto do meu, até que eu estava enterrado tão profundamente dentro dela, que a

pélvis de Nina estava pressionada no meu zíper aberto. Ela não se moveu depois disso, apenas manteve seu corpo sobre o meu, arqueando as costas contra a parede enquanto parecia se esforçar para regular sua respiração.

Eu ainda estava tentando enrolar minha cabeça em torno do fato de que estava profundamente enfiado dentro de Nina enquanto ainda estava completamente vestido, dentro de seu banheiro, minutos depois de estar convencido de que a perdi para sempre.

“Por favor, Max.” Seu corpo apertou em torno de mim. “Por favor.”

Quando seus quadris circularam no meu colo, fazendo-me ver meu próprio tipo de estrelas, meu corpo disparou para a vida, preparado e pronto para dar a ela o que queria. Estendendo a mão para moldar seu traseiro, balancei para fora dela até que quebrei a nossa conexão. Seu rosto enrugou quando seu peito subiu e caiu com força entre nós, suas costas tão arqueadas para longe da parede que seus seios estavam apontando para o teto.

Balançando mais para perto, assim que senti sua abertura molhada, entrei duro e profundamente dentro dela.

Os gritos de Nina reverberaram ao redor do pequeno local, despertando o animal enterrado dentro de mim. Levou cada pedacinho da minha força de vontade para não me envolver nela como meu animal selvagem implorava. Levou tudo dentro de mim para não entrar dentro dela naquele momento porque eu poderia. Meu corpo estava perdido no dela. Pelo jeito que a senti pulsando ao meu redor, soube que o dela também estava.

Mas ainda não. Não poderia esquecer o quão perto estava de perdê-la. Quão perto cheguei de afastá-la.

“Olhos em mim”, pedi quando seus olhos permaneceram fechados. “Olhos” — respirei quando comecei a sair dela — “em mim.”

Quando seus olhos se abriram, eles pareciam tão selvagens quanto eu imaginava que os meus estavam. Seu próprio animal tinha subido de seu sono e estava focado apenas em uma coisa. Seus quadris se contraíram contra mim enquanto eu continuava a me retirar. “Por favor, Max.”

“Não vou deixar você.” Minha mão se moveu para sua garganta, gentilmente enrolando-a quando olhei em seus olhos. “Não sou seus pais. Não sou eles, e não vou deixar você.” Inclinei-me para mais perto, lambendo a água de seus lábios. “Diga isso”, sussurrei contra sua boca antes de minha língua pressionar para dentro.

Ela gemeu quando nossas línguas se enredaram, seus quadris bombeando contra os meus. Quando seus gemidos soaram agoniados, dei a ela o que queria. Dirigi para dentro dela, suas costas batendo contra a parede do chuveiro molhado.

“Diga.”

“Você não vai me deixar.” Quando minha mão apertou sua garganta o suficiente, ela abriu os olhos. “Você não vai me deixar.” E olhou direto nos meus olhos.

Meu pau latejava dentro dela, do jeito que suas palavras e corpo me faziam sentir. “Agora quero que me diga a mesma coisa.”

Seu peito estava se movendo com tanta força, com cada respiração, seus seios derramados em volta do meu braço até o pescoço. Com cada expiração, eles caíam. A sensação dela era suficiente para fazer minhas bolas se acumularem dentro do meu estômago.

“Eu não vou deixar você.” Seu sussurro se transformou em um gemido quando meu eixo desapareceu dentro dela. “Nunca.” Desta vez, não tive que apertar a garganta dela antes que se lembrasse. Seus olhos se abriram nos meus. “Diga.”

Meu ritmo acelerou. “Você nunca vai me deixar, Nina Burton.” Minha testa caiu na parede ao lado de sua cabeça

enquanto continuava a empurrar nela. “Porque nunca, nunca vou deixar você.”

Ela fez pequenos gemidos enquanto me movia mais rápido.

“Você vai gozar para mim agora mesmo, Liebling. Agora.” Seus peitos estavam saltando do meu ritmo apressado, seus quadris batendo contra a parede do chuveiro enquanto eu me enterrava nela. “Porque não posso esperar outro segundo para entrar em você, e quero senti-la gozando quando fizer.”

“Deus, Max”, ela respirou, mantendo os olhos em mim o tempo todo enquanto a balançava contra a parede. “Por que você é tão mandão quando transamos?”

Minha boca caiu para seu peito, seus peitos saltitantes me provocando por tempo suficiente. Chupei com força, batendo o mamilo firme com a minha língua antes de soltá-lo com um estalo alto. Suas costas arquearam como se ela estivesse me convidando para continuar. “Porque sou eu quem sabe o que ele quer.”

“Eu sei o que quero. Você.” Quando minha boca fez o mesmo com seu outro mamilo, castigando ainda mais, Nina gritou “Quero você.”

“Você me tem.” Minha mão se curvou mais profundamente em seu traseiro quando a inclinei mais, para me dar melhor acesso. “Agora, dê para mim, Nina. Quero tudo de você, mas agora quero o seu orgasmo. Dê para mim.” Olhando para os nossos corpos combinados enquanto eu balançava para dentro e para fora dela, senti meu próprio orgasmo subir através de mim. “Dê para mim, Liebling. Me liberte.”

Afundando dentro dela o mais que pude, a balancei em impulsos rápidos e superficiais até sentir seu orgasmo crescer. Sua cabeça rolou contra a parede, mas seus olhos nunca deixaram os meus, quando gritos se espalharam por seus lábios quando sua libertação a encontrou. No primeiro

aperto de seu orgasmo, me perdi. Foi a coisa mais poderosa que já senti, e minha liberação parecia não ter fim enquanto continuava fodendo com ela contra a parede de azulejos molhados, no meu terno molhado, com as mãos na bunda e garganta dela.

O corpo de Nina ainda estava em torno do meu quando finalmente desabei na parede, meus pulmões sentindo como se fossem explodir.

Deixo a água cair em nós enquanto a mantenho. Eu queria estar lá para pegá-la quando caísse. Queria estar envolvido nela se o medo e a confusão retornassem e estaria lá para afastá-lo e lembrá-la do quanto a queria.

“Nunca vou deixá-la”, sussurrei em seu ouvido, enrolando meus braços em suas costas.

Ela colocou seu corpo sobre o meu, seus braços indo ao redor do meu pescoço. “Eu sei, Max. Eu sei.”

Ficamos assim por um tempo, deixando o banho quente nos acalmar, deixando nossos corpos ficarem conectados.

“Você está bem?” Perguntei quando ela começou a relaxar as pernas ao meu redor. Elas estavam tremendo com o que tínhamos acabado de fazer, e mantive meus braços em volta dela para ter certeza que não caísse.

Os olhos de Nina se fixaram nos meus. “Estou bem.” Um sorriso começou a se formar. “Nada como uma boa foda para colocar algum sentido em uma garota.”

Quando senti confiança de que ela poderia ficar em pé sozinha, levantei minha mão para seu rosto. “Não vou te deixar. Quero dizer isso.”

“Eu sei. Sabia disso ontem à noite também.” Ela beijou meu polegar quando ele roçou seus lábios. “Foi muito lidar com tudo de uma vez. Deixo os demônios tirarem o melhor de mim. O medo. Meu passado. Confio em você, Max. Confio nisto.” Ela levantou nossas mãos combinadas, apertando as

minhas. “Mas um dia de cada vez, ok? Não apresse isso. Não nos apresse. Já vou casar com você. Te dei minha virgindade. Por favor, não faça mais nada ainda. Vamos nos acostumar com o que é isso antes de passar para qualquer outra coisa.”

Segurando seu olhar, sabia a que estava se referindo. A troca de três palavras. Ela me fez prometer não me apaixonar semanas atrás, já que parecia ver amor e compromisso entre um homem e uma mulher como o beijo da morte. Dada a sua formação, pude entender o porquê. Dado o que tinha em mente para o nosso futuro, teria que mudar sua ideia sobre o assunto. Eventualmente.

Não queria apressá-la. Não queria afastá-la. Não queria perdê-la. Mas mais do que isso, queria fazer a coisa certa por Nina Burton. Ela primeiro, eu em segundo. Para sempre.

“Ok. Um dia de cada vez.” Beijando sua testa, comecei a abrir a cortina do chuveiro. Tinha que cuidar de uma coisa. Agora. “Tenho que fazer algo realmente rápido. Você vai ficar bem se eu sair?”

Nina levantou uma sobrancelha. “Bem, eu comecei tudo isso querendo tomar um banho, então sim, acho que vou ficar bem.” Ela pegou um frasco de xampu e esguichou um pouco em sua mão.

Enquanto a observava começar a lavar o cabelo, tive a vontade de simplesmente pegar uma cadeira e observá-la. Eu já estava duro de ver seu corpo molhado enquanto ela lavava o cabelo, os sinais de nosso amor rolando por suas pernas. Dando uma sacudidela na minha cabeça, saí do chuveiro e fechei a cortina antes que o animal assumisse novamente, e ela acabasse ajoelhada no chão do chuveiro.

“Max?” Ela chamou quando andei para a porta. “Você pode querer se trocar antes de cuidar do que tem em mente.”

Minha boca se contraiu. A voz de Nina estava de volta ao normal — a sugestão de humor me atingindo. Ela estava de

volta. Ela me fazia bem. Seja em qual for o lugar escuro que tenha acordado esta manhã, conseguimos trazê-la de volta para a luz, resolvendo nossos problemas no chuveiro.

"Ok", respondi antes de fechar a porta, mas não tinha intenção de me trocar primeiro. Precisava fazer isso. Não podia esperar mais um minuto.

A cada passo que dava pelo corredor, deixei um rastro de gotas de água atrás de mim. Meu terno se agarrou ao meu corpo, a água escorrendo do cabelo para o rosto, e fiz sons de esguicho quando me movi em direção à porta da frente. Minha pasta estava na mesa antiga contra a parede da entrada, e parei ali por tempo suficiente para retirar o que precisava. Então abri a porta da frente e corri para a varanda.

Papai ainda estava parado na churrasqueira, preguiçosamente cuidando da salsicha, uma garrafa de cerveja nova na mão.

"Porra, Maximilian!" Ele ficou boquiaberto comigo, molhado no ar frio da noite.

"Quanto?" Eu me aproximei dele, abrindo meu talão de cheques e inclinando uma sobrancelha. "Quanto é preciso para que vá embora?"

Seus olhos caíram para o meu talão de cheques. Ele molhou os lábios. "Isso não é sobre dinheiro."

Clicando o final da caneta, deixei cair para a opção de valor. "Claro que é. Eu sei disso. Você sabe disso. Agora, vamos resolver isso como empresários. "Aproximei-me até estar quase batendo nos peitos. "Quanto?"

"Sua mãe e eu estamos apenas cuidando de você, Max." Ele colocou sua cerveja no corrimão da varanda. "Nina é uma menina doce, mas o que uma mulher assim vê quando olha para um homem como você?"

O sangue aquecendo nas minhas veias afugentou o ar frio "Está claro como dia que não é o mesmo cifrão que você vê quando olha para mim."

Ele levantou as mãos. Nunca tinha percebido até agora que eu era mais alto que meu pai. Ele sempre pareceu tão grande, tão imponente, mas agora, olho no olho, estava acima dele. Fiquei acima de onde ele estava.

"Max..."

Minhas narinas se dilataram. "Quanto?"

O olhar de papai permaneceu no local onde minha caneta estava pressionada no cheque. "Há um novo empreendimento que me foi apresentado. É um forte. Um que poderia mudar as coisas para mim." Fez uma pausa e, por um momento me perguntei se era vergonha em seus olhos. Passou tão depressa que não saberia. "Compraria por minha conta, mas..."

"Você desperdiçou milhões de dólares em um empreendimento de risco?"

Ele exalou. "Eu nunca quis... se pudesse refazer tudo, faria."

Minha paciência estava se esgotando, e tudo o que me preocupava agora era Nina. Não importando as intenções de meus pais, não os deixaria se colocarem entre ela e eu. Não podia deixar que eles a machucassem. Fiz uma promessa que nunca deixaria, e isso significava que não deixaria aqueles que estavam perto de mim machucá-la também. "E ainda assim não pode, então o que diabos quer?"

Papai recuou alguns passos. "Há muitos zeros depois daquele número que tenho em mente."

A água caindo de mim estava em torno dos meus pés, e eu queria voltar para Nina. Escrevi o primeiro, esperando o número preencher antes dos zeros. "E ainda assim valerá a pena cada um se sair desta casa e de nossas vidas."

Olhei para o meu pai. Desta vez, sabia que era vergonha em seus olhos, porque estava em todo seu rosto também. Ele tinha vergonha de pedir dinheiro ao filho — mas isso não o impediu de levantar o número de dedos que ele tinha em mente para aqueles zeros.

Não pude olhar para ele por outro momento. Rabiscando os zeros, preenchi seu nome, assinei o meu e destaquei o cheque.

"Quero que você vá amanhã de manhã. Vai deixar Nina sozinha e parar de tentar aborrecê-la. Não vai dizer nada para ela a menos que seja gentil, me ouve? Vai esquecer o motivo pelo qual você e mamãe voaram até aqui, e nunca mais tocará nesse assunto novamente." Segurei o cheque, apertando-o entre os dedos. Seus olhos se arregalaram, seu braço já se movendo em direção a ele. "Se puder fazer isso, é seu. Se não puder, vou encontrar outra maneira de cuidar de você porque, por Deus, não vou deixar que se meta entre Nina e eu. Não vou deixar você machucá-la. Não vou deixar se aproximar dela se continuar insistindo, está me ouvindo?"

Ele não parou para pensar nisso. Não parou para deixar a vergonha cavar um pouco mais fundo. Apenas balançou a cabeça, em seguida, pegou o cheque de mim. Dobrou e enterrou no bolso um momento depois.

"Adeus, boa sorte, e faça uma viagem segura." Virei e me dirigi para a porta da frente. "Você receberá o convite de casamento pelo correio."

CAPÍTULO 23

Nina

“Então? Mesa de sinuca?” Max sorriu enquanto esperava que terminasse meu turno no The Busy Bean.

“O melhor desperdício de espaço de todos os tempos”, eu disse, relembrando a rodada de sexo insanamente quente desta manhã. Em cima de sua mesa de sinuca. Nunca soube que feltro verde faria eu me sentir tão bem raspando minhas costas enquanto era fodida.

“Fico feliz por concordar com isso.” Max verificou a janela novamente enquanto reabasteci as xícaras e tampas para o próximo turno. Concordei em deixá-lo me pegar porque estava muito cansada e não queria perder tempo pegando um ônibus hoje à noite.

“Ouviu falar de seus pais?” Perguntei.

“A última vez que ouvi falar deles foi na semana passada, quando minha mãe me avisou que chegaram em casa.”

“Estranho como de repente eles foram embora. Estava começando a pensar que ficariam morando aqui permanentemente” — falei quando Max se aproximou para me ajudar a empilhar as fileiras de xícaras limpas.

“Eles voltaram pra onde pertencem.” E encolheu os ombros. “Além disso, acho que perceberam que, quaisquer que fossem as esperanças deles em nos interromper ou atrasar as coisas ou elaborar um acordo pré-nupcial, não funcionaria.”

“Por que não? Seu pai parece tão teimoso quanto você. Não me parece o tipo que desiste facilmente.” Quando me mexi na direção de Max para reabastecer os grãos, ele se certificou de que tinha que me mexer muito para conseguir. Por mais tentador que fosse e quantas vezes ele tivesse proposto, eu não seria uma daquelas pessoas que faziam sexo em seu local de trabalho. Especialmente não um local decadente chamada The Busy Bean.

“Porque eles podiam ver o que eu sentia por você. Poderiam dizer que você e eu”, — seu dedo teceu entre nós – “isso é real .”

“Fico feliz que nosso relacionamento falso pareça tão real.” Quando sorri para ele, descobri que Max não estava achando graça. “Desculpe, não quis dizer isso assim. Você sabe o que quero dizer. Certo?”

Demorou um minuto, mas Max voltou a empilhar novos potes. “Eu sei o que quer dizer.”

Bom. Porque isso era confuso o suficiente sem ter que explicar mais nada para Max. Nosso relacionamento era complicado desde o início, mas agora, tendo sentimentos um pelo outro e ainda seguindo em frente como havíamos planejado como um “casal de conveniência”, era uma maldita teia de coisas complicadas.

Tive que manter nosso acordo separado dos nossos sentimentos. Aquilo era importante para mim. Eu não podia deixar meus sentimentos ficarem no caminho do que prometi a Max, e não podia deixar o que eu tinha concordado ficar no caminho dos meus sentimentos. No espírito de separar a igreja e o estado, estava separando os sentimentos do arranjo.

“Não ouviu falar de Elena também?” Perguntei gentilmente, verificando se ele não estava prestes a explodir porque falei o nome dela.

“Nem uma palavra”, ele respondeu, parecendo frio e controlado.

“Uau. Então sua família voltou para casa depois de uma visita predominantemente simples, e sua ex, que você tinha a impressão que iria causar destruição e morte, nos deixou totalmente sozinhos por quase duas semanas.” Quando ele me deu um olhar de advertência, dei um de volta para ele. “Toda essa preocupação por nada.”

“É melhor se preocupar muito e ser agradavelmente surpreendido do que se preocupar pouco e tirarem proveito.” Sem me perguntar, ele limpou a máquina de café expresso.

Assistir Max limpar qualquer coisa naquele belo terno dele me fez desejar ter minha câmera para poder capturar o momento. Perfeição. “Você sabe, se toda essa coisa de mercado de ações ficar velha e os arranha-céus perderem o apelo, acho que tem uma carreira promissora como barista de expresso.”

Max continuou limpando, parando apenas o tempo suficiente para atirar a toalha molhada na minha direção. “É bom saber.” Seu olhar mudou para mim. “E você? Já pensou em outras oportunidades para você?”

Assim que terminei de carregar dois quilos de grãos frescos na máquina, encostei no balcão. “Apenas algumas dezenas de vezes por dia.”

“E que oportunidade parece mais atraente algumas dezenas de vezes por dia?”

Checando o relógio, descobri que ainda tinha cinco minutos antes que Devon estivesse aqui para o seu turno, que era dez, já que ela ficava cinco minutos atrasada em cada turno. Não conseguiria parar ou evitar a pergunta por dez minutos, infelizmente.

“Gostaria de ir para a faculdade, acho. Inscrever-me em um programa de dois anos primeiro para ter certeza de que é realmente o que quero fazer, depois transfiro para um de quatro anos.” Para me distrair, peguei a vassoura e comecei a varrer o chão que acabara de limpar uma hora atrás.

“O que está te impedindo de fazer isso agora?” Max jogou o pano de limpeza de lado e se virou para me olhar.

Estava prestes a responder que era *falta de fluxo de caixa* quando me parei. O dinheiro pode ter influenciado o motivo pelo qual não fui para a faculdade, mas não era o único. Sabia que poderia pedir subsídios e empréstimos que ajudariam. Sabia que muitos programas atendiam a muitos cronogramas.

“Não sei”, disse, concentrando-se no chão. “Acho que fiquei travada ou algo assim. Estava planejando isso no ensino médio, até enviei inscrições no meu último ano, mas então a vovó começou a ficar doente e eu não podia sair. Então fiquei.”

“Você poderia ter ido a uma das faculdades por aqui”, Max sugeriu gentilmente, ainda me observando varrer um chão limpo.

“Poderia, e provavelmente conseguiria ter sobrevivido alguns anos, mas teria que desistir quando ela ficasse realmente doente. Durante o último ano de sua vida, mal podia sair para o supermercado, muito menos sair metade do dia para ir para a aula.” Travei os olhos com ele. “Valeu a pena. Não mudaria nada se pudesse voltar e fazer de novo. Colocar minha vida em espera para gastar o que sobrou com minha avó valeu muito mais do que um sonho perdido.”

Os olhos de Max se suavizaram. “Quem diz que esse sonho está perdido? Por que não pode estar bem aqui na sua frente, achado?” Ele acenou para o espaço na minha frente como se meu sonho estivesse piscando bem aos meus pés.

“Estou um pouco ocupada me casando com um estrangeiro agora. Trabalhando em dois empregos. Não tenho certeza se a faculdade é uma boa ideia até que tenha limpado minha agenda.” Lutando por um sorriso, voltei a varrer.

“Casamento não é sobre perder seus sonhos, Nina. Seja verdadeiro ou falso, apenas no caso de você perguntar.” Max afundou a sobrancelha. “É sobre ter alguém para compartilhá-

los. Alguém para ajudar a alcançá-los. Alguém para ficar ao seu lado ou te puxar para cima ou chutar sua bunda quando precisar. Não deixe eu ser a razão pela qual continua deixando isso de lado. Se está preocupada com dinheiro, já disse que estou feliz em..."

"São duas da manhã, Max. Estou acordada há dezenove horas e meia. Acha que podemos suavizar a seriedade da conversa por umas vinte e cinco degraus?" Quando me mexi para abrir a porta para varrer as duas partículas de pó que consegui arranjar, Max disparou na minha direção.

Entrando na minha frente, ele se colocou entre a porta e eu enquanto abria, verificando se o caminho estava limpo. "Você quer mudar de assunto?"

"Sim, por favor, por favor."

Tirando a vassoura de mim, Max varreu as duas partículas de poeira do lado de fora. "Ok. Então, como acha que isso está indo?" Max inclinou a vassoura entre nós. "Você e eu?"

Minha testa franziu. "Você e eu, o plano? Ou você e eu, a surpresa?"

A sobrancelha de Max respondeu minha pergunta.

"E esse tópico é o que considera não tão profundo?" Cutuquei-o e me mexi para terminar de colocar xaropes.

"Tudo o que estou procurando é uma estimativa simples. Já que estávamos conversando sobre a faculdade, nos dê uma nota sobre como acha que isso esta indo."

"Uma nota? Como A, B, C, D, F?"

"Exatamente como isso."

Balancei a cabeça. "Você teve um dia difícil no trabalho hoje? Perdeu uma piscina olímpica de dinheiro ou algo assim? Precisa de ajuda para massagear seu ego hoje?"

Quando olhei de volta para ele, encontrei Max encostado na porta que tinha trancado, braços cruzados e esperando.

"Nosso relacionamento é único", disse ele. "Complexo. Estou perguntando não porque preciso do meu ego acariciado, mas porque me importo. Se precisar fazer algumas mudanças, estou disposto a fazer. Tudo o que você precisar, o que quiser, é o que vou te dar. Mas primeiro tenho que saber como estou indo."

Se um homem conseguisse engravidar uma mulher com um olhar penetrante e um conjunto de palavras, acabei de me dar bem e engravidei. De gêmeos.

"Você sabe como está indo", disse, tentando me concentrar nos xaropes, em vez de em que — ou em quem — queria me concentrar.

"Sei como acho que está indo. Gostaria de saber como *você acha* que está indo."

Minha boca ficou um pouco seca. Ter esse tipo de conversa era difícil para qualquer um — elas eram quase impossíveis para mim. "Bem, você não chegou e confessou seu amor eterno, ou me assustou pedindo que eu seja a mãe do seu filho, então está mantendo sua promessa de ir com calma e devagar." Quando ele deu uma mini reverência revirei meus olhos. "Sem mencionar que não está muito mal na cama, não deixa louça suja na pia e compartilha o controle remoto."

O rosto de Max ficou vazio. "Não muito mal?"

"Oh, por favor. Sabe como você é bom. Pare de pescar elogios." Um rubor subiu pelo meu pescoço enquanto pensava nas evidências mais recentes para apoiar essa teoria.

Um sorriso lento e torto se espalhou por seu rosto. "Quero uma nota."

"Uma abrangente? Ou dividida por categoria?" Estava enrolando e Max sabia disso.

"Você está tornando isso muito difícil", resmungou.

“Um A menos”, disse abruptamente. “Daria a você um A menos.”

“Por que não um A mais?”

Mantive a cabeça virada para que ele não pudesse ver meu sorriso. Apenas Max Sturm ficaria indignado com um A menos. “Porque sempre é possível melhorar. E não quero que isso suba para a sua cabeça, por isso não é um A mais.”

A porta rangeu quando ele saiu dela. Ele não fez nenhum movimento para domar o jeito que estava me olhando, inclinando-se para o balcão enquanto organizava os xaropes. “Algo definitivamente vai para a minha cabeça.”

Meu olhar percorreu a região de seu zíper. Insaciável. “Estava falando sobre o norte do seu pescoço.”

“E estou falando sobre aquele no final do meu pau. Meu, no momento, pau duro, graças a você.” Ele veio para trás de mim, ajustando-se contra o meu traseiro enquanto suas mãos se moviam para trabalhar no meu jeans.

“Max”, protestei, meus olhos se fechando um segundo depois, quando seu pau se aninhou mais profundamente em minha bunda.

“Nina. Estou tomando seu corpo. Aqui. E agora.” Seu peito pressionou minhas costas enquanto abaixava meu zíper. “Aceite isso para que possamos passar para a próxima parte.”

“As janelas. Alguém poderia nos ver”, sussurrei, sentindo a minha própria necessidade com seu corpo em volta do meu do jeito que estava.

Sua boca deslizou para fora do meu ouvido enquanto seus dedos se moviam para dentro da minha calcinha. Um gemido retumbou em seu peito quando ele sentiu o quão pronta eu estava para ele. “É por isso que você vai ficar de joelhos para mim.”

Já estava concordando com um aceno quando meu próximo protesto passou pelos meus lábios. “Devon estará aqui a qualquer minuto.”

Max abaixou o zíper e apontou para o chão na frente dele. “Tudo que preciso é de um minuto.”

Não poderia ter descido para o chão mais rápido, inclinando-me para frente e espalhando as palmas das mãos no linóleo frio. *O que estou fazendo*? Minha pergunta silenciosa foi calada quando Max se abaixou atrás de mim, puxando minha calça jeans e calcinha da minha bunda enquanto ele se movia entre as minhas pernas. Uma mão cavou no meu quadril e a outra guiou seu pau para a posição.

“Oh, deus”, gemi, já na beira de um orgasmo da emoção pura do proibido.

“Vamos ver se você ainda está dizendo 'não muito mal' quando terminar de foder você do jeito que vou.” Ele não deslizou para dentro de mim suavemente — ele mergulhou dentro com o tipo de força que levantou meus joelhos no ar. “Vamos ver se pode ficar em pé quando tiver terminado com você.”

“Max...” Gemi, levantando meu corpo para o dele, deixando-o me dar o prazer que só seu corpo poderia.

“É verdade, Liebling, continue dizendo meu nome.” A mão de Max foi em volta do meu rabo de cavalo e deu um puxão áspero quando sentiu meu orgasmo começar a palpitar em torno dele. “Você sabe que gosto do meu nome em seus lábios quando entro em seu corpo.”

Naquela noite, no chão recém varrido do The Busy Bean... tornei-me uma daquelas garotas.

CAPÍTULO 24

Max

Pensei que a única coisa que estava faltando na vida era o meu green card. Aprendi que a única coisa que estava faltando era ela.

Nina estava enrolada no meu corpo em sua cama, tendo adormecido horas atrás, mas eu não conseguia dormir esta noite. Não com as coisas que tinha que resolver antes do nosso casamento em dois dias.

Nina seria minha esposa. Eu queria tanto, que podia ate sentir. Mas não pela mesma razão que originalmente fiz o nosso acordo. Não queria casar com ela para poder pegar um pedaço de papel dizendo que eu poderia passar o resto da vida neste país; queria casar para poder passar o resto da minha vida com ela. Ela era minha casa. E estava errado sobre isso ser um lugar no mapa.

Quando tentei explicar como me sentia antes, não consegui encontrar as palavras certas ou Nina não percebeu a profundidade do que eu queria dizer. Nós tínhamos sentimentos um pelo outro. Ela sabia disso tão bem quanto eu. O que não sabia era o quão profundos eram os meus sentimentos por ela. O que não sabia é que eu não tinha apenas sentimentos por ela — eu a amava.

Nina iria se casar comigo em dois dias, não importa o quê. Porque fez uma promessa que pretendia manter. Deu sua palavra de honra. Mas eu não queria que se casasse comigo porque fez uma promessa. Queria que se casasse comigo porque sentia por mim o mesmo que eu sentia por ela.

Queria que se casasse comigo porque também me amava.

E não tinha certeza se ela amava. O amor era o inimigo de Nina, e se como me sentia, ela me colocaria no mesmo lugar. Não queria ser o inimigo de Nina.

Queria ser o marido dela. O real, não o falso com quem ela pensava estar se casando.

Quando Nina se moveu debaixo de mim para uma posição que deixaria meu braço ainda mais amortecido do que já estava, não me movi. Ter Nina de qualquer forma que podia, era mais do que eu tinha direito – mesmo com o braço amortecido.

Admirando o cabelo dela espalhados no meu braço, suspirei. Sabia que Nina não estava no mesmo lugar que eu mentalmente. Sabia que se tivéssemos nos conhecido em circunstâncias diferentes e meu green card não fosse um fator, ela não estaria nem perto de trocar votos como eu estava. Não tinha certeza se ela um dia estaria realmente pronta.

Não era a expressão de amor ou o compromisso do casamento que ela evitava — eram os rótulos. Não precisa chamar de amor para expressá-lo... e Nina fez. Ela me 'amou' mais do que qualquer um. Com sua preocupação, cuidado e sua compaixão, Nina incorporou o amor sem designar isso.

Ela expressou comprometimento melhor do que aqueles que eu tenho visto casados por décadas. Incorporou a alma do amor e casamento, mas era veementemente contra os rótulos.

Dada a sua história, pude entender. Foi por isso que tive que fazer o certo por ela. Não importa o que quisesse, suas necessidades precisavam ser colocadas primeiro.

Nina concordou em se casar comigo porque estava sem escolhas. Ela ainda concordaria se lhe desse uma? Ela se casaria comigo não porque sentia que precisava, mas porque queria?

Essas eram as perguntas que ocupavam minha mente essa noite. Perguntas que precisavam de respostas.

Antes de fazer qualquer outra coisa, baixei a boca para o ouvido de Nina. Meu braço dormente apertou-a mais contra mim. “’Ich dien stein’, Eu sou sua rocha” sussurrei, imaginando se teria coragem de dizer aquelas mesmas três palavras para ela quando estivesse acordada.

Corajoso ou não, teria que dizer.

CAPÍTULO 25

Nina

Senti como se tivesse acabado de me sentar na frente dele pela primeira vez, dando a primeira olhada no meu futuro marido, que em alguns minutos, seria oficialmente meu marido.

Os dois meses do nosso noivado foram as melhores semanas da minha vida. Mal podia esperar para ver o que esperava por nós depois de hoje. Max e eu mantivemos nosso compromisso de aproveitar todos os dias, nunca nos desviando do futuro — por medo de nos sobrecarregar — ou apressando o que estivesse esperando por nós, e essa abordagem funcionou melhor do que poderíamos esperar.

Nenhum de nós falou sobre os planos para depois do casamento, ou o fim dos dois anos, quando ele deixaria o casamento com um green card, e eu ficaria um milhão de dólares mais rica. Pensei que a principal razão pela qual não discutimos era, porque isso não dizia respeito a nenhum de nós. Nos importávamos um com o outro, e o que quer que viesse, lidaríamos quando caísse no nosso colo.

Em suma, a vida era maravilhosa de uma maneira eu não imaginava que pudesse ser. Pelo menos para mim.

Verificando o relógio da parede notei que tinha ainda dez minutos. Suspirei e verifiquei o céu da janela da sala onde estava esperando. Não estava apenas cinzento lá em cima, estava melancólico — carvão escuro se mesclando com tons mais claros. Uma tempestade estava se formando. Esperava

que demorasse mais meia hora para que pudéssemos fazer a cerimônia ao ar livre sem sermos lavados pela natureza.

Eu era provavelmente a noiva mais calma da história, pensei enquanto me sentei e esperei pacientemente que o tempo passasse. Depois de me arrastar para a cama na noite passada, adormeci e fiquei dormindo até que o despertador me acordou. Nenhuma borboleta no meu estômago. Sem nenhum medo. Os pensamentos e as hesitações também estavam bem claros. E checando meu pulso notei que tudo estava normal.

Isso provavelmente tinha muito a ver com a natureza do nosso acordo, mas também sabia que tinha algo a ver com Max. Não estava me casando com um cara que achava que o compromisso era sobre o que mentir quando queria levar uma garota para a cama; estava me casando com o cara que sabia o que uma promessa significava e como manter uma.

Estava pronta para me casar e seguir em frente. Para o que quer que estivesse esperando por nós.

Como nada sobre o nosso relacionamento era tradicional — desde o início — decidimos fazer o mesmo no casamento.

Estava usando o mesmo vestido que Max me deu para o nosso noivado já que ele era um grande fã e não me deixou devolver, poderia usa-lo. Além disso, ficava fantástico em mim. Max usaria um de seus clássicos ternos azuis porque, quando me perguntou o que deveria usar, simplesmente não consegui imaginá-lo usando qualquer outra coisa, esperando por mim na frente do altar.

Estaríamos nos casando as 17:40, as flores do meu “buquê” eram rosas silvestres escolhidas a dedo do jardim da vovó no quintal, e amarradas com um barbante, e o cardápio desta noite certamente não se encaixava na categoria elegante. — Culinária alemã, combinada com uma série de favoritos americanos com nachos, hambúrgueres e batatas fritas picantes.

O cardápio parecia que tinha sido feito por um adolescente, e o restante como se um grupo de meninas tivesse sido soltas no local.

Não seria um casamento grande — enviamos trinta convites, quase todos para a família, amigos e conhecidos de Max, e esperávamos que cinquenta pessoas participassem. Escolhemos um charmoso centro de eventos com vista para o rio, onde poderíamos realizar a cerimônia e a recepção e, a pedido de Max, nos certificamos de que estava perto do hotel que ele tinha reservado para a nossa noite de núpcias.

Iríamos fazer isso. Chegamos até aqui.

Eu estava pronta.

Uma batida soou na porta, mas antes que pudesse convidar quem quer que fosse, a porta se abriu e apareceu meu futuro marido. Fiquei de pé, minha mão se movendo para o meu quadril.

Seus olhos me encontraram, se arregalando. “Senhor, tive um maldito ataque cardíaco, Nina.” Max se inclinou para a porta, sua mão indo para o peito.

Minha sobrancelha arqueou. “Vou supor que quis dizer isso como um elogio.”

Ele balançou a cabeça quando seus olhos me percorreram mais uma vez, antes de pousar nos meus. “Não, quero dizer isso como, nunca houve e nunca haverá uma noiva mais bonita que a minha.”

Ele estava no meu terno azul favorito. O que usou no dia do chuveiro. *Exatamente, um maldito ataque cardíaco*. “Dá má sorte me ver antes do casamento.”

Sua cabeça balançou devagar. “Ver você nunca poderia me trazer má sorte.”

Apontei para o relógio que estava monitorando nos últimos quinze minutos. “Você deveria estar na frente de um altar em dois minutos.”

“Preciso falar com você.” Ele estava sorrindo enquanto se movia em minha direção, mas os cantos de seus olhos começaram a se enrugar.

“Isso pode esperar até depois? Acho que estamos pagando o ministro por minuto.” Quando dei uma boa olhada em seu rosto, senti o sangue nas minhas veias gelar. Algo estava errado.

“Não pode esperar.” Ele deu mais alguns passos em minha direção, engolindo em seco. “Não posso casar com você hoje, Nina.”

Apertei mais forte o meu buquê, tentando entender o que ele acabou de dizer. Ou o que ele estava dizendo. Também não consegui decifrar. “Engraçado. Saia daqui já.” Sorri, me agarrando à esperança de que ele estava apenas brincando. Porque tinha que estar. Certo? Essa coisa toda tinha sido ideia dele. Ele escolheu a data e tudo mais.

Nada em sua expressão parecia estar brincando. “Estou falando sério, Nina.”

Meu batimento cardíaco começou a ecoar nos meus ouvidos. “Também estou, Max. Leve sua bunda lá fora.”

Quando ele soltou um suspiro, suas mãos deslizaram em seus bolsos. “Não posso me casar com você.”

Meu estômago revirou, confusão aumentando em minhas veias. “Do que está falando? Este é o dia que planejamos, e agora você vem aqui e diz ‘não posso me casar com você hoje?’ O que isso quer dizer, afinal?”

Seu dedo se moveu entre nós. “Não posso casar com você assim.”

“Sobre o que nós combinamos?” Não tinha certeza se era o quarto, ou eu, ou a minha cabeça que estava girando, mas algo estava definitivamente se movendo.

Ele parou de se aproximar, parecendo que precisava se forçar a manter os olhos nos meus. “Não.”

“Mas...” Minha mão se moveu para a minha testa enquanto tentava entender o que estava acontecendo. Este dia não estava saindo com nada do que planejei. “Mas... por que não?” Isso era tudo que eu tinha. Uma centena de outras perguntas estavam flutuando em minha mente, mas essa era a única que importava.

Max respirou fundo. Então soltou. “Porque amo você.”

E assim, o ar deixou meus pulmões. “Max...”

Ele ergueu as mãos como se estivesse tentando se apoiar contra uma avalanche vindo em sua direção. “Sei que não deveria me apaixonar por você, sei que não iríamos nos apressar em nada, mas aconteceu, e não posso e não quero voltar atrás.” Ele ergueu os ombros. “Eu te amo, Nina. Isso não fazia parte do plano, mas foi o que aconteceu.”

Esfregando a testa, concentrei-me no que dizer. Sabia que tínhamos sentimentos um pelo outro, mas não imaginei que ele tivesse esse tipo de coisa. Ainda não. O amor era muito importante, não algo que joga ao redor de alguém que conheceu meses atrás para um casamento falso.

“Não entendo porque não pode se casar comigo. Ainda precisa do seu green card.” Razão, era disso que precisava. Nada daquelas coisas de emoção que me faziam sentir uma infinidade de coisas que não conseguia nomear.

“Não preciso do meu green card.” A mandíbula de Max se contraiu. “Eu *preciso* de você.”

Precisar. Amar. Eu não estava preparada para discutir esses tópicos quando esperava estar andando pelo corredor, em direção a um homem que essencialmente me contratou

para casar com ele. Não estava pronta. Ainda não. Com o tempo, talvez, mas não tão cedo. Era por isso que as pessoas se separavam tão rapidamente — deixavam que sentimentos, química e emoções os levassem a pensar que um relacionamento era mais do que era.

"Isto não é o que nós acordamos." Balancei a cabeça. "Não era assim que deveria acontecer."

Max puxou a gravata, afrouxando-a. Por que ele estava soltando a gravata quando deveríamos nos casar? Isso, mais do que qualquer outra coisa, me fez perceber que realmente não tinha intenções de trocar votos comigo hoje.

"Sinto muito", disse. "Deveria ter lhe contado antes, mas demorou esse tempo todo para reunir coragem para contar. Não quero que se case comigo porque disse que faria. Quero que se case comigo porque também me ama."

Minha visão estava ficando embaçada. Levei um momento para perceber que estava desmoronando. "Isso não é justo."

Ele assentiu devagar. "Eu sei, mas as coisas mudaram. O que sinto por você mudou."

Andando de volta para a janela, observei as primeiras gotas caírem do céu. Sabia que estávamos enfrentando uma tempestade hoje; Não sabia que haveria duas. "Nós concordamos em fazer isso. Foi sua ideia."

"Não posso casar com você, Nina. Não se não sente o mesmo que eu." Ele ficou congelado no mesmo lugar, apenas na minha visão periférica. "Não farei isso com você."

Meus braços envolveram meu corpo. Senti como se estivesse desmoronando de dentro para fora. "Você disse que nunca ia me deixar."

"Não vou deixá-la, Nina. Estarei aqui sempre que precisar de mim." Ele estava tentando manter a voz uniforme, mas tremia a cada poucas palavras. Isso era difícil para ele. "Eu

quero dizer isso. Sempre. Independentemente. Estou aqui. Sempre estarei."

Eu me perguntei se era tão difícil para ele quanto era para mim. Perguntei-me se essa tempestade ficaria com ele enquanto ela ficava comigo. Duvidei disso. Ele podia afirmar hoje que me amava, mas amanhã é um novo dia.

"Se não está me deixando, então o que está acontecendo?" Sussurrei na janela.

"Estou te libertando."

Pelo canto do meu olho, notei Max se aproximando. Meu corpo enrijeceu ao se aproximar do dele.

"Eu te amo demais para fazê-la passar por isso."

"Passar por isso?" Meus olhos se estreitaram. "Eu *concordei* com isso."

"Não quero que se case comigo porque concordou com isso. Quero que se case comigo porque quer."

Meu lábio tremeu, então mordi. Não queria me sentir fraca no momento que precisava estar mais forte. "Isso é tão injusto. Você sabe como me sinto sobre tudo isso."

Ouvi seus passos se aproximarem. Ele não parou até que estava ao meu lado. "Você me ama?"

Minha pele gelou. "Max."

"É uma pergunta simples", disse suavemente.

"Nada é simples sobre o amor."

"É simples sobre isso. Você me ama ou não ama."

Quando a mão dele se curvou ao redor do meu cotovelo, reagi como se ele tivesse acabado de me dar um choque. Soltando a mão, ele recuou para me dar algum espaço.

Ele me deu um minuto. Então me deu dois.

O tempo todo fiquei quieta. *Você me ama ou não.* Era realmente tão simples? Não havia realmente nada intermediário? Deus, pensar nisso, era impossível quando ele estava bem aqui na minha frente e o relógio acabou de bater 17:40 em ponto.

Max olhou para o relógio, exalando. Então me deu um sorriso triste. "E se tiver que pensar na sua resposta, isso é uma resposta."

Minha garganta se apertou. Pensei que nós tínhamos sido bons. Pensei que nós dois estávamos bem com a maneira como nosso relacionamento estava evoluindo... mas o avisei sobre a palavra com A. Implorei para não forçar, ou fazer o que quer que estivesse fazendo agora. Momentos antes em que deveríamos estar trocando votos.

"Max, não sei o que dizer", sufoquei. "Sinto muito."

Ele estava com dor. Estava sofrendo. Estava lutando contra o mesmo exército de emoções que eu estava. Através de tudo, conseguiu segurar seu sorriso.

"Eu não" disse, voltando-se para a porta. "É isso que o amor é, fazer o que é melhor para essa pessoa e renunciar ao que é melhor para você."

Foi quando senti a primeira lágrima rolar pelo meu rosto, no ritmo da tempestade lá fora, em resposta à tempestade lá dentro.

Você me ama?

Essa pergunta circulou em minha cabeça, minha resposta me confundindo.

Você me ama?

"Adeus, Nina", Max sussurrou quando a porta se fechou atrás dele, me deixando sozinha com nada além da tempestade para me confortar.

CAPÍTULO 26

Nina

"Tem certeza de que não quer um pedaço de bolo? Eu quero tomar um banho nessa coisa cheia de amora" Kate chamou da cozinha em algum momento mais perto do nascer do sol. Oficialmente primeiro de abril — ou dia da mentira.

Era meio poético já que me senti uma idiota. Sentada aqui no meu vestido de noiva para um casamento que nunca aconteceu, girando um anel de noivado no meu dedo mesmo que o cara que me deu isso, decidiu que não queria se casar comigo como planejamos.

Bem, imaginei que não fosse inteiramente justo. Ele teria se casado comigo se...

Eu não gostava de condições. Tínhamos um acordo, nós tínhamos um plano. Ele atirou tudo ao vento, mas de alguma forma, me senti culpada. A dor que senti mais cedo se derreteu na raiva que estava sentindo agora.

Você me ama?

Aquela pergunta estava se repetindo em minha cabeça desde que aquelas palavras saíram de seus lábios. Era tão injusto ele me colocar nessa situação, dois minutos e meio antes de eu estar pronta para caminhar pelo corredor, para trocar votos com ele. Especialmente quando sabia da minha história. Especialmente quando sabia que tinha sentimentos por ele.

Eu sentia muitas coisas por Max, mas o amor era um território proibido. Estava bem guardado para a terra dos contos de fadas, só retirado das páginas de um livro de histórias se alguém quisesse garantir um final infeliz. O amor não era algo que eu jogava ao redor, quando muito, mas especialmente não a segundos de me casar com a pessoa esperando que eu confessasse isso em troca.

“Trouxe um pedaço já que você não respondeu. Mas se não quiser, ficarei com ele quando terminar o meu.” Kate mostrou um pedaço de bolo para mim, esperando.

Eu não peguei. Nem olhei para isso.

“Não pense nisso como bolo de casamento. Pense nisso como sexo alucinante em forma de doce.” Quando meu olhar encontrou o dela, ela colocou o bolo na mesa de café. “Bom, mais para mim. Eu estava tentando aumentar o tamanho do meu jeans ate a hora do almoço de qualquer maneira.”

Abaixando ate o chão, Kate enrolou as pernas debaixo dela e enfiou o garfo no bolo, mas não deu uma mordida. Sabia que ela estava tentando me fazer sentir melhor, mas nada menos do que acordar desse pesadelo faria isso.

Depois que Max me deixou, anunciou a todos que o casamento havia sido cancelado. Claro, Kate veio em minha direção, me tirando de lá antes que eu tivesse que enfrentar qualquer um dos convidados ou Max. Ela não disse nada — apenas colocou o braço em volta de mim e me levou até seu Honda para dar o fora dali.

Era quase como se soubesse que isso aconteceria, ou pelo menos ela não estava surpresa por isso.

Estava me alertando contra isso desde o começo. Foi ela quem me disse que se deixasse Max entrar fundo demais, ele me arruinaria. Se ao menos tivesse levado o aviso dela mais a sério. Eu sabia que deixei ele entrar — só não percebi o quão longe o deixei ir até que senti o vazio agora depois de perdê-lo.

Senti-me como se fosse feita de espaços ocos do que buracos despedaçados.

Você me ama?

“Quer conversar?” Kate ainda estava com seu vestido de dama de honra, olhando para mim como se ficasse mais um minuto sem resposta, iria chamar os profissionais nos casacos brancos.

Minha cabeça balançou. “Quero esquecer.”

“O que aconteceu?”

Meu anel girou no dedo. Por que ainda estou usando isso? “Ele disse que não queria se casar comigo.”

A sobrancelha de Kate arqueou. “Max disse que não queria se casar com você?” Sua sobrancelha arqueou ainda mais “Max?”

“Sim, ele. Aquele cara com quem estava planejando me casar hoje.” A dúvida em seu rosto e em sua voz esfregou meus nervos desgastados, fazendo-me soar mais rápida do que pretendia.

“O mesmo Max que...”

“Aproximou-se de mim para conseguir um green card?” Interrompi, jogando meu braço no ar antes de deixá-lo cair de volta no meu colo. “Sim. Ele mesmo.”

“Na verdade, ia dizer, o mesmo Max, que é tão louco por você, imaginei que ele fosse encontrá-la em suas próximas dez vidas para que pudessem ficar juntos.”

Meus olhos se fecharam. Não, Kate também? Eu precisava de alguém do meu lado para entender porque isso era tão errado. Alguém que entendesse que não importa quais sentimentos nós desenvolvemos um pelo outro, concordamos em nos casar hoje.

“Bem, ele não queria estar comigo nesta vida, então acho que pode riscar a teoria das próximos dez vidas da sua lista.”

Kate empurrou o bolo de lado e se inclinou na mesa de centro. “Por que ele não queria se casar com você?”

“Porque não queria.”

Seus olhos se levantaram. “Ele tinha um motivo. Quero ouvi-lo.”

Minha língua trabalhou na minha bochecha enquanto enrolei. Fiquei quieta porque estava temendo esse ponto na conversa. O porquê. Kate sabia como me sentia sobre o tema amor e chamava minha atenção sobre isso. Não queria ser chamada para isso. Não essa noite.

“Só vou assumir o pior se não me disser”, acrescentou Kate.

“Então estaria correta”, resmunguei.

“Ele está apaixonado por uma cantora de polca itinerante chamada Gustav?”

Afundando mais na cadeira, decidi contar a ela. Ela descobriria de qualquer maneira. Onde havia Kate, havia um jeito.

“Pior.” Respirei fundo. “Ele está apaixonado *por mim*.”

Kate deixou isso pairar entre nós, mantendo seu plano de efeito. Então limpou a garganta. “E você ficou surpresa com isso?”

Acenei para mim mesma, perdida e bagunçada. “Obviamente.”

Kate mordeu o lábio como se estivesse tentando descobrir uma maneira diplomática de dizer alguma coisa. “E vou assumir que a razão pela qual está compartilhando sua noite de núpcias comigo ao invés dele é porque não disse de volta?”

“Não é minha noite de núpcias”, resmunguei.

“O que poderia ter sido sua noite de núpcias”, Kate editou, dando outra garfada no bolo. “Ok, então ele te assustou

com a palavra com A. Entendi. Perder a cabeça é totalmente justificado. Mas...”

Suspirei — sabia que haveria um *mas*.

“Vocês dois estavam juntos, como um casal de verdade, durante algum tempo. Você parecia feliz, todos os olhares melosos de um para o outro.” Kate encolheu os ombros. “O amor não é uma progressão natural de toda essa grandeza?”

“Você sabe como me sinto sobre isso. Ele também.” Eu me vi encarando o bolo.

“O amor não é o inimigo, Nina.”

“A vítima dele discorda.”

“Combatente ferida.” Kate levantou o dedo. “Levante-se, tire o pó da bunda e siga em frente.”

“Seguir em frente com o que?”

“Descobrir se você o ama também.”

Você me ama?

“Não sei”, disse; minha resposta finalmente se materializando. “Não sei se eu o amo.”

CAPÍTULO 27

Nina

"Como deixei você me convencer a isso de novo?" Murmurei quando Kate e eu empurramos as portas de um dos melhores hotéis do centro da cidade.

"Não falei a você muito sobre isso, apenas forcei sua bunda para fora da porta da frente."

"Ah, isso mesmo."

Kate passou pelo saguão em direção ao restaurante. "Já passou quase um mês. Não pode simplesmente ficar deprimida o resto da sua vida dentro daquela casa grande e vazia."

"Não tenho estado deprimida. Estive pensando."

Kate revirou os olhos. "Alguma resposta? Com todo esse pensar, deveria ter chegado à solução para remendar a camada de ozônio. Deveria pelo menos ter sido capaz de descobrir se ama Max ou não."

"Não é tão fácil."

"Não, é uma coisa fácil de descobrir. É você quem traz a dificuldade para a equação." Kate deu um nome à anfitriã, que procurou seu livro antes de nos levar ao restaurante.

"Não sei", assobiei para Kate quando ela me lançou um olhar por cima do ombro.

"Não, você sabe. Apenas pensa que não. Ou sabe que não o ama e tem medo de contar. Ou sabe que o ama e tem medo de contar. Dessas duas possibilidades, qual é a mais

provável?" Kate virou-se, batendo no queixo, enquanto nos movíamos pelo restaurante. "É óbvio para mim."

Ignorando o comentário dela, acenei para ela entrar na cabine que a anfitriã indicou. Queria um assento externo para uma fuga rápida.

"Você deveria sentar do outro lado", disse.

"Eu *não* vou sentar do outro lado." Deslizei ao lado dela, e minha perna começou a saltar enquanto olhava para os assentos vazios em frente a nós na cabine.

"Vamos. Relaxe. É apenas um encontro duplo, não uma depilação na virilha." Kate me cutucou. "Isso vai ajudar, confie em mim."

"Como, de novo, isso deve me ajudar?" Quando tomei um gole de água, meu olhar se moveu em direção à entrada. Precisava conhecer minha rota de fuga.

"Dean é um cara ótimo. Ele trabalha na mesma empresa que Carter, frequentou uma boa escola, tem seu próprio lugar e se voluntaria a cada dois fins de semana em uma cozinha de sopa. Este encontro é ouro em potencial."

Minha sobrancelha levantou para ela. "E sabe disso porque está namorando seu amigo há três semanas e meia?"

Ela me deu um sorriso apertado. "Sei disso porque tenho um bom senso para esse tipo de coisa."

"E como o encontro de ouro em potencial, vai me ajudar a decidir como me sinto em relação a Max?"

"Porque se você não sentir nada por Dean, o garanhão, isso nos diz algo."

"O que isso nos diz?" Resmunguei.

"Que você não consegue superar Max."

Pisquei para ela. "E isso me diz?"

Ela se abaixou para colocar algum espaço entre nós. “Que o ama.” Ela estava apenas se preparando para o meu soco, quando parou olhando na entrada do restaurante. “Que tal isso, bem na hora?” Atirando o braço para cima, ela saudou os dois caras que estavam lá.

Minha garganta se transformou em uma lixa. Isso não era o que precisava agora, não importava quais eram as razões de Kate. Algum outro cara não ia me ajudar a descobrir como me sentia sobre Max.

“Ainda usa o seu anel de noivado”, Kate sussurrou quando peguei meu copo de água.

“Não posso tirá-lo”, sussurrei.

“Não pode? Ou não quer?” Quando os dois se aproximaram, ela sorriu como se não estivéssemos falando sobre algo mais sério do que qual aperitivo pedir.

“Tentei manteiga, água gelada, tudo. Não sai.” Olhei para o anel ainda na minha mão. Era como se minhas mãos decidissem inchar desde o dia do casamento. Tirando arrancar meu dedo, ou cortar o anel, tentei de tudo para removê-lo. A maldita coisa estava presa.

“Apenas mantenha sua mão debaixo da mesa então.” Kate agarrou minha mão e enfiou no meu colo bem quando os caras pararam na mesa. Ela se inclinou sobre a mesa para dar um beijo em Carter enquanto ele entrava na cabine.

Dean parou ao meu lado, incerto como se estivesse tão desconfortável quanto eu. “Este é o meu primeiro encontro duplo e eu provavelmente vou estragar, então tem a minha permissão para apenas jogar sua bebida na minha cara quando fizer isso, ok?”

Quer fosse a auto depreciação ou o desconforto que ele estava sufocando, me vi relaxando. Um pouco. “Provavelmente farei o mesmo, então essa coisa de permissão vai nos dois sentidos.”

Dean sorriu quando deslizou para o assento em frente a mim, acenando para Kate. Ele era fofo — imaginei que era a palavra para isso — e se vestia mais como um garoto de faculdade do que o advogado que era, mas não pude deixar de compará-lo a Max. Da bebida que pediu quando o garçom se aproximou da mesa, a como a risada dele era alta, como se fosse para todo mundo ouvir, em vez de ser apenas para a pessoa a sua frente. Ele era mais baixo, abaixava os ombros um pouco, as mãos não eram tão grandes — não houve uma única coisa que observei sobre Dean, que não me fez pensar em Max. Se o plano de Kate era foder com a minha cabeça, acertou em cheio.

"Então, o que você faz, Nina?" Dean se inclinou na mesa, colocando os cotovelos sobre ela. Max nunca colocou os cotovelos sobre a mesa.

Meu queixo caiu. Bastante de Max por uma noite.

"Na verdade, acabei de me matricular na faculdade comunitária para o trimestre de verão para fazer algumas aulas básicas, antes de me transferir para um período de quatro anos. Mas para pagar as contas nesse meio tempo, trabalho algumas noites em uma cafeteria do outro lado do rio e passeio com cachorros durante o dia. "

"Legal. Tenho meu bacharelado em artes na faculdade comunitária. É uma ótima escola. O que quer fazer depois?" Dean tomou um gole de sua cerveja, parecendo genuinamente interessado, mas não pude deixar de pensar em como Max ficou chocado, quando descobriu onde eu trabalhava até tarde da noite, em vez de responder com um *legal*.

"Não sei ainda. Vamos ver quando chegar lá. Um passo de cada vez." Meus olhos vagaram pelo restaurante procurando. Não tinha certeza do que.

"Kate me disse que você saiu de um relacionamento sério muito recentemente. Como se sente?"

Kate começou a passar a mão pelo pescoço dela, dizendo um “sério” baixinho a Dean, mas ele não percebeu. Não pareceu perceber que sua pergunta estava atingindo um terreno sensível até que deu uma boa olhada em mim.

Dean pousou a cerveja quando Carter balançou a cabeça. “E é por isso que sou solteiro. Não tenho filtro para o que é aceitável na primeira conversa e o que não é. “

Limpando a garganta, comecei a deslizar para fora da cabine. Não foi tanto o que ele disse que me perturbou; era c estar diante de um homem diferente, que era muito mais doloroso.

“Desculpe-me por um minuto.” Quando Kate começou a deslizar para fora comigo, balancei a cabeça. “Só preciso tomar um pouco de ar fresco. Volto já.”

Dean se virou em seu assento enquanto eu saía, o arrependimento em seu rosto, mas felizmente ficou na mesa. Precisava ficar sozinha. Só o tempo suficiente para recuperar o fôlego e me reconectar com a realidade.

O saguão estava cheio, mas mantive a cabeça baixa e me concentrei em caminhar até a porta. O ar fresco estava a menos de seis metros de distância. Eu tinha acabado de chegar a ela e estava prestes a abrir, quando alguém a abriu do lado de fora.

Ele não me notou no começo; estava segurando a porta aberta para alguém que achei que era eu no começo. Mas então percebi que não estava olhando para mim — estava olhando para outra pessoa.

Quando a mulher passou por Max, ela deu-lhe um sorriso que parecia não ter sido visto por ninguém mais. Ela passou por mim em um redemoinho de seda e pele. Era a versão feminina de Max — líder, confiante e marcante.

Tentei abaixar a cabeça e me virar para poder salvar a ambos desse encontro constrangedor, mas não dei um passo.

“Nina?” A voz de Max passou sobre mim, fazendo-me sentir uma centena de coisas de uma só vez.

Levantando meus ombros, me virei de volta. “Max.”

“O que está fazendo aqui?” Ele ficou na minha frente, parecendo o homem que eu lembrava, mas uma versão maltratada. Seus olhos pareciam aborrecidos e seu terno não parecia tão imaculado, mas isso poderia ter a ver com a maneira como estava parecendo — menos como se ele fosse inquebrável e mais como se estivesse tentando juntar os pedaços depois de desmoronar.

“Jantando.” Meu polegar passou por cima do meu ombro em direção ao restaurante. Tentei ignorar a mulher que podia sentir atrás de mim, esperando por ele. “E você?”

“Deixando alguém”, disse, ainda olhando para mim como se não pudesse acreditar que era realmente eu em pé na frente dele.

“Oh, bem, você está chegando e estou saindo” — minha mão balançou entre nós — “Vou deixar você ir. Bom te ver.”

Deus, Nina. Você poderia soar menos idiota?

“Você ainda não descontou o cheque.” Ele enfiou a mão no bolso e encolheu os ombros. “Por quê?”

Um cheque de um milhão de dólares estava em um envelope branco, na mesa da minha sala de jantar, na manhã seguinte ao desastre do casamento. Sem nota. Sem explicação. Apenas um cheque com um monte de zeros.

Ainda estava no armário acima da geladeira. Não tinha planos de lucrar com isso, então não sabia por que não tinha rasgado ou o queimado.

“Porque nós tínhamos um acordo e esse acordo foi cancelado.”

“Por minha causa. Você teria mantido sua parte do acordo se não fosse pelo que fiz naquele dia. Merece esse dinheiro, Nina. Insisto que desconte o cheque.”

Tê-lo perto assim era perigoso. Eu podia sentir o cheiro picante de sua loção pós-barba, ver as partículas prateadas em seus olhos claros; Quase podia sentir o calor de suas mãos no meu corpo. Essa atração em direção a ele era tão forte como sempre, semanas depois, mesmo depois do que fez.

“Suas coisas. Você sabe que pode passar por lá e buscá-las quando quiser.” Recuei para me dar um pouco de espaço.

Max anulou esse espaço. “Você quer dizer que ainda não jogou na rua?”

Quando tentou sorrir, tentei com ele. “Ainda não.”

“Certamente a mesa de sinuca foi cortada em pedaços?”

Quando balancei a cabeça, as sobrancelhas de Max se arquearam.

“Boas memórias, acho”, disse logo antes de me lembrar de uma das maneiras criativas que encontramos para usar a mesa de bilhar. “Você sabe, boas memórias jogando sinuca. Brincando com tacos... bolas...” — *apenas cale a boca já* – “marcando os pontos.” Quando a boca de Max se contorceu em diversão, gemi. “Eu vou calar a boca agora. Preciso ir. Antes que diga qualquer outra coisa estúpida.”

Max andou comigo quando comecei a sair. “Sinto sua falta, Nina.”

“Max”, avisei, balançando a cabeça. Não podia fazer isso. Mesmo que sentisse falta dele e esta conversa estranha fosse o auge do meu mês, não podia. Ele sabia como se sentia, ou pelo menos como disse que *sentia*. Eu não sabia. Não traria mais dor para nenhum de nós, até ter certeza.

“Sinto muito”, respirou, sua testa vincada quando viu o olhar no meu rosto. “Não deveria ter dito isso. Sinto muito.”

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, os olhos de Max se fixaram em algo na minha mão. Minha mão esquerda. Sua testa franziu.

Enrolando a mão ao redor da maçaneta da porta, comecei a empurrá-la, não perdendo a mulher ainda parada no saguão. “Até a próxima.”

“Ela é minha prima”, Max disse de repente quando pisei fora. Seu olhar cintilou para a garota que pairava no saguão, esperando por ele. “Ela queria vir visitar os Estados Unidos e eu disse à minha tia e meu tio que cuidaria dela. Ela é minha prima.”

Meu peito não deveria ter sentido como se uma pedra tivesse sido levantada, mas aconteceu. “Oh.” Eu estava dando respostas brilhantes, uma após a outra.

“Sim, só não queria que você pensasse que sou aquele cara que substitui alguém logo depois de... você sabe.” Ele engoliu em seco. “Não quero que pense que eu poderia simplesmente seguir em frente tão rapidamente depois de tudo.” Seu olhar caiu quando algo mudou em seu rosto. Parecia dor.

Diga alguma coisa, Nina. Alguma coisa. Qualquer coisa. Tudo.

Quando seus olhos voltaram para os meus, vi a mesma pergunta neles que ouvi no dia do nosso casamento que nunca aconteceu.

Você me ama?

A rapidez da minha resposta me chocou.

Foi quando notei um rosto familiar ao redor de Max. Poderia ser seu timing tão terrível?

“Ei, Nina, me desculpe. Sinto-me como um idiota.” Ou não reconhecendo Max ou não percebendo que estávamos tendo uma conversa, Dean se colocou entre Max e eu. “Por

favor, volte para jantar. Prometo não dizer nada, a menos que passe por uma dúzia de filtros diferentes primeiro."

Eu não estava olhando para Dean — estava olhando Max. A escuridão sombreou sua expressão, que foi substituída por outra coisa um momento depois. Algo que nunca vi no rosto de Max Sturm — derrota.

"É melhor eu seguir em frente", disse Max rapidamente, virando-se. "Parece que você já fez isso."

CAPÍTULO 28

Max

A sensação de saber que está em um pesadelo, mas não consegue acordar porque já está acordado — tem sido minha existência nos últimos dois meses. Desde o dia em que contei a Nina como realmente me sentia. Desde o dia em que Nina não me contou como realmente se sentia.

Nada ficou mais fácil com o tempo, meus sentimentos não diminuíram com a separação e minha vida não voltou ao normal. Eu ainda sentia que uma cratera tinha sido esculpida em mim e não tinha ideia de como preenchê-la de volta.

Olhando para a minha bebida intocada, girando o copo em minhas mãos, corri pelo labirinto de suposições como fazia todos os dias. E se tivesse dito a ela mais cedo e dado tempo para pensar sobre isso? E se não tivesse contado e deixasse ela descobrir sozinha? E se tivéssemos mantido o acordo, apesar da minha confissão? E se mais tempo fosse tudo que Nina precisava para perceber que se sentia da mesma maneira?

Algo que finalmente aceitei, foi fazer visitas frequentes para o reino do e se, eu tivesse feito o que tinha por Nina, não por mim.

Foi a coisa menos egoísta que já fiz. Foi também a mais difícil. Porque a perdi.

Mas também a libertei.

Dei a ela a liberdade que estava planejando trocar por um milhão de dólares. Estava livre para fazer o que quisesse sem

a preocupação de fardos financeiros e sem a tensão de estar ligada a um homem com quem não queria estar nos dois anos seguintes.

Fiz a coisa certa.

Nunca me senti tão errado.

Hora de tomar a primeira bebida. Antes que meus pensamentos se tornassem mais sombrios. Meu rosto franziu quando tomei um gole. O melhor uísque neste tipo de lugar, era um pouco diferente do melhor uísque nos lugares que estava acostumado. Nem sabia por que pisei neste bar de esportes. Era barulhento e cheio de jovens bebendo cerveja e aplaudindo os vários jogos que passavam nas dúzias de aparelhos de televisão. Eu parecia ser a única pessoa de terno, e certamente a única de mau humor.

Sentado em uma mesa alta, posicionada na parte de trás do lugar, meu queixo caiu quando outro grupo de universitários barulhentos empurrou a porta da frente, rindo e se comportando como se a vida fosse uma grande festa. Preparando-me para o sabor, drenei outro gole do "uísque."

Eu precisava sair de lá. A razão pela qual entrei foi porque esperava que todo o barulho, ajudasse a abafar o barulho na minha cabeça. Por qualquer motivo, isso só piorou a situação. Com o aumento do volume externo, o volume interno também foi aumentado. Isso tinha sido uma má ideia.

Nada poderia afogar o arrependimento e a mágoa. Nada além dela, mas já que não tinha ouvido falar de Nina nenhuma vez em dois meses, e a única vez que nos encontramos foi quando estava com outra pessoa, as chances de Nina voltar para a minha vida, eram de pequenas a inexistentes.

Os novatos barulhentos encontraram uma mesa mais na frente do bar, mas o ruído deles ainda ecoava pelo grande espaço. Pessoas felizes me irritavam. Não costumava ser assim — nunca aconteceu — mas agora, quando via alguém que

parecia feliz, lutava contra o desejo de lhes mostrar o dedo do meio.

A bebida deve ter funcionado, porque onde minha consciência geralmente controlava meu impulso, desta vez, ficou aquém. Levantando o braço, levantei meu dedo do meio e acenei para o grupo barulhento que estava pegando suas bebidas.

No mesmo momento, senti isso. Aquele sentimento de alguém sussurrando meu nome em uma sala lotada de pessoas. Uma descarga elétrica que percorreu a minha espinha.

Nina.

Meu olhar tinha acabado de encontrá-la quando ela me viu — o rosto com a mesma expressão de choque que imaginava que estava o meu. Foi quando notou meu dedo. Choque desapareceu dando lugar a ira.

Droga, Max. *Agora você vai ter que ir até lá e pedir desculpas e tentar se explicar.* Olhando para a minha bebida, estava apenas saindo do meu banquinho quando ela parou na minha mesa.

“O que foi isso?” As mãos de Nina estavam em seus quadris, os olhos vidrados acima do que imaginei que era, no caso dela, um gole demais. Além de parecer embriagada, parecia linda. O tipo que dificultava a respiração.

“Não foi para você que mostrei...”

“Sim, foi. Estava olhando diretamente para mim.” Ela bateu na mesa com as palmas das mãos. “E não fui eu quem cancelou o casamento. Aquele distintivo de mérito pertence a você.”

“Nina...”

Ela acenou na minha frente, a mão de volta para o quadril. “Você sabe, quer mostrar o dedo para mim por tentar cumprir o nosso acordo? Bem. Vá em frente.” Ela estendeu os

braços, oscilando o suficiente, sabia que provavelmente estava mais do que apenas levemente bêbada. “Eu vou *te* mostrar, por você não cumprir a sua parte em *nosso* acordo.” Levantando o braço entre nós, acenou com o dedo do meio na minha cara.

Eu não deveria ter sorrido, mas fiz. Não tive escolha. Ter ela perto, reconhecendo-me — ganhando algum tipo de sentimento dela — foi o melhor momento que tive em dois meses. E minha felicidade era graças à garota que eu ainda amava, segurando seu dedo do meio á 60 centímetros do meu rosto, em algum bar de merda onde estava bêbada o suficiente e provavelmente não se lembraria de nada disso pela manhã.

Sem outra palavra ou gesto, ela marchou de volta ao grupo com quem chegou. A sombra de um sorriso permaneceu no meu rosto enquanto a observava se afastar. Nada mudou entre nós, porem eu cheguei a vê-la e trocamos algumas palavras — no dia de hoje, isso era uma vitória.

Estava planejando sair quando tomei a última bebida, mas agora que ela estava aqui, não ia a lugar nenhum. Estar no mesmo espaço, barulhento e lotado, era infinitamente melhor que qualquer outra coisa que tivesse para fazer esta noite.

Observá-la me fez feliz. Feliz em vê-la com outras pessoas, conversando e se divertindo. Estava preocupado com ela morando sozinha naquela casa com ninguém além de Kate a checando. Mas lá estava ela, numa noite de sexta-feira, com um grupo de amigos, bebendo e rindo.

Nina era resiliente. Ela ficaria bem.

Pelo menos um de nós ficaria.

O cara que vi no hotel naquela noite não estava lá — essa foi a primeira coisa que verifiquei depois que o choque de vê-la passou. Não sabia quem ele era ou o quão sério Nina estava com ele, ou se ainda estavam juntos — não importava. Se o tivesse visto ao seu lado esta noite, teria dito ou feito algo que me arrependeria.

Demorou apenas dez minutos para que Nina voltasse para a minha mesa. Pelo menos, desta vez, ela não parecia tão chateada como da primeira vez.

Tentei não notar o jeito que seus quadris se moviam quando andava. Tentei não pensar na maneira como sentia eles em minhas mãos, quando fazia amor com o corpo dela. Tentei não pensar em como ela era tudo que eu precisava... e não poderia ter.

Como se pudesse ler o teor dos meus pensamentos, seu rosto suavizou quando parou em frente a mim. “Sinto muito por mais cedo. Não deveria ter gritado e mostrado o dedo para você.” Assim que seus olhos encontraram os meus, eles se afastaram.

Eu cruzei os braços sobre a mesa e me inclinei para frente. “Em sua defesa, você pensou que eu tinha feito primeiro.”

“Bem, você fez.”

“Mas o meu não foi para você. O seu foi definitivamente para mim.”

Nina suspirou. “Você estava me defendendo uma dúzia de palavras atrás, e agora está me acusando de novo.”

Levantando meu copo, balancei-o de modo que o uísque se espalhou ao redor. “Culpo isso.”

“Estou surpresa que este lugar sirva o bom uísque que gosta.”

“Eles não servem.” Joguei o último gole dele e me preparei. “Isso tem gosto de mijo envelhecido.”

Nina estava lutando com um sorriso. “Então por que está aqui? Este não é o seu tipo de lugar.” Ela acenou ao redor da sala barulhenta.

“Meu tipo de lugar é onde posso tomar a bebida mais rápida, sempre que necessário. Aconteceu desse ser esse o

lugar hoje à noite." Quando peguei a atenção da barman, levantei meu copo vazio. "Você quer alguma coisa?" Perguntei a Nina.

Ela engoliu em seco. "Sim."

Minha sobrancelha levantou enquanto esperava.

"Algo forte."

Levantei dois dedos para a barman, que já tinha pegado a garrafa de mijo envelhecido da "prateleira de cima."

"Então?" Nina puxou a banqueta na minha frente, mas não se sentou. Ela estava nervosa, o que era incomum. Não pude deixar de pensar sobre a causa de seu nervoso. "Como tem estado?"

Minhas sobrancelhas se uniram. Ela estava puxando conversa fiada ou realmente queria saber? Imaginei o primeiro. "Bem. E quanto a você?"

Ela assentiu. "Tudo bem." Então uma longa pausa. "Eu me matriculei em alguns cursos no Portland Community College."

Esse sorriso veio naturalmente. "Bom para você. Como está indo até agora?"

"Bem. Mais fácil do que pensei que seria. Já fiz alguns amigos, sobrevivi aos meus primeiros testes." Ela ergueu os ombros. "Por enquanto, tudo bem."

Meus olhos foram para a mesa em que ela estava. Amigos da faculdade. Parecia uma vida inteira desde que estive em um bar com amigos da faculdade.

"Então, corte a besteira, Max." A Nina que eu lembrava apareceu por trás daquela nervosa por um momento. "Como está realmente?"

Foi quando nossas bebidas chegaram, o que era perfeito, já que eu precisaria de uma para responder sua pergunta com sinceridade.

“Max?” Nina solicitou antes de tomar sua primeira bebida. Seu rosto enrugou como o meu.

“Estou sobrevivendo, Nina.” Suspirei, reivindicando seus olhos com os meus. “Isso é tudo o que qualquer um de nós pode esperar da vida de qualquer maneira, então estou no mesmo nível de bilhões de outras pessoas no planeta.”

Ela não disse nada depois disso. Adivinhei que a tensão que se seguiu ao meu pequeno discurso exigia algum silêncio para difundir. Deslizando para a banqueta, bebeu o resto de sua bebida em um gole.

“Calma”, disse quando ela acenou com o copo vazio no bar. “Você vai precisar de suas células cerebrais para passar pela faculdade. Não as desperdice em uísque de merda.” Quando ela alcançou a mesa e pegou meu copo em seguida, e tomou tudo de uma vez, meus olhos se arregalaram. “Nina, estou falando sério. Vá com calma.”

Não me importava que tomasse minha bebida ou aumentasse minha conta ou nada disso, mas não queria que ela ficasse doente ou acordasse amanhã sentindo como se uma faca tivesse sido alojada em seu crânio. Não queria que sentisse mais dor do que já sentira.

Seus olhos se levantaram para encontrar os meus. “Sinto muito, Max”, disse, franzindo a testa. “Sinto muito pelo que aconteceu naquele dia. Lamento não poder dizer de volta o que disse para mim. Lamento não poder te dar o que queria. Lamento que não pude ser quem queria. Me desculpe por machucar você.” Sua voz quebrou, mas ela continuou. “Desculpe-me por tudo.”

Fiquei quieto por um momento, sem saber o que dizer. Nunca esperei ouvir isso dela. Fui eu quem quebrou nosso acordo. Fui eu quem confessou meu amor momentos antes do nosso casamento. Fui eu quem colocou tudo isso em primeiro lugar.

“Também sinto muito, Nina.” Minha mão instintivamente pegou a dela e ela pegou de volta. Quando nossos dedos se juntaram, a dor dentro de mim recuou apenas o suficiente para me deixar respirar novamente.

Nós nos sentamos assim por um minuto, sem dizer nada, olhando pela janela, a única conexão era nossas palmas pressionadas juntas. Levei um tempo para descobrir qual era o objeto duro e frio circulando seu dedo. No mesmo instante em que meus olhos baixaram para o dedo, ela pareceu perceber que havia reconhecido isso.

“Ainda está usando?” Minha voz saiu baixa, quase sem fôlego.

Ela mordeu o lábio, olhando para longe. “Não consigo tirar. Está preso.”

Torcendo o anel ao redor, deslizei pelo dedo dela. Ela estava certa — não se moveu além da articulação. Ver o anel em seu dedo me fez sentir esperançoso, e essa esperança foi esmagada no momento seguinte. Não estava usando porque não podia deixar de usar — estava usando porque não conseguia tirá-lo.

“Vou enviar-lhe informações do contato do meu joalheiro.” Soltei a mão para puxar meu telefone do bolso. “Tenho certeza que eles podem encontrar uma maneira de removê-lo.” Imaginei que provavelmente teriam que cortá-lo, mas duvidava que Nina se importasse se tivessem que esmagar a coisa toda contanto que estivesse livre disso. Fiquei surpreso que esperou tanto tempo para fazer algo sobre isso.

“Um joalheiro? Você comprou um diamante falso em um joalheiro de verdade?”

Minha mandíbula apertou quando debati se deveria contar a ela. Que diabos; Não era como se ela pudesse me deixar uma segunda vez. “Não, mas precisa visitar um joalheiro para encontrar um diamante de verdade.”

Nina inalou. “Você não fez...”

“Claro que sim.” Puxei minha gravata e encolhi os ombros. “Não havia nenhuma maneira no inferno que colocaria um anel falso em seu dedo.”

“Acho que não deveria estar surpresa.” Ela suspirou, olhando para o anel como se o estivesse vendo pela primeira vez.

Quando a bebida dela apareceu, estava no meio de encaminhar a informação do joalheiro e não me movi rápido o suficiente para impedir ela de pega-la em tempo recorde.

Seu rosto não enrugou e seu corpo não tremeu com a queimação dele rolando por sua garganta. Ela bebeu como água, em seguida, bateu o copo vazio na mesa, olhando em volta como se estivesse esperando por outra em seguida.

“Não, você parou”, disse enquanto ela tentava chamar a atenção do barman.

“Não, estou apenas me aquecendo.” Ela estava começando a balançar em seu banquinho, o que não era uma grande surpresa, já que era pequena e tinha uma tolerância ao álcool tão baixa que era praticamente inexistente.

“Você não vai beber outra dose, a menos que seja água.”

O fogo iluminou seus olhos. “Pare de me dar ordens. Não é meu marido. Não é meu namorado. Não está mais na minha vida. Acabou de desaparecer. Poof. Num minuto está em toda parte, no próximo está em lugar nenhum. Não pode mandar em mim.” Suas palavras estavam começando a se dissipar, seu rosto especialmente expressivo. Ela estava bem bêbada.

“Porque mesmo se eu fosse seu namorado ou marido, ficaria bem comigo mandando em você?” Minha sobrancelha se arqueou para ela.

“Não, não ficaria. Porque as pessoas que se importam não mandam em você. Ou dizem o que fazer. Ou quebram suas promessas. Ou diz coisas que não queremos ouvir ou não estamos prontos para ouvir.” Quando Nina se afastou do

banquinho, quase deslizou até o chão. Empurrei para fora do meu lugar e cheguei a ela na hora certa. Ela empurrou contra o meu peito tentando sair do meu aperto. “Amigos de verdade não dizem que não podemos tomar outra bebida quando realmente precisamos de outra bebida.”

Meus olhos se levantaram para a mesa das pessoas com quem ela apareceu. Estava vazio. “Amigos de verdade também se levantam e saem sem nem perder trinta segundos para avisar?”

A cabeça de Nina se virou. Quando viu a mesa vazia, examinou o resto do bar como se estivesse esperando encontrá-los. Eles se foram, provavelmente muito bêbados para se lembrar que estavam indo embora com um a menos do que tinham chegado. O pensamento me fez violento. Se eu não estivesse lá e Nina tivesse desaparecido no banheiro por alguns minutos e saído para uma mesa vazia, não queria pensar no que poderia ter acontecido com ela.

Então, novamente, ela provavelmente não estaria tão bêbada se não fosse pela minha presença.

“Amigos não se importam quando outros amigos vêm e vão. Eles não colocam condições em seu relacionamento.” Nina foi para a porta.

Segui logo atrás dela. “Ainda estamos falando sobre seus 'amigos' ou está falando de mim agora?”

“Não se iluda. Estou falando dos meus amigos.”

Acenei para a mesa vazia enquanto nos movíamos por ela. “Amigos que te deixaram sozinha em um bar numa sexta à noite? Amigos impressionantes. Sabe onde posso encontrar alguns como eles?”

Nina me ignorou quando empurrou a porta, tentando se afastar de mim, mas para cada passo à frente, tropeçava um para o lado.

“Vamos, Nina. Aqueles não são amigos. São pessoas com quem compartilha uma bebida e uma risada, só isso. “

Ela bufou, ainda lutando para andar em linha reta pela calçada. “Por favor. O que sabe sobre amigos ou se importar com as pessoas? Estava bebendo sozinho em uma das maiores cidades do país.”

Peguei seu braço antes dela cambalear para um poste de luz. “Sei o suficiente para aceitar que prefiro ficar sozinho do que cercado por um grupo de pessoas com quem tenho que fingir.”

Ela parou e virou para me encarar. “Eu não estava fingindo. Gosto dessas pessoas. Elas gostam de mim.”

Cruzei os braços e assenti. “Isso é óbvio.”

“O que é óbvio? Sei que está morrendo de vontade de me contar, não é?”

Eu a empurrei para o lado quando um grupo de caras altos e de aparência de fraternidade passou. Eles cheiravam como se tivessem se banhado em um barril de cerveja por dias. Depois que passaram, abaixei meu rosto até ficar no nível de Nina. Ela estava me encarando, pelo menos estava olhando.

“Pessoas que gostam de nós nos dizem o que queremos ouvir. As pessoas que nos amam dizem o que precisamos ouvir.” Fiz uma pausa para deixar que se estabelecesse. “Desde que você claramente gosta de ouvir o que quer e não o que precisa, é seguro assumir que gosta dessas pessoas. Muito.”

De alguma forma, os olhos dela se estreitaram ainda mais. Eu não estava tentando irritá-la, estava tentando ser honesto. Mas sabia por experiência própria que ser sincero com Nina era uma boa maneira de perturbá-la.

“Então você deve ter realmente, realmente me amado porque com certeza disse um monte de coisas que achava que eu precisava ouvir”, ela gritou alto o suficiente para ganhar algumas voltas de cabeça de pessoas vagando pelas calçadas.

“Você precisava ouvir isso. Tudo isso.” Quando ela se virou para continuar a andar pela calçada, agarrei sua mão para impedi-la de sair. “E agora, precisa ouvir que está bêbada demais para sair sozinha e chegar em casa com segurança. Você está bêbada e não está em condições de ir a lugar algum sozinha.”

Puxei a mão dela, levando-a para onde meu Tesla estava estacionado à frente. Ela estava lutando contra mim, mas junto com entorpecer suas inibições, o álcool entorpeceu sua força.

“E enquanto estou com sorte, deixe-me dizer que acho que o motivo de você ter ficado tão chocada e chateada naquele dia do casamento, foi porque alguma parte de você sabia que se sentia da mesma maneira que eu. Sabia que podia me amar também e isso assustou muito você.” Parei, virando para encará-la uma vez que estávamos na frente do carro. Ela parecia que estava pronta para me dar um tapa, mas não me importei. “É por isso que não pôde dizer de volta. Porque estava com medo.”
Sua mão tremia na minha. Pelo olhar em seu rosto, imaginei que fosse por raiva. “Eu não tenho medo de nada”, ela fervilhou, devagar e com calma. Isso, ela não se incomodou nem um pouco.

Ela era melhor em mentir do que compartilhar verdades. Essa era a natureza de uma pessoa que foi espancada pela vida. O que eu queria dizer a ela era algo diferente do que precisava.

“Nina, por favor, você têm medo de tudo.” Suavizei minhas palavras tanto quanto pude.

O rosto dela caiu por um breve momento. Então olhou para mim como se nunca tivesse desprezado a visão de uma pessoa mais do que aquela. “Eu te odeio, Max Sturm.”

Quando tentou tirar a mão dela de novo, meu aperto aumentou. “Claro que sim. Porque me odiar é menos aterrorizante do que pensar em me amar.”

Ela congelou por um momento, alguma coisa a atingindo, mas passou rapidamente. “Me solte”, ordenou, puxando sua mão novamente. “Me deixe em paz.”

“Tudo bem.” Abri a porta do passageiro do Tesla. “Depois que tiver certeza que chegou em casa.”

“Pare, Max.” Sua mão livre continuou empurrando no meu peito, mas depois perdeu o equilíbrio e meio que caiu em mim. Quando a peguei de novo, pareceu que a deixou mais furiosa. “Eu te odeio. Me deixe em paz. Você não percebeu isso?”

Meus braços dobraram suavemente ao redor dela e a puxaram para mim. Eu a segurei para que não caísse novamente e a mantive perto porque não podia suportar a ideia de soltá-la de novo.

“Não, eu não esqueci”, disse, baixando a boca para o ouvido dela. “Mas aqui está a coisa. Eu me importo com você, não importa o que diga ou faça para tentar me fazer sentir o contrário. Preocupo-me e vou cuidar de você da maneira que puder, e te dizer o que precisa ouvir, e forçá-la a entrar no meu maldito carro para que não acabe nua em algum buraco esta noite.”

Ela estava tremendo contra mim, chorando. Nunca quis ser a causa das lágrimas de Nina, mas ao mesmo tempo, sabia que a única maneira de realmente seguir em frente de algo era lamentá-lo corretamente. Este foi meu presente final para Nina. Meu presente de despedida. Então, assim que as lágrimas secassem, ela poderia nos enterrar em uma caixa e seguir em frente.

“Sempre farei o que é melhor para você, mesmo que isso signifique que acabe me odiando. Porque é o quanto te amo”, disse.

Depois que a coloquei no carro, levei para casa, carreguei e a coloquei na cama. Fiquei lá e a observei dormir por um minuto. Ela desmaiou antes que me afastasse do meio-fio do

lado de fora do bar, e imaginei que acordaria amanhã e sentiria exatamente o mesmo por mim como hoje à noite. E tudo bem.

Nina Burton poderia muito bem passar o resto da vida me odiando.

Mas eu passaria o resto da minha a amando.

CAPÍTULO 29

Nina

Toda manhã eu saía da cama com o objetivo de superar Max. Toda noite me arrastava para a cama jurando que tentaria mais no dia seguinte. Era um ciclo doentio que me senti incapaz de superar.

Já fazia três semanas desde a noite em que encontrei com Max naquele bar. Fazia três semanas desde que o vi ou ouvido falar dele. Não me lembrava muito daquela noite — pelo menos não muito depois daquele uísque entrar no meu sistema.

Lembrei-me de discutir com ele, mas não do que se tratava a discussão. Lembrei-me de gritar com ele sobre alguma coisa, mas não o que havia precedido. Lembrei-me de gritar com ele: “Eu te odeio.”

Assim que acordei na manhã seguinte, lembrando — daquelas três palavras. Isso foi tudo o que consegui lembrar, à medida que os eventos da noite se esforçavam para se materializar. Ele me levou até em casa. Deve ter me carregado e me deitado na cama. Tinha que ter tirado meus sapatos e colocado os cobertores em cima de mim e deixado as garrafas de água e aspirina na minha mesa de cabeceira.

Ele deve ter ficado a noite toda e fugido quando me ouviu mexer, porque quando saí para a sala de estar naquela manhã, vi seu carro desaparecer na estrada. A impressão de seu corpo ainda estava moldada na cadeira de couro onde deve ter passado a noite.

Ele saiu para que não tivesse que me encarar, e realmente, não podia culpá-lo. Não com as palavras que lembrava de gritar para ele.

Ele fez a coisa certa, como só Max pôde, e então saiu. Consegui empurrá-lo para longe — se já não tivesse feito no dia do nosso casamento fracassado quando não consegui dizer as três palavras para ele.

Em vez disso, lhe disse três palavras diferentes.

Minha mente nunca se afastou daqueles trios de palavras — as que ele falou e as que eu disse.

Eu te amo.

Eu te odeio.

Não odiava o Max. Nunca pude. Eu menti.

A parte do amor era mais confusa. Eu vi isso ser usado abusivamente por muitas pessoas. Distorci isso muitas por conta própria. Convenci-me de que nunca poderia ser experimentado dentro dos limites de um relacionamento romântico. Uma mãe poderia amar uma criança. Um filho poderia amar seu pai. Mas um homem não podia amar uma mulher. Uma mulher não podia amar um homem.

Essa foi minha crença por anos, mas tudo isso estava começando a desmoronar, a primeira rachadura no dia em que Max confessou seu amor por mim.

Então essa era a minha vida agora. Paredes em ruínas, que me mantiveram protegida agora, me expuseram fazendo eu me sentir nua e assustada. Foi provavelmente por isso que procurei consolo aqui esta tarde.

Este foi o lugar mais tranquilo que já estive. Talvez porque os residentes aqui tivessem permanentemente em paz com a vida, forçados ou não.

Fazia tempo desde que visitei o túmulo da vovó, mas hoje acordei e sabia que precisava fazer uma visita.

Estava sentada aqui por um tempo, apenas olhando para sua lápide, procurando por respostas no rosto de mármore. Li a inscrição centenas de vezes, talvez milhares —memorizei na primeira vez que li em seu testamento o que queria em sua lápide.

Era simples e conciso, mas ainda assim havia conforto em ler aquele punhado de palavras repetidas vezes. *Margaret Louise Burton, 24 de maio de 1939 a 8 de janeiro de 2015.* Abaixo disso, havia apenas uma palavra. *Amor*. Nenhuma citação famosa, nenhum verso das escrituras, nenhuma "Amada Avó." Nada além daquela palavra.

Se dependesse de mim, teria acrescentado aquela parte de "Amada Avó", mas este tinha sido seu pedido, e parecia mais importante honrar isso do que ter certeza de que qualquer um que passasse por sua lápide, soubesse que tinha sido uma avó amada. Sabia que ela tinha sido — e ela também. Havia mais permanência nisso, do que em algumas palavras gravada em um grande pedaço de pedra.

Amor. De todas as coisas para deixar como sua mensagem final para o mundo, isso parecia ser perfeitamente adequado. Ao mesmo tempo em que vovó tinha sido a maior doadora de amor, também tinha sido uma das maiores vítimas. Foi escaldada por isso em uma medida tão grande quanto tinha dado.

Sempre presumi que vovó mantinha uma espécie de relação de amor e ódio com o amor, tão familiarizada com sua picada quanto com seus poderes de cura. Mas estava errada?

Essa era a questão com a qual estava lutando enquanto continuava a estudar aquelas grandes letras olhando para mim. Amor.

Você me ama?

Meu coração doeu com a pergunta, dando sua resposta. Minha mente se recuperou, oferecendo uma diferente.

Amor. O último manifesto de minha avó para o mundo e a palavra que escolheu para resumir setenta e seis anos de vida.

O que ela quis dizer com isso? Ame mais? O amor era a resposta? O amor era o tema? O amor era um verbo? O amor era um substantivo?

Nunca pensei tanto em amor antes. Nunca agonizei mais em uma palavra em toda a minha vida. Como uma pessoa poderia escolher como sua palavra de despedida para o mundo a mesma coisa com que ela foi traída?

Amor.

De toda a vida que ela viveu, todas as lições que aprendeu, era que a única coisa que tudo se resumia ? Era, talvez, essa única palavra para mim? Será que vovó de alguma forma previu que eu cairia na frente de seu túmulo, procurando respostas, e percebeu que essa era a única coisa que precisava ler?

Era essa a sua maneira de me dizer que, em vez de passar o resto da minha vida fugindo do amor, deveria passar o resto dela perseguindo o amor? Em vez de evitá-lo, abraça-lo? Em vez de temê-lo, procurar por ele?

Amor.

A tempestade de confusão recuou.

Você me ama?

CAPÍTULO 30

Nina

Meus pés me tiraram do cemitério — meu coração me levou pelo resto do caminho. Pela primeira vez em anos, senti que estava finalmente avançando, em vez de girar em círculos no mesmo espaço pequeno.

Meu medo de ser ferida e abandonada por alguém que amava foi responsável por afastar uma pessoa que se importava comigo e com quem me importava em troca. Meu medo de ficar sozinha criara essa realidade. Não mais.

O medo não tinha lugar na minha vida.

O amor não era o inimigo.

Isso foi o que me lembrei quando o desejo de virar e correr me bateu a cada poucos passos. Aquelas frases tocaram em um loop assim que seu prédio de escritórios apareceu e o medo realmente tentou me mandar embora correndo. Mas não mais. Eu estava exalando medo e inalando amor a partir deste momento.

No elevador a caminho de seu escritório, tentei me concentrar no que estava prestes a dizer, em vez de quem estava prestes a ver. Se pensasse nele, poderia me assustar.

Quando as portas do elevador se abriram no último andar, saí para o escritório dele. Estava escuro, todas as luzes apagadas, nada além do brilho do lado de fora enchendo o amplo espaço.

Contornando o corredor em direção ao seu escritório, meu corpo tremeu das emoções que passavam por mim. Não sabia o que ia dizer. O que ele diria? Não tinha certeza do que faria quando o visse ou que ele faria quando me visse.

Só sabia que precisava estar lá.

Em vez de bater, abri a porta e entrei. Max estava sentado em sua cadeira, olhando para as telas de seu computador com um olhar ausente. Ele não se barbeou em dias. Seus olhos pareciam monótonos, quase sem vida. O resto dele estava igual.

Quando entrei em seu escritório, seus olhos deslizaram em minha direção. Emoções que fizeram minha garganta apertar, desenhavam linhas duras em sua testa.

Meu coração estava batendo contra as minhas costelas, sua batida ecoando em meus ouvidos. “Você estava certo”, disse lentamente, forçando-me a olhá-lo nos olhos. “Sobre eu estar com medo.”

Max engoliu em seco, seu olhar sugerindo que estava tentando verificar se eu estava realmente na frente dele. “Medo de quê?”

No início, as palavras ficaram presas na minha garganta. Na segunda tentativa, consegui. “De me apaixonar por você.”

Seu rosto se encolheu. “Por quê?”

Distraidamente girei o anel ainda no meu dedo. Tendo ele perto, em um espaço pequeno, e olhando para mim era difícil respirar, muito mais falar.

“Porque quando você dá nome ao que sente, passa a ser real.” Eu me movi alguns passos mais para dentro em seu escritório. “E quando é real, significa que tem algo a perder e, na minha experiência, algo como o amor é uma garantia de que vou perdê-lo. Não queria perder você.”

A cadeira de Max rolou para trás de sua mesa. “Também não queria perdê-la, mas não poderia fazer você se casar comigo porque assinou um acordo. Não poderia me casar, porque você sentia que era algum tipo de dever. Porque, para mim, casar com você teria sido uma grande honra.”

Minha garganta queimava enquanto o observava juntar palavras que pareciam causar dor física. Nunca pretendi ter sentimentos por Max Sturm, mas os desenvolvi. Eles esculpiram seu caminho profundamente em meu ser, estabelecendo-se nos lugares vazios que tinham estado ocos por tanto tempo que esqueci que eles estavam lá.

Ao ir embora no dia do nosso casamento, me convenci a acreditar que deixei Max para trás. Mas nunca seria capaz de deixá-lo, porque a cada passo que dava, o carregava dentro de mim. Ele se aninhou em meus espaços vazios e os encheu com um tipo de permanência que não desmoronou com o tempo ou a ausência.

Ele era parte de mim. Eu era parte dele.

“Queria casar com você, Max. Deus, queria, mas quando me contou como se sentia, isso me assustou.” Meus pés continuaram se aproximando dele.

Sua sobrancelha arqueou. “Mas não está mais com medo?”

“Estou apavorada”, respirei, “mas não vou deixar meu medo guiar minha vida por mais tempo. Estou deixando outra coisa.”

Ele se mexeu na cadeira. “O quê?”

Uma força invisível enrolou em minha garganta, comprimindo minhas cordas vocais. Mas eu empurrei de volta.

“Amor”, disse um momento depois. “Você me fez uma pergunta. Não respondi honestamente da última vez, e gostaria de ter a chance de responder novamente. Se ainda quiser saber a resposta.”

Ao mesmo tempo em que sua expressão clareou, Max se levantou da cadeira. “Você me ama?” Suas palavras sussurradas encheram o espaço vazio.

Desejando que meus olhos ficassem sobre os dele quando deu a volta em sua mesa, senti meu coração bater pelo que parecia ser a primeira vez em meses. “Sim.” Quando ele chegou até mim, o calor de sua mão envolvendo a minha e afugentou o resto do meu medo e dor. “Eu te amo.”

EPÍLOGO

(Dois anos depois)

Era o dia do divórcio.

Ou pelo menos era de acordo com o cronograma perfeitamente planejado de Max. Nós queimamos as duas cópias do nosso acordo original há alguns anos atrás, junto com o resto das páginas nas pastas. Nós os queimamos no dia anterior ao nosso casamento e, desta vez, chegamos ao altar. Desta vez, trocamos votos, e quando ele sussurrou que me amava durante a nossa primeira dança, disse de volta sem hesitação.

Como hoje era a data original que tínhamos definido como o dia para seguir nossos caminhos separados, parecia meio poético que estávamos sentados no escritório da Imigração, em frente ao agente, dando a entrevista para o green card de Max.

Nós ficamos na sala de espera por mais de três horas com outros casais aguardando suas entrevistas, mas essa foi a parte fácil. Desde que entramos no escritório do agente mal humorado, senti como se estivéssemos em alguma sala de interrogatório e sendo investigados por ser agentes duplos ou algo assim.

O agente Cranburg parecia o tipo de pessoa que tinha visto tudo e ficou desapontado com isso. Ele parecia estar perto da aposentadoria, mas pelo jeito que segurava uma careta perpétua, pensei que tinha outra década no inferno para suportar antes de sair.

Desde o início, agiu como se houvesse uma falta de green cards e fosse o único guardião que possuía todos eles. Como se a única maneira de conseguir um seria arrancar de seus dedos mortos.

Todos eram culpados até provar sua inocência.

Pelo menos foi a sensação que tive assim que me sentei em frente à sua mesa, Max deslizou para a cadeira ao meu lado. Meu sorriso foi recebido por sua carranca — talvez seus músculos de sorrir tivessem se atrofiado e fosse uma impossibilidade física agora. A tentativa de Max de aperto de mão foi recebida por uma sobrancelha erguida.

Estávamos sentados aqui por mais de trinta minutos, respondendo uma pergunta atrás da outra, com a intenção de nos confundir ou nos pegar em uma mentira. Pela aparência do agente, só estava se aquecendo.

“Quantos convidados foram no seu casamento?” Sua voz divertida encheu o pequeno escritório mais uma vez.

Max e eu nos entreolhamos.

“Quarenta e cinco, não foi?” Ele verificou comigo, suas sobrancelhas se unindo.

“Quarenta e quatro”, corrigi. “Sua prima teve que cancelar no último minuto, lembra?”

“Isso mesmo.” Max estalou os dedos. “Quarenta e quatro.”

Foi um milagre que aquelas quarenta e quatro pessoas puderam comparecer com o pouco prazo que havíamos dado a todos. Especialmente desde que nossa primeira tentativa de nos tornar marido e mulher fracassou.

“Que comida foi servida na recepção?”

Afundei um pouco mais na minha cadeira. As perguntas nunca terminariam. Max e eu tínhamos respondido a tudo honestamente, e esse cara ainda estava olhando para nós como se estivesse ansioso para ligar para as autoridades.

“Nós não ficamos exatamente o tempo suficiente para descobrir.” Um sorriso se esticou no rosto de Max quando se inclinou para frente em sua cadeira. “Se você sabe o que quero dizer.”

“Tenho certeza que não.” O agente mal humorado arranhou algo em seu bloco de anotações. “De que lado da cama você dorme, Sr. Sturm?”

O sorriso de Max permaneceu no lugar. “Qualquer que seja o lado que que eu caia.” A cotovelada que dei em suas costelas esmaeceu o sorriso. “Normalmente o lado direito.”

“Qual foi o motivo da última briga?”

Max ganhou ponto sobre esta também. “Nina foi de ônibus para casa tarde da noite. Mais uma vez...” — ele murmurou para mim.

A testa do policial se enrugou enquanto folheava a pilha de papéis que tínhamos montado para a entrevista. Tudo, desde fotos de casamento até certidões de nascimento originais e extratos bancários. Era pela parte financeira que ele estava passando agora. “Sra. Sturm anda de ônibus?”

Levantei meu dedo. “Sra. Burton – Sturm, ando de ônibus às vezes.”

A testa do oficial Cranburg se enrugou ainda mais enquanto examinava as demonstrações financeiras. Provavelmente não fazia muito sentido que a esposa de um homem que fez uma pequena fortuna utilizasse o transporte público.

“Gosto do ônibus”, expliquei com um encolher de ombros. Por que esse conceito era tão difícil para as pessoas entenderem?

“Sra. Burton-Sturm” — o policial olhou para mim com seus óculos bifocais —, “se entendi isso corretamente, estava com uma grande dívida quando você e o Sr. Sturm se conheceram. Isso está correto?”

A mão de Max se apertou ao redor da minha. Não o suficiente para o oficial notar, mas o suficiente para sentir sua segurança.

"Isso mesmo." Balancei a cabeça, lembrando-me de não acrescentar mais nada. Max e eu estávamos nos preparando para essa entrevista há meses, e sabia que não deveria dizer nada que não precisasse ser dito. A menos que me perguntassem por que estava tão endividada, não precisava contar a ele. Seja breve e honesta. Esse foi o nosso plano para a entrevista.

"E o Sr. Sturm era um homem de meios substanciais ao mesmo tempo, correto?"

Meus tornozelos se cruzaram. Não queria me mexer, mas precisava me mexer. "Está certo."

O oficial ficou quieto depois disso, deixando as implicações e acusações se estabelecerem no ar.

Do outro lado da mesa, Max e eu ficamos quietos também. Ele não podia nos quebrar com algumas perguntas carregadas e alguns minutos de silêncio inchado.

Max e eu poderíamos ter começado nosso relacionamento com o pé esquerdo, mas essa não era a razão pela qual estávamos lá agora. Nosso amor pode ter sido falso no começo, mas agora... não poderia ser mais real que isso.

Nosso relacionamento era um testemunho da estranheza do amor. Como isso funcionava de maneiras incomuns. Como surgia quando você menos esperava. Como surgia quando era a última coisa que pensava que queria.

"Sabe, este pode ser um bom momento para trazer isso para a entrevista."

Max olhou para mim enquanto procurava na minha bolsa o item que eu tinha colocado lá hoje cedo.

Puxando o bastão branco, segurei para o oficial.

No início, o rosto dele se enrugou de surpresa, como se não tivesse ideia do que eu estava segurando. Então bati meu dedo indicador do lado de fora da janela que mostrava duas linhas cor-de-rosa. O nariz do oficial enrugou quando empurrou de volta em sua cadeira. Que esse velho agente de imigração ficasse enojado com um teste de gravidez era engraçado.

Max se moveu para tão perto da borda de seu assento que teve sorte de não ter caído. Agarrando minha mão, girou para que o bastão ficasse de frente para ele.

O olhar no rosto dele? Impagável.

Nós não tínhamos falado sobre engravidar, e com certeza não tentamos, mas como a maioria do nosso relacionamento, se esgueirou e nos surpreendeu.

“O que...” Max teve que balançar a cabeça algumas vezes, piscando como se estivesse se certificando de que não estava vendo coisas. “Isso significa...”

“Estou grávida”, disse, inclinando-me para lhe dar um beijo. Ele ainda estava congelado, o que me fez rir. “Você vai ser pai. Em sete meses e meio para ser exata.”

Deixando cair o bastão no meu colo, coloquei a mão ao redor do lado de seu pescoço. Seu rosto estava meio pálido e ele até estava úmido, mas um sorriso se estendia no lugar. Um daqueles sorrisos desnorteados.

“Pai?” Sua voz combinava com sua expressão.

Quando ele balançou em sua cadeira, coloquei meu braço ao redor de sua cintura, então se ele desmaiasse, não atingiria o chão. Ele continuou olhando para mim, seus olhos nadando com um milhão de coisas diferentes, tudo reduzido a uma coisa — amor.

“Seu green card está aprovado”, anunciou o oficial, carimbando o passaporte de Max. “Receberá o seu oficial pelo correio em algumas semanas.”

Minha cabeça virou em direção ao oficial, mas a atenção de Max permaneceu centrada em mim. Toda ela.

O oficial deve ter notado a surpresa em minha expressão porque um de seus ombros se ergueu enquanto agitava o carimbo entre Max e eu. “Ninguém pode fingir a cara quando descobrem que vão se tornar pais.” Ele circulou o carimbo no rosto de Max algumas vezes. “Parabéns.” Limpando a garganta, o agente mal humorado quase deu um sorriso. “Em ambos os assuntos.”

Rindo de emoção, encontrei Max ainda se recuperando em seu assento. A palavra *pai* ainda sussurrando em seus lábios. Que pai ele seria também. Se ele fosse metade do pai, que era como marido, nosso filho nunca sentiria falta de amor.

Depois de apertar as mãos do agente, Max me pegou em seus braços e me carregou para fora do escritório. Ele me levou pela área de espera, pelo corredor e pelas portas da frente.

Somente quando estávamos fora, na calçada que me colocou no chão.

Olhei para ele, o homem com quem planejava casar antes mesmo de conhecê-lo. O mesmo com o qual planejava ficar casada até o dia em que deixasse este mundo. Eu o amava. Odiar era errado. O ódio era amor não pronto para ser realizado. O ódio veio do medo e da dúvida e queimava no mesmo grau da paixão. Consumia muito espaço de pensamento, exigia tanta energia para sentir, dominava tanto espaço mental.

Nossa história de ódio se tornou uma história de amor.

“Vamos.” Ele pegou minha mão e começou a descer a calçada. “Vamos para casa.”

Meu olhar se fixou nele e minha mão se apertou na dele. “Eu estou em casa.”


SWEET CLUB BOOK'S